

JOHN
SANDFORD

30 milhões de livros vendidos no mundo

A SOMBRA
DA LUA

Três assassinatos numa pequena cidade.
Não pode ser mera coincidência.



A SOMBRA
DA LUA



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JOHN
SANDFORD

A SOMBRA
DA LUA



Título original: *Dark of the Moon*

Copyright © 2007 por John Sandford

Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Proibida a comercialização em Portugal.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Felipe Harrison

revisão: Cristiane Pacanowski e Tais Monteiro

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Bill Stormont / Corbis / Latinstock

epub: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S198s

Sandford, John, 1944

A sombra da lua

[recurso eletrônico] /

John Sandford [tradução

Ivanir Calado]. São

Paulo: Arqueiro, 2012.

recurso digital

Tradução de: *Dark of*

Tradução de. DARK ON
the moon

Formato: ePub

Requisitos do
sistema: Multiplataforma

Modo de acesso:
World Wide Web

ISBN 978-85-8041-
060-0 (recurso
eletrônico)

1. Homicídio -
Investigação -
Ficção. 2. Ficção
americana. 3. Livros
eletrônicos. I.
Alves-Calado,
Ivanir, 1953-. II.
Título.

12-1755

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Benjamin Curtis:
Feliz aniversário, 2007*

SEIS SACOS GRANDES DE SERRAGEM comprados à meia-noite no posto de autoatendimento da mercenaria Dunstead & Daughter, “servindo às suas necessidades desde 1986”. Não havia câmeras de segurança, iluminação ou atendentes. Você pegava o produto, deixava o dinheiro e ia embora.

Lunar empilhou os sacos no porão, a música country martelando nos fones do iPod, a letra falando sobre lábios vermelhos. Em seguida, tirando os fones, correu escada acima, até onde o velho estava caído com o rosto virado para o tapete, sacudindo-se, chorando, tentando se soltar. Estava amarrado com uma corda barata, mas pouco importava. Era tão caquético e frágil que um barbante teria o mesmo efeito.

– Por favor – gemeu o velho –, não me machuque.

Lunar gargalhou, uma risada no estilo rock and roll, e disse:

– Não vou *machucar* você. Vou *matar*!

– O que você quer? Posso dizer onde está o dinheiro.

– Não é dinheiro. Eu já tenho o que quero.

Lunar passou a corda pelos tornozelos do velho e o arrastou pela escada do porão, o rosto do homem batendo em cada um dos degraus.

– Ah, meu Deus, me ajude! – As lágrimas escorriam pelo rosto ferido, pelos lábios machucados. – Deus do céu, me ajude!

Bum! Bum! Bum! Nove vezes.

– Deus não vai ajudar – disse Lunar.

O velho se acalmou por um instante, mas logo gritou:

– Ele vai mandar você para o inferno!

– Onde você acha que estou, velho?

– Seu...

– Cala a boca! Estou trabalhando.



Colocar o velho sobre os sacos foi a parte mais difícil. Lunar jogou-o de cara no saco que estava por cima e foi levantando as pernas dele. O homem era alto, porém frágil. Tinha 82 anos, era sedentário e estava quase senil, mas não a ponto de ignorar o que acontecia à sua volta. Começou a afundar na serragem, debatendo-se. Com muito esforço conseguiu suspender metade do corpo para fora, mas despencou entre os sacos, lutou mais um pouco e então desistiu. A serragem aumentava o poder de combustão e não deixava resíduos. Ao menos era o que os fanáticos por incêndios criminosos diziam na internet.

Lunar estava ocupado com o primeiro galão de gasolina, derramando o líquido pelo porão, em volta dos sacos, encharcando o velho, as prateleiras de madeira, a bancada de trabalho pouco usada, a pilha de cadeiras velhas, e começou a subir a escada. O velho voltou a se debater. Ele gemia.

– Por favor!

Os primeiros respingos da gasolina tinham um cheiro agradável, semelhante ao odor que fica no ar ao abastecer um carro. Mas, naquele recinto fechado, os vapores de um galão inteiro tornaram a atmosfera sufocante.

– Não morra ainda! O fogo está chegando! – gritou Lunar, subindo de costas pela escada, derramando o líquido nos degraus. O segundo galão foi despejado de maneira cuidadosa pelo primeiro andar, encharcando os tapetes persas, espalhando-se sob o piano de cauda, escorrendo para baixo dos armários. Quando dois terços do combustível tinham sido derramados, Lunar recuou pela cozinha, onde estava o primeiro galão, agora vazio. Iria levá-los embora. Não havia sentido em deixar pistas de que o incêndio havia sido criminoso, ainda que a polícia logo fosse descobrir.

Uma chuva violenta batia nas janelas. A ideia inicial de Lunar era formar um rastro de gasolina até o quintal e atear fogo. Mas com o temporal seria difícil. A água espalharia a gasolina assim que ela fosse derramada. De modo que o fósforo teria de ser aceso dentro da casa. Havia um pequeno risco, já que o combustível tomava conta do lugar, penetrando em cada canto do ambiente.

À porta da cozinha, Lunar despejou a última gota de gasolina. Virou-se e olhou para o interior da residência. O lugar era enorme, luxuoso, e estava em péssimas condições. A faxineira ia duas vezes por semana, quando cozinhava e lavava roupa. Mas carpintaria, parte elétrica e hidráulica não estavam entre as atribuições dela e a casa precisava urgentemente de reparos, assim como de uma boa dedetização. Havia insetos no porão, morcegos no sótão e – o assassino pensou, dando uma gargalhada – um maluco na cozinha.

O velho gritou uma última vez, a voz abafada pelo som da chuva e do vento:

– Meu Deus, me ajude!

Era bom saber que ele ainda estava vivo. A experiência seria completa.

Lunar se dirigiu à varanda dos fundos, riscou um fósforo e colocou fogo na caixa. O papelão começou a arder em chamas e o homem ficou rindo, admirando o brilho intenso. Finalmente jogou a caixa no piso encharcado de gasolina da cozinha, virou-se e correu para a chuva.

O fogo correu até a poça de combustível, formando um brilho intenso, serpenteou até a sala, passou sob o piano – que já vivera dias melhores –, disparou para o outro lado, como se estivesse vivo, e desceu a escada do porão.

Os vapores no andar de baixo ainda não estavam concentrados a ponto de causar uma explosão. Cercado pelos sacos de serragem, o velho ouviu um ruído e logo sentiu o calor calcinante de um maçarico, que precisou de um segundo

para causar aquela sensação e dois para matá-lo.
O espetáculo era só para ele.

Chegando na madrugada

A CHUVA DESPENCAVA ACOMPANHADA DE RAIOS e trovões e Virgil Flowers dirigia para o oeste pela I-90, tentando manter a caminhonete na estrada, apesar do vento lateral. Deveria ter chegado a Bluestem antes de o tribunal fechar, mas teve uma reunião com um advogado de defesa em Mankato. O jovem, saído da faculdade há um mês e à frente de seu primeiro caso, não deixou nenhuma vírgula fora do lugar. Virgil não o culpava, afinal estava fazendo o melhor pelo cliente.

A arma tinha sido encontrada *naquela* lixeira, que *não* fora esvaziada antes da quarta-feira 30 de junho, ainda que normalmente o fosse às terças, mas o serviço havia sido adiado em razão do feriado do Memorial Day. O entregador de pizza tinha visto o réu no dia 29, e não 28, porque a pizzaria, patriota como qualquer estabelecimento italiano, não funcionava em feriados, então o entregador não havia ido trabalhar. Três horas de blá-blá-blá.

Eram cinco horas quando saiu do escritório do advogado, tarde demais para chegar a Bluestem a tempo de encontrar o tribunal aberto. Ele e Lannie McCoy, o promotor do caso, decidiram que era mais sensato comer um sanduíche e tomar cerveja num bar no centro da cidade.

Foi o que fizeram, e logo uns policiais apareceram e aquilo se transformou num agradável encontro com direito a nachos, cheesebúrgueres e cerveja. Uma policial era linda e, a certa altura, colocou a mão na coxa de Virgil. Não fosse a aliança dela, teria sido perfeito.

Uma triste balada country.



Virgil saiu do bar às seis e meia, foi para casa e colocou algumas roupas na máquina de lavar. Com o ruído da lavadora ao fundo, sentou-se numa cadeira de balanço no quarto e costurou o botão de um colete de fotógrafo. Sob a luz do abajur ao lado da cama, costurava e pensava na policial casada que tinha flertado com ele. Pensava na fidelidade e nas suas implicações e na encrenca que isso podia trazer.

Virgil sentia-se um pouco solitário. Gostava de mulheres e fazia um tempo que não saía com ninguém.

Quando terminou de costurar o colete, pendurou-o no armário de equipamentos – armas, arcos, material de pesca e de fotografia – e pegou uma espingarda e duas caixas de munição, colocando-as ao lado de uma bolsa de lona

vazia. Metade da bolsa estava cheia com cuecas, meias, camisetas e três calças jeans. Enquanto a máquina de lavar trabalhava, entrou na internet, pois esperava o e-mail do editor de uma revista. Ele já deveria ter recebido a mensagem, mas nenhum sinal dela.

Abriu um artigo sobre a caça de perus-selvagens com arco que estava escrevendo, deu alguns retoques até a lavadora terminar o ciclo de centrifugação, desligou o computador, jogou as roupas molhadas na secadora e foi tirar um cochilo. O despertador acordou-o do sono. Depois de uma chuvaizada, ouviu a secadora parar de funcionar enquanto escovava os dentes. Sua noção de tempo era perfeita.

Tirou as roupas da secadora, dobrou-as, guardou algumas no armário e enfiou outras na bolsa de lona. Jogou-a na traseira da caminhonete, trancou a espingarda numa caixa de ferramentas, enfiou a pistola calibre 40 embaixo do banco da frente e 10 minutos depois das 10 horas da noite estava fora da cidade, indo para o sudoeste pela Autoestrada 60.

Uma hora depois de sair da cidade, viu as nuvens se aglomerando a oeste, com raios riscando o horizonte, enquanto a lua crescente ainda era perceptível no retrovisor. Chegou a Windon quando os primeiros ventos do temporal varriam a cidade, levantando pedaços de papel e folhas mortas. Depois de agosto, julho era o melhor mês para estar na pradaria. O ar começava a ter o cheiro dos grãos e da colheita que se anunciava.

Parou numa loja de conveniência para tomar café. O atendente cabeludo disse:

– Vai chover canivete!

– Não tenho dúvida – retrucou Virgil.

Aproveitou para fazer xixi e voltou para o carro enquanto os primeiros pingos grossos de chuva batiam no parabrisa. Pegou a I-90 em Worthington, tomou outra xícara de café e foi para o oeste.

Para o Velho Oeste, pensou.

O *verdadeiro* Velho Oeste. O Velho Oeste dos sioux, da pradaria alta e seca, da cordilheira, terra de cavalos e búfalos, começava em algum lugar entre Worthington e Bluestem. Quando chegou lá, a chuva já castigava seu carro. Mais um dilúvio no verão que batia o recorde de umidade.

Não havia muita iluminação naquele local tão distante, mas, com a tempestade, a I-90 se transformava num breu. Não era possível enxergar nada à frente e no retrovisor viam-se apenas manchas de faróis. Raramente um carro ou um caminhão passava no sentido oposto. Virgil grudou os olhos na linha branca do acostamento, tirou o pé do acelerador e rezou para não sair da estrada.

O rádio tocava uma música country. Mudou para uma estação de jazz, para outra de rock e voltou para o country.

Ao pensar no assunto mais tarde, não soube determinar o momento em que percebeu a luz.

Começou como um cisco no olho, acima do farol direito, atrás do paredão de água. Em seguida ganhou um aspecto mais realista e Virgil finalmente percebeu – e percebeu também que aquilo estava ali havia um tempo. A luz era brilhante, dourada e não se movia. Mais cinco quilômetros e não teve dúvidas: um incêndio. Enorme. Tinha visto alguns à noite, mas aquele estava no céu.

Como podia estar no céu e não se mover?

Passou por um viaduto. Quinhentos metros à direita, enxergou as luzes vermelhas da estação de rádio Jesus Cristo: uma torre de 150 metros – construída na parte baixa da pradaria – com luzes vermelhas que piscavam *Jesus*, depois se apagavam, depois *Cristo*, se apagavam de novo e, rapidamente, *JesusCristo JesusCristo JesusCristo*.

Virgil pensou que se aquela era a rádio Jesus Cristo, a luz não vinha do céu, e sim de 10 quilômetros à frente, ao norte de Bluestem e na montanha Búfalo: a casa de Bill Judd. A casa mais luxuosa num raio de 250 quilômetros estava queimando como um celeiro cheio de feno.

– Não é uma coisa que a gente vê toda noite – disse a Marta Gomez, que cantava “The Circle” no rádio do carro.

Pegou a saída da Autoestrada 75 com a chuva ainda forte e passou direto pelo Hotel Holiday Inn, seguindo em direção ao incêndio.



A montanha Búfalo era uma curiosidade geológica: um planalto de quartzito erguendo-se 100 metros acima da paisagem. O solo, rochoso para o cultivo, preservava o manto original de pradaria e era o último terreno selvagem do condado de Stark.

No início dos anos 1960, segundo disseram a Virgil, Judd construiu a casa dele na encosta leste do monte, que mais tarde teve grande parte transformada num parque estadual. Judd morava sozinho lá em cima, desde a morte da esposa e a mudança do filho.

Ele era sexualmente predatório, ainda que não um predador sexual. Havia boatos de mulheres da região pulando a cerca, rumores de mulheres esquisitas vindas de cidades grandes e de cores e raças que não eram vistas normalmente na região. Boatos de orgias na madrugada e gritos no escuro. Boatos de um castelo de Drácula perdido no meio do nada.

São rumores que poderiam acompanhar qualquer homem rico que morasse *sozinho*, pensou Virgil, e *que ao mesmo tempo era odiado por todos*.



Judd começou a vida como advogado civil, representando os grandes

comerciantes de grãos. Depois passou a atuar no mercado de matérias-primas, no ramo imobiliário e no setor bancário. Ganhou o primeiro milhão antes dos 30 anos.

No início da década de 1980, já rico, quando a maioria dos homens pensaria em se aposentar, ele começou a explorar o topinambo, também conhecido como girassol-batateiro. A planta foi apresentada aos fazendeiros como a grande maravilha da natureza: fonte de nutrientes como a batata, biocombustível como o etanol e, melhor de tudo, uma planta que se espalhava e crescia em qualquer lugar como erva daninha.

Poderia até ser uma maravilha, mas aquela novidade dos anos 1980 abraçada por Judd e vários outros funcionava no esquema de pirâmide, alavancado pelos mercados de commodities. Os fazendeiros plantavam o tubérculo e vendiam a outros fazendeiros, que o plantavam e vendiam a mais fazendeiros e, mais dia, menos dia, alguém em algum lugar iria transformá-lo em combustível.

O problema é que faltaram fazendeiros antes de o processo chegar aos produtores de combustível. No fim das contas, ele custaria mais de 50 dólares o barril para os fabricantes atingirem o ponto de equilíbrio, e no início dos anos 1980 o petróleo custava metade desse valor. Os fazendeiros que apostaram no girassol-batateiro perderam todo o cacife.

Judd, no entanto, ficou mais rico do que nunca.



E odiado por todo mundo.

Odiado a ponto de poder ser assassinado. Ninguém sabia o destino do dinheiro do girassol: Judd dizia que todo ele havia sido usado para fazer lobby, para que leis fossem aprovadas em St. Paul e Washington, para o projeto executivo e o planejamento arquitetônico de uma usina de etanol, e para os empréstimos. Mas a maioria achava que a grana tinha ido para ações especulativas e em seguida tomado o rumo de uma conta bancária qualquer, identificada provavelmente por um número, não por um nome.

O xerife do condado de Stark na época, um homem chamado Russell Copes, foi eleito com a promessa de colocar Judd atrás das grades. Além de não ter cumprido a palavra, em pouco tempo se mudou para Montana. O procurador-geral do estado tentou timidamente enquadrar Judd com base nas provas reunidas por Copes e houve um julgamento em St. Paul. O homem foi inocentado por um júri confuso e voltou para casa na montanha Búfalo.

Aquele era um mistério ainda maior do que o negócio do girassol-batateiro: por que Judd preferiu ficar?

O condado de Stark era uma região árida das Grandes Planícies, cuja população vinha diminuindo havia meio século. O inverno era insuportável e o verão era quente e seco. Em resumo: não havia qualquer atrativo para um

homem rico.

E agora sua mansão estava pegando fogo.

Toda a cidade devia saber sobre o incêndio. Ainda que uma tempestade se aproximasse, 50 gatos-pingados estavam ali para olhar.

Quando soube que a montanha Búfalo se tornaria parque estadual, Judd doou 80 hectares de terreno, que foram superestimados e renderam um belo abatimento de imposto. Como parte do acordo, o estado abriu uma estrada até o topo do morro, onde foi construído um mirante, de modo que os turistas pudessem apreciar o rebanho de búfalos do parque. A entrada para a propriedade de Judd partia da estrada. Segundo os comentários dos moradores da região, ele conseguiu não apenas o abatimento do imposto pela terra infértil doada, como também que o estado fizesse a manutenção da entrada da propriedade, com direito a remoção de neve no inverno.

Virgil visitara o parque dezenas de vezes e, ao passar por uma fila de veículos no acostamento da Rodovia Estadual 8, teve a certeza de que não esquecera o caminho. Uma viatura da polícia bloqueava a estrada do parque que subia até o morro e vários curiosos aglomeravam-se ao redor. Ainda que estivesse a um quilômetro de distância, o incêndio tinha um aspecto assustador. Virgil passou de carro pelos curiosos e parou junto à viatura. Um policial com capa de chuva se aproximou. Virgil baixou o vidro e disse:

– Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal. O Stryker está lá em cima?

– Ei, ouvi dizer que você vinha – respondeu o policial. – Sou Little Curly. Sim, ele está lá em cima. Deixe-me tirar meu carro do caminho.

– E o Judd?

– Pelo que soube, ainda não o encontraram. A faxineira disse que ele estava em casa hoje à tarde. Ele já é muito velho e não dirige mais. Então, ainda pode estar lá – disse Little Curly, balançando a cabeça.

– O incêndio foi feio – observou Virgil.

– Parece mais o inferno – retrucou o policial. Em seguida voltou à viatura, sentou-se no banco do motorista e engatou a ré. Uma mulher com uma lata de cerveja na mão puxou o capuz de chuva para trás e espiou Virgil através da janela do carro dele. Era morena, de olhos escuros e bonita. Riu para ele e levantou o polegar da mão que estava livre. Virgil também riu, retribuiu o gesto, passou pelo carro de Little Curly e seguiu morro acima.

Ao chegar à casa, a primeira coisa que percebeu foi que os bombeiros não tentavam apagar o fogo. Não adiantava. A chuva evitava que o incêndio se espalhasse. Quando Little Curly o comparou ao inferno, não estava brincando. Jogar espuma na casa também não iria adiantar, pois seria um grande desperdício.

As viaturas da polícia estavam paradas atrás dos caminhões dos bombeiros e

Virgil foi para o fim da fila. Tirou o cinto, ajoelhou-se no banco e pegou a capa de chuva no banco de trás. A roupa tinha sido especialmente feita para a temporada de pesca em outubro e para velejar pela Nova Inglaterra. Vestiu-a e saiu do carro.

O xerife se chamava Jim Stryker, a quem Virgil conhecia desde os tempos de escola, quando Stryker era o arremessador dos Bluestem Whippets. Mas ali naquela montanha todos eram anônimos de capa de chuva e Virgil teve de perguntar três vezes antes de achá-lo.



– É você, Jim?

Stryker se virou. Era um homem alto, de queixo quadrado, com cabelo louro e olhos verde-claros. Assim como a maioria dos homens da região, era queimado de sol e usava botas de caubói.

– É você, Virgil?

– Sim. O que aconteceu?

O xerife olhou rapidamente para o incêndio.

– Não sei. Eu estava em casa. Olhei pela janela e não vi nada. Então ouvi a sirene, olhei pela janela e aí está o resultado. Um policial nosso estava fazendo a ronda na cidade e viu acontecer. Disse que simplesmente explodiu.

– E o Judd?

Stryker apontou para a casa.

– Posso estar errado, mas acredito que ele esteja aí dentro.

Perto do incêndio, parado junto aos bombeiros, um homem de capa segurando um guarda-chuva gesticulava com irritação. À luz das chamas Virgil via sua boca se mexer, mas não dava para ouvir o que ele dizia.

– É o Bill Judd Jr. – disse Stryker. – Está furioso porque não estão apagando o fogo.

– Nem os bombeiros de Nova York conseguiram apagar esse aí – comentou Virgil. A chuva espalhava o calor, e o vento estava quente como o de um secador de cabelos, mesmo a 50 metros de distância. – Isso aqui está um forno!

– Diga isso ao Júnior.

O incêndio tinha um cheiro de queimado horrível: tecido, madeira velha, sinteco, óleo e tudo o que existe dentro de uma casa, e talvez carne humana. Olharam por mais uns instantes, sentindo o calor do fogo e a água batendo nos capuzes das capas de chuva, descendo pelas costas e pelo pescoço. Virgil perguntou:

– Acha que ele estava fumando na cama?

As feições de Stryker eram grosseiras à luz do fogo e os cantos da boca se curvaram para baixo ao ouvir a pergunta.

– Bill Parker, que mora em Lismore, vinha para a cidade pela Autoestrada 8.

Ele viu o incêndio uns cinco minutos depois de ele começar. Uma picape passou por ele em sentido contrário. Ele acha que o carro estava a 140 por hora. E chovia muito. A picape pegou a entrada da Autoestrada 3, em direção à 90.

– Ele viu que tipo de picape era?

– Não. Nem tem certeza se era uma picape. Só conseguiu ver que os faróis estavam altos.

Os dois olharam mais um pouco o incêndio e então Virgil disse:

– Um monte de gente odiava o velho Judd.

– Eu sei. – Alguns moradores se aproximavam, rindo, escondendo as latas de cerveja. Stryker disse a eles: – Vocês aí, não atrapalhem!

Os dois assistiram por mais um minuto e Virgil bocejou.

– Bem, boa sorte, Jim. Estou indo para o Holiday Inn.

– Por que veio aqui em cima?

– Pura curiosidade. Vi o incêndio ao passar pela 90. Logo imaginei o que podia ser.

– É uma coisa horrível – disse o xerife, olhando as chamas. – Espero que o velho desgraçado tenha morrido antes de o incêndio atingi-lo. Ninguém merece morrer queimado.

– Se é que morreu!

– Se é que morreu? – Stryker franziu a testa e virou os olhos verdes para Virgil.

– Você não acha que ele pode ter forjado isso, acha? E fugido para onde ele esconde o dinheiro?

– Acho que o dinheiro pode ser uma lenda. Acho mesmo. – Virgil deu um tapinha no ombro de Stryker. – Pega leve, Jim. Veja você amanhã.

– Mas não muito cedo. Vou ficar aqui um tempo. – Enquanto Virgil se afastava, Stryker gritou: – Aquele dinheiro não era lenda, Virgil. Ele está queimando por causa da grana!

Atrás dele, próximo ao incêndio, Bill Judd Jr. ainda berrava com os bombeiros e parecia à beira de um ataque de nervos.



Era proibido fumar e se hospedar com animais no Holiday Inn, mas o quarto de Virgil fedia a fumaça, pelo molhado – cigarros no meio da noite e gatos escondidos na mala – e o desinfetante que a camareira borrifava para disfarçar o cheiro de fumaça e xixi de gato. Você tinha direito a duas camas, quer as tivesse pedido ou não. Virgil jogou a bolsa numa delas, tirou a capa de chuva e pendurou-a no chuveiro para secar.

Era um homem de estatura mediana, com cabelos louros, olhos cinza, um metro e oitenta e cinco, magro, ombros largos e braços compridos que terminavam em mãos enormes. O cabelo era comprido demais para um policial, mas não ia além dos ombros. Jogou futebol americano (na posição de

recebedor), basquete (ala) e beisebol (base) na escola, e seu desempenho não deixava a desejar. Contudo, não era grande nem rápido o bastante para ser aceito no time de futebol da faculdade, sua altura o afastou do basquete e sua mira pouco precisa impediu seu acesso aos campos de beisebol.

Formou-se em ecologia, além de fazer o curso básico de redação criativa, porque era fácil, interessante e ele gostava de ficar ao ar livre, da natureza e das garotas da turma. Entrou para o exército depois da formatura, foi praticamente obrigado a fazer parte da polícia das forças armadas e teve alguns problemas, mas nunca disparou uma arma com raiva.

Voltou para casa, descobriu que o mercado não precisava muito de bacharéis em ecologia e logo entrou para a Academia de Polícia. Casou-se, divorciou-se, casou-se, divorciou-se, casou-se, divorciou-se e, no fim de cinco anos de tolices, decidiu que não queria ser um fracassado pela quarta vez e parou de se casar.

Estava trabalhando como investigador para a prefeitura de St. Paul – oito anos de tédio na força policial – quando foi alocado em uma unidade do Departamento de Detenção Criminal (DDC) que investigava uma quadrilha de assaltantes de residências. Uma coisa levou a outra e ele foi transferido para o DDC. Conheceu um sujeito nomeado por questões políticas, Lucas Davenport, que lhe fez uma oferta irrecusável: “Você só vai pegar pedreira.”



Vinha encarando a “pedreira” havia três anos, sem falar da atividade de escritor nas horas vagas. Colaborava com diversas revistas que ainda publicavam material freelance, mas não poderia viver disso. Precisava de um emprego fixo, porém as publicações não pareciam andar bem das pernas.

De qualquer modo, não sabia se queria isso.

Davenport lhe dissera que bandidos inteligentes eram uma atividade mais interessante e ele às vezes concordava.



Virgil procurava seguir o estilo da pradaria: jeans desbotados, botas de caubói velhas e camisetas de bandas. Como era policial, jogava um blazer por cima. No verão, usava chapéu-panamá e óculos escuros. Não costumava carregar arma, a não ser quando estava em St. Paul, onde Davenport poderia vê-lo. As normas policiais o obrigavam a andar armado, mas, na opinião de Virgil, os revólveres eram pesados e desconfortáveis, por isso a arma dele ficava sempre embaixo do banco do carro ou dentro da pasta.

Depois de pendurar a capa de chuva no chuveiro, pegou o notebook na pasta e conectou-se à internet. Em seu e-mail pessoal encontrou a mensagem da *Black Horizon*, revista canadense de aventuras, que estava esperando havia alguns dias. Pelo visto, a redação estava trabalhando até tarde: “Virgil, tive de cortar uns

infográficos de canoagem: não havia outro jeito, o problema era espaço. Tentei não resumir demais. De qualquer modo, só está bom para nós se estiver bom para você. Me diz o que acha e então eu ponho o cheque no correio.”

Ficou satisfeito. Era sua terceira matéria para a revista. Estava se tornando um colaborador frequente. Abriu o documento do Word em anexo e examinou a parte alterada.

Ótimo. Fechou o documento e mandou a resposta ao editor: “Obrigado, Henry. Está maravilhoso. Vou ficar de olho no cheque. Virgil.”

Assobiando, entrou no site do Serviço Nacional de Meteorologia, digitou o CEP de Bluestem e viu a previsão para a semana: tempestade esta noite – droga! – com céu limpo e tempo quente nos próximos três ou quatro dias e possibilidade de temporais durante a tarde. Entrou na seção de notícias do Google para ter certeza de que London não havia sofrido um atentado nuclear desde que ele deixara Mankato. Felizmente, não.

Desligou o computador, tirou a roupa, sacudiu o resto de água da capa de chuva, entrou no chuveiro, abriu a torneira quente até não aguentar mais... e então abriu mais um pouco. Quase escaldado, arrastou-se até a cama e pensou em Bill Judd assando como salsicha nas brasas da própria casa e numa picape se afastando a toda velocidade noite adentro. *Aquele* seria um assassinato interessante.



Pensou em Deus por um tempo, como fazia quase todas as noites.

Filho de um pastor presbiteriano e uma professora de engenharia que via em Deus o Grande Engenheiro e acreditava nisso tão piamente quanto o marido, Virgil sempre tinha se ajoelhado para rezar antes de se deitar até sua primeira noite no dormitório da Universidade de Minnesota. Envergonhado, não se ajoelhou, tremendo e se arrepiando de medo de que o mundo acabasse porque ele não havia feito suas orações.

Em poucos meses, assim como a maioria dos calouros, tinha deixado a religião para trás e andava pelo campus com um exemplar de *O estrangeiro* embaixo do braço, esperando impressionar as garotas com o cabelo comprido e os mistérios que precisavam ser solucionados.

Nunca mais se dedicou à religião, mas recuperou um pouco da fé. E ela voltou rápido, de uma vez, no dia em que jogava conversa fora no alojamento dos oficiais solteiros no exército, quando um dos recrutas se confessou ateu. Outro oficial, que Virgil não achava lá muito inteligente, se apressou em dizer:

– Ah, mas você está enganado! Veja todas as maravilhas do mundo. Há maravilhas até não poder mais!

Criado no campo, onde *havia* maravilhas, e formado em ecologia, ramo em que elas proliferavam, Virgil ficou perplexo ao ver como a afirmação daquele

sujeito religioso meio ignorante era correta: *havia* maravilhas até não poder mais. Passou a acreditar que os ateus geralmente trabalhavam em cubículos feitos pelo homem, com direito a quadros-negros, computadores e fast-food. Não acreditavam em maravilhas porque simplesmente não as viam.

Assim, a fé de Virgil retornou, mas era uma fé estranha, em um Deus que o pai dele não reconheceria. Virgil pensava em Deus quase toda noite, em Seu senso de humor e no fato de que fizera regras que nem mesmo Ele podia violar...

Então, à uma da madrugada, após pensar em Deus, caiu no sono e sonhou com homens sentados em quartos de hotéis, no escuro, fumando Marlboros escondidos, olhando seus gatos andarem pelo quarto como fantasmas.

Manhã de terça-feira

A VELHA CIDADE DE BLUESTEM, BATIZADA em homenagem a um capim da pradaria, ficava a cerca de dois quilômetros ao norte da I-90. Ao longo dos anos, a área entre a estrada e a velha cidade foi se enchendo com as famosas franquias: McDonald's, Subway, Pizza Hut, um Holiday Inn, um Comfort Inn, um Motel 6. Havia quatro ou cinco postos de gasolina com lojas de conveniência, uma concessionária da Ford e duas lojas de carros usados. Sem falar na meia dúzia de lojas de material agrícola e nas oficinas de caminhões, com pneus carecas empilhados do lado de fora e poças de lama da chuva da noite.

O centro histórico era a área mais bonita de Bluestem. Os bairros residenciais eram dominados por grandes casas do início do século XX, cada uma diferente da outra, com varandas e quintais com balanços. A parte comercial, na Main Street, abrangia quatro quarteirões, com prédios de tijolos amarelos de dois e três andares, com direito a um cinema anterior à Segunda Guerra Mundial ainda em funcionamento, e negócios que tinham sobrevivido à chegada do Wal-Mart: escritórios de advocacia, agências de seguros, dezenas de lojas de presentes e de antiquários, duas pequenas boutiques, quatro restaurantes e uma farmácia.

O tribunal ficava a duas quadras da Main Street e ainda fazia as vezes de sede da Justiça. Na maioria das cidades pequenas, o poder judiciário foi mandado para fora do perímetro urbano, ocupando prédios envidraçados.



Virgil parou no estacionamento do tribunal, atravessou o memorial de guerra – 13 rapazes do condado de Stark morreram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, na Coreia, no Vietnã e no Iraque – e entrou no prédio, seguindo pelo corredor comprido até o escritório do xerife.

A secretária de Stryker era uma mulher pesada, cinquentona. Tinha um elaborado cabelo louro-pérola, repicado e com luzes, e dois palitos se projetavam por trás como espinhos de ouriço. Piscou para Virgil, deu uma olhada nos óculos escuros e na camiseta da Sheryl Crow com a estampa de uma carpa e perguntou à queima-roupa:

– Quem é você?

– Virgil Flowers, Departamento de Detenção Criminal.

Ela olhou-o de novo.

– Verdade?

– Sim.

– O xerife disse que era para você entrar quando chegasse. – A mulher fez um gesto para trás, apontando a porta com um painel superior de vidro fosco, onde estava escrito xerife james j. stryker.

Virgil assentiu e já girava a maçaneta quando ela perguntou:

– Quantas vezes você atirou naquele homem em Fairmont?

Virgil fez uma pausa.

– Quatorze.

Ela pareceu satisfeita.

– Foi o que ouvi dizer. E não acertou o cara?

– Não era meu objetivo – respondeu Virgil, cansado daquele assunto.

– Dizem que ele estava atirando em você.

– Ah, ele não queria me machucar. Estava só gastando energia, irritado porque ia ser preso. Não era um mau sujeito, a não ser pelo fato de que assaltava postos de gasolina. Tinha oito filhos e uma mulher para sustentar.

– Esse então era o trabalho dele, não é?

– Mais ou menos. Agora ele vai fabricar pá de neve durante seis anos.

– É – disse ela. – Bom, a maioria dos garotos daqui teria atirado nele.

– Devem ser uns garotos insensíveis – respondeu Virgil, que não tinha gostado da mulher. E então entrou na sala de Stryker.



Stryker estava ao telefone. Virgil bateu e ele gritou:

– Entre. – Indicou uma cadeira enquanto dizia ao telefone: – Preciso desligar, mas, quando você achar uma unha do dedo do pé que seja, quero ficar sabendo. – Ele desligou, balançou a cabeça e disse: – Não consigo achar o Judd.

Virgil se acomodou na cadeira.

– Não há nada na casa?

– Vou dizer uma coisa. A maioria das casas que eu conheço são decoradas com objetos que resistem a um incêndio. – Stryker batucou os dedos na mesa, sinal de ansiedade. – A casa de Judd não, pois era toda de madeira: pisos, lambris, estantes. Boa parte era pinho, que é seco como palha. Não sobrou nada além do porão e de pedaços de metal e pedra. Geladeira, fogão, estufa: até essas coisas derreteram. Achemos que ele estava lá dentro. Mas não encontramos nada.

– Puxa.

– Vou dizer uma coisa, Virgil. Se não encontrarmos nada, isso vai me atormentar pelo resto da vida. E o resto do condado também. Não vamos ficar sabendo se ele virou fumaça ou se está escondido em alguma ilha paradisíaca. Quem garante que Bill Judd não estava dentro daquela picape ontem à noite, fugindo para as Índias Ocidentais?

– Meu Deus, Jim, o cara tinha quantos anos? Oitenta? Disseram no hotel que

ele estava bem doente. Vivia internado no hospital. Por que diabos ele moraria aqui por 80 anos e fugiria para as Índias Ocidentais com os pés na cova?

– Provavelmente porque acharia engraçado sacanear todo mundo mais uma vez. – Stryker estava inquieto e murmurou: – Desgraçado! – Depois suspirou, olhou para duas volumosas pastas de papel na mesa e empurrou-as para Virgil. – Está aí. É tudo que temos. Também há um DVD com os arquivos, se quiser ler no computador.

– Certo. Mas faça um resumo para mim. O que conseguiu e o que está procurando agora?



Virgil não estava em Bluestem por causa de Bill Judd.

Estava por causa dos Gleason.

Russell Gleason fora médico durante 50 anos e se aposentara havia 10. Ele e a mulher, Anna, moravam num bairro rico habitado por empresários e profissionais liberais numa colina acima do reservatório do rio Stark, dois quilômetros ao leste do centro e perto do Country Clube da cidade. Anna foi enfermeira durante a juventude e acabou eleita para o conselho do condado, no qual serviu durante seis mandatos e em seguida se aposentou. Tinham três filhos que tinham ido embora de Bluestem – dois para St. Paul e um para Sioux Falls.

O casal estava com mais de 80 anos e tinha boa saúde. Russell ainda jogava golfe diariamente no clube e Anna reunia-se sempre com as amigas. Tinham uma empregada, a imigrante mexicana ilegal Mayahuel Diaz, que era adorada por quase todo mundo que a conhecia e que trabalhava de segunda a sexta.

Três semanas e quatro dias antes de Virgil chegar à cidade, Russell jogava uma partida de golfe numa sexta à tarde quando sua diversão foi interrompida pela chuva. Tomou umas bebidas com os colegas e depois se encontrou com a mulher. Foram jantar no Holiday Inn. No caminho de casa, pararam num posto de gasolina – o canhoto do cartão mostrava que eram nove e doze quando pagaram o combustível.

Às 11 horas daquela noite chuvosa uma vizinha obrigou o marido a ir até a cidade comprar leite. Quando passava diante da casa de Gleason, o homem viu o que parecia uma escultura estranha, como um manequim ou um espantalho, no quintal dos fundos da residência, sob as luzes do quintal.

Comprou o leite, voltou colina acima, passou de carro pela casa dos Gleason, viu o espantalho ou o que quer que fosse, entrou na garagem e disse: “Caramba, aquele espantalho era meio estranho.” Resolveu dar meia-volta e perguntar se estava tudo bem.

Não estava.

O espantalho era Russell Gleason, apoiado numa estaca de madeira e com os olhos perfurados a bala.

Os tiros foram disparados dentro da casa. Anna foi morta no sofá da sala: um projétil no coração. Russell levou três: um nas costas, na região da lombar, e um em cada olho. O corpo dele foi arrastado para fora e apoiado na estaca, com a boca aberta e as órbitas vazias encarando a escuridão.

– Parece que ele tentou correr, mas não conseguiu – disse Stryker. – A sequência foi: ele estava de pé e Anna, sentada. O assassino disparou contra a mulher e, quando Russell se virou para correr, atirou nas costas dele, que caiu na sala de jantar.

– Que distância ele percorreu?

– Uns três passos. Vou lhe dar a chave da casa quando sairmos. Temos duas, é claro. A sala de jantar é ligada à de estar e parece que ele levou o tiro quando entrava na primeira. Caiu e virou de costas. O assassino parou junto dele e atirou duas vezes, uma em cada olho. Uma coisa horrível.

As balas, calibre 357 e de ponta oca, atravessaram a cabeça de Gleason e se alojaram no piso, de onde os fragmentos foram retirados.

– O tiro nos olhos, o fato de colocá-lo de pé no quintal sob as luzes... parece algum tipo de ritual – disse Virgil.

– Parece alguma coisa, mas não sei o quê. – Stryker balançou a cabeça. – O segundo tiro foi munição jogada fora. E o atirador correu um grande risco: a casa dos Gleason fica a 100 metros da do vizinho mais próximo. Sorte que chovia e as casas estavam fechadas e com o ar-condicionado ligado. Ainda assim, uma .357 faz um barulho enorme. Se alguém estivesse passando... O terceiro tiro foi desnecessário!

– Já vi isso antes. O nome disso é empolgação! O sujeito puxa o gatilho e não consegue parar.

– Um em cada olho? Ele precisou de um tempo. Quero dizer, o cara disparou a 60 centímetros de distância, de cima para baixo, mas mesmo assim é preciso paciência para acertar o olho.

– Então ele é pirado! É um ritual, uma vingança. Quem sabe um aviso?

Stryker suspirou.

– O que a situação toda sugere, quando a gente pensa bem, é que foi alguém daqui, que todos nós conhecemos. Alguém que foi àquela casa específica, naquela hora específica, para a matança. Alguém que eles deixaram entrar. Não havia sinal de arrombamento na porta da frente. A mão de Anna estava perto de um copo d'água, numa mesinha de canto, como se ela estivesse sentada havia um tempo.

– Estava escuro?

– Provavelmente. Não há como saber com exatidão, mas eles estavam com as roupas que usaram durante o dia. Russell ainda usava a calça de golfe. Assim, o crime ocorreu em algum momento entre a parada no posto, às nove e doze...

mas vamos dar uns cinco minutos para chegarem em casa... e eles trocaram de roupa para dormir.

– Ninguém viu nenhum carro?

– Não. Acho que o assassino... desconfio de que seja um único sujeito... subi pelo rio Stark a pé e depois deu a volta até a frente da casa. Se ficasse na margem do rio, ninguém iria vê-lo, claro! Numa noite escura, um cara que conhecesse a área poderia andar até o centro da cidade sem ser visto.

– Então diga o que você acha – pediu Virgil. – Quem fez isso? Qual é seu palpite?

Stryker balançou a cabeça.

– Não sei. Isso não combina com a região. Sei que tem muita gente ressentida em Bluestem, mas esse crime foi violento demais!

– Certo. Me dê o resto do dia para olhar essa papelada e falo com você à noite. Estou no hotel. Você tem o número do meu celular.

– Pegue a chave na saída. Depois que tiver visto a casa, vou entregá-la para os filhos do casal. Eles querem que ela seja limpa e posta à venda.

– Ninguém mexeu lá?

– Nós examinamos, mas não tiramos nada. Tudo continua lá, talvez um pouco desarrumado.



A sala de provas se resumia a um armário com uma porta corta-fogo e laterais de aço. Stryker destrancou-a, pegou um cesto, mexeu numa dezena de sacos plásticos, pegou a chave e entregou-a a Virgil. Os dois caminharam até a porta do tribunal, passando por um homem que pintava um painel de madeira.

Quando estavam próximos da saída, Stryker puxou Virgil num canto e disse em voz baixa:

– Escuta, você sabe como as coisas funcionam por aqui. Metade dos meus subordinados gostaria de sentar na minha cadeira. Se perceberem o menor sinal de fraqueza, estarei perdido. Simples assim. Faça o que achar necessário. Se precisar de qualquer coisa da minha parte, *qualquer coisa*, me avise. Se alguém da minha equipe ficar embromando ou algum funcionário do tribunal causar problema, quero ficar sabendo.

– Pode deixar. Eu falo com você.



Saíram à luz do sol. Uma mulher passava pela calçada a uns 15 metros de distância. Era alta, bonita, tinha feições delicadas e cabelo louro-claro escorrido até os ombros. Provavelmente 30 e poucos anos. Virgil estava longe, mas achou que os olhos poderiam ser verdes. Ela levantou uma das mãos na direção de Stryker, que retribuiu o gesto. Olhou para Virgil por um segundo – um segundo

extraordinário – e seguiu rumo à esquina.

– Outra coisa – disse o xerife. – Há um jornal aqui e o editor acha que é o *New York Times*! O sujeito se chama Williamson. Está investigando minha investigação e diz que estou fazendo bobagem. É só um aviso para o caso de ele ligar para você. E ele vai ligar!

Virgil assentiu e disse baixinho:

– Não quero interromper seu raciocínio, Jim, mas olha a bunda daquela mulher. Meu Deus, de onde veio isso? Quero dizer, aquilo é uma obra de arte. É a *Vênus de Milo* em pessoa!

– É – concordou Stryker, um tanto sem graça.

Virgil o encarou.

– O que foi? Ela é casada com o prefeito? Você nem olhou a bunda dela!

– Não, não olhei. E ela não é casada. Está divorciada desde fevereiro. As pessoas acham que ela está no ponto de ser colhida.

– Você a convidou para sair?

– Não.

Os dois olharam enquanto a mulher atravessava a rua em direção à Main Street. Virgil disse:

– Você é divorciado, Jim. Sei que sua ex-mulher é coisa do passado, porque ela mora em Chicago e você a odeia. Bom, *eu* a odeio e olha que só me encontrei uma única vez com ela. Portanto, aí está a quarta mulher mais gostosa de Minnesota, bem na sua cidade, e os melões também são uma beleza, pelo que pude ver. Bom, desculpe a pergunta, e não que isso importe, mas você não é bicha, é?

– Não. – Stryker riu.

A mulher balançou o cabelo enquanto subia a calçada do outro lado e dava uma rápida olhada para trás: como qualquer mulher faria ao saber que era motivo de comentários. Virgil então se virou para Stryker a fim de continuar a análise dos melhores atributos dela quando percebeu que o cabelo e os olhos de Stryker eram exatamente iguais aos da mulher.

Um pensamento passou pela cabeça dele.

– Aquela é sua irmã, não é?

– É.

Os dois olharam para o outro lado da rua, mas a loura já havia dobrado a esquina. Virgil disse:

– Olha, Jim, aquele negócio todo sobre a bunda dela...

– Não esquentar. A Joan já sabe se cuidar sozinha. Você que cuide do desgraçado que está matando meus contêrreâneos!

NO HOLIDAY INN, VIRGIL ESPALHOU os papéis do assassinato dos Gleason na cama e na mesinha de cabeceira, destacando nomes e traçando uma linha do tempo num bloco de papel amarelo.

O próprio xerife estava à frente do caso e o assistente Larry Jensen era o principal investigador. Uma mulher chamada Margo Carr era a perita em cenas de crime e vários outros policiais davam apoio. O legista era de Worthington e responsável por oito condados no sudoeste de Minnesota. O laudo parecia correto, mas não revelou nada de diferente do relatório do primeiro policial que chegou à casa dos Gleason: quatro tiros e dois mortos.

Margo recolheu os quatro projéteis, mas estavam tão retorcidos que seria quase impossível identificar a arma. O calibre 357 era provavelmente de um revólver – as semiautomáticas Desert Eagle, fabricadas em Israel, tinham câmaras para aquela munição, mas eram raras na pradaria. A ausência de cápsulas na cena do crime também levava a crer num revólver – ou num assassino extremamente cuidadoso.

Usar uma arma calibre 357 carga pesada não era muito confortável em razão do coice. Milhares de amostras passavam pelas mãos dos peritos, que estavam mais interessados no efeito do que no conforto. Uma bala desse calibre atravessaria tranquilamente uma porta de carro, o que a tornava popular entre patrulheiros rodoviários e policiais dos condados, que volta e meia investigavam casos envolvendo veículos.

Uma coisa a se pensar.



Os relatórios de Jensen e Carr levantavam a possibilidade de a invasão à casa dos Gleason estar relacionada a drogas, uma tentativa de encontrar remédios controlados na casa do médico. Contudo, dois aspectos derrubavam a hipótese: Russell estava aposentado havia anos e qualquer um que soubesse onde ele morava saberia disso; e Carr tinha encontrado vários comprimidos de oxicodona no armário do banheiro, da época em que Anna colocou um pino no joelho. Um drogado teria levado os remédios.

A carteira de Russell Gleason ainda tinha 143 dólares. Na lateral da bolsa de Anna foram encontrados 76 dólares. Drogados nunca dariam tanto mole. *A questão não é dinheiro*, pensou Virgil. O assassino queria outra coisa.



Os policiais entrevistaram 50 pessoas, entre elas a empregada e todos os vizinhos, amigos, parentes, sócios e colegas do clube de golfe. Alguns não gostavam dos Gleason, mas de uma maneira peculiar a uma cidade pequena: poderiam procurar outro médico ou votar contra Anna na eleição do conselho. No entanto, assassiná-los é algo bem diferente.

Uma pergunta não queria calar: por que o corpo fora deixado sob as luzes do quintal? Ele seria descoberto no máximo na manhã seguinte, já que estava tão perto da rua. Se o assassino tivesse deixado Russell Gleason no escuro, teria mais tempo para fugir sem a preocupação de ser visto. Ou será que ele não precisava de mais tempo, já que tinha vindo de *muito* perto?



Virgil pegou um mapa na recepção e perguntou ao funcionário sobre a casa dos Gleason. O sujeito fez questão de desenhar um enorme círculo a caneta no local exato:

– Suba esse morro pequeno aqui e vire à direita, ou seria à esquerda? Não, à direita. De qualquer modo o senhor vai ver uma caixa de correio na rua, em que está escrito Gleason, e a casa tem uma cor meio avermelhada e é moderna.

– Obrigado.

– As pessoas dizem que o senhor é do DDC. – O recepcionista era jovem e tinha cabelos ruivos.

– É. Pediram que a gente desse uma olhada no caso dos Gleason. Querem uma segunda opinião.

– Já viu alguma coisa?

– Um coisinha – respondeu Virgil. Em seguida sorriu e piscou. – Mas não posso falar sobre isso. Mas *você* poderia me dar uma ajudinha...

– *Eu?*

– Já comi muito aqui. A comida é boa, mas você sabe como é... Pode recomendar outro restaurante?



As terras da pradaria ao redor de Bluestem não eram exatamente planas. O terreno era uma reunião de planos inclinados, com pequenos córregos ou valas onde eles se encontravam. As linhas d'água eram marcadas por agrupamentos de salgueiro, choupos e ameixeiras. Os córregos e as valas acabavam formando riachos maiores, geralmente uma linha sinuosa de meandros cortados no solo a vários metros de profundidade, e às vezes pântanos ou lagos rasos. Projetando-se dos planos havia morros e promontórios isolados, com afloramentos de rocha vermelha, e boa parte era coberta de líquen verde.

Os Gleason viviam num desses promontórios.

Virgil pegou a esquerda ao sair do estacionamento do hotel, dirigiu por cinco

ou seis quarteirões ao norte rumo à cidade, pegou a direita na Main Street, passou pela área comercial e foi para o leste. Viu o bairro dos Gleason assim que virou: uma encosta coberta de árvores, vidros e telhas. Atravessou o escuro rio Stark e subiu o morro, passando por algumas casas bem cuidadas e residências em vários níveis, com deques virados para o oeste, na direção do rio. Lá em cima, virando à direita, viu a caixa de correio dos Gleason exatamente onde o recepcionista do hotel disse que estaria.

A casa era de madeira e vidro, com o deque obrigatório. Foi até a porta da garagem, desceu do carro, lembrou-se do que Davenport havia dito sobre entrar desarmado em casas desconhecidas e pensou: *Que se dane, a vida é curta demais*, e deu uma volta ao redor da construção, olhando-a por fora.

Bela casa.

Um único andar, com porão, 15 bordos em quase meio hectare de terra, um gramado razoavelmente verde e um barracão de jardinagem entre um agrupamento de lilases no fundo do terreno. O deque dava para o oeste e o sul, acima do rio, voltado na direção da cidade e da rodovia interestadual, a dois quilômetros de distância. Virgil pensou que devia ser bonito à noite, mas, pela posição da casa, o frio no inverno seria de rachar. O vento noroeste soprava direto sobre a garagem.

Uma pessoa poderia facilmente chegar sem ser vista, sobretudo no meio de um temporal. Bastaria estacionar numa rua próxima, atravessar a ponte correndo, descer o barranco do rio Stark e seguir direto até a casa dos Gleason. Depois, subiria pela encosta, que tinha uns 100 metros de comprimento por 15 metros de altura, e estaria dentro da casa. A volta seria pelo mesmo caminho. Com certeza haveria luz suficiente das residências ao longo da encosta e a própria iluminação da cidade para a pessoa nem precisar de lanterna.

É.



Terminou de dar a volta na casa, tirou a chave do bolso, abriu a porta da frente e entrou. O interior tinha cheiro de cena de crime: o desinfetante usado para limpar o sangue e algum reagente químico. Atravessou o silêncio, sentiu o local empoeirado, andou pelo saguão e passou pela porta que levava à cozinha, chegando à sala de estar.

O sofá em que Anna levou o tiro ficava num nicho semicircular que se destacava da sala, projetado como um pequeno teatro e virado para uma televisão de tela larga. O buraco da bala estava na última almofada do encosto, à esquerda, perto de uma mesinha de canto com um controle remoto, várias revistas, um livro de palavras cruzadas, um copo de madeira com vários lápis e canetas e dois livros. Era o local onde Anna sempre ficava, pensou, porque o lugar de Russell era uma poltrona reclinável de couro na outra extremidade do

sofá, sob um abajur para leitura. A almofada e o encosto do sofá estavam levemente manchados de sangue.

A outra mancha ficava na entrada da sala de jantar. Havia dois buracos no tapete de onde as balas foram recolhidas. Parado ali, no silêncio, Virgil imaginou como o crime devia ter acontecido. Eles conheciam o assassino – Anna estava à vontade no seu lugar habitual e não se incomodou em se levantar. Russell e o assassino estavam de pé, bem perto um do outro. O criminoso sacou a arma, isso se ela já não estivesse em sua mão, inclinou-se na direção de Anna e atirou uma vez. Ela não fez nenhum gesto para se levantar do sofá. Russell virou-se, deu três passos e levou um tiro nas costas.

Mas eles conheciam o assassino, pensou Virgil: tinham de conhecer. Anna estava de frente para a TV e talvez nem participasse da conversa. Se tivesse recebido a ordem para sentar-se, ou se fosse obrigada a isso, ela estaria virada para a sala, onde o assassino se encontrava. Não estaria virada para a TV.

Virgil examinou rapidamente a mesinha de canto, à procura de qualquer iniciativa da mulher de deixar alguma pista – um nome rabiscado, qualquer coisa. Sentiu-se um idiota ao fazer isso, mas seria mais idiota se não fizesse e algo fosse descoberto mais tarde. Nada. Os livros eram um romance de Martha Grimes e um volume fino intitulado *Apocalipse*, que, por acaso, era mesmo o Livro do Apocalipse.

Virgil murmurou para ninguém além dos fantasmas:

– Olhei e diante de mim estava um cavalo amarelo. Seu cavaleiro chamava-se Morte, e Hades o seguia de perto...



Examinou a mesa junto ao abajur de Russell. Nada de interessante. Foi até o local dos tiros e depois percorreu o restante da casa. Um escritório com arquivos e um computador velho se ligava à sala de estar. Um corredor ao lado do escritório levava a um grande lavabo e a três suítes enormes.

Andou pelo quarto principal, observando, sem tocar em nada, e entrou na cozinha. De repente ouviu o som de um veículo do lado de fora. Voltou à porta da frente e encontrou uma viatura parada atrás de seu carro e um policial olhando sua placa.

Saiu à varanda e a mão do policial foi até a cintura. Virgil gritou:

– Virgil Flowers, Departamento de Detenção Criminal!

Do outro lado da rua, na próxima casa morro abaixo, viu um homem parado no quintal, observando-os com um binóculo.

– Larry Jensen – devolveu o policial. – Sou o investigador-chefe do xerife.

Jensen era mais um dos tipos altos, magros e queimados de sol, com cabelo cor de areia, calças largas, botas de caubói e óculos escuros. Os dois se cumprimentaram e Jensen perguntou:

– Viu alguma coisa aí dentro?

– Não. Gostaria de voltar mais tarde e examinar aqueles arquivos.

– Esteja à vontade para... – Jensen se virou e acenou para o homem do outro quintal, que gesticulou de volta. – Aquele foi o cara que nos avisou que tinha alguém na casa.

– Uma pena ele não estar vigiando na noite em que os Gleason foram mortos – comentou Virgil.

– É verdade.

Jensen era bem afável e levou Virgil para dentro da casa, contando como achava que os assassinatos poderiam ter acontecido, e sua hipótese combinava com a de Virgil. Os dois caminharam pelo resto da residência, inclusive o porão, e, ao voltarem para cima, Jensen disse:

– Tenho a sensação... – e hesitou.

– O quê?

– Tenho a sensação de que isso ficou cozinhando durante muito tempo. Examinei os negócios que os Gleason fizeram nos últimos 10 anos, falei com todas as pessoas que eles conheciam, entrevistei os filhos e os cônjuges dos filhos. Isso está cheirando a alguma coisa que não sabemos. Fico pensando: Russell era médico. E se ele fez alguma coisa *ruim* para alguém? Se cometeu um erro médico, sei lá! E se, em algum lugar, há muitos anos, ele matou ou não prestou socorro a alguém, uma esposa ou um pai de família, e a coisa simplesmente ficou cozinhando, cozinhando, até que agora o caldo transbordou? Quero dizer, Russell lidou com várias mortes ao longo da carreira, foi o legista do condado por anos. E se isso tiver a ver com alguma coisa que simplesmente... aconteceu? Como acontece com todos os médicos?

Virgil confirmou com a cabeça.

– É um poço bem fundo.

Jensen concordou.

– Quando comecei a investigar o caso, cheguei à conclusão de que todo mundo no condado poderia ser suspeito. De maneira que minha tese era meio absurda.

– Tenho uma pergunta para você, mas não quero que se ofenda.

– Vá em frente.

– Vocês trabalham com armas calibre 357?

– É, você poderia ter passado o dia sem me perguntar isso. Trabalhávamos, mas isso foi há anos. Adotamos a calibre 40 de alta capacidade quando o FBI fez o mesmo.

– O que aconteceu com as de calibre 357?

– Isso foi antes do meu tempo. Pelo que sei, alguns policiais puderam comprá-las com desconto. Alguns compraram, outros não. Para dizer a verdade, algumas sumiram, não sabemos onde foram parar. Os registros não eram mantidos como deveriam. Isso foi há dois xerifes, então não tem nada a ver com o Jim.

– Mas você pensou nisso?

– Claro!



Conversaram por mais 15 minutos e Jensen disse que estava examinando os registros médicos na sociedade que havia assumido o consultório de Gleason e também no hospital de Bluestem.

– A coisa está enterrada em algum lugar lá atrás. Talvez o mesmo cara tenha matado Bill Judd, se é que Judd está morto. Ele e Gleason tinham quase a mesma idade, de modo que tem de haver alguma ligação. Talvez o assassino esteja esperando para ir atrás de mais alguém.

– Eu não precisava ter ouvido isso.



Virgil acompanhou Jensen de volta à cidade e eles se separaram quando o policial virou para o norte na direção do tribunal. O recepcionista do hotel tinha recomendado dois lugares para o almoço: a Lanchonete Winston e a Pizzaria do Johnnie, ambos na Main Street. Virgil decidiu que comida italiana seria de mais, então foi dar uma olhada na lanchonete.

O local era uma mistura de delicatessen alemã com padaria. Pediu um sanduíche de rosbife no pão de centeio com mostarda temperada, picles e salada de batata de um amarelo vivo. Levou tudo para um dos reservados de encosto baixo que acompanhavam a parede diante do balcão.

Cerca de um minuto depois a irmã do xerife entrou, cumprimentou a mulher atrás do balcão, pediu salada e café, viu Virgil no reservado dos fundos e fez um gesto com a cabeça para ele, que retribuiu. Logo depois ela carregou a bandeja do almoço e deslizou no assento diante de Virgil.

– Você vai salvar o emprego do Jim? – perguntou ela.

Não era exatamente linda – as sobrancelhas podiam ser um pouquinho menos caídas e a boca, meio centímetro mais estreita –, mas era *muito* bonita e sabia disso. Sorriu ao fazer a pergunta, mas os olhos verdes continuaram sérios.

– Ele precisa ser salvo?

– Talvez – respondeu ela. – Meu nome é Joan Carson. Jim disse que você tinha coisas bonitas a dizer sobre minha bunda.

– Não foi bem isso! De qualquer maneira, o emprego de Jim acaba de ficar em perigo – devolveu Virgil, mas ela continuava sorrindo, o que não era ruim. – Mas fale sobre isso, sobre o emprego dele.

Joan deu de ombros e começou a comer a salada.

– É o segundo mandato dele. A maioria dos xerifes tem dificuldade de passar pelo teste da terceira eleição. Acho que é assim mesmo. Você chateia tantas pessoas que acaba sendo posto para fora. Se não estão impressionadas, não se

sentem na obrigação de votar em você.

– Elas não estão impressionadas?

– Estavam até os assassinatos. Jim é um bom xerife e é honesto com os subordinados. Agora está com esses crimes no colo e não faz ideia de quem seja o responsável.

– Ele lhe disse isso?

– Todo mundo sabe. – Ela fisgou uma rodela de cebola, mastigou metade e apontou o garfo para Virgil. – Todo mundo conhece todo mundo e os policiais comentam. Ninguém faz ideia de quem foi.

– Quem *você* acha que foi?

– É um grande mistério. Conheço todas as pessoas desta cidade e a ligação entre elas e não consigo pensar em ninguém que pudesse fazer algo assim. Simplesmente não consigo pensar em *ninguém*. Talvez... – Joan deixou a frase no ar.

– Talvez?

Ela mexeu no cabelo, como as mulheres fazem quando vão falar alguma coisa tola.

– Não é nada de mais, porém o editor do jornal, Todd Williamson, só está aqui há três ou quatro anos, por isso eu ainda não o conheço tanto. De modo que talvez, antes de vir para cá, ele possa ter tido algum problema que não sabemos.

– Só isso?

– Só isso.

– Mas isso não é nada.

– Por isso eu disse que não era nada de mais. Mas à noite fico deitada na cama pensando em todo mundo na cidade com mais de 10 anos, pensando em quem poderia ter feito isso. Talvez..

– O quê?

– Será que estamos falando de um adolescente maluco? Com a fantasia de matar alguém e que por algum motivo escolheu os Gleason? A gente lê sobre esse tipo de coisa.

– Espero que sim. Se for isso, eu pego ele. Com certeza já contou aos amigos, que logo logo vão dedurá-lo.

O celular de Virgil tocou e ele tirou-o do bolso.

– Odeio quando isso acontece durante o almoço – disse ela.

– É. – A ligação era de um número local. Virgil atendeu. — Alô?

– Virgil, aqui é o Jim Stryker. Sabia que Bill Judd fez uma cirurgia de ponte de safena há 15 anos e também operou a lombar?

– É?

– Margo Carr, a perita, encontrou um fio de aço inoxidável no porão da casa do Judd e ela jura que foi isso que usaram para costurar o esterno dele depois da cirurgia de ponte de safena. E perto desse fio achou dois parafusos de titânio e

uma haste de aço que, segundo ela, eram da coluna do Judd. Margo diz que pode confirmar examinando os raios X no hospital onde ele foi operado, mas tem quase certeza de que são do Judd. Também acha que encontrou a parte traseira de um crânio, pedaços de duas patelas e alguns ossos do pulso e do tornozelo.

– Então ele está morto?

– Acho que sim. O DNA vai confirmar. Isto é, se conseguirem recuperar a medula óssea. O investigador do incêndio disse que algum acelerador foi utilizado, porque o fogo subiu pelas laterais da casa, em vez de queimar para cima. – Stryker parou e concluiu: – Ele disse que o fogo se espalhou lateralmente muito mais rápido do que para o alto. Com toda a madeira, as chamas deveriam ter subido mais depressa.

– Como ele sabe disso?

– Não faço a mínima ideia. Mas foi o que ele disse. Portanto, temos outro assassinato.

– É.

– O que isso significa? – perguntou Stryker.

– Você está na casa do Judd?

– Estou. Vou ficar aqui um tempo.

– Daqui a pouco chego aí.

Joan apontou o garfo para ele.

– Bill Judd?

– É. – Virgil limpou os lábios com um guardanapo. – Acham que encontraram os restos mortais. Preciso ir.

– Se eu fosse antropóloga forense, poderia ajudar. Infelizmente não sei nada sobre medicina legal nem sobre antropologia, além de não gostar de cadáveres.

– O que você faz?

– Cuido da fazenda da família. Quinhentos e cinquenta hectares de milho e soja ao norte da cidade.

– É uma fazenda bem grande para uma mulher baixinha e bonita.

– Vá se catar!

– Obrigada, senhora! Quer ir a Worthington esta noite? O Tijuana não é ruim.

– Talvez – respondeu ela. – Dê o número do seu celular. Preciso ir até Sioux Falls para pegar umas peças. Se voltar a tempo, comida mexicana é uma boa pedida.



Satisfeito consigo mesmo, Virgil voltou pela cidade, subiu a montanha Búfalo, passou pelo portão do parque e fez a curva do morro até a casa de Judd. Ficou assustado ao ver o que sobrou. Na maioria dos incêndios, um canto da casa queima e uma ou duas paredes ficam de pé. Da mansão de Judd não restou nada além dos alicerces, rachados e queimados, e um buraco cheio de metal

retorcido, pedras e cinzas.

Stryker e um dos seus policiais, um homem mais velho e gordo com cabelo louro encaracolado, estavam falando com um terceiro homem, que segurava um bloco de anotações típico de um repórter. Um sujeito de terno olhava para dentro do buraco e três pessoas remexiam no fundo como escavadores num sítio arqueológico.

Virgil se aproximou e olhou para dentro do buraco: viu o condicionador de ar, duas estufas, os restos do que deveria ser a lareira do primeiro andar, três boilers, duas pias, três vasos sanitários e uma massa retorcida de canos. Os escavadores estavam trabalhando perto dos restos de uma cadeira de rodas. O sujeito de terno era Bill Judd Jr., Virgil percebeu.



Virgil foi até Stryker.

– Como eles conseguiram encontrar *alguma coisa* ali dentro?

– Esse é Todd Williamson – disse Stryker. – É o editor do *Bluestem Record*. E esse é Big Curly Anderson.

– Conheci um Little Curly ontem à noite – falou Virgil, apertando as mãos dos dois homens. As de Big Curly eram pequenas e macias como as de uma mulher. As de Williamson, por outro lado, eram duras e calejadas, como se ele próprio cuidasse da rotativa do jornal.

– É meu filho – disse Big Curly.

Stryker completou:

– Respondendo à sua pergunta: foi muita sorte. Eles viram a cadeira de rodas lá embaixo e começaram a cavar ao redor, procurando o corpo, e encontraram o fio cirúrgico. Estamos tentando deduzir como a cadeira ficou em cima de todo aquele lixo e cinzas e o corpo, *embaixo*. Estão começando a achar que o Judd estava no porão e que a cadeira estava em cima, no primeiro ou segundo andar, e caiu quando o fogo queimou o piso.

– Coincidência?

– Parece que sim. Não sei o que mais poderia ser – respondeu Stryker.

– Você vai pegar esse caso? – perguntou Williamson.

– Estou trabalhando na investigação dos Gleason – disse Virgil. – Nosso contato com a imprensa é feito por intermédio do xerife local ou do porta-voz do Departamento de Detenção em St. Paul. Não posso falar com você sobre isso.

– Não é assim que fazemos as coisas aqui – observou Williamson.

– Então devem ter mudado, porque eu sou daqui – retrucou Virgil. – Joguei beisebol na escola contra o Jim e venci três anos seguidos.

– Vocês venceram sete partidas, mas três foram pura sorte – reagiu Stryker. – As pessoas ainda falam disso. Nunca vi maré de sorte igual, mesmo depois de todos esses anos.

- Vá se catar! – disse Virgil.
- Você andou conversando com a Joan?



Virgil inclinou a cabeça na direção do buraco e perguntou:

- Aquele é o Judd Jr., certo?
- É. Liguei para ele, que veio na mesma hora.
- Provavelmente estava no banco – comentou Big Curly –, lendo o testamento do velho.
- Ele vai herdar meu jornal. Isso não é bom. Estou procurando emprego. Se algum de vocês tiver uma gráfica... – disse Williamson num tom de voz baixo.



Todos olharam Judd por alguns segundos, depois Virgil perguntou a Big Curly:

- Que negócio de testamento é esse?
- O policial grandalhão deu de ombros.
- Não sei. Eu estava brincando.
- Mas o testamento é uma possibilidade. Você procurou um testamento? – Virgil perguntou a Stryker.
- Imagino que esteja no banco. Ou com Bob Turner, o advogado do velho – respondeu o xerife, balançando a cabeça.
- Deveríamos dar uma olhada nisso. Consiga um mandado para abrir o cofre dele e faça com que o advogado e o filho estejam presentes. Pode haver alguma coisa lá.
- E se ele deixou todo o dinheiro para o George Feur? – perguntou Williamson. Stryker entreabriu um sorriso e comentou:
- Isso daria a Júnior um belo ataque de urticária na bunda, pode apostar!
- Quem é George Feur? – perguntou Virgil.
- Um pastor pirado que encontrou Deus na prisão – respondeu Stryker. – Ele tem um suposto centro religioso perto da divisa com Dakota. Estava tentando salvar a alma de Bill Judd, segundo fofocas da cidade.
- Ele é maluco?
- Acredita na pureza da raça branca e que Jesus era romano – respondeu Williamson. – E acha que os negros ficaram presos na África por causa da maldição de Caim e que todos deveriam ser mandados de volta para lá, para sofrerem a ira justa de Deus, em vez de contaminar as mulheres brancas e conseguir todos os empregos bons. Uma vez por mês ele e um bando de pirados pegam uns cartazes e fazem passeatas. Aqui, em Worthington, em Sioux Falls...
- Ele diz que os índios são as Tribos Perdidas de Israel e que são judeus, e que todos deveriam voltar para Israel a fim de terem o Segundo Advento. Ele chegou a arrumar algumas brigas com os índios – completou Little Curly.

– E estava convertendo o Judd? – Virgil pensou no Livro do Apocalipse encontrado na mesinha dos Gleason.

– Ele precisa de fiéis ricos – respondeu Williamson. – De que outra maneira vai conseguir dinheiro para comprar armas a fim de derrubar os democratas hereses e mandar os negros de volta para a África?

– Ah!

– E os mexicanos de volta ao México, os chineses de volta à China, os índios para Israel e assim por diante? – completou Williamson. – Escrevi uma longa matéria sobre ele que foi distribuída pelas principais agências de notícias.



– Aí vem encrenca – murmurou Big Curly.

Virgil percebeu que Bill Judd Jr. vinha na direção deles. Era um homem pesado, com papadas sob o rosto gordo, cabelo ralo e pequenos olhos pretos. *Deve ter quase 60 anos*, pensou Virgil.

Judd cumprimentou Williamson, olhou para Virgil e perguntou a Stryker:

– O que vai fazer com relação a isso, Jim? Se é o papai que está lá embaixo e caso aquele garoto dos bombeiros esteja certo, isso é assassinato. Então, o que vai fazer?

– Ora, investigar! – respondeu Stryker.

– Da mesma maneira que está investigando os Gleason? – Judd balançou a cabeça, com a papada sacudindo sob o queixo. – Me poupe, Jim. Traga o DDC ou... Chame logo o DDC!

Stryker inclinou a cabeça na direção de Virgil.

– Este é Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal de Minnesota.

Judd virou a cabeça rapidamente na direção de Virgil. Ele o olhou de cima a baixo, parou na camiseta e disse:

– Você não parece do DDC.

Virgil deu um sorriso.

– Dificilmente me sinto ofendido por suspeitos – disse Virgil.

– Que diabos você está dizendo? – perguntou Judd.

– Bom, você é praticamente o único suspeito que temos até agora – respondeu Virgil. – Numa situação dessas, a primeira pergunta é: “A vítima deixou algum herdeiro?” A resposta, pelo que sei, é: sim, *você*.

Judd olhou para Virgil durante três longos segundos e depois se virou para Williamson.

– Não publique isso!

O editor balançou a cabeça.

– Não trabalho para você, Bill. Trabalhei para seu pai e agora respondo ao espólio do seu pai. Quando você herdar tudo, vou desaparecer como num passe de mágica. Até lá, trabalho para o espólio.

– Então é melhor arranjar um emprego até o fim da semana que vem!

♦♦♦

Virgil disse a Judd:

– Precisamos ver o testamento do seu pai. Acreditamos que esteja num cofre de banco. Vamos conseguir um mandado para abri-lo, já que pode ser importante para a investigação. E também porque queremos ver o que mais há dentro dele.

Judd concordou:

– Por mim, tudo bem. Vamos pegar o Bob Turner, ir ao juiz e abrir o cofre. Vamos em frente.

– Posso ir? – perguntou Williamson.

– Não – respondeu Stryker.

Williamson riu.

– Perguntar não ofende. Caramba, está fazendo calor aqui!

♦♦♦

No caminho de volta até os carros, pararam junto ao buraco incendiado e Stryker gritou lá para baixo:

– Alguma novidade?

Uma mulher gorducha, com macacão amarelo e máscara, se levantou, usou uma toalha de papel para enxugar o suor do rosto e respondeu:

– Estou morrendo de calor!

Todos riram dela, que acrescentou:

– Mais nada por enquanto. Mas achamos os carpos, que estão intactos. Estavam sob uma lâmina de folha de aço, que deve ter servido de proteção. Por isso acho que vai ser possível o teste de DNA. E com o Bill Jr. para fornecer uma amostra, teremos certeza da identidade.

– Faça isso – ordenou Stryker.

Enquanto desciam o morro, Big Curly disse, referindo-se à mulher de macacão amarelo.

– Eu gostaria de tirar uma casquinha dela.

– Vou mencionar isso à Sra. Curly – comentou o xerife, sorrindo.

♦♦♦

Uma das melhores e piores coisas numa cidade pequena era que todo mundo sabia de tudo o que acontecia. O juiz sabia quase tanto quanto Virgil sobre o caso Judd. Ele digitou um mandado no computador da secretária e o imprimiu.

– Está perfeito – disse o magistrado, entregando o papel a Stryker.

O xerife ligou para a agência bancária e falou com o gerente, que disse que os esperaria. O advogado de Judd comentou que iria a pé.

– Então vamos – disse Stryker.



“Então vamos” significava andar: o banco ficava a três quarteirões de distância, dois deles seguindo por uma área residencial mais antiga, cortando a área comercial na metade da Main Street. Passaram pela farmácia, de onde saía um cheiro de pipoca, e Judd deu uma corridinha de volta, entrou e depois alcançou os outros, carregando um saco de papel e mastigando como se estivesse morrendo de fome. Passaram diante do jornal, que dividia o prédio com um escritório em cuja porta estava escrito EMPRESAS JUDD e outro com a placa WILLIAM JUDD JR. INVESTIMENTOS. Depois seguiram pela rua, passando por uma combinação de barbearia, salão de beleza, barbearia, salão de beleza.

O termômetro da agência marcava 30 graus quando eles atravessaram a porta e entraram no saguão. O gerente era um homem de cabelos brancos com bigode bem aparado e o advogado era um homem de cabelos brancos com bigode bem aparado. Um sujeito com aparência de mexicano, de jeans, camiseta e bigode preto, estava ao lado, segurando uma caixa de ferramentas. Stryker também estava se transformando num homem de cabelos brancos com bigode bem aparado. Virgil pensou que se deixasse o bigode crescer, ficaria parecendo com todos os outros: uma monocultura de pessoas brancas germano-escandinavas e agora com um pouquinho de tempero latino por cima, para alívio de todos.

O gerente pegou o mandado e foi na frente até o cofre, explicando que, como Judd estava com as chaves – que não foram encontradas na casa incendiada –, eles teriam de abrir a caixa blindada com uma furadeira e cobriariam ao Estado por isso. Foram necessários três minutos para furar o cofre. O gerente deu uma nota de 20 ao mexicano e o sujeito pegou as ferramentas e foi embora.

A caixa era enorme. Grande a ponto de acomodar três frangos assados. O gerente levou-a até uma cabine individual, mas, como eles eram quatro, o melhor era abrir ali mesmo, com todos se aglomerando em volta dela. A tampa finalmente foi retirada.

– Mãe do céu! – gritou Judd, com certa reverência.

A caixa estava cheia de papéis. As duas camadas superiores eram papel-moeda.

– Não exagere, Sr. Judd – disse o gerente, sério, mas seus olhos tinham um brilho. – Notas de 100 dólares, maços de 10 mil dólares... Quinze, 18, 20. Duzentos mil em dinheiro vivo.

– Por que ele teria 200 mil em dinheiro vivo? – perguntou Virgil a Judd.

– Não queria ser apanhado desprevenido – respondeu Judd.

Empilharam o dinheiro ao lado e Judd puxou uma cadeira de plástico e sentou-se, olhando a pequena fortuna, enquanto o gerente e o advogado escavavam o restante dos papéis, apólices de seguros, escrituras, fotos e duas caixas de joias.

Isso ocorreu à tarde, quando algumas outras coisas aconteceram, mas nada verdadeiramente importante.



À noite Joan Carson estava sentada à luz de velas no Tijuana e seu aspecto era simplesmente deslumbrante. Usava um vestido leve de tricô, cor de linho cru, com um colar de contas de jade do tamanho de bolas de gude que combinavam com seus olhos. Tinha sardas salpicadas no nariz pequenino e Virgil notou pela primeira vez que um dos seus dentes era quebrado, o que lhe dava um ar de menina levada.

Ela se inclinou na direção dele, o vestido se abrindo apenas o suficiente para revelar a parte superior dos seios, mas Virgil olhava direto para seus olhos, e ela sussurrou:

– Desgraçado?

Virgil manteve o tom de voz baixo:

– Foi o que o sujeito disse. – Ele riu baixinho e continuou: – Judd Júnior estava sentado, olhando o dinheiro, 200 mil dólares a cinco centímetros do nariz. Babava como um louco. Então o advogado, o Turner, disse, como se estivesse diante de um grande mistério: “Não estou vendo o testamento aqui.” E Judd deu um pulo e gritou: “Desgraçado!”

Ela riu e coçou o nariz, os olhos brilhando de alegria. Virgil prosseguiu:

– Achei que teríamos de obrigá-lo a se ajoelhar na base da pancada, para que ele não pulasse na garganta do Turner. O advogado ficava repetindo: “Não fui eu, não fui eu”, e o Judd andava de um lado para outro, dizendo: “Desgraçado! Desgraçado!”, e o gerente do banco retirou todos os recibos e ficou sabendo que o velho Judd tinha ido ao banco havia uma semana. Conversamos com a encarregada do cofre e ela disse que, quando o velho entrou, disse que não precisava de uma das cabines individuais, pois só queria retirar um documento. Ela viu, o negócio estava num envelope pardo, e todos achamos que era o único testamento.

– Desgraçado! – disse Joan. – Eu pagaria para ver essa cena! O que mais havia na caixa?

– Documentos, escrituras, seguros. A casa estava segurada em 800 mil, com mais 200 mil pelos móveis e outros objetos, de modo que o Júnior vai receber toda essa bolada. Só aí já é um milhão, sem falar na grana que estava na caixa!

– E o velho era dono de um quarteirão da cidade!

– Que é onde fica o jornal, não é?

– É, e tem vários terrenos de solo fértil ao sul daqui. Vai ser uma bela grana!

– O que o Júnior tem? Que seja dele mesmo?

– Ele entrou e saiu de alguns negócios, mas não se deu muito bem. Nesse momento tem três ou quatro franquias da Subway em cidadezinhas aqui perto e

um pedaço de terra ao lado do rio, que andou falando em transformar num empreendimento imobiliário. Mas, para dizer a verdade, ninguém anda comprando imóveis.

– Ele parecia empolgado com o dinheiro. E ficou bem chateado quando descobriu que não vai recebê-lo nas próximas duas semanas. Quer dizer, ele vai receber em um ou dois meses, mas primeiro terão de fazer a homologação. Mas qual é a diferença se serão duas semanas ou dois meses?

– É. Ele é um imbecil, mas não mataria o pai, se é o que você está pensando – disse Joan. – Já vi os dois em conversas bem amigáveis.

– Certo. Só estou tentando identificar algumas coisas para analisar depois.

– Acho que posso dizer por que ele reagiu desse jeito.

– É?

– Os Judd adoram dinheiro. Fazem dele um substituto para todas as outras coisas da vida. Se você pode ser bom ou ter dinheiro, escolha o dinheiro. Se pode ser corajoso ou ter dinheiro, escolha o dinheiro. Ter amigos ou dinheiro, dinheiro em primeiro lugar. São assim e não escondem isso. Escolhem o dinheiro sempre. Tirar 200 mil dólares em dinheiro vivo de um cofre na frente de Bill Judd Jr. seria como aparecer com Jesus Cristo diante do papa.

– Não é uma coisa bonita para dizer sobre alguém. Especialmente sobre o papa.

– Mas é a verdade. – Os olhos dela se estreitaram. – Posso contar isso a meus amigos?

– Bom, deixe-me pensar. As únicas testemunhas fomos eu, seu irmão, o advogado, o gerente, Judd e a mulher do cofre. Quais são as chances de todos ficarem de boca fechada?

– Nenhuma.

– Certo. Só não diga que eu contei. Você poderia me encrencar ou encrencar seu irmão. Você pode dizer que ouviu a história de uma das esposas.

– Conheço as duas: a do gerente do banco e a do advogado. Uma delas vai abrir o bico e então posso acrescentar tudo o que você me disse.

– Parece bom. Já disse que achei seu vestido bonito?

– Verdade? Eu mesma fiz. Encomendei o tecido em Des Moines.

– Sério?

– Não seja idiota, Virgil! Comprei numa butikue em St. Paul.



Virgil foi criado em Marshall, Minnesota, 100 quilômetros ao norte de Bluestem em linha reta, ou 130 a bordo de uma caminhonete. Seu pai tinha a maior igreja presbiteriana da cidade até se aposentar e sua mãe dava aulas de engenharia na Universidade Estadual do Sudoeste de Minnesota até pendurar as chuteiras também. Os dois ainda estavam vivos e jogavam golfe no verão, além

de terem um apartamento em Fort Myers, onde podiam jogar golfe no inverno.

O pai de Joan tinha sido fazendeiro. Envolveu-se com Bill Judd na tentativa de transformar o girassol-batateiro num produto viável.

– Não lembro direito porque era muito nova, mas papai achou que o preço do milho e o do feijão estavam muito baixos. Havia muita concorrência no mercado internacional. Ele pensou que pudesse plantar algo diferente, capaz de substituir o petróleo. Nos anos 1970 e 1980 havia aquelas previsões de que o petróleo iria acabar e todo mundo estaria perdido.

– Tipo agora?

– Tipo agora, com o etanol e o milho a quatro dólares. Acho que ele pensou que não poderia se dar mal. Mas era tudo papo-furado. Era uma tramaio desde o início, armada por uma gente que negociava na bolsa de mercadorias em Chicago e por alguns aventureiros como Bill Judd. Quando a coisa estourou, Bill Judd não deu importância. Ele era o maior sociopata da face da terra. Mas as pessoas que estavam ligadas a ele, como meu pai, *deram* importância.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

– Muita gente achou que meu pai estava ligado ao Judd. Mas papai perdeu metade das terras. Na época estava com mais de 800 hectares plantados. Vendeu a terra a preço de banana no meio da recessão dos anos 1980, pagou todas as dívidas e deu um tiro na cabeça. No quintal de casa e numa tarde de sábado. Ainda me lembro das pessoas gritando, de mamãe sentada na sala. Parecia que era *ela* quem havia morrido. É disso que mais me recordo. Não de papai, mas dos olhos da minha mãe.

– Imagino que o Jim tenha ficado bem abalado.

– Ficou. – O olhar dela encontrou o de Virgil. – Você não acha que o Jim tenha alguma coisa a ver com o assassinato de Judd, não é?

Ele balançou a cabeça.

– Claro que não. Os Gleason tinham alguma ligação com Judd?

– Eram amigos. Existia um grupinho fechado dos ricos, como na maioria das cidades pequenas. Médicos, advogados, banqueiros e corretores imobiliários. Dizem que Judd ajudou alguns deles com investimentos, mas os Gleason não tiveram nada a ver com a picaretagem do girassol-batateiro. Todo mundo saberia. Afinal, tudo ficou registrado nos processos judiciais.

Virgil se inclinou de novo para ela, baixando a voz:

– Vou lhe dizer uma coisa, Joan. Jim, eu e Larry Jensen achamos que há uma ligação entre o assassinato dos Gleason e o do Judd. Três homicídios em três semanas e todos cometidos por alguém que sabia o que estava fazendo: aonde ir e quando ir. Até as condições eram as mesmas: na chuva e no meio da noite. E isso depois de Bluestem não ter um único assassinato por 22 anos.

– E quanto a George Feur?

– Ouvi falar nele.

– É uma pessoa a ser investigada, até perguntei ao Jim sobre ele. Meu irmão disse que ele tem um álibi. Houve um culto naquela sexta à noite e muita gente ficou no centro religioso durante o fim de semana. Com certeza alguém vai dizer que Feur não saiu de lá um único minuto. Jim e Larry acham que *seria* difícil que ele se ausentasse sem ser visto.

– Por quanto tempo ele ficaria fora?

– Bom, se ele... – Ela olhou para o teto, os lábios movendo-se enquanto pensava. – Bom, se ele fosse de carro e voltasse logo, meia hora. Talvez um pouco mais se eles conversassem. Mas não é muito tempo.

– Se havia tanta gente no centro religioso, era possível escapar por meia hora sem ser notado.

– E talvez um desses convertidos malucos estivesse disposto a fazer um favor para ele. Mas se você acha que a mesma pessoa matou os Gleason e Bill Judd... Pelo que sei, Feur estava tentando salvar a alma de Judd e os dois se davam bem. Então isso não parece fazer muito sentido.

– Mas é uma conexão.

– É – confirmou ela. – Feur é um homem violento. Era revoltado na infância, o pai abusava dele e por volta dos 20 anos roubou algumas lojas. Bancos também, dizem. Jim investigou-o depois de um assalto em Little America. Preendeu-o quando ele estava na casa da tia. Ele foi para a cadeia, encontrou Jesus e toda a baboseira que você já deve saber: a supremacia branca e outras loucuras. Foi para algum lugar no oeste, estudou para ser pastor, obteve uma licença em Idaho. Quando a tia morreu, voltou para cá e assumiu a fazenda. Nós achávamos que nunca mais iríamos vê-lo.

– Ele já atirou em alguém?

– Não que eu saiba. Sei que usou arma nos assaltos.



No caminho de volta a Bluestem pela I-90, Joan disse:

– Você fala muito para um policial. Eu conheço todos os tipos de Bluestem, alguns de Worthington, e nenhum fala como você, que conta detalhes do caso.

– É uma falha de personalidade – sugeriu Virgil.

– É mesmo? Eu comecei a me perguntar: “Será que esse cara me levou a um restaurante mexicano bacana e me contou tudo porque acha que eu vou abrir o bico por aí e causar um rebuliço na cidade?”

– Estou chocado por você pensar assim.

– Você não parece chocado!

– Vou lhe dizer uma coisa. – Virgil olhou-a no escuro e sorriu: – Você é um pouco mais inteligente do que eu imaginava.

Ela riu e os dois seguiram pela via expressa.



Mais tarde naquela mesma noite, Virgil ligou o notebook, estalou os dedos e começou a escrever sua história: um pouco de realidade e muita ficção. Ficção era diferente de escrever sobre aventuras. Era diferente porque você precisava pensar, inventar, em vez de simplesmente descrever uma experiência. Olhou um segundo para a tela e começou:

O assassino saiu do vale do rio, tropeçando no escuro e escorregando no capim molhado. Parou na beira do quintal e depois atravessou rapidamente até a porta de correr nos fundos da casa. Tinha visto os Gleason chegarem, os faróis varrendo a colina no meio da noite. Era possível vê-los a 800 metros de distância.

Agora, através do vidro molhado, viu Russell Gleason parado na sala de estar, as mãos nos bolsos, olhando para a TV. A mulher dele, Anna, saiu da cozinha com um copo d'água e sentou-se no sofá. Os dois conversavam, mas com a chuva batendo no capuz do casaco o assassino não podia ouvir o que era dito.

O assassino tocou a arma no bolso: calibre 357, sempre pronta. Sem trava de segurança, sem mola, todas as câmaras carregadas. Do lado de dentro, Gleason riu de alguma coisa: há uma última vez para tudo, pensou o assassino.

O assassino recuou para a escuridão e rodeou a casa até a porta da frente. Gleason estava envolvido na coisa até o pescoço: ele e Judd teriam de pagar. Tocou a campainha...

Com a mão no queixo, Virgil lia o texto, concentrado. Ele já estava trapaceando: escreveu a palavra “assassino” várias vezes, o que incomodava seu ouvido de escritor. Precisava de um sinônimo. Não podia usar os pronomes “ele” ou “ela” porque não estava seguro quanto ao gênero. E Gleason “estava envolvido com Judd até o pescoço”. “Envolvido” em relação a quê?

Não tinha ideia.

Mas havia uma ligação.

No entanto, para terminar a história, precisava de várias outras respostas. De onde o assassino veio? Qual era a origem da arma? Onde ele/ela aprendeu a usá-la? Por que o corpo foi arrastado até o quintal e as luzes foram acesas? O assassino sabia sobre as luzes do lado de fora, o lugar exato do interruptor, sugerindo uma familiaridade com a casa, ou agiu de modo espontâneo? Por que os tiros nos olhos?

Por que o assassino foi naquele horário específico à casa dos Gleason?

Por que Stryker não falou sobre o suicídio do pai após o escândalo do girassol-bataateiro e sobre o relacionamento dele com Judd? Como é que ele, Virgil, conseguiu ficar íntimo da irmã de Stryker no primeiro dia na cidade? Por que ela o conduziu na direção de Todd Williamson e George Feur?

Coisas que precisava descobrir para escrever um livro de ficção decente.

Manhã de quarta-feira

QUATRO SUJEITOS GORDOS COM CAMISAS de manga curta, do lado de fora do tribunal, pararam de falar e olharam para Virgil, do lado de dentro. Ele fez sinal de positivo em direção à secretária, que olhou para sua velha camiseta dos Rolling Stones em Paris e balançou a cabeça, suspirando como se um enorme peso atormentasse sua alma.

Ele passou pela mesa e enfiou a cabeça pela porta da sala de Stryker. O xerife estava sentado com os pés na mesa, com uma expressão perplexa no rosto. Indicou uma cadeira para Virgil, coçou o rosto e disse:

– Ah, droga!

Virgil sentou-se.

– O que foi?

Stryker baixou os pés, virou a cadeira, abriu o frigobar e tirou uma garrafa de Coca.

– Quer uma Coca?

– Não, obrigado.

– Recebi a ligação mais surreal do mundo – disse Stryker, abrindo a garrafa. Jogou a tampa na direção de um cesto de lixo e acertou. – Há uma mulher que mora em Roche, sabe onde é?

– Sei. Do outro lado do rio Dunn.

– Isso. Uma cidade do tamanho de um ovo. O nome dela é Margaret Laymon. Ela telefonou há uns cinco minutos. Disse que a filha, Jessica, é filha bastarda de William Judd. Ela quer que a jovem receba o que é de direito. A mulher falou com essas palavras.

Ficaram sentados entreolhando-se por um instante, então Virgil disse:

– Meu Deus, e se não existir testamento e ela conseguir provar...

Stryker assentiu.

– Bill Jr. vai ter um ataque.

– E se houver mais Juddezinhas por aí?

– É uma questão interessante, mas não sei como você descobriria. A não ser que eles liguem para contar.

– É. Você vai contar ao Júnior?

– Não é da minha conta. Eu disse a Margaret para arrumar um advogado bem depressa. Ela vai fazer isso. Sabe qual é minha dúvida? Será que ela vai tentar alguma coisa na Justiça?

– Não sei. Teriam de fazer o exame de DNA.

– Ela diz que isso não é problema. Mas vou lhe dizer qual é o problema. – Stryker girou a cadeira num círculo completo, pensativo, e então disse: – De todas as mulheres que já desejei na minha vida, Jessica Laymon está no topo da lista. Nós saímos umas duas vezes. Ela quer alguém com mais pique. Tipo um jogador andarilho.

– Deixa de ser dramático. Isso mais parece nome de música country – debochou Virgil.

– Mas é verdade – insistiu Stryker. E tomou um gole de Coca. – Meu coração dispara todas as vezes que a vejo, mas o fato é que ela prefere um desses traficantes de olhos pretos, que bebe demais, corre muito e dança bem. E não eu.

– Bom, que droga, né?

– É.



Ficaram sentados um minuto, pensando, e então Virgil disse:

– Talvez seja porque seu bilau é do tamanho de Roche.

Stryker estava tomando um gole de Coca e então engasgou e começou a tossir, rindo:

– Por falar nisso, o que você e Joan estavam fazendo na varanda dela ontem às 10 da noite?

Virgil deu uma leve risada e sentiu uma ponta de culpa. Era amigo de Jim e ao mesmo tempo estava diante dele, sorrindo e pensando que os Stryker poderiam ser suspeitos do assassinato de Judd.



– Vou falar com Todd Williamson – disse Virgil. – Ver se posso dar uma olhada no arquivo do jornal, se é que ele existe. Depois vou conversar com George Feur.

As sobranceiras de Stryker se levantaram.

– Você sabe de alguma coisa?

– Não exatamente. Quero conversar com ele, fazer uma pressão.

– O que você quer dizer com “não exatamente”?

– Feur é fanático pela Bíblia, um louco de pedra, e era bem próximo de Judd – disse Virgil. – Os fanáticos veneram o Livro do Apocalipse. Quando fui à casa dos Gleason ontem, vi que Anna Gleason tinha um exemplar dele ao lado do sofá. E era uma edição novinha.

– É mesmo? – Stryker franziu a testa e se inclinou sobre a mesa. – Por que eu não sabia disso?

Virgil deu de ombros.

– Talvez ninguém tenha percebido. Isso foi antes de o Judd ser morto, e o nome de Feur só veio à tona depois do incêndio.

– Mas é uma coisa importante demais para não ser notada. Terei de falar com Larry e Margo sobre isso. Eles deveriam ter visto. Pelo menos deveriam ter pensado em algo parecido.

Virgil não discordava.

– Talvez Especialmente com um cara que tem a história de Feur.

– Você sabe sobre mim e ele, certo? – perguntou Stryker. – Eu o prendi por assalto quando era policial. Ele ficou detido em Stillwater. Diz que eu o mandei para a prisão sob falso pretexto.

– Mas não foi nada disso – sugeriu Virgil.

– Não. Ele foi flagrado pela câmera de uma loja de bebidas. Estava de chapéu, mas eu o reconheci assim que vi a fita. Fui buscá-lo no esconderijo dele e apreendi a arma. E ela ajudou ainda mais: era um revólver velho com 15 centímetros de cano. E isso dá para ver com nitidez na gravação.

– Então foi uma prisão boa?

– Foi ótima!



– Outra coisa – disse Virgil. – Se tudo isso envolve o dinheiro de Judd, sua amiga Jessica pode estar em apuros. Ela talvez seja um alvo em potencial.

– Você acha?

– Talvez. Ou talvez não. – Virgil coçou a orelha. – Se ela arranjou um desses jogadores andarilhos por aí, que achou que ela poderia virar milionária, nas circunstâncias certas...

– Cara, não havia pensado nisso! – Stryker se endireitou na cadeira, balançando-se.

– Será que Jessica ou a mãe poderiam ter armado alguma coisa?

Stryker coçou o queixo.

– Margaret não. Acho difícil. Jessica não faria de propósito. Eu até a imagino por aí, fumando um baseado, jogando papo-furado para cima de alguém, sonhando com o dinheiro... e acordando num mundo de dor quando o parceiro sai e faz alguma coisa para consegui-lo.

– É algo a considerar – comentou Virgil.

– Vou investigar isso.

– E mesmo que ela não tenha nada a ver, ainda assim precisa de um guarda-costas.

Stryker se levantou.

– Estou indo para lá. Quer dar uma olhada nela ou vai ver o Feur?

– Vou atrás do Feur – respondeu Virgil. Stryker estava procurando uma desculpa para sair. – Depois você me conta o que conseguiu com a Jessica e talvez eu fale com ela mais tarde.

– Está bem. Cuide-se.

O dia era parecido com o anterior, ensolarado e com um pouco de vento, praticamente o melhor dia de verão que seria possível imaginar. Quatro jovens – dois garotos e duas garotas – dançavam na calçada. Os garotos tinham as calças quase no meio das coxas e as garotas ostentavam piercings nas orelhas e nos narizes, mas havia naquilo uma inocência típica de cidade pequena. Achavam um grande ato de transgressão dançar no meio da rua. Contudo, toda hora olhavam para Virgil, pois sabiam que era um policial de fora.

Por mais que o dia estivesse bonito, o ar estava úmido, prenúncio de um fim de tarde com temporal. Se o calor não diminuísse, a coisa poderia ficar feia. Mas não havia o que fazer a respeito.

Virgil caminhou até o *Bluestem Record*, parando antes na farmácia para comprar pipoca, e encontrou Williamson no jornal, fechando a edição do dia seguinte.

O editor se animou ao ver Virgil entrar pela porta.

– Eu o esperava hoje de manhã. Liguei para o hotel e disseram que você já tinha saído.

Virgil confirmou com a cabeça.

– Eu gostaria de dar uma olhada nos arquivos do jornal, se você tiver.

– Sem problemas. Mas seria uma ingratidão da sua parte se não respondesse a duas perguntas.

– Vá em frente.

– Ontem você teve uma atitude diferente.

– Bom, eu estava em público. Eu falo com você, mas o trato é que seja extraoficialmente, e você escreve como se tudo tivesse vindo de Deus. Talvez eu não conte tudo, mas também não vou mentir.

– Trato feito. – Williamson digitou algumas teclas no computador, fechou o programa de editoração, abriu o editor de textos e perguntou: – Você acha que as balas calibre 357 dos assassinatos saíram de uma das armas usadas pelos homens do xerife há alguns anos?

– Não faço ideia – respondeu Virgil. Williamson abriu a boca para questionar, mas Virgil levantou a mão. – Não estou evitando a pergunta. Eu realmente não sei. Esse tipo de arma não está à venda hoje em dia. As pessoas preferem as automáticas, porque elas aparecem na TV. Se você estiver querendo poder de fogo num revólver, vai precisar de uma Magnum .44 ou uma Casul .454. A .357 é uma arma que os policiais usavam antigamente e é o único motivo para alguém ter falado a respeito. Existiam várias delas neste condado e todas saíram de circulação. Mas talvez, quem sabe?

– Certo. Segunda pergunta: você acha que o assassino é da região?

– Acho.

– Quer dar mais detalhes?

- Não.
- Algum suspeito?
- No momento, não.
- Isso é muito pouco em troca do meu arquivo.
- A que horas você precisa fechar a edição? O jornal sai amanhã de manhã, certo?
- Não posso passar das três da tarde. Eu mando para a gráfica em Sioux Falls e pego às 11 da noite. Se mandar um minuto depois das três, só me entregam à meia-noite ou à uma hora, só de sacanagem.
- Certo. Às duas da tarde ligue para meu celular. Talvez você tenha a matéria, mas não dou certeza. Mas seria matéria de primeira página.
- As sobranceiras de Williamson se elevaram.
- A reportagem do incêndio de Judd já está na primeira página.
- Mas está velha há dois dias. Todo mundo já conhece. A minha é conhecida por pouquíssimas pessoas e você incendiaria a cidade amanhã se publicasse. Mas se revelar que sou a fonte não vai ouvir mais uma única palavra minha pelo resto da investigação.
- Outra história vinda de Deus, hein? – A língua de Williamson tocou o lábio inferior: ele queria a matéria. – Deixe eu lhe mostrar o necrotério. É como chamamos o arquivo.



O necrotério era do tamanho de um quarto, pintado numa combinação de verde e marrom. As paredes eram cobertas por armários de carvalho com centenas de gavetas de 15 centímetros de altura, 15 de largura e 60 de profundidade. No centro havia uma mesa com um computador muito antigo. Williamson bateu num dos arquivos.

– Arquivamos por nome e assunto. Se a matéria for anterior a 1999 e o assunto tiver dezenas de nomes, arquivamos os cinco mais importantes e fazemos a remissão para o assunto. Assim, se você apresentou um bode na feira agropecuária e foi o 33^o da lista, teria de procurar em feira agropecuária para achar seu nome, porque não o pusemos no cabeçalho da ficha. Paramos de arquivar a partir de 1999 e colocamos tudo em CDs, com remissão feita automaticamente. A partir desse ano você vai encontrar todos os nomes e assuntos.

- Mesmo que seja o 33^o da lista?
- Sim, e com direito ao bode. Eu até mostraria como funciona, mas você vai descobrir em cinco minutos e eu estou com o prazo apertado. As instruções estão num bilhete colado na gaveta do lado esquerdo. Boa sorte.



Ele se afastou, mas não foi embora, como se tivesse mais uma pergunta. Virgil então se adiantou:

– Mais alguma coisa?

– Você está se entendendo com o Jim Stryker?

– Estou. Nós nos conhecemos há muito tempo.

– É, dos tempos do beisebol. Mas a história que corre é que tiveram de enfiar você pela goela dele.

– É mesmo?

Williamson assentiu.

– Pode ser politicagem, mas dizem que você pode revelar a incompetência do xerife.

– Eu trabalho em cerca de 10 assassinatos por ano – disse Virgil. – Já vocês passam décadas sem nenhum. Sou especialista. Não há mal em chamar um especialista.

Williamson deu um sorrisinho.

– Não era isso que estavam falando no tribunal.



Quando Williamson saiu, Virgil começou a percorrer a sala, olhando as etiquetas amareladas nas gavetas, deduzindo como o sistema funcionava: nomes aqui, assuntos ali. As pastas maiores eram de fotos, na maioria originais de 20 por 25 centímetros, que iam até 2002. *O jornal deve ter comprado uma máquina digital*, pensou Virgil. As fotos ainda tinham o cheiro de revelador e fixador. Os recortes cheiravam a fumaça de cigarro e polpa de papel azedo.

O arquivo de fotos de Judd tinha imagens a partir dos anos 1940, quando ele era um rapaz de terno claro, mas já com seus olhos tristes e escuros.

Os recortes de Judd anteriores a 1999 enchiam quatro gavetas, centenas de folhas em péssimo estado de conservação, guardadas em pequenos envelopes cinza. Judd Jr. tinha direito a envelopes também, mas eles ocupavam apenas meia gaveta.

Os envelopes acomodavam em média 10 artigos, e a maioria dos recortes do velho Judd, com várias matérias numa única semana, era dos anos 1980, no auge da polêmica do girassol-bataiteiro.

Judd recebeu 32 notificações de fraude por parte do procurador-geral de Minnesota, a partir de provas levantadas em Bluestem e em St. Paul. O assistente do procurador, que assumiu o caso e parecia pouco familiarizado com o assunto, foi destroçado pelos advogados de Judd num julgamento em St. Paul. O procurador do condado e o xerife acabaram derrotados na eleição seguinte.

Após o julgamento ainda houve uma disputa sobre tributos federais e estaduais. A luta se arrastou nos tribunais durante anos e em 1995 o *Record* noticiou que advogados dos dois lados chegaram a um acordo confidencial, por se tratar de

uma questão de lei fiscal.

Os envelopes de Judd que não abordavam o girassol-bataiteiro eram em grande parte sobre outros negócios: hipotecas concedidas e tomadas, imóveis e terras compradas e vendidas, a casa construída na montanha Búfalo – supostamente por 550 mil dólares em 1960, com cinco banheiros – e processos abertos e arquivados. A não ser pela controvérsia do girassol-bataiteiro, os recortes poderiam ser o registro da vida de um empresário ganancioso, avarento e antissocial.

Judd Jr. não era muito diferente, com exceção da ausência de escândalos: era retratado como um ser ganancioso, avarento e antissocial, além de fracassado.

Virgil leu a nota sobre o suicídio de Mark Stryker, que ocorreu depois de um piquenique da família, detalhe que ninguém havia mencionado. A matéria dizia que Stryker se envolveu no escândalo do girassol-bataiteiro e vendeu 517 hectares da fazenda para pagar as dívidas relacionadas ao caso.



Anna Gleason era o grande destaque da família dela, consequência dos 16 anos no conselho do condado, e tinha a própria gaveta de matérias. O nome de Judd aparecia em vários textos, mas a maioria era de participações no conselho para discutir mudanças no zoneamento urbano ou problemas de drenagem. Russell Gleason também tinha alguns envelopes, a maioria da sua época como lealista nos anos 1970 e 1980. O teor das matérias não mudava: ele era simplesmente a voz que declarava a morte de algum morador.

Virgil leu os recortes sobre Jim Stryker e Joan Carson. O divórcio de Joan ganhou três matérias de 15 centímetros cada uma, que diziam apenas que o casamento foi rompido após cinco anos e que o juiz legitimou o acordo feito pelos advogados de ambas as partes.

Ela era descrita como “uma fazendeira próspera” com residência em Bluestem e na fazenda da família. Virgil sabia o endereço da casa na cidade, já que esteve na varanda dela na noite anterior, tentando um inocente beijo de boa-noite, ao mesmo tempo que torcia por algo mais.

Procurou e encontrou notícias sobre os Laymon. Nada sobre Margaret, mas Jessica foi presa uma vez em Worthington com uma pequena quantidade de maconha e era citada como testemunha numa briga de bar em Bluestem, quando um homem teve todos os dentes quebrados. O sujeito abriu processo, mas o caso não chegou ao tribunal.

Finalmente, George Feur. Os registros com o nome dele apareciam apenas no computador, mas havia 15 citações, inclusive uma matéria assinada por Williamson que devia ter umas cinco mil palavras.

Ao ler as informações de Feur, Virgil teve certeza de que ele era um pilantra da pior espécie.



Virgil deixou a redação do jornal e saiu da cidade, voltando para a I-90 em direção ao oeste. A I-94, a I-90, a I-80, a I-40, a I-20 e a I-10 se estendiam pelo coração do condado como as cordas de uma guitarra, ligando a parte leste à oeste, com as Montanhas Rochosas servindo como cavalete do instrumento. A I-90 cruzava com outras rodovias interestaduais em boa parte de sua extensão, mas seguia solitária de Tomah, no estado de Wisconsin, até Billings, em Montana. Virgil tinha atravessado a I-90 em mais de uma ocasião.

Algumas pessoas a consideravam o maior dos tédios, mas, criado na região, ele adorava a estrada, assim como os marinheiros adoram o oceano. A pradaria abria-se como ondas, com cidadezinhas se aproximando e ficando para trás. Fazendas, picapes, pessoas a cavalo, búfalos, antílopes e marmotas surgiam e desapareciam. E as cidades eram semelhantes a pérolas: pequenas, diferentes e ao mesmo tempo iguais.



Virgil não estava indo longe. Apenas a uma ou duas saídas de distância.

George Feur morava dois quilômetros ao leste da divisa com Dakota do Sul, 15 quilômetros ao norte da I-90, num complexo de quatro construções e uma velha casa de fazenda, que era quadrada, feita de madeira branca, típica do Cinturão do Milho, e que se inclinava levemente para o sudoeste e precisava de uma boa pintura. As construções ficavam num bosque de carvalhos, sabugueiros e choupos, cercado por um pasto rochoso.

A entrada de veículos atravessava uma vala com um fio d'água ao fundo, com uma placa que dizia Quinze hectares de Deus e, embaixo, Proibida a entrada. Quando Virgil parou diante da casa, um rapaz saiu à varanda com uma espingarda na mão.

– Ah, cara! – disse Virgil. Estava longe o suficiente para enfiar a mão embaixo do banco, pegar a pistola, colocá-la no banco do carona e passar despercebido. Assim que parou o carro, segurou a arma como se pegasse uma caneta ou um caderno e enfiou-a no bolso do paletó.

Quando desceu do veículo, o sujeito com a espingarda gritou:

– Quem é você?

– Virgil Flowers, Departamento de Detenção Criminal de Minnesota. Preciso falar com o pastor Feur.

– Marcou hora? – perguntou o sujeito, que não tinha mais de 25 anos.

– Não.

– Então pode voltar outra hora. Ele está muito ocupado.

– Prefiro conversar agora. Se tiver que marcar hora, volto com um mandado de busca, cinco policiais e viro isto aqui pelo avesso.

– Você não tem motivo. – Ele continuava a apontar a espingarda para Virgil. O

sujeito não movera a arma em nenhuma direção: permanecia no mesmo lugar.

– Você acha que o juiz do condado de Stark ligaria para isso?

O homem o encarou por um segundo, como se refletisse sobre as inclinações políticas de cada juiz que conhecia, e então disse:

– Espere aqui.



Da estrada o detalhe não era perceptível, mas a casa de Feur e as construções ao redor estavam numa encosta que seguia para o leste, mas tornava-se plana do outro lado da estrada, em direção ao oeste. Ao norte e ao sul era possível enxergar o horizonte. Sem dúvida, a trilha de poeira levantada pelo carro de Virgil foi logo percebida assim que ele saiu do asfalto para o cascalho, a oito quilômetros dali.

Ao olhar em volta, Virgil notou as marcas de pneus no pátio de terra e no gramado adiante. Ele se lembrou dos estacionamentos das feiras rurais. Será que dezenas de carros e picapes estacionaram por ali? Seria um culto? A oficina à esquerda era um barracão de aço da época da Guerra da Coreia. Suportaria o tiro de uma pistola, mas talvez não fosse páreo para uma bala de fuzil.

Uma escultura de Jesus Cristo, esculpida com uma motosserra num toco de madeira por alguém extremamente habilidoso, espiava Virgil do outro lado do pátio, com um dos braços erguido, como se abençoasse o empreendimento de Feur.



O homem da arma, agora desarmado, saiu à varanda.

– Venha – ordenou ele.

– Obrigado. – Virgil agradeceu com a cabeça, subiu os três degraus até a varanda e disse: – Você na frente. – Depois, acompanhou-o casa adentro.

Feur estava sentado numa cadeira de balanço no canto da sala, fumando e bebendo o que parecia chá numa xícara de porcelana. Era um homem pequeno, de olhos pretos, barba preta e nariz cinzelado queimado de sol. Vestia-se todo de preto e usava botas pretas brilhantes. Num filme, ele faria o papel do diabo. Havia dois quadros na parede, ambos com a imagem de Jesus de cabelos e olhos pretos, um deles na cruz.

– Sr. Flower? – disse Feur. – Tem alguma identificação?

Virgil confirmou com a cabeça, pegou o distintivo no bolso do peito e o estendeu na direção do homem. Feur olhou-o sem tocá-lo e disse:

– Flowers. – Gesticulou na direção do sofá. – Sente-se. Você não seria parente de Rusty Flowers, seria?

– Não. Nunca ouvi falar. – Virgil sentou-se.

– Nem sei se é um nome de verdade – comentou Feur. Ele era mais novo do

que Virgil esperava, provavelmente da mesma idade que Stryker, 30 e poucos anos, mas à primeira vista o rosto enrugado o envelhecia uns 10 anos. – Certa vez eu estava numa ponte em Dubuque, Iowa, e vi um rebocador chamado *Rusty Flowers*. Até hoje me pergunto se era o nome de um homem ou algo inventado.

Compartilharam alguns segundos de silêncio e então Feur perguntou:

– O que você quer?

– Provavelmente o senhor ouviu dizer que Bill Judd morreu queimado – disse Virgil.

– Foi o que ouvi. – Feur suspirou, soprou a fumaça e apagou o cigarro num cinzeiro de alumínio. – Ele era um homem mau, mas no fim da vida estava indo em direção ao Senhor. Contudo era tarde demais. Ele aceitou Jesus na última vez em que o vi. Ele não queria dar esse passo. Suspeito que o incêndio na casa do Sr. Judd foi apenas uma amostra das chamas que ele está experimentando neste exato momento.

– Não sei.

– Eu *sei* – disse Feur, os olhos pretos brilhando numa expressão que poderia ser interpretada como deboche. – Mas o que a morte do Sr. Judd tem a ver comigo?

– Eu esperava uma Revelação.

– Acha que eu poderia lhe dar?

– Se quisesse. Dizem que o senhor a distribui pelas ruas.

– Um *livro* da Revelação ou do Apocalipse! Claro! – Ele olhou para trás de Virgil, onde estava o homem da espingarda, e disse: – Trevor, poderia pegar um livro para o Sr. Flowers? – E dirigiu-se a Virgil: – Fico feliz em ver um homem da lei lendo o bom livro.



Enquanto esperavam Trevor, Virgil perguntou num tom casual:

– Por que a espingarda?

– Há pessoas que não gostam do que temos a dizer. Algumas gostariam de me ver morto. Estamos preparados para exercer nosso direito de legítima defesa.

– Soube que você teve problemas com Jim Stryker.

– Tivemos nossas diferenças. Ele me colocou na cadeia por roubo e não digo que eu era inocente. Mas vou lhe dizer uma coisa: ele é um homem com muito ódio e violência no coração. Você não vê, mas esses sentimentos estão lá. Se não fosse a morte dos Gleason, se tudo se resumisse ao Judd, eu diria que Stryker era o suspeito número um. Pode até ser ele, mas não o vejo matando os Gleason. Não sei por que seria ele.



Trevor voltou à sala e entregou a Feur um livro de capa vermelha. O pastor olhou-o e perguntou em voz alta:

– Quem é digno de abrir o livro e romper os selos?

Em seguida entregou o livro a Virgil, que perguntou:

– Quantos desses o senhor distribuiu?

– Algumas centenas, acho. Publicamos outros livros também. Ahamos que a Bíblia é mais fácil de ser compreendida se for absorvida aos poucos. Mas o senhor não veio aqui para ganhar um livro, Sr. Flowers. O que deseja?

– Na verdade, o livro – respondeu Virgil, virando-o nas mãos. Era idêntico ao que tinha visto na casa dos Gleason. – Vim para cá investigar o assassinato dos Gleason, e não o de Judd, mas agora estou trabalhando nos dois. E encontrei apenas uma ligação entre os dois crimes.

As sobranceiras de Feur se elevaram.

– Vai me dizer qual é?

– Sim. O senhor.

– Eu? – Os olhos de Feur se estreitaram. – Está falando sério?

– Sabemos que o senhor andou falando com Judd. O senhor mesmo me disse isso. Quando fui à casa dos Gleason, o que foi que descobri à direita da Sra. Gleason, senão um exemplar do seu Apocalipse? Portanto, o que preciso saber é qual era sua ligação com Russell e Anna Gleason. E com Judd.

Feur se recostou na poltrona e abriu as mãos, que eram pequenas e quase femininas, porém ásperas e calejadas.

– De vez em quando conversava com o Sr. Judd. Ele compartilhava algumas ideias conosco, mas não todas. Esperávamos trazê-lo para o Deus verdadeiro e, sendo bem honesto, tínhamos a esperança de alguma ajuda financeira. Mas até a morte dele isso não aconteceu. O filho do Sr. Judd, pelo que sei, é tão inútil quanto tetas num javali. Portanto, essa é minha ligação com o Sr. Judd. Quanto aos Gleason, não me lembro de ter me encontrado com eles ou estado na presença deles. Não faço ideia de como conseguiram um exemplar do Apocalipse. A não ser que o xerife tenha posto lá. Ele não gosta de mim. Não gosta de nenhum de nós. Ele é político até o fio de cabelo, e políticos não querem mais saber a verdade.

– É, bem... – Virgil espiou-o durante um segundo, depois se virou para o outro homem e disse: – Trevor. Pegue uma Bíblia para nós, por favor.

O homem olhou para Feur, que assentiu. Em seguida entrou no que devia ser a sala de jantar e voltou logo com uma Bíblia encadernada em couro. Virgil entregou-a a Feur e disse:

– Ponha a mão em cima e jure que não tem nada a ver com a morte de Judd ou dos Gleason.

– Você está muito perto de me irritar, Sr. Flowers!

– Por quê?

– Porque não me parece ser um fiel, e esse é um modo cínico de me enrolar.

– O senhor está enganado. Eu sou religioso. Não do seu tipo, mas sou. Agora,

se o senhor não quer pôr a mão sobre a Bíblia...

Feur pegou a Bíblia com as mãos pequenas e disse, com os olhos virados para o céu:

– Juro por este livro e por minha alma eterna que não tive nada a ver com o assassinato de Bill Judd ou com o dos Gleason. Juro que não estou fazendo jogos de palavras, que não há prevaricações, que não cometi esses assassinatos, essas mortes, e não fiz nada para que fossem cometidos. – Ele olhou para Virgil. – Amém!

– Amém – retrucou Virgil. Em seguida se levantou da poltrona. – Acho que vou indo.

– É só isso?

– Talvez. Ainda quero saber de onde veio o Livro do Apocalipse. Quando descobrir, talvez volte.

– E será julgado segundo suas obras.

– Apocalipse 20:12 – disse Virgil.

Feur inclinou a cabeça.

– Você é um “renascido”?

– Sou filho de pastor. Conversávamos sobre a Bíblia todas as noites até eu entrar na faculdade, Sr. Feur. Não é possível ter esse tipo de formação na cadeia de Stillwater.

– Talvez não. Mas eu sempre tive uma Bíblia na minha cela. A edição do rei Jaime. Quando estava trancado, eu tinha aquele livro para ler. E lia 20 horas por dia. Quando não estava trancado, eu lia durante quatro horas por noite, todas as noites, ao longo de três anos e meio, em meio a sodomitas, catamitas e molestadores de crianças. O senhor não teve esse tipo de formação.

Virgil sentou-se de novo.

– O Apocalipse é seu livro favorito?

– É... – Os olhos de Feur brilhavam à luz que entrava pela janela. – É a coisa mais poderosa que já li. *Foi* uma verdadeira revelação.

– Na minha opinião, Jó é o livro-chave da Bíblia – disse Virgil. – A questão de por que Deus permite que o mal exista.

Feur inclinou-se, atento às palavras de Virgil.

– Jó fala do mundo como ele é. O Apocalipse nos diz o que virá. Não sou deste mundo, Sr. Flowers. Não totalmente. Parte deste mundo foi arrancada de mim a fogo.

– Todos nós somos deste mundo, pastor. O senhor não é diferente.

Feur sorriu para ele, balançou a cabeça uma vez e disse a Trevor:

– Leve o Sr. Flowers à porta. E dê-lhe um dos nossos livrinhos sobre os crioulos.

No caminho de volta à cidade, o celular de Virgil tocou. Ele olhou para o relógio do painel: duas horas e um minuto. Era Williamson, do jornal. Abriu o telefone e disse:

– Sim?

– É o Todd Williamson. E aí, tem a matéria para me dar?

– Lembre-se: nada de me citar como fonte! Bem, corra atrás de uma tal de Margaret Laymon ou a filha, Jessica. Soube que ela é filha bastarda do velho Bill Judd.

Depois de um breve silêncio, Williamson disse:

– Caramba! Pelo jeito o arame é farpado mesmo! – Dita por um local, Virgil achou que aquela era uma expressão típica da pradaria.

QUANDO TERMINOU DE FALAR COM Williamson, Virgil pegou o número do celular de Stryker, pensou um momento e ligou. O xerife atendeu em cinco segundos. Pelo ruído ao fundo, ele estava dirigindo.

– Conversou com as Laymon? – perguntou Virgil.

– Conversei. O negócio é sexo e dinheiro nas planícies baixas. Estão dizendo a verdade. Falaram com um advogado em Worthington e vão entrar com uma petição, pedindo uma parte dos bens de Bill Judd. Margaret diz que Jessica topa fazer o exame de DNA.

– Onde você está?

– Voltando ao escritório.

– Com o coração na boca?

– Eu gostaria de não ter lhe contado isso – disse Stryker. – Você vai espalhar pela cidade. Por outro lado, tenho Joan para tomar conta de você.

– Escuta. Acabei de falar com o Feur. Ele não me disse grandes coisas. Mas me conte como você encontrou as Laymon. E me dê o telefone delas.



A disposição de George Feur para jurar sobre a Bíblia impressionou Virgil. O pastor fedia a fanatismo, e os fanáticos, não importa o que se diga sobre eles, dão muita importância à Palavra. Mas, curiosamente, ele negou que conhecia os Gleason. Poderia ser mentira.

No passado, a cidade de Roche contava com um bar e uma mistura de mercearia com posto de gasolina. Agora, o pequeno município tinha dois velhos prédios comerciais vazios que ninguém se interessava em comprar e que estavam afundando aos poucos, e uma dúzia de casas, algumas bem cuidadas e outras não: canteiros de flores aqui, gramados sem corte ali, árvores frutíferas e velhas cercas de arame, balanços enferrujados e uma casa na árvore nova em folha, um galinheiro desmoronado, equipamentos agrícolas abandonados desde o começo do século XX. Tudo reunido às margens do Billie Coulee, um riacho sazonal que corria até o rio Stark.

Um cachorro branco com orelhas caídas estava sentado no meio da rua quando Virgil chegou, 20 minutos depois de falar com Stryker. O cão farejou a frente do carro, percebeu que não era de nenhum morador da cidade e foi rebolando até a calçada, mas de olho em Virgil.

As Laymon moravam do lado esquerdo da principal rua de Roche, numa casa de madeira branca de dois andares com um telhado escuro e sombrio e uma chaminé de tijolos numa das extremidades. Havia uma varanda estreita na

frente, com o corrimão pintado de branco. Vasos de barro laranja com gerânios ficavam espalhados pelo corrimão e alteias cresciam perto da escada. Um enorme choupou erguia-se atrás da casa, acima de duas macieiras menores.

Um pátio lateral era ocupado por uma horta bem organizada, cultivada e semeada. As folhas de milho estavam com as bordas marrons, os fios também, o que significava que as espigas estavam prontas para ser comidas. Quatro fileiras de pés de batata se erguiam a intervalos de 30 centímetros e ramos de pepino e abóbora espalhavam-se ao redor do milho. E tudo era cercado por cravos-de-defunto que, Virgil pensava, tinham o objetivo de espantar algum tipo de praga.

Os pais de Virgil também faziam a mesma coisa: cercavam a horta da família com cravos-de-defunto.

Ele parou e saiu do carro. O cachorro branco latiu para ele uma vez e então abanou o rabo, hesitante. Virgil riu para o animal: era um cão de guarda, mas estava muito animado para ser feroz. Na casa, uma loura saiu para a varanda. Vestia-se formalmente: calça preta e blusa branca. Perguntou a ele:

– O senhor é o Sr. Flowers?



Mãe e filha não eram parecidas. Margaret, a mulher que o recebeu na varanda, tinha 50 e poucos anos e usava uma roupa típica de loja de departamentos. Tinha um metro e sessenta, era meio pesadona, com cabelos curtos, óculos com aros de resina e o rosto enrugado de uma mulher que ficou muito tempo ao ar livre. Havia sido muito bonita. Ainda era, considerando a idade.

A filha era praticamente o oposto: cabelo escuro comprido, olhos quase pretos, magra, com maçãs do rosto salientes e queixo quadrado. Usava jeans, botas de caubói e uma camiseta branca. Tinha piercings e brincos de prata no formato de lua crescente nas orelhas. Estava esperando os dois na sala, parada perto de um velho piano de armário. Havia uma guitarra encostada junto dele, ligada a um amplificador. Os parapeitos das janelas eram cobertos de vasos com violetas-africanas.

Virgil parou um momento na sala, piscando os olhos, e Jessica perguntou:

– Uhhuuu! Então você gosta de rock?

– Gosto – respondeu, reconhecendo-a. Ela estava na casa do velho Bill Judd na noite do incêndio. Na ocasião segurava uma lata de cerveja.

– Ele parece um surfista, não é? – disse Jessica para a mãe.

– Ele é policial! – A mãe foi seca. – Você deveria se lembrar disso!

– Policiais também precisam trepar! – retrucou Jessica, despencando num sofá gasto e sorrindo para Virgil. – Senão, de onde sairiam aqueles idiotas que vão às corridas de carros-monstros?

– Jessica! – reagiu a mãe.

– Obrigado – agradeceu Virgil. A filha provocou a mãe com um palavrão e ela, por sua vez, fingiu estar chocada. Parecia um velho jogo de cena entre mãe e filha. – Se eu tiver um “idiotinha”, vou dar o nome de Jessica a ele.

– Quer uma Pepsi? – perguntou ela, sorrindo.

– Não, obrigado. Só quero conversar.

– Tudo bem. O cara do jornal acabou de ligar e todo mundo, de Fairmont a Sioux Falls, vai ficar sabendo amanhã de manhã.



A mãe de Jessica estava no trabalho quando a mansão de Judd pegou fogo e não fazia ideia de onde estava quando os Gleason foram mortos. Jessica seguiu para um bar em Bluestem, viu o incêndio na montanha e os carros indo em direção ao morro.

– Satisfeito? – perguntou ela.

– Se você ainda não estava no bar, onde conseguiu aquela cerveja? A que segurava perto do incêndio?

Ela inclinou a cabeça na direção da cozinha.

– Na geladeira.

– Então você só foi olhar o fogo?

– Claro! O que você acha? Já morou numa cidade pequena?

– Já e sei o que você quer dizer.



– Essas pessoas que foram mortas, os Gleason e o Judd, eram da mesma idade e tinham uma relação amistosa – disse Virgil, virando-se para Margaret. – Estou pensando se aconteceu alguma coisa no passado que só agora está vindo à tona. Algo que deixou alguém furioso há 30, 40 anos e que resultou nesses crimes.

Jessica olhou para a mãe e Margaret deu de ombros.

– Eu tive um caso ardente com Bill Judd, mas o único resultado foi essa garota... – A mulher se virou na direção de Jessica. – Ela é a coisa mais importante da minha vida! Até os 18 anos dela, todos os meses Bill mandava um cheque para as despesas. Quanto a isso, não tenho do que reclamar.

– Nenhuma objeção pelo fato de ele não ter se casado com você?

– Ele nunca pediu... o que seria educado da parte dele. Mas eu também não aceitaria. Ele até que era divertido, porém era 25 anos mais velho do que eu e não valia grande coisa. Na realidade, era um sujeito violento, do tipo que bate em mulher.

– Você o namorou por quanto tempo?

– Cerca de um ano, mas eu não era a única. Bill trepava com qualquer mulher que passasse pela frente dele. – Ela sorriu, inclinou a cabeça e perguntou: – Ah, e você falou com a cunhada dele? Ela poderia contar sobre aqueles tempos.

- Não sabia que ele tinha uma cunhada. Qual é o nome dela?
- Betsy Carlson. É irmã da mulher dele. Está numa clínica de repouso em Sioux Falls há, meu Deus, uns 25, 30 anos. Acho que era o Bill quem pagava.
- Você meio que associou “trepar” à “cunhada” dele. Eles tinham um caso?
- Tinham – respondeu ela à queima-roupa.
- Antes de a mulher dele morrer ou depois?
- Se quer minha opinião, antes de ele se casar com a mulher, durante e depois.
- Como a mulher dele morreu?
- Ataque cardíaco. Aos 32 anos de idade.
- Tem certeza de que foi ataque cardíaco? Você disse que ele era do tipo que batia em mulher.
- Isso foi antes do girassol-batateiro e antes de ele ser odiado por todo mundo. A fama de Bill ainda não era tão ruim assim. O laudo apontou infarto do miocárdio, então acho que foi isso mesmo.
- Humm – disse Virgil, pensando: “Russell Gleason era o legista.”



Virou-se de novo para Jessica.

- Com que idade você soube que Bill Judd era seu pai?
- A ponta da língua dela saiu da boca e tocou rapidamente o lábio superior.
- Humm, foi no dia do incêndio que eu tive certeza. Mamãe sentou-se comigo e contou. Mas eu já desconfiava por causa de algumas coisas que ela tinha falado. Sabia que era alguém daqui. Mamãe falava sobre ter responsabilidade sempre que eu fazia uma besteira, e o nome de Bill Judd apareceu algumas vezes. E eu me pareço um pouco com a família dele.
- Então você já desconfiava há um tempo?
- É, mas não ligava muito. Todo mundo dizia que ele era um canalha, e ele parecia um canalha, e o filho dele também era. Então por que eu ligaria? Nem dei muita bola quando ele morreu, mas mamãe disse que não era bem assim...
- “Não era bem assim” significa receber parte da herança?
- Foi o que acabou pintando – respondeu Jessica, sorrindo.
- Vocês conhecem o George Feur?
- Sei quem ele é, mas nunca fomos apresentados – disse Jessica.
- Margaret balançou a cabeça.
- Diga – pediu Virgil a Margaret. – Como era na época, quando Judd andava por aí? Há vários boatos...



Judd dormiu com milhares de mulheres da região, disse Margaret. “Milhares” era força de expressão, já que ninguém sabia quantas foram de verdade. O certo é que foram muitas.

– Ele gostava de fazer a três, quando encontrava garotas dispostas. Pelo que sei, ele gostava de transar com uma e depois olhar as duas se pegando, e então troçava a outra. E ia trocando, trocando...

– Mamãe! – disse Jessica, talvez chocada de verdade.

Margaret deu de ombros.

– Era assim, querida! Eu nunca gostei desse negócio de “grupal”. Comigo era no mano a mano! Mas sabe como é: vai que uma noite eu tenha bebido demais e participado de uma coisa dessas! A gente estava no auge do sexo-drogas-rock and roll. Época dos Beatles, da guerra, da maconha. – Ela apontou para a camiseta dos Rolling Stones que Virgil usava. – Nós, os velhos, *vivemos* essa camiseta.

– Havia algum outro homem envolvido?

– Não que eu me lembre. Mas isso é importante?

– Alguém teve de arrastar o velho Judd até o porão para matá-lo – disse Virgil. Suas pálpebras se estreitaram e ele examinou a reação de Jessica. – É mais provável que tenha sido um homem. Mas uma mulher forte também conseguiria.

Margaret disse à filha:

– Está vendo? Parece surfista, mas pensa como policial.

– Você sabe sobre mais alguma mulher da área?

– Uma era a Betsy Carlson. Conheço mais duas, mas... acho que só vou falar de uma. Michelle Garber, que mora em Worthington. O nome está na lista telefônica.

Virgil anotou no caderno.

– Por que não vai dizer quem é a outra?

– Porque ela tem um casamento feliz e eu não quero estragar.

– E se o marido dela descobriu e ele é o assassino?

– Não é – respondeu Margaret numa voz tranquila. – Tenho certeza de que ele não sabe. E não vou dizer quem é!

A boca de Jessica ficou aberta por um tempo, e então ela disse à mãe:

– Você está brincando!

– Você sabe quem é? – Virgil perguntou a Jessica.

– Acabei de descobrir!

– Boca fechada! – gritou Margaret.

– Se por acaso for esse homem, vou fazer de tudo para colocar vocês duas na cadeia – alertou Virgil. Sua voz foi ficando suave e Jessica recostou-se no sofá. – Vocês precisam entender isso.

– Não é ele – disse Margaret.

Jessica balançou a cabeça, concordando:

– Não é mesmo.

Quando Margaret disse que foram milhares de mulheres da região, Virgil pensou: *E mulheres que não eram da região?*

– Havia profissionais de Minneapolis – disse Margaret. – Pelo menos, era o boato. Parece que uma das mulheres daqui pegou uma doença que a gente não pegaria aqui. Acho que a culpada foi uma profissional que ele arrumou numa boate de striptease em Minneapolis.

Virgil pensou: *Ela precisou de um médico, como Gleason.*

– Foi essa tal de Garber que pegou a doença? – Ele olhou o caderno de novo. – Michelle Garber?

– Não, não. Não sei quem foi, se é que foi alguém. Era só um boato. Mas a Michelle pode saber. Ela passou mais tempo com o Bill do que eu e era bem mais desajuizada. Ela poderia lhe dar mais nomes.

Virgil bateu com o caderninho no queixo, encarando Margaret, e disse:

– Parece que Judd estava fora de controle.

– Se você precisasse de uma frase para a lápide de Bill Judd, “Fora de controle” seria perfeita. Para ele o dinheiro, as terras, o poder e as mulheres nunca bastavam. Queria sempre mais! Era um animal!

– Esse era meu pai – suspirou Jessica, pensativa.

– Bom, uma coisa pode se dizer dos animais – observou Margaret. – Ele conseguia me deixar louca, excitada! Pelo menos por um tempo.



Quando terminaram a conversa, Margaret pediu licença e disse que precisava ir ao banheiro. Jessica levou Virgil à porta, os dois olharam o cachorro na rua e ela comentou:

– Esse aí é o Justo. – Então encostou a mão no peito de Virgil, na velha camisa dos Stones, e perguntou: – Você gosta mesmo de música?

– Gosto. Além disso, danço muito bem.

– Do que você gosta?

– Coisas antigas, coisas novas. Tipo alternativas. Gostava de rap, mas ficou comercial demais.

– Música é a única coisa que mexe comigo, além do sexo. – Deu um assobio agudo e Justo se levantou e veio na direção dos dois. – Queria que o Jim Stryker gostasse desse tipo de coisa. Ele me quer tanto que chega a suar toda vez que a gente conversa. Mas ele é... tão *careta*! Só escuta country antigo, entre outras velharias.

– O Jim é um cara legal. Você é que não o conhece direito. – Virgil abriu um pequeno sorriso. – Você talvez vá estar ocupada durante os primeiros 10 anos para pensar muito sobre música.

– Hmm. – O cachorro veio e sentou-se no degrau da varanda. Jessica coçou a cabeça dele. – Vou dar uma chance ao Jim. Ou não, agora que sou rica.

– Você ainda não é rica, minha querida. Mesmo que fique rica, vai demorar um tempo para colocar a mão na grana. E pode preencher esse tempo com o Jim. Talvez descubra alguma coisa boa.

– Mas já conheço uma coisa ruim.

– É?

– Há uns cinco ou seis anos, antes de ser xerife, ele era policial. Houve uma confusão num bar e ele foi lá colocar ordem. Um dos caras que estavam brigando deu um empurrão nele, um soquinho talvez, e o Jim quase matou o sujeito de pancada! Algemoou, arrastou até a viatura, bateu com a cabeça dele no chão, no carro. Pegou muito pesado.

– Duas coisas – disse Virgil, sério. – Policiais odeiam apanhar, principalmente de uma multidão de bêbados. Se você não agir depressa, pode ser esmagado. Se levar um soco, a primeira coisa a fazer é derrubar o cara, colocá-lo no chão, botar a mão na arma e olhar o rosto do pessoal como se estivesse procurando alguém em quem atirar. Na mesma hora todo mundo baixa a cabeça e fica sóbrio.

– Mesmo assim. E qual é a segunda coisa? Você disse que eram duas.

– Talvez ele quisesse se mostrar para alguém. Alguns caras acham que pegar pesado impressiona as mulheres.

Ela concordou.

– Já vi isso. Só não pensava que aconteceria com o Jim. – Pensou um segundo e disse: – Mas sabe que aquilo me deixou com tesão?



Virgil ligou para o escritório de Judd Jr. enquanto voltava para a I-90, e a mulher que atendeu disse que Judd estava saindo pela porta e que tentaria pegá-lo. Judd atendeu no minuto seguinte.

– O que é?

– Você tem uma tia numa clínica de repouso em Sioux Falls. Como estou indo naquela direção, pensei em dar um pulo para vê-la. Pode me dizer qual é o nome da clínica?

– Por que você quer vê-la?

– Bom, nós tivemos três assassinatos. Os três mortos eram idosos e estou começando a achar que o motivo está lá atrás, no passado. Por isso estou falando com pessoas que conheciam seu pai e os Gleason na época.

Judd ficou mudo por uns segundos e depois disse de má vontade:

– Você está certo. É a clínica de repouso Grunewald. Fica ao norte de Sioux Falls, ao norte da I-90.

Virgil decorou as instruções e, ao desligar, concluiu que o interesse de Jessica Laymon pela herança do velho Judd não tinha chegado aos ouvidos de Judd Jr. Ele estava calmo demais. Imaginou se Williamson, na pressa de publicar um

furo, não jogaria tudo para cima dele como ovo podre. Ele o deixaria sem saber de nada até alguém abrir o jornal e dizer: “Mas o Bill fez isso?”



A clínica de repouso Grunewald ocupava uma de duas montanhas quase idênticas dois quilômetros ao norte da I-90, 15 quilômetros ao oeste da divisa de Minnesota e com uma estrada atravessando o vale entre as duas elevações. As duas montanhas tinham uma bela cobertura de árvores com amplos gramados entre elas. A da direita hospedava a clínica Grunewald, um enorme caixote de tijolos com três andares e acabamento branco. A da esquerda abrigava fileiras simétricas de placas brancas: um cemitério.

Legal, pensou Virgil. Os moradores da Grunewald olhavam diariamente pela janela e vislumbravam seu futuro. Virgil estacionou numa vaga para visitantes na frente da casa.

A clínica Grunewald mais parecia um hospital ou hotel, com um balcão de recepção e um saguão repleto de poltronas confortáveis. Havia uma pequena lanchonete ao lado do balcão, onde era possível comprar doces, refrigerantes, revistas femininas e sorvete. Uma negra alta, com um vestido afro, estava atrás do balcão.

Ela cumprimentou Virgil, que mostrou o distintivo e pediu para ver Betsy Carlson. As sobranceiras da mulher ergueram-se e ela disse:

– Betsy não recebe muitas visitas. O senhor tem de falar com o Dr. Burke.

O médico era um homem careca e ocupado que ficava numa sala no fim do corredor. Ouvia a história de Virgil, deu de ombros e disse:

– Claro. Pode ir.

– Como ela está?

– Ela está... digamos... prejudicada. É difícil saber o motivo. Pode ser genética, distúrbio mental ou reação a alguma droga. Não podemos descartar contaminação ambiental, já que ela foi criada numa fazenda. Havia muitos produtos químicos na época em que nasceu. As pessoas usavam agrotóxico como se fosse água. Portanto, é difícil saber. Ela não é maluca, mas simplesmente fica alheia ao que se passa em volta. As lembranças são confusas. Nunca foi muito ativa, de modo que as pernas não funcionam bem.

Depois disso Burke chamou a mulher da recepção, pediu que arranjasse alguém para acompanhar Virgil, deu um sorriso e desejou boa sorte.

A acompanhante dele era uma enfermeira de meia-idade, mas ainda com bochechas coradas, que carregava um saco plástico com alguma coisa que Virgil não quis saber o que era. Passaram por uma porta dupla trancada e ele perguntou:

– Todo mundo fica preso?

– Não. Essa ala é reservada para pacientes com Alzheimer, porque eles

costumam ficar perambulando, e os mais novos podem ser agressivos. Mas aquela porta – ela apontou para trás, na direção da porta pela qual tinham passado – só tem tranca de um lado, para evitar que as pessoas entrem. Há alguns anos, quando nem pensávamos em fechaduras, um homem muito educado vinha nos visitar a cada dois dias. Descobrimos que ele estava molestando algumas moradoras.

– Sujeito educado.

– Quando suspeitamos de que alguma coisa estava acontecendo, instalamos câmeras de vídeo e o pegamos. – Ela deu um sorriso amável para Virgil. – Dois dos nossos enfermeiros para pacientes com Alzheimer acompanharam o homem até o saguão, para que a polícia pudesse prendê-lo. No caminho ele resistiu, tentou brigar e foi espancado até chegar lá fora. Esse nunca mais volta, nem quando sair da cadeia!

– Odeio quando eles resistem – comentou Virgil.

– Eles têm cada ideia! – retrucou a acompanhante.



A enfermeira avistou Betsy Carlson numa cadeira virada para um aparelho de TV que mostrava um homem cortando cebolas e repolho com as facas mais afiadas do mundo, com a garantia de nunca ficarem cegas.

– Ali está ela – disse a enfermeira. Em seguida pôs a mão no braço de Virgil e disse: – Ela pode ser meio difícil, então é melhor ir com calma. Se pressionar muito, ela fica teimosa.

– O Dr. Burke disse que a memória dela está ruim.

– É, mas as lembranças antigas geralmente são melhores. Ela não sabe que dia é hoje, mas é capaz de dizer o que estava fazendo em 1962. E fala pelos cotovelos. Outra coisa é que às vezes ela tem... ela tem... alucinações. Vê insetos na comida, por exemplo.

– E não tem insetos?

– *Por favor!* E não apenas insetos. Ela vê pessoas. Vê rostos nos nós da madeira. A gente morre de medo de que um dia ela veja Nossa Senhora numa mancha de ferrugem e apareçam 10 mil fiéis na nossa porta. – A mulher fez uma pausa e disse: – Ela vai ficar feliz em vê-lo, mas vai esquecer seu nome e ficar perguntando o tempo todo.



Betsy Carlson estava acomodada na poltrona com uma manta nas pernas. Era uma lembrança distante de uma mulher bonita, com malares altos, rosto oval elegante e o que devia ter sido uma pele macia e delicada, agora riscada por milhares de rugas minúsculas. Tinha cabelo curto e os olhos castanhos eram vítreos e serenos. Deu um sorriso pensativo quando Virgil se aproximou.

– Betsy, você tem visita – disse a enfermeira.

Ela olhou Virgil por um instante, sem entender nada, franziu a testa e perguntou:

– Quem é você?

– Virgil Flowers. Sou policial de Minnesota.

– Eu não fiz nada – disse ela. – Estava aqui.

– Nós sabemos – respondeu ele. A enfermeira fez um gesto com a cabeça e se afastou. – Preciso falar com a senhora sobre Bluestem e algumas coisas que aconteciam lá.

– Bluestem. Fundada em 1886 pela Ferrovia Chicago and Northwestern. Meu bisavô foi um dos primeiros moradores. Amos Carlson. O pai dele lutou contra os índios no Grande Levante. Meu pai tinha 260 hectares no município de Stafford, a melhor terra do condado de Stark. Morreu num acidente de automóvel durante uma nevasca na Rodovia Estadual 16. O crânio foi esmagado. Eu nasci no dia seguinte. Minha mãe sempre dizia que eu era uma criança especial, uma dádiva de Deus. Houve uma morte na família e em seguida uma vida nova, tudo ao mesmo tempo. Como é mesmo seu nome, meu filho?

Virgil se apresentou de novo e então começou a desencavar as lembranças de Bluestem, de Bill Judd e da irmã dela, dos dias seguintes ao ataque cardíaco da irmã.

Ela se lembrava direitinho daquele dia.

– Minha irmã bebia demais e depois brigava com o Bill. Dava para ouvir os dois gritando pela casa. Em geral por causa de dinheiro: ele tinha muito, mas odiava gastar um centavo. No dia em que teve o ataque, ela estava bebendo, porém não tinha brigado com ele. Começou a se sentir mal de manhã e achou que talvez tivesse bebido demais na noite anterior. De qualquer modo, ela decidiu mudar uns móveis de lugar na sala e nós estávamos arrastando os sofás para um lado e as poltronas para outro, empurrando o velho piano, e estávamos quase acabando quando ela gritou “Deus todo-poderoso” e caiu para trás. Perguntei o que estava acontecendo e ela respondeu: “Está doendo demais, Betsy, doendo demais. Vá chamar o médico, vá chamar o médico!” Então corri para chamar o médico.

– O Dr. Gleason?

Os olhos dela piscaram um pouco e ela pareceu confusa, respondendo:

– Acho que não era o Dr. Gleason. Se não me engano, não nos consultávamos com o Dr. Gleason naquela época. Só mais tarde.

– A senhora se lembra do médico?

– Lembrava. Mas você falou do Gleason e isso me distraiu... eu, é... não consigo lembrar.

Ela se lembrava das pessoas que espalhavam esterco pelas plantações e das coisas engraçadas que aconteciam com elas. Recordava-se do surgimento do

tomate enlatado e de como as coisas mudaram quando as geladeiras invadiram as cozinhas. Lembrava-se de tocar piano com a irmã e do casamento dela com Bill Judd.

– Igreja Luterana de Cristo. Eu fui dama de honra. Todas as damas usavam amarelo e carregavam buquês de rosas amarelas. Mas o Bill Judd era um homem mau. Era mau desde garoto. Costumava roubar e mentia sobre isso, colocando a culpa nas outras crianças. Sabe o que ele roubava?

– Não – respondeu Virgil.

– Dinheiro. Ele não era como os outros garotos, que podiam roubar um brinquedo, um doce ou coisa parecida. Se ele fosse à sua casa, ficava sempre procurando dinheiro em cima dos móveis. Minha mãe não tirava o olho dele depois que descobriu. Ele era ruim desde pequeno!

Lágrimas escorreram pelo rosto de Betsy, que disse:

– Depois que minha irmã morreu, aí que a coisa desandou. Na época, Bill não se importava com nada. Só que ela colocava um freio nele, e depois que ela morreu tudo piorou.

A velha começou a chorar e uma enfermeira veio na direção deles com uma interrogação no rosto.

– A senhora está bem? – perguntou Virgil.

– Bill fazia coisas ruins, muito ruins! – Os olhos dela ganharam vida. – Os homens não são bons!

– Não quero incomodá-la – disse Virgil. – Mas estou tentando descobrir quem poderia odiar Bill Judd já naquela época. E Russell Gleason...

A enfermeira perguntou:

– Tudo bem?

– Ela está meio perturbada.

– Já passou da hora do repouso dela – observou a enfermeira.

Betsy olhou para Virgil e disse:

– Russell Gleason estava lá para ver a chegada do homem à lua. Foi isso. O homem na lua. Bill fez uma coisa horrível e todos nós sabíamos. Russell também sabia. E o Gerald. O Gerald sabia!

– Quem é Gerald?

Ela começou a soluçar e todo o corpo estremeceu. A enfermeira disse:

– Acho que o senhor deveria parar com isso! Ela não está bem!

– Eu só...

– O senhor está atrapalhando, é isso que está fazendo! – A enfermeira disse à mulher: – Tudo bem, Betsy. O homem vai embora. Está tudo bem. Vamos comer um chocolate e descansar um pouquinho. Vamos comer um chocolate. Aquela marca de que a senhora gosta, a Via Láctea.

– Via Láctea, não – disse Betsy a Virgil, ignorando a enfermeira. – Foi o Homem da Lua. E ele está aqui. O Homem da Lua está aqui. Eu o vi.

Ela começou a soluçar de novo e a enfermeira olhou irritada para Virgil:

– Vá embora!

Ele assentiu e tentou uma última vez:

– Betsy? Você sabe o nome do Homem da Lua?

Ela levantou os olhos e perguntou:

– Quem... quem é você?



Na saída, Virgil perguntou à mulher da recepção se os visitantes eram obrigados a assinar algum livro.

– Por enquanto, não. Devemos adotar isso em breve.

– Você se lembra de alguma visita para Betsy Carlson?

– Acho que sim. Mas não me lembro dos detalhes. Só me recordo de que ela recebeu uma visita, algo que não era comum. Deve ter sido... ah, há anos.

– Estou investigando um assassinato em Bluestem. Um sujeito chamado Bill Judd, cunhado de Betsy. Sabe se era ele quem pagava para ela ficar aqui?

A mulher balançou a cabeça.

– O senhor deveria perguntar isso ao Dr. Burke. Mas, pelo que sei, cá entre nós, Betsy herdou várias propriedades dos pais, que foram postas sob custódia quando ela foi internada. Acho que é só isso que ela tem.

WORTHINGTON FICAVA 50 QUILÔMETROS AO leste de Bluestem, outra interseção na I-90. No caminho, Virgil ligou para o celular de Joan Carson. O aparelho estava fora de área, então ele deixou um recado: “Sou eu, o Virgil. Vou voltar lá pelas seis, espero. Se você quiser beliscar alguma coisa... Queria ver você hoje. Gostei do nosso encontro... bem, avise o que decidir.” *Deveria ter mandado flores*, pensou.

Em Worthington, parou numa lanchonete, pegou o notebook, comprou uma xícara de café, entrou na internet e acessou um mapa. A cidade tinha o dobro do tamanho de Bluestem, mas ainda assim ele demorou apenas um minuto para se orientar e encontrar a Evening Street.

Levou o café até o carro e seguiu para o lado oeste, atravessou a Evening, chutou que deveria dobrar à esquerda, acertou o chute e viu a casa de Michelle Garber, que era pintada de amarelo-claro com persianas verdes nas janelas e tinha duas águas-furtadas na fachada. Uma garagem com teto plano para um único carro foi anexada posteriormente do lado esquerdo da residência, dando-lhe uma aparência torta em relação à casa. Contudo, era melhor parecer torta e resistir a um inverno do Minnesota do que não ter garagem.

Segundo Margaret Laymon, Michelle era divorciada. E, sim, Virgil podia usar o nome de Margaret ao se apresentar.



A casa de Michelle Garber parecia vazia. Virgil bateu à porta, não teve resposta e olhou o relógio. Esperava que ela não tivesse viajado. Havia uma bicicleta na varanda da casa vizinha. Foi até lá e tocou a campainha. Um adolescente sonolento veio à porta, coçando a barriga.

– O quê?

– Oi. Sabe se a Sra. Garber, a vizinha, está? Quero dizer, não tem ninguém em casa, mas sabe se ela está de férias?

– Não. Ela deve estar dando aula. – O garoto se virou, inclinou-se para dentro da casa, aparentemente olhando um relógio, virou-se de volta e disse: – Ela deve aparecer na calçada daqui a uns 10, 20 minutos. Ela só anda a pé.

Virgil voltou ao carro, pegou o computador para ver se achava alguma rede sem fio de internet disponível, mas não teve sucesso. Tirou a bolsa da máquina fotográfica do banco de trás e começou a examinar o manual da Nikon.

Aquilo na verdade era um computador com lente, mas a possibilidade de fazer boas fotos era um ponto positivo para as matérias que escrevia. Um ponto mais

positivo ainda seriam desenhos e pinturas. Ilustrações valiam uma grana nas revistas de caça e pesca. Ele fez um curso de ilustração botânica na faculdade e chegou a pensar em ter aulas de arte em Makato, imaginando que poderia aprender alguma coisa útil. Mesmo que não aprendesse, poderia ver mulheres nuas duas vezes por semana.

O pensamento de Virgil se desviou do manual da Nikon e foi para Joan Carson. Aquilo poderia dar em alguma coisa, mesmo que não durasse muito tempo.

Estava ficando excitado quando viu Michelle Garber virar a esquina. Ela usava calça preta, uma blusa branca de gola e segurava uma bolsa de lona a tiracolo. Com cabelos escuros e curtos e ombros estreitos, não tinha cara de ser uma rainha das orgias.

– Diabos – disse a si mesmo. – Mas que cara uma rainha das orgias tem?



Michelle estava olhando para Virgil enquanto vinha pela rua. Ele pôs a máquina fotográfica no chão do lado do carona e saiu para encontrá-la.

– Sra. Garber? Sou Virgil Flowers, investigador do Departamento de Detenção Criminal de Minnesota. Preciso falar um instante com a senhora.

Ela parou no meio da calçada.

– Sobre o quê?

– Bill Judd. Provavelmente a senhora sabe que ele morreu há dois dias.

– Ouvi dizer.

– Achamos que ele foi assassinado. E por causa de dois outros assassinatos...

– Dos Gleason?

– Isso! Então, por causa deles, estamos começando a achar que a... gênese... dessa situação pode estar no passado de Judd. As vítimas eram pessoas idosas, por isso estamos falando com os velhos amigos de Judd.

Ela o encarou por um instante, os olhos afiados e céticos, e perguntou:

– Quem lhe deu meu nome?

– Margaret Laymon. Ela disse que eu poderia falar em nome dela.

Michelle mostrou um sorriso infeliz e disse:

– Bom. É melhor você entrar. Aceita um café? Só tenho solúvel.

Virgil recusou.

– Acabei de tomar uma xícara enorme. Na verdade, se eu puder usar seu banheiro...



Truque de policial, pensou Virgil de pé no banheiro. Ele não estava tão apertado, mas, quando uma pessoa deixa você usar o banheiro dela, acaba abrindo o bico.



Sentaram-se na sala, com a luz da rua atravessando as cortinas de linho. Virgil ocupou o sofá e Michelle preferiu a poltrona virada para a televisão. Ela olhou-o meio de lado e disse:

– Se você chegou aqui por intermédio de Margaret, acho que sabe que a gente andava com o Bill.

– É verdade. Ela foi bem específica. Mas não estou interessado nesses detalhes. Não quero constranger ninguém. Só preciso saber se aconteceu alguma coisa na época, algo que pudesse vir à tona depois de tanto tempo. Violência, atividade sexual, chantagem, dinheiro, questões de poder... algo que ficou enterrado durante anos e ressuscitou agora. Alguma coisa pesada, que envolvesse Judd e os Gleason.

– Quantos nomes ela lhe deu?

– Só o seu, mas comentou que havia mais um. Não quis falar quem era, pois o casamento dessa pessoa poderia até terminar.

– E você deixou para lá?

– Bom, infelizmente ainda não temos permissão para torturar testemunhas.

Ela assentiu e disse:

– Olha, em geral não tomo café quando volto da escola. Sempre bebo uma taça de vinho. Aceita uma? Sei que está de serviço...

– Dane-se o serviço. Aceito, sim.

A mulher foi à cozinha, remexeu nos armários e retornou com duas taças e uma garrafa de vinho branco pela metade. Tirou a rolha, serviu uma taça para Virgil e pôs o restante na própria taça.

– Só posso pensar numa coisa – disse ela, envolvida no ritual de servir o vinho.

– Bill começou a aprontar na região depois que a mulher morreu. Mas havia boatos de que ele ia a Minneapolis, mesmo quando ela era viva, para comprar sexo.

– Então... qual é a coisa? – Virgil tomou um gole do vinho, ralo a ponto de não ter gosto.

– Aborto.

– Aborto?

– Isso só surgiu... quando?... nos anos 1970? A mulher de Bill deve ter morrido no início da década de 1960. Acho que foi isso. De qualquer maneira, ele não era muito de usar camisinha, ou profilático, como chamávamos na época. Não era muito fácil fazer aborto aqui. Havia histórias de que Russell Gleason ajudava algumas pessoas. Inclusive o Bill.

– Bom, não sei exatamente como isso levaria ao assassinato. Quero dizer, estamos falando da ausência de uma pessoa, no caso uma criança, e não de uma presença. A não ser...

– A não ser que o movimento antiaborto encontrasse alguém que até hoje lamentasse um filho perdido – completou Michelle. – Talvez a mulher tenha sido

pressionada pelo Judd a fazer, de repente o Gleason fez... talvez ela tenha ficado por aí numa fazenda, sem filhos, pensando no aborto.

Virgil se recostou.

– A senhora daria uma ótima policial. É a melhor teoria que ouvi.

– Bom, se é uma coisa tão antiga assim... Se meu pai soubesse quanto eu aprontei, ele teria feito alguma coisa. Pelo menos na época. Mas agora todas nós estamos velhas, as garotas que andavam com o Bill. Nossos pais nem vivos estão para cometer um assassinato. – A mulher tomou um gole grande do vinho, de um modo rápido e sedento que fez Virgil pensar se ela não teria algum problema com o álcool.

– Margaret disse que às vezes havia... encontros em grupo... na casa do Judd – disse Virgil, tomando cuidado com as palavras. *Encontros* era um eufemismo para *suruba*. – Ela comentou que não conhecia as pessoas, porque só se relacionava com o Judd. A senhora poderia me dizer se nesses encontros de grupos havia outros homens além do Judd? Sobretudo rapazes casados? Quero dizer, ele levava casais ou só mulheres sozinhas? Estou pensando se alguém não estaria ressentido até hoje, achando que foi abusado...

Ela olhou Virgil por um momento e disse:

– Se você olha de fora, parece uma coisa obscena. Mas na época era bem excitante e... pervertido, mas de um jeito legal. Eu queria e ao mesmo tempo não queria participar.

– Mas havia outros caras?

– Um cara, pelo menos. Barry Johnson. Ele participava bastante. – Ela tomou outro gole de vinho, quase acabando com a taça. – Era o chefe dos correios de Bluestem. Olhando para ele no trabalho, você nunca iria imaginar. Bill conseguiu o emprego para Barry por meio de um deputado.

– Ele e Judd tinham algum envolvimento homossexual?

– Não, não. Na maioria das vezes eram só duas mulheres e dois homens. A gente ficava lá bebendo, fumando maconha. Mas não passava disso. Às vezes havia três mulheres e nós fazíamos, você sabe, coisas umas com as outras. Os rapazes adoravam olhar, mas entre eles não rolava... não faziam nada gay.

– E Johnson? Por onde ele anda?

Ela empinou a cabeça.

– Eu deveria saber, mas não sei. – Terminou o vinho e disse: – Acho que foi embora em meados dos anos 1980. Bill estava ficando velho e a agitação na casa dele tinha chegado ao fim. Ouvi dizer que o Barry foi para a Califórnia ou para a Flórida. Alguém do correio de Bluestem deve saber. Ela pediu novamente: – O senhor me dá mais um minutinho?

Voltou à cozinha, remexeu nos armários de novo e após alguns segundos de silêncio Virgil escutou um estalo fraco. Logo em seguida ela retornou com outra garrafa de vinho branco e serviu-se de mais uma taça.

– Aqui vai uma pergunta – disse ela. – O que poderia ter acontecido na época... pense na coisa mais horrível... para Barry voltar e matar as pessoas? E outra: Como Barry andaria pela cidade sem ser notado? Muita gente o conhece de vista. Se ele voltasse, todo mundo iria ficar sabendo. A menos que ele fosse invisível!

Virgil confirmou com a cabeça.

– É um belo argumento. Mas a questão é que não sabemos o que aconteceu. E se ele e Judd fizeram uma coisa feia? Se mataram alguém?

– Mas o Bill ia morrer de qualquer jeito! E não ia demorar! Era uma questão de semanas. Por que esperar todo esse tempo e voltar para matá-lo? – Ela balançou a cabeça. – Sabe, isso não me parece ter sido feito para encobrir alguma coisa. Está mais com cara de vingança. E é vingança de alguém que a gente não vê porque todo mundo pode ver. Está entendendo? É um cara comum. Está na nossa frente o tempo todo, por isso ninguém percebe.



Ela deu a Virgil o nome de mais três mulheres que se envolveram com Judd. Duas não moravam mais na região: uma tinha se mudado para St. Paul e a outra para Fargo, no norte. A terceira se chamava Suzanne Reynolds e residia em Bluestem, mas era divorciada e havia ficado muito gorda.

– Não consigo imaginá-la matando alguém. Ela mal consegue andar até a esquina.

– Humm. Deixe-me perguntar uma coisa: já ouviu falar de um tal de Homem da Lua?

Ela ficou intrigada e balançou a cabeça.

– Não. Quem é?

– Não sei. Mas gostaria de saber.

Conversaram por mais alguns minutos e então Virgil disse:

– Acho que está bom por hoje.

Ela tomou uma terceira taça de vinho. Estava meio bêbada e não parecia que ia colocar a garrafa de volta na geladeira.

– Você está trabalhando com o Jim Stryker?

– Estou.

Ela encarou-o por um segundo e disse:

– Uma vez ouvi dizer... há muito tempo... que a mãe dele, Laura, dormia com Bill Judd. E isso depois de casada. Mark Stryker, pai de Jim, era um cara que você enganava com facilidade. E as pessoas faziam isso. Não quero insinuar nada, mas quando Mark se matou os boatos eram de que não foi só pelas terras. Diziam que ele descobriu que a mulher andava dormindo com Bill.

– É verdade?

– Foi o que ouvi dizer. Não sei onde os Gleason se encaixam nisso tudo. De qualquer maneira... – O olhar dela deslizou para a garrafa.

– Obrigado. Você ajudou muito – disse Virgil, levantando-se.
– Se eu pudesse voltar àqueles tempos... – A voz dela ficou no ar.
– Sim?
– Eu não pensaria um minuto. – Virgil percebeu que a mulher estava de pique. – Voltaria para a farrá. Foi a época mais divertida em toda a droga da minha vida!



Uma situação triste para uma professora cinquentona, pensou Virgil enquanto voltava a Bluestem. Até onde aquilo poderia levá-la? A uma comunidade de roqueiros idosos na Costa Oeste? A dar em cima de um garotão do colegial? A mais álcool?



Virgil buscou Joan Carson em casa e levou-a para jantar no McDonald's: Big Mac, batata frita, milk-shake e torta de maçã. Entre uma mordida e outra, ela disse:

– Estou sentindo o colesterol ferver nas veias. Vou cair morta no estacionamento.

Mas não parou de comer.

– Ah, isso faz bem para a saúde – disse Virgil, engolindo mais batatas fritas. – Coma até os 40 anos. Depois passe o resto da vida à base de verduras.

– Mas é perfeito para quem tem pressa.

– Mudando de assunto, eu achava que a gente fosse à fazenda.

Joan encarou-o.

– Para quê?

– Ué, para ver o que você faz!

Ela deu de ombros.

– Por mim, tudo bem. Mas você entende alguma coisa sobre fazendas?

– Não entendo muita coisa. Mas por que você não me ensina?



A fazenda dos Stryker contava os dias para se tornar um sítio arqueológico: a sede estava em ruínas, o pátio era repleto de máquinas abandonadas, além de abrigar duas carcaças de carro e um moinho de vento sem pás. Os limites da propriedade começavam a 400 metros de uma estrada de cascalho, num bosque de álamos no sopé de um morro íngreme. Afloramentos de pedra vermelha se projetavam da montanha e, abaixo, ao redor das instalações da fazenda, na direção de Bluestem até Kansas City, não havia nada além de terra preta, num mar de plantações de milho, feijão e trigo.

Em meio às construções em ruínas, o celeiro era a exceção e ainda estava em

funcionamento.

– Não guardamos os animais nele. Agora virou depósito de máquinas – disse Joan. – Um vizinho, cuja casa não dá para ver porque fica a dois quilômetros, aluga a parte de cima para guardar feno.

A casa, com 30 metros de extensão diante de um círculo enlameado para estacionamento que começava no celeiro, era pouco mais do que um barracão. Originalmente era uma daquelas casas de fazenda simples, feitas de madeira, retas, sem varanda, construídas no fim do século XIX e início do XX, com uma estufa a carvão e madeira e uma bomba d'água manual nos fundos. Mas foi transformada na sede e área de descanso da fazenda.

O segundo andar, que sempre teve um problema crônico de calefação, tinha sido isolado com silicone e tábuas de madeira para evitar a perda de calor durante o inverno, segundo Joan. Os equipamentos foram removidos do porão para o antigo quarto dos fundos, e o porão não passava de um buraco com algumas prateleiras podres que acomodavam vidros vazios de conserva.

– Eu ganharia 20 dólares por cada vidro desses no eBay – disse Joan.

– Por que não vende, então?

– Quatrocentos dólares não vão mudar minha vida.



O primeiro andar tinha uma cozinha que mal funcionava, com fogareiro, micro-ondas, uma pia e uma mesa com seis cadeiras. Uma bomba levava água até a pia. Dois sofás destruídos ocupavam a sala de estar, com uma trilha de lama por onde os funcionários da fazenda passavam. Um computador velho ficava numa mesa da antiga sala de jantar, com uma impressora ao lado e dois arquivos de quatro gavetas encostados na parede de taipa.

– Depois que as estradas melhoraram, não fazia mais sentido morar aqui – comentou Joan enquanto mostrava o lugar. – Era preciso trazer tudo para cá e as pessoas ficavam isoladas. Se não fossem os animais, não haveria o que fazer. O inverno era a época da manutenção. No verão tínhamos que aplicar os defensivos e arar a terra. Mas basicamente ficávamos olhando o milho, o trigo e o feijão crescerem. Quando eu era criança, brincava naquelas máquinas tipo *Guerra nas estrelas*. E uma mulher podia tranquilamente se sentar na cabine refrigerada de um trator, ouvindo rock e fazendo a colheita sozinha. Noventa por cento do trabalho era apertar botões e puxar alavancas. Não havia necessidade de ter uma casa. Quero dizer, não era *tão* simples assim. Mas era quase.

– Por isso você se mudou para a cidade?

– Bom, dá uma olhada – disse ela, apontando para o horizonte. – Se você olhar bem naquela direção, vai ver outra casa, mas não mora ninguém lá. Isso aqui é mais solitário que o inferno. E papai se matou no quintal, o que até hoje me dá arrepios.

– Mas agora está tudo bonito – disse Virgil, mudando o tom da conversa. O sol descia no horizonte e fiapos de nuvens riscavam o céu azul-claro. A brisa agitava as folhas do interminável oceano de milharal.

– Venha – disse ela. – Vou mostrar por que a casa fica tão longe da estrada. Temos de correr antes que fique escuro. Traga sua máquina fotográfica.



Virgil pegou a Nikon na caminhonete, com uma lente com estabilizador de imagem, e foi atrás dela, passando por trás do celeiro e por pedaços de madeira apodrecida do que um dia devia ter sido um chiqueiro, por uma velha pereira e duas macieiras, descendo a colina na direção de um riacho. Uma trilha seguia ao longo da margem do pequeno rio e subia a colina. À medida que chegavam perto, Virgil viu que o córrego nascia de uma fenda no morro e alimentava um reservatório largo e raso, que por conseguinte desembocava no córrego.

– Essa é toda a água que temos – disse ela. – Aqui é um pouco mais seco do que indo para o leste. Venha!

Ela guiou-o direto para a fenda no morro, uma abertura estreita e rochosa que se alargava até uns cinco metros e subia ligeiramente, com a correnteza seguindo forte bem ao lado. Virgil sentia os respingos d'água no rosto e nas mãos.

– Continue vindo... – disse Joan.



No topo do cânion, 200 metros colina acima, havia uma piscina de pedra com 20 metros de largura, alimentada por uma fonte que descia da parede escura do cânion. Alguns arbustos lutavam para sobreviver naquele solo arenoso e juncos margeavam o que devia ter sido uma encosta há milhares de anos.

– Maneiro – disse Virgil.

– Segundo os geólogos, esta é a gruta de Stryker. Na infância, vínhamos nadar sempre aqui. É melhor à tarde, quando o sol está descendo sobre o cânion. De manhã é mais escuro e frio.

Virgil desceu até a água e enfiou a mão dentro dela. Era gelada, porém suportável, e ele comentou isso com Joan.

– É porque a água está escorrendo por aquela pedra, que está sob o sol – disse Joan. – A fonte fica praticamente seca no outono, vira uma mancha na pedra. O lago não seca porque é fundo demais: seis metros de um lado a outro. Antigamente havia um cano que alimentava o reservatório lá embaixo. É por isso que a sede da fazenda foi construída aqui: água o ano todo sem muito trabalho. Bastava puxar pelo sifão. Se não fosse isso, meu bisavô provavelmente teria construído a casa perto da estrada.

Virgil tirou uma foto de Joan numa pedra à beira do lago e disse:

– Você devia adorar vir aqui quando criança!

– Adorava. Mas se houvesse mais gente por perto seria perfeito.



Os dois sentaram-se na pedra sob o sol e Virgil mostrou a ela como a Nikon funcionava. Um pássaro preto de asas vermelhas apareceu e fez algumas acrobacias. Virgil aproveitou e tirou algumas fotos. Os dois falaram sobre a infância em cidade pequena e conversaram sobre faculdade, fumar maconha, rock, o preço do etanol de milho e sobre os pais.

– Minha mãe mora no quarteirão atrás do meu – disse ela. – A essa altura ela já sabe que você tentou passar a mão em mim ontem à noite.

– Só adolescentes passam a mão, Joan. Eu estava expressando “afeto físico”.

– Ah. *Pareceu* que passava a mão.

– Eu gostaria de ter tempo para isso. Bem, mas esse caso dos Gleason, do Judd...

Assim os dois começaram a falar sobre os crimes e Virgil conduziu a conversa.

– Então sua mãe e seu pai eram amigos do Judd? Você acha que ela sabe de alguma coisa daquela época? Tem de existir alguma coisa. Quem diabos é o Homem da Lua?

– Talvez, se a gente levar mamãe para falar com Betsy Carlson, ela consiga descobrir.

– Podemos fazer isso. Você acha que ela topa?

– Se eles deixarem você entrar lá de novo... A clínica é que não vai gostar muito de vê-lo novamente, se você deixou a Betsy piradinha. – Ela se levantou, espanou o traseiro e bocejou. – É melhor voltar antes de escurecer. Tenho de preparar o pagamento de amanhã.



Virgil deixou-a em casa, na cidade, e passou dois minutos na varanda dela. Joan ofereceu uma xícara de café, mas ele precisava fazer umas pesquisas na internet e ela tinha que providenciar o pagamento dos funcionários.

– Vai fazer alguma coisa amanhã à noite? – perguntou Virgil. – A gente podia ir até Marshall. Há uns restaurantes simpáticos lá.

– Eu topo.

– Ligue para sua mãe. Pergunte se ela se importa de ir a Sioux Falls falar com Betsy.

– Pode deixar. – Joan olhou para a noite que chegava, as casas com grandes quintais nos fundos, ouviu o riso de uma criança não muito longe e viu os primeiros vaga-lumes. – Que noite maravilhosa. Se fosse julho o ano todo, Minnesota seria o paraíso na Terra.



Virgil escreveu mais um pouco de ficção naquela noite e inventou personagens chamados Joan e Jim Stryker, e ele próprio, a quem deu o nome de Homer. Era incrivelmente bonito e com certeza bem-dotado. Mas isso só iria aparecer mais tarde na história. Sorriu na claridade da tela do computador, pensando naquele último detalhe.

Escreveu:

Homer sentia que tudo o levava na direção dos Stryker. Mas, se eles estavam envolvidos nos assassinatos, por que iriam chamá-lo? Com certeza sabiam dos vários crimes solucionados por Homer. Se Jim Stryker continuasse no comando da investigação, se arriscaria a perder a eleição. Mas aquilo seria melhor do que passar 30 anos no presídio de segurança máxima de Bayport.

Ainda havia a questão do aborto – e aborto era uma questão importante para Feur; claro. As feministas comunistas e ateias correndo com seus cabides atrás de virgens. Será que algum discípulo de George Feur matou os Gleason e, de alguma forma, isso chegou aos ouvidos de Bill Judd? Nesse caso, como Homer encontraria essa pessoa, uma vez que não havia nenhuma prova?

Homer ficou deitado na cama, as mãos atrás da cabeça, os quatro travesseiros no chão, pensando no Homem da Lua. E quem era Gerald? Gerald esteve lá por causa do Homem da Lua... E sobre o sexo? Já que o ex-chefe dos correios não andava pela cidade, será que outros parceiros sexuais tinham escapado pelas bordas? De novo, poderia ser uma coisa religiosa, inspirada por Feur.

Anna Gleason... O que ela aprontou no passado? Até que pinto andou dormindo com Feur? Eles tinham a mesma idade...

Porcaria de teclado. Apareceu *i* em vez de *o* quando digitou a palavra *ponto*. Dependendo da situação, poderia ser um erro bem embaraçoso.

Desligou o computador e foi para a cama. Ficou dois minutos pensando em Deus e 10 segundos em *pintos* e *pontos*, imaginando onde encontrar um teclado novo numa cidade pequena. E então caiu rapidamente no sono.

LUNAR ESTAVA DEITADO NO QUINTAL, fumando um cigarro de maconha e soprando a fumaça para o céu, observando a Ursa Maior sob o brilho da Via Láctea e pensando na pergunta.



O número de assassinatos necessários estava crescendo. Não havia problema emocional nisso, porém o risco aumentava. Lunar sabia disso.

Duas das mortes que restavam, Gerald Johnstone e Roman Schmidt, eram uma questão de honra. Essenciais e inevitáveis. Estava mais do que na hora. Senão, as vítimas poderiam escapar.

Lunar soprou mais fumaça para o céu.

Depois de matar Gerald e John, e quando a poeira baixasse, teria tempo para descansar. Sono nunca foi uma coisa fácil para ele: era difícil dormir mais de quatro horas. Depois de mais de 30 anos de privação de sono, Lunar adquiriu uma enorme irritabilidade.

Ou insanidade.

Ou as duas.

Não fazia diferença.



Mas os dois assassinatos eram necessidades profissionais. O terceiro, de Virgil Flowers, também poderia se tornar necessário, já que o homem estava deliberadamente agitando a cidade. As pessoas se fechavam dentro de casa, trancavam as portas, falavam por trás das grades.

Talvez... talvez, pensou Lunar, *a maconha não ajude*. A tática dos assassinatos tinha sido boa, mas agora a estratégia parecia errada. Judd deveria ser o último. Poderia ser o último. Lunar o matou simplesmente porque o impulso não podia mais ser contido. E porque o cérebro do velho estava falhando. Não adiantaria matá-lo se ele não soubesse o motivo.

Homicídios múltiplos não eram uma coisa fácil de administrar.



E o Flowers?

A morte dele seria puramente um negócio: era competente demais, um perigo, na realidade.

Além disso, Flowers parecia ter uma espécie de presença cármica: chegou a Bluestem no meio de uma tempestade, praticamente durante o assassinato de

Judd. E então, em vez de investigar, exigir, pressionar, ele... ficou falando bobagem pela cidade! Conversou com todo mundo, falando mentiras, contando histórias: adquiriu até a confiança do recepcionista do hotel em que estava hospedado.

E o negócio de falar bobagem pela cidade provocou uma enorme confusão, que já se espalhava pelo condado. Em vez de esperar uma resposta oficial – a chegada de viaturas da polícia e de peritos de cena do crime –, as pessoas começaram a fazer perguntas, algumas não paravam de olhar para trás...

Era cedo demais para isso.



Assim, a questão que Lunar precisava decidir depois do trabalho, deitado num cobertor no quintal e com a ajuda de uma erva e da Via Láctea, era se deveria matar Flowers e partir para Gerald Johnstone e Roman Schmidt, ou liquidar Johnstone e Schmidt e só cuidar do Flowers se estritamente necessário.

Matar Flowers daria trabalho. Ele não tinha uma rotina, o que significava que o local do crime não poderia ser escolhido com antecedência. Não era possível segui-lo: se ele não percebesse, alguém perceberia.

Também não poderia convidá-lo para a própria casa e fazer o serviço. Algum morador saberia do convite. Esse era o problema numa cidade pequena como Bluestem: as paredes tinham olhos e ouvidos. Não era possível passar despercebido. E pior: se soubessem quem você era, pensariam logo no que você estava fazendo ali. Bastava andar pela rua e ver as cortinas se mexendo, os olhares vigiando por trás das portas, os cachorros latindo além das cercas, testemunhando sua intromissão.

Existia uma velha piada sobre as cidades pequenas: uma cidade é pequena quando você não precisa ligar a seta do carro, porque o motorista de trás já sabe para onde você está indo.



Flowers.

Ele poderia ser liquidado no hotel. Era só ficar de olho na luz do quarto, esperar que ela se apagasse, jogar umas pedrinhas na janela e, quando ele viesse olhar, acertá-lo com um tiro de espingarda.

A questão seria ir embora. Fácil: atravessar correndo o estacionamento, passar por trás do McDonald's, que estaria fechado àquela hora da noite, seguir pelo beco atrás das lojas do centro e ganhar a escuridão.

Mas... havia aquele poste de luz. Poderia apagá-lo antes com a pistola. Isso poderia ser feito sem problemas. Mas se alguém o visse, existiria a possibilidade de reconhecer a figura, o passo, o modo de correr.

As pessoas aqui sabiam *tudo* a respeito de todos.

Talvez Flowers pudesse ser atraído para algum lugar: teria de ser uma coisa indireta. Ele poderia achar que estava seguindo um suspeito e, então, quando pisasse na armadilha, *bum!* E depois, e depois... haveria uma onda de policiais. O DDC inundaria a cidade com investigadores.

Precisava pensar nisso.



Com Johnstone e Roman o papo era outro.

Se não fossem apagados, Lunar não teria descanso. A morte deles era pré-requisito. Johnstone estava no mesmo nível de Judd: era velho e tinha o pescoço flácido. Uma corda bastaria. Uma faca e um martelo também. Não precisaria atirar nos olhos – poderia arrancá-los à faca. Mas gostava do som da arma. Iria à casa de Johnstone no escuro e bateria de leve na porta. Ele iria abri-la. Mas será que acenderia a luz da varanda primeiro? Melhor desatarraxar a lâmpada antes.

Johnstone morava perto dos Gleason. Com Russell e Anna foi fácil entrar sem ser visto, mas agora talvez fosse complicado. Qualquer pessoa com as mãos no bolso em Bluestem às três da manhã seria colocada sob um microscópio. E se isso acontecesse com Lunar, não haveria um único morador da cidade que pudesse servir de álibi: “Não, a gente só estava olhando o incêndio” ou coisa parecida.

Se não tivesse um álibi, os tiras fariam picadinho de você.

Em alguns sentidos os Schmidt seriam mais fáceis. Em outros, mais difíceis. Eles moravam fora da cidade, para começar. Era só garantir que estivessem em casa, entrar no quintal, passar sob o poste de luz e estacionar junto à horta da cozinha. Apagar o Roman e depois a mulher. Ela era velha e lenta.

Mas Roman andava armado e era forte, mesmo naquela idade, e tinha de ser morto rapidamente.

No entanto, seria bom bater um papo com ele por alguns minutos, quando soubesse que estava morrendo, dizer que a mulher já tinha batido as botas, para ver o ódio naqueles olhos que se apagavam.

E então...



Se eliminasse Schmidt antes, Johnstone – que já era um alvo complicado – se tornaria ainda mais complicado. A cidade toda estaria em alerta. Mas Johnstone precisava morrer. Faltavam duas semanas para a lua virar de novo.



Então seria possível, depois de apagar Johnstone e Schmidt, ficar na moita por um tempo e fazer as matanças profissionais, uma de cada vez... e até deixar o tempo passar. Talvez bolar alguma coisa complicada, para que parecessem

mortes acidentais.

Quando todos os assassinatos necessários ocorressem, ele conseguiria parar? Talvez não. Mas, se fosse necessário saciar a fome – por razões recreativas e conforto psicológico –, isso poderia ser feito em outros lugares, à medida que o tempo permitisse. Minneapolis, Des Moines, Omaha. Matar e seguir em frente...



É.



A maconha não ajudava o raciocínio, mas era uma maravilha: relaxava, as estrelas ganhavam vida.

Precisava se concentrar. Tática. Estratégia.

Soprou a fumaça e viu a Ursa Maior passando, os vaga-lumes piscando, e perdeu-se num longo devaneio. Por fim, roubou uma flor de um canteiro próximo e, contra a luz que vinha pela janela do quarto, começou a arrancar as pétalas, uma por uma, deixando Deus decidir.

Johnstone, Flowers, Schmidt, Johnstone, Flowers, Schmidt...

A flor tinha dezenas de pétalas, mas a decisão foi incontestável.



Roman Schmidt dormia profundamente quando o carro estacionou na entrada da casa, mas isso fez seus olhos se abrirem de imediato. Morava longe demais do centro, de modo que dificilmente um veículo pararia diante do seu portão no meio da madrugada a fim de fazer o retorno para a cidade.

Os faróis dos carros varriam a casa, iluminavam as paredes do quarto, e isso sempre o acordava. Quando Roman era xerife, luzes como aquelas eram sinônimo de más notícias, e ele não perdeu o hábito de acordar sobressaltado.

Mas agora estava velho e o sono não vinha mais com facilidade. Por isso dava grande importância às poucas horas de descanso que conseguia ter e se irritava quando era acordado sem necessidade.

Ao contrário da maioria dos carros, aquele não deu meia-volta. Continuou se aproximando, rapidamente, e pelo barulho dos pneus no cascalho soube que o veículo havia estacionado perto da porta da cozinha. Estendeu a mão e pegou o relógio: uma e meia da manhã.

Ai, ai, ai! Quem será?

A mulher gemeu e ele disse:

– Vou ver quem é!

Mas ela não disse nada e Roman achou que nem acordada a mulher estava. Enfiou a mão na gaveta da mesinha de cabeceira, pegou a .357 e foi andando pelo escuro até a porta dos fundos, só de short e camiseta.

Alguém batia à porta. Má notícia. As más notícias sempre batem baixinho. Pensou nos familiares em Minneapolis. Que Deus o protegesse. Afinal, teria um ataque cardíaco se olhasse pela janela e visse um policial com o rosto fechado. Bateria as botas ali mesmo, na frente de um estranho.

Outra batida. Acendeu a luz da varanda, viu um rosto familiar, sentiu um calafrio, abriu a porta e perguntou, com a adrenalina correndo pelas veias:

– O que aconteceu?

– Isso – respondeu Lunar, encostando a arma no peito de Schmidt.

– Não – reagiu o homem, ainda sonolento. – Não!

E Lunar atirou em seu coração.



Gloria Schmidt gritou:

– Roman! Roman! – Tentou ligar o abajur na mesinha de cabeceira e acendeu-o a tempo de ver o cano da arma e o rosto por trás dela.

– Você não! – gritou ela.

Lunar deu um único tiro na testa da mulher, que tombou para trás, mortinha da silva.



Roman estava caído de costas, morto. Lunar fechou a porta da cozinha para abafar o som, inclinou-se de lado, deu mais dois tiros nos olhos entreabertos de Schmidt, depois abriu a porta da cozinha de novo e prestou atenção.

Grilos e sapos.

E só. Ele tinha tempo para fazer as coisas do modo certo.

VIRGIL ADORAVA AS PRIMEIRAS HORAS da manhã do alto verão, quando correntes frias atravessavam o ar matinal, logo substituídas pelo calor que surgia no horizonte. A hora perfeita para pescar. A hora perfeita para fazer qualquer coisa ao ar livre.

Acordado desde as cinco e meia, olhou por entre as cortinas para o outro lado do estacionamento, onde viu a borda superior laranja do sol surgindo acima do horizonte. Céu azul. Nenhuma nuvem à vista. Excelente.

Sentou-se, fez 50 abdominais, 50 flexões, vestiu uma camiseta e um short, calçou os tênis e foi até a porta. Em Mankato, ligava o iPod e tocava um clássico do rock, tipo Aerosmith. O problema de correr com música era que não conseguia pensar. Às vezes era bom. Naquela manhã precisava raciocinar.

Tinha coisas a fazer, lugares a ir, planos a executar.

Voltar a Sioux Falls e falar com Betsy Carlson na clínica de repouso. Levar Laura Stryker, a mãe de Joan, se ela quisesse ir. Interrogar disfarçadamente a Sra. Stryker e descobrir o que ela sabia sobre Judd e a vida amorosa dele. Descobrir se ela falava do suicídio do marido e do efeito que isso teve sobre os filhos.

E isso o fez sentir-se um pouco mal, mas ele era tira, de modo que não se sentiu *tão* mal assim.



Virgil correu pela cidade, passando por ruas residenciais, até seu relógio mostrar que já eram seis e quinze e ele tinha percorrido oito quilômetros. Deu meia-volta em direção ao hotel e aumentou o ritmo nos últimos dois quarteirões, chegando ao Holliday Inn com a língua para fora.

Lembrou-se de mais coisas a fazer naquele dia: visitar o arquivo do jornal e procurar a gorda que Michelle Garber, a professora alcoólatra, disse que tinha ido para a cama com Judd. Inventar uma desculpa, por mais esfarrapada que fosse, para levar Joan de volta à fazenda da família e subir até o sótão do celeiro. Com esse objetivo, tinha de roubar um cobertor no armário do Holiday Inn e esperar que ele ficasse cheio de feno.

Michelle Garber comentou sobre o chefe dos correios que ia para a cama com Judd e as garotas e apresentou uma tese interessante: ninguém viria de fora para cometer aqueles crimes. Um estranho seria logo notado. Um homem que reaparecesse depois de anos – ou mesmo uma mulher – seria percebido instantaneamente e os comentários correriam pela cidade. Virgil podia estar se

esquecendo de alguma coisa, mas achava que o assassino devia estar bem próximo.

A chuveirada foi maravilhosa. O café da manhã também foi muito bom. Seria o início de um dia perfeito se o celular não tocasse às seis e quarenta e cinco, quando duas salsichas boiavam num prato de mostarda.



Stryker estava ofegante:

– Deus do céu, Virgil! Temos mais um. Quero dizer, dois!

– Quem?

– Roman Schmidt e a mulher – gemeu Stryker. – Corra para cá!

– Espere, espere, calma. Roman Schmidt. Eu conheço o nome.

– Foi xerife. O terceiro antes de mim. Há 30 anos. Meu Deus, as pessoas vão criar o maior tumulto nas ruas!

– E o corpo?

– Igualzinho ao outro. Encostado num galho de árvore dessa vez. É uma coisa medonha!

Virgil pegou as indicações para chegar à casa dos Schmidt e jogou 15 dólares na mesa. Enquanto passava pelo pálido recepcionista da noite, o rapaz disse bruscamente:

– O senhor já soube?

– Meu Deus...



Atravessou a porta e entrou no carro. Abriu o celular, examinou a agenda e apertou o botão “chamar”. No minuto seguinte Lucas Davenport, seu chefe, atendeu:

– É melhor que seja algo bom. Espero que não esteja numa droga de um barco de pesca.

– Escute, temos mais dois aqui.

– Ah, rapaz! – Davenport estava em St. Paul dormindo. – O mesmo cara?

– É. O modo como deixou o corpo... Pior do que isso, as vítimas são o ex-xerife Roman Schmidt e a mulher dele. Stryker disse que a população vai para as ruas. E como já são cinco os mortos, a imprensa vai começar a pressionar.

Houve um instante de silêncio e então Davenport disse:

– E?

– E o quê?

– E o que isso tem a ver comigo quando não são nem sete da manhã?

– Achei que gostaria de saber.

– Gostaria, só que às nove e meia. Mas às sete, antes das sete, o problema é seu!

- Obrigado. Escute, aquela tal de Sandy ainda trabalha para você?
- Em meio expediente.
- Posso ligar para ela? Pedir que ela faça uma coisa para mim?
- Pode. Me ligue depois das nove e lhe dou o celular dela. Sandy estuda de manhã.
- E a imprensa? O que eu faço?
- Use uma camisa nova, diga que está seguindo várias pistas, mas não pode falar por motivos de segurança, que as autoridades estaduais e locais estão cooperando e que... hã... você espera uma solução rápida para o caso, etc., etc.
- Obrigado, chefe.
- Virgil, não mandei você aí para bancar o idiota. Cuide disso, cuide da imprensa e me ligue quando tiver descoberto alguma coisa. Vou monitorar suas atividades no Canal Três.



Se Virgil estava tendo uma manhã ruim, não era nada comparado com a de Roman Schmidt. O assassino enfiou uma estaca bifurcada no quintal e pressionou grosseiramente a forquilha por trás das orelhas do ex-xerife. Era o bastante para manter o cadáver sem olhos de pé. Mas a pressão do corpo contra a madeira empurrava a língua para fora. Moscas andavam pelo rosto e entravam nas órbitas dos olhos e na boca.

As pernas estavam abertas e o pênis espiava para fora da braguilha da cueca samba-canção.

– Que barbaridade – disse Virgil, parado com as mãos nos bolsos da calça. – A família já chegou?

– Pelo que sabemos, não tinham família. Talvez alguns primos distantes. O casal não teve filhos.

Virgil e Stryker estavam a cinco metros do corpo e Virgil podia ver a trilha dos calcanhares no chão úmido de orvalho.

– Onde ele foi morto? – perguntou Virgil.

– Junto à porta dos fundos. O primeiro tiro atingiu a base do coração e saiu um pouco acima nas costas. Parece que alguém bateu à porta, Roman abriu e *pou!* Morreu na hora. Sabemos que ele abriu a porta porque a bala não a atravessou. Gloria estava no quarto. Parece que os dois estavam dormindo havia um tempo. A pessoa então deu os últimos dois tiros nos olhos dele. Há buracos no chão da cozinha.

O corpo foi encontrado pelo entregador do jornal. Virgil era o quinto tira a chegar à casa dos Schmidt: os dois policiais da patrulha noturna chegaram primeiro, Big Curly em seguida, porque morava somente a dois quilômetros e ouviu o chamado pelo rádio, depois Stryker e finalmente Virgil. Agora mais policiais estavam chegando, isolando o terreno, desviando o trânsito na estrada.

Os peritos estavam atrasados, mas deveriam chegar logo.

– Algum sinal de resistência?

– Não, mas não dá para ter certeza. Demos uma olhada na casa e depois mandei todo mundo sair, para não bagunçar o local.

Big Curly se aproximou.

– Vomitei – disse ele.

– Você está bem? – perguntou Virgil.

– Conhecia os dois há muito tempo. Moravam pertinho quando eu era garoto. Durante 50 anos eu dava bom-dia diariamente a Roman e a Gloria.

– Por que não se senta um pouco e toma um café? – disse Virgil. – Não há muito o que fazer até os peritos chegarem.

– Tem razão. – Big Curly deu um passo, depois se virou e disse: – Sabe, Jim, Roman adorava as armas dele. A gaveta da mesinha de cabeceira estava aberta. Aposto que havia uma arma ali. Se o assassino chegou de madrugada, enquanto o ex-xerife dormia, tenho certeza de que ele atendeu a porta com a arma na mão. O criminoso pode ter ficado com ela.

Stryker concordou e Virgil disse:

– Bem observado.

Curly se afastou e Virgil se virou para o xerife.

– Vocês presumiram que o assassino seja um homem.

– Você acha que é uma mulher? – As sobrancelhas de Stryker se arquearam.

– Para mim, ainda era uma questão em aberto. As vítimas eram pessoas velhas e não eram muito pesadas. Mas foram arrastadas. Agora acho que o Curly está certo: é um homem.

– Ah...

– Uma mulher forte poderia arrastá-los, desde que não se preocupasse em machucá-los. E não se preocuparia mesmo, porque estavam mortos. Mas pegue um cara da geração de Schmidt. Ele está acordado, apanha a arma, vai à porta, vê quem é, reconhece e abre. Leva um tiro.

Stryker estava confuso.

– Uma mulher não poderia fazer isso?

– Poderia, mas Roman não abriria a porta só de cueca. Teria dito: “Um minuto, vou vestir uma calça.” Ele vestiria alguma coisa e então abriria.

Stryker olhou-o durante um minuto e depois disse:

– Às vezes acho que você é mais inteligente do que eu.

– E jogo beisebol melhor também. Mas isso nos leva de volta ao que vocês já suspeitavam. Ou seja, não falei nenhuma novidade.



– Por falar em novidade – disse Virgil –, você tem notícias da Jessica?

Por um momento a questão de Roman Schmidt desapareceu dos olhos de

Stryker.

– Desgraçado, você andou investigando minha vida amorosa!

– E aí?

– Eu gostei. – Stryker começou a rir, lembrou-se de onde estava e parou. – Ela me ligou ontem à noite e disse: “Jim, quer mais uma chance?” Eu disse: “Quero.” Na realidade, eu gaguejei à beça, mas o resultado é que eu ia levá-la hoje à noite ao Tijuana.

– Ia ou vai levá-la?

– Ia, mas não vou mais. – Stryker olhou para o corpo de Schmidt. – Se saísse com ela e alguém da cidade visse, eu estaria morto em termos políticos. Seria o fim da minha carreira como xerife. Eles vão me querer aqui 24 horas por dia durante os sete dias da semana, percorrendo cada estradinha em busca do assassino de Roman.

Virgil olhou em volta, para ter certeza de que ninguém o ouvia.

– Isso é bobagem, Jim. Não que eles não pensem assim, mas você não vai achar o assassino percorrendo estradinhas. Quer um conselho?

Stryker deu de ombros.

– Depende do que for.

– Leve-a a Brookings. Ou a Marshall. Qual é a distância, uma hora? É o necessário para vocês conversarem. Diga de cara o que está acontecendo, por que precisa ir tão longe. Ela parece bem inteligente, então vai entender. Vai sacar que você está se arriscando por ela.

– Vou pensar.

– Só não seja muito bonzinho. Ela gosta de *perigo*. Misture *bondade* com uma pitada de *perigo*.

– É o que você está fazendo com a Joan?

– Joan e eu estamos num nível acima. Você, não. Portanto, faça o que eu digo.

– Virgil olhou novamente para Schmidt, com a forquilha por trás das orelhas. – Essa não é a coisa mais nojenta que você já viu?

– Quando eu pegar o desgraçado, vou fazer picadinho dele – desabafou Stryker.

– É isso aí. Estou vendo sua raiva.



Pouco depois, Virgil disse:

– Vou voltar à cidade. Assim que o pessoal da perícia tiver algum resultado, quero ficar sabendo. Alguma coisa por lá pode nos dar uma pista sobre o que está acontecendo. E bem rápido vai sair nos jornais. Mas acho que o sujeito não está deixando nenhum rastro para trás.

– O que vai fazer na cidade?

– Vou pesquisar o arquivo do jornal.

Virgil voltou a Bluestem de carro, parou, pegou a pasta com o notebook, foi à redação do jornal e encontrou um bilhete grudado na janela: “Saí para fazer uma matéria. Volto mais tarde.” A mensagem parecia ter sido escrita às pressas. Williamson provavelmente passou por ele quando ia para a casa dos Schmidt e Virgil voltava para a cidade.

Frustrado, colocou a mão na maçaneta e, para sua surpresa, ela girou sob seus dedos. Teve uma visão de Williamson caído com dois buracos nos olhos. Empurrou a porta: o lugar estava vazio. Realmente precisava olhar o arquivo.

Arrancou o bilhete da janela e jogou-o longe. Num balcão do lado de dentro havia uma pilha de jornais do dia ao lado de uma caixa de moedas. A manchete principal era Nova reivindicação à fortuna de Judd.

Isso vai vender alguns exemplares, pensou.

De volta ao necrotério, pegou os arquivos de recortes dos Judd, dos Gleason, dos Schmidt, da família Stryker, dos Laymon e de George Feur.

A mulher de Judd se chamava Linda e quando morreu, em 1966, a matéria deve ter sido a mais importante da semana para o jornal, pois a manchete tinha corpo 72. Linda foi levada às pressas ao hospital, mas foi declarada morta ao chegar à emergência, vítima de um aneurisma na aorta. O boxe sobre a autópsia dizia que o legista, Thomas McNally, declarou que “no momento em que o aneurisma se rompeu, não havia como Linda Judd sobreviver. Ela morreu em um ou dois minutos”.

Judd era descrito na matéria como “perturbado”.

Não era exatamente a mesma história contada por Margaret Laymon, que se lembrava de um ataque cardíaco. Mas era parecida.



Continuou lendo os textos sobre Judd, mas, depois da morte de Linda, as matérias se resumiam aos negócios de Bill, com destaque para o escândalo do girassol-bataiteiro.

Começou a examinar a grande quantidade de recortes sobre Roman Schmidt, que era ainda maior do que a do velho Judd, e encontrou algumas referências a Russell Gleason. O médico era citado algumas vezes como legista, alternando-se com Thomas McNally. Aquilo era comum em cidades pequenas, Virgil sabia, onde os médicos se revezavam fazendo um serviço extra sem remuneração.

Roman Schmidt e Russell Gleason eram citados juntos em 20 matérias sobre acidentes na estrada, uma morte acidental por tiro na temporada de caça ao cervo, um homem morto por um cervo, idosos encontrados mortos em casa, afogamentos e mortes de crianças, um tal de “bebê do milagre”, um garoto que enfiou o braço numa colheitadeira de milho e sangrou até a morte, e vários acidentes bizarros em fazendas, inclusive um homem cortado ao meio por um pneu de trator quando o veículo passou por cima dele.

Mas Virgil não encontrou o nome de Judd em nenhuma matéria.

Já tinha visto os arquivos das Laymon, mas nada indicava que Margaret tivesse tido um romance com Judd. Michelle, a professora alcoólatra, não tinha arquivo. Para a surpresa de Virgil, Betsy Carlson, cunhada de Judd, também não. Não deveria haver uma matéria com Betsy, já que ela foi testemunha da morte da irmã? Ou talvez, como disse Williamson, eles só arquivassem os nomes mais importantes e ela não fosse importante a ponto de merecer um arquivo. Virgil precisava perguntar sobre o fato, mas era estranho.

Os arquivos sobre os Stryker eram enormes: o suicídio de Mark foi amplamente divulgado, mas a maioria das matérias era sobre a família antes do nascimento de Mark. Mas havia um artigo que mencionava Laura Stryker como gerente de escritório da State Farm. Virgil deu uma olhada nos arquivos da State Farm Seguros e descobriu que a agência de Bluestem pertencia ao velho Bill Judd.

Ah, ninguém tinha mencionado aquilo. Não dava para saber pela matéria quando ela começou a trabalhar ou quando saiu.



A sala estava fechada e quente e, depois de um tempo, Virgil se recostou na cadeira e fechou os olhos. Deixou o Homer sair: trabalhou com um pouco de ficção.

Laura Stryker rolou para longe de Bill Judd, ambos cobertos por um brilho de suor e ofegantes pelo sexo, e pôs os pés no chão. Não havia dúvida: ela não aproveitava a vida ao lado de Mark. Era um sujeito bacana, mas não o que ela necessitava.

– Vou contar a ele – disse, vestindo a calcinha.

– Ah, não faça isso! Você sabe que não vai durar muito. Só estamos tendo um pouco de diversão, querida.

– Não tem a ver com você, Bill. Tem a ver comigo: e eu vou dizer a ele...

Tentou de novo. Ficou imaginando os possíveis desdobramentos.

Mark Stryker tremia de raiva, parado em pé no meio da cozinha, enfurecido.

– Não vou admitir! Admito todo tipo de droga na vida, mas não vou admitir isso! Vou contar às crianças, vou contar à sua família, vou falar com quem quiser ouvir. Você não vai me abandonar, não vai embora de Bluestem. Não vai poder andar na rua...

– Eu queria que isso fosse civilizado...

– Civilizado é o cacete – retrucou Mark Stryker, com a voz alta e esganiçada. – Essa é a última vez que você vê as crianças. Não vou deixar uma meretriz vir à fazenda...

Ele se virou e saiu, gritando para ela:

– Eu sabia o que você estava fazendo, sua vadia! Eu sabia...

Com a raiva crescendo por dentro, Laura não pensou nos filhos. Mark estava do lado de fora, olhando para a janela acima da pia, gritando. A arma estava na gaveta da cozinha, debaixo das toalhas, e o pente, na outra gaveta. Demorou um segundo para enfiar o pente no cabo e pôr uma bala na câmara... a arma bem na sua mão, quente, e Mark no quintal...

– Eu o matei... vou dar o fora daqui, matei-o no quintal.

– Meu Deus, Laura!

– Dê um jeito nisso. – Ela não chorava, mas estava descontrolada. – Diga a eles que foi suicídio. Não vou perder as crianças...

– Meu Deus, Laura!

– Ligue para Russell Gleason... diga a ele... que eu sei sobre os abortos. Diga que Mark cometeu suicídio...

Virgil bocejou e abriu os olhos. Ficção. Contudo, uma história se desenrolava ali e começava a aparecer alguma coisa: pelo menos ele estava juntando os mortos.

Então pensou: *E se isso não tiver a ver com os homens?* E se a questão fosse as esposas? E se Gloria Schmidt e Anna Gleason tivessem ido para a cama com Judd e agora alguém estivesse matando-as, e atirar nos olhos dos maridos fosse o símbolo de algum tipo de cegueira?

E se Laura Stryker não fosse a criminoso, e sim a próxima vítima?



Virgil ficou no necrotério do jornal durante duas horas, digitando anotações no notebook e pensando nos crimes. A cada dois minutos a porta lá fora se abria, ele ouvia moedas caindo na caixa e a porta se fechava de novo. Uma vez não ouviu a moeda e teve vontade de ir ver quem estava roubando um jornal. Mas preferiu continuar concentrado nos recortes.

Ao terminar, sabia muito mais informações do que quando começou, mas nada que parecesse ter ligação com os assassinatos. Todo mundo na cidade podia saber que Judd dormia com as mulheres da região, às vezes com várias ao mesmo tempo, mas isso nunca foi publicado no jornal.

Levou 10 minutos para recolocar as matérias nos envelopes e desligou o computador. Atravessou a redação, pegou o bilhete e grudou-o de volta na janela. Em seguida, foi até o carro.

Laura Stryker.



Ligou para Joan:

– Soube do Roman Schmidt?

– Soube. – A voz dela era baixa. – Isso é bizarro. Sem dizer que Jim vai perder o cargo por isso, Virgil.

– Bom, se pegarmos o cara a tempo, Jim pode se salvar.

– Mas tem de ser logo. Você tem alguma ideia?

– Combinamos de ir a Sioux Falls com sua mãe. Ela pode ir agora?

– Vou ligar para ela. Quer que eu vá também?

Ele hesitou.

– Se você quiser.

– Vou ligar para ela. Falo com você em dois minutos.



Laura ficou feliz com a ideia. Virgil foi até a casa de Joan, tocou a campainha e ela o convidou para entrar.

– Acabei de chegar. Estava na fazenda. Preciso colocar uma roupa que não esteja fedendo a terra. Vou tomar um banho rápido. Disse a mamãe que passaríamos lá em 20 minutos.

– Eu adoraria esfregar suas costas.

– Estou precisando disso. Há uma região no meio dela que está suja há oito anos.

– O que aconteceu há oito anos?

– Meu casamento.



Ela foi pelo corredor até o banheiro dos fundos e gritou:

– Tem Coca na geladeira. Na bancada tem café solúvel. Pode usar o micro-ondas.

Virgil andou pela cozinha, examinando-a, e abriu a geladeira. Joan não ligava para comida, isso era nítido. Tinha três facas e a maioria das coisas parecia estar ali há semanas.

Uma porta atrás dele se fechou: o banheiro? Pegou uma Coca e foi para a sala. Uma porta aberta levava ao que poderia ser uma pequena sala de jantar ou de televisão, agora convertida em escritório, com mesa, computador e arquivos. Viu uma parede com fotos de família, entrou na sala e olhou-as. Encontrou o mesmo homem magro com calça xadrez em duas imagens. Achou que poderia ser o pai.

Mas ela e Jim deviam ter puxado a mãe, porque Mark Stryker era franzino, ainda que tivesse o mesmo cabelo louro-claro do filho e da filha.

Abriu uma gaveta num arquivo e, prestando atenção a qualquer som do corredor, olhou algumas etiquetas – saúde, impostos – e fechou-a.

Pensou que estava sendo intrometido. Não tinha por que fazer aquilo. Voltou para a sala e ouviu uma porta se abrir.

– E aí, vai lavar minhas costas ou não?



O coração de Virgil quase saiu pela boca.

Deixou a Coca na mesa e seguiu pelo corredor. Viu o rosto e o cabelo úmido sob o batente da porta. Joan voltou para dentro do banheiro. Quando entrou, ela estava de novo no boxe.

Virgil abriu a porta e ali estava Joan, de costas para ele, a terceira mulher – foi promovida em menos de um segundo – mais gostosa de Minnesota e talvez de todas as Grandes Planícies.

– Ah, meu Deus! – disse ele.

– Só as costas.

– Só as costas, meu bem...

– Só as costas – insistiu ela. – Você ofereceu e eu estou aceitando.

– Se você...

– Não entre nesse boxe, Virgil Flowers! Você vai ficar todo molhado e temos de chegar à casa da mamãe em 15 minutos. Ela vai ficar achando que a gente estava fazendo bobagem!

– Me passe o sabonete e chegue um pouquinho para trás...

Lavou as costas de Joan, a terceira mulher mais gostosa, que estavam escorregadias com a água, e então abaixou-se para esfregar as pernas, uma de cada vez, subindo e, quando estava terminando, Joan estava pendurada nas torneiras e, quando terminou, arrancou-a do boxe, virou-a de frente e disse:

– Sua mãe que se ferre!

– Minha mãe não – disse ela. – Minha mãe não!



Chegaram à casa de Laura Stryker com 20 minutos de atraso e todas as janelas da caminhonete estavam abertas. Joan disse que queria tirar o cheiro de sexo dos dois.

– Meu Deus, passou da hora – comentou Joan.

– Há 12 minutos você não estava reclamando. A não ser que aquele fosse seu jeito de pedir socorro.

– Não sei por que você está tão orgulhoso! Depois de tanto tempo, até Bill Judd Jr. poderia me deixar louca!

Virgil se inclinou para perto dela.

– Mas você teve uma experiência única. Diferente de qualquer coisa daqui da região.

Joan começou a rir e o empurrou, dizendo:

– Mas da próxima vez vai ser do modo *lento*.



Quando saíram do carro, Joan disse:

– Fique aqui, mas deixe as portas abertas. Mamãe não pode sentir nenhum cheiro estranho.

– Meu Deus, Joan, você é uma adulta...

– Mas ela é minha mãe!

Virgil então deixou as portas abertas, o motor ligado, e ficou sob o sol, suando, enquanto esperava Joan pegar a mãe. Em três minutos elas estavam na varanda, com Laura fechando cuidadosamente a porta.

A mãe de Joan era uma mulher bonita para a idade, magra como a filha, com cabelo bem cortado e tingido. Era uma cópia fiel de Joan, porém 25 anos mais velha. Sentou-se no banco traseiro e disse:

– Prazer em conhecê-lo, Virgil.

Joan sentou-se no banco da frente e comentou:

– É a primeira vez que eu a vejo trancar a porta.

– Todo mundo está trancando. Se Janet aparecer à noite, eu me escondo e não abro. Pelo menos até prenderem o assassino.

Joan disse para Virgil:

– Janet é a melhor amiga dela. – E falou para a mãe: – Acho que não precisa se preocupar com a Janet.

– O boato é que as pessoas mortas conheciam o assassino. O que acha, Virgil?

Virgil confirmou com a cabeça.

– Acho que a senhora está certa.



Seguiram pela I-90, passando pelo viaduto, em direção ao oeste, conversando sobre os assassinatos. Virgil colocou-as a par da morte de Roman Schmidt, da tendência do criminoso de criar um cenário.

– Então, eles estão olhando para quê? – perguntou Laura. – Devem estar olhando para alguma coisa!

– Gleason estava olhando para o quintal e o morro. Schmidt olhava para o portão da casa, para a estrada. Nada de especial – respondeu Virgil.

Um minuto depois Laura perguntou:

– Para que direção estavam virados? Se Roman estava virado para a estrada, era para o leste, e se Russell estava olhando morro acima, também era para o leste. Certo?

Virgil pensou um instante, orientando-se, e respondeu:

– É, está certo.

– Os dois foram mortos à noite, de modo que talvez estivessem na direção do nascer do sol – disse Laura.

– Mas o que isso significa? – perguntou Joan. – Que estamos lidando com um maluco religioso?

– Aquele tal de Feur – disse Laura. – Jesus Cristo ressuscitou no nascer do sol.

Talvez isso tenha a ver. E o leste é a direção mais importante na Bíblia.

– Hã? – indagou Virgil. – Bom, Judd morreu queimado! O que isso significa? O fogo do inferno?

– Estamos falando de uma pessoa louca – retrucou Joan. – Não acredito que seja possível deduzir qualquer coisa a partir disso. Ele está matando porque é maluco.

– Mas é interessante falar a respeito – comentou Laura.

Conversaram sobre as Laymon. A história se espalhou pela cidade cinco minutos depois de a primeira pessoa passar os olhos no jornal.

– Margaret Laymon. Eu não sabia que o Bill era o pai, mas isso não me surpreende – disse Laura. – Margaret era louca de pedra quando jovem. Mais cedo ou mais tarde iria engravidar.

– Ainda não existia pílula?

– Já, mas... não sei. Talvez ela quisesse ter um filho e pensasse no Bill como pai. Às vezes as mulheres fazem cada coisa!

– Como você é mulher, acredito em sua palavra – disse Virgil. – Eu mesmo não tinha me dado conta disso.



Enquanto atravessavam a divisa com Dakota do Sul, Virgil perguntou:

– Betsy Carlson tinha alguma importância especial? Quero dizer, antes de vir para cá?

– Ah, meu Deus, se tinha! Os pais dela foram os primeiros a chegar a esta região, eram muito bem de vida, tinham um bom pedaço de terra ao longo da ferrovia. Betsy chamava a atenção quando era nova – respondeu Laura. – Todo mundo ficou surpreso quando Bill Judd se casou com a irmã, e não com ela.

– O pessoal comentava que ele não precisava se casar com ela para conseguir o que queria – disse Virgil. – O velho ditado: “Para que comprar a vaca se você tem o leite de graça?”

– Pode haver alguma verdade nisso. Você andou falando com outras pessoas... hã... relacionadas a Bill Judd?

– Algumas. Margaret Laymon, claro. Uma mulher que agora mora em outra cidade... tenho uma lista na qual estou trabalhando.

– Bom, fale os nomes – pediu Laura.

– Ah, você não vai querer saber. Além disso, eu não poderia contar nem se quisesse. Anotei tudo no meu caderno, que deixei no hotel. Mas, ao que parece, o Judd andou bastante pela região.

Seu olhar encontrou o de Laura no retrovisor. Ela estava observando-o com um leve sorriso no rosto. Virgil acrescentou:

– Uma coisa em que eu estava pensando: por que não existe nenhuma referência a Betsy Carlson no arquivo do jornal? Hoje eu procurei e não achei

nada.

Depois de alguns segundos de silêncio, Laura disse:

– Bom, isso é ridículo. Ela frequentava todos os clubes da cidade, foi presidente da maioria deles. Deveria haver várias matérias sobre ela.



A enfermeira na clínica Grunewald não ficou nada feliz ao ver Virgil novamente e deixou isso claro:

– Betsy ficou muito agitada depois que o senhor saiu. Ainda não se recuperou. Ela tentou andar, mas está fraca demais. Estamos aqui para proteger nossos pacientes, e o senhor pode estar fazendo mal a ela.

– Sinto muito – disse Virgil, sem grande arrependimento. – Mas a situação em Bluestem é crítica. Mais duas pessoas foram mortas hoje e acho que isso envolve alguma coisa da época de Betsy. Portanto, temos de falar com ela.

A desaprovação sumiu do rosto da enfermeira, mas, quando os levou para falar com Betsy Carlson, a velha não pareceu reconhecer Virgil e franziu os olhos para Laura Stryker.

– Olá, Betsy.

– Laura?

– É, sou eu.

Os três se sentaram e, com a enfermeira logo atrás, Laura começou a conversar com Betsy sobre os velhos tempos em Bluestem, sobre as brincadeiras na montanha Búfalo. Betsy era mais velha do que Laura, por isso as duas não andaram juntas, mas se conheciam.

As lembranças de Betsy oscilavam. Algumas vezes eram nítidas e, outras, vagas. Num determinado momento, ela disse bruscamente:

– Eu me lembro de quando Mark morreu. Foi um dia sinistro.

– O dia mais sinistro da minha vida – emendou Laura. Em seguida olhou para Joan. – Eu tive medo pelas crianças. Jim ficou mal, mas Joan... tive medo de que ela morresse. Ou ficasse louca... – A última frase saiu mastigada, já que talvez não fosse a coisa mais diplomática a dizer naquele lugar.

A cabeça de Betsy Carlson balançou para trás e para a frente, e então seu olhar se desviou. Ela olhou para Virgil e disse:

– Achou o Homem da Lua?

Virgil deu um sorriso e respondeu:

– Procurei, mas não achei nada. Se eu tivesse um nome, seria mais fácil.

Betsy balançou a cabeça e Virgil percebeu que ela não olhava nos olhos dele.

– Ele não tem nome. Não que eu saiba. Eles o levaram embora, mas o Homem da Lua voltou. Eu vi. – Ela balançou a cabeça novamente e ficou em silêncio, e depois de um instante disse: – Não dá para olhar o rosto dele inteiro. Só os olhos e o queixo num círculo. – Levou a mão trêmula ao rosto e fez um círculo

que começava no meio da testa, passava pela extremidade de uma sobrancelha, descia por um malar, percorria a lateral e a parte de baixo da boca e voltava pelo outro lado até a testa. – Só dá para vê-lo se você olhar bem ali. O Homem da Lua.

– Você conhece alguém que gostaria de machucar o Bill? – perguntou Joan.

A velha olhou para Joan e deu um risinho.

– Quem não gostaria? Eis a questão.

Os três continuaram a fazer perguntas, mas ela começou a falar de modo ininteligível. Esperaram para ver se ela se recuperaria, mas Betsy caiu no sono.



– Que droga! – disse Virgil enquanto atravessavam o estacionamento. – Não sabe o nome, mas sabe que ele está aqui. O Homem da Lua!

– O que você vai fazer? – perguntou Joan.

– Voltar a Bluestem e ver como anda a investigação na casa dos Schmidt. Talvez... talvez falar com o juiz e conseguir uma intimação para olhar a movimentação bancária de Judd, Gleason e Schmidt.

– E os Stryker? – perguntou Laura.

– Eu descartei dois Stryker – respondeu Virgil, enquanto entravam no carro.

– Quais? – perguntou Joan.

– Essa é a pergunta difícil.



No caminho de volta Virgil pressionou Laura a falar sobre os relacionamentos amorosos e profissionais da cidade da época em que Gleason e Schmidt trabalhavam juntos como xerife e legista.

– Você não acha que tenha a ver com o golpe do girassol-bataiteiro? – perguntou Joan. – Por aqui ele é sempre tema de conversas.

– Se não fosse por Gleason e Schmidt, talvez. Mas com esses dois... pelo que todo mundo diz, eles eram importantes na cidade e eram amigos, mas não creio que ninguém culparia Russell Gleason pelo negócio do girassol. – O olhar dele foi até o retrovisor. – E você? – perguntou a Laura.

Ela balançou a cabeça.

– Nunca me ocorreu que ele pudesse estar envolvido, e nós, da família Stryker, sabíamos tanto quanto qualquer pessoa sobre o negócio do girassol. Não acho que seja isso.

– O que resta é a loucura, e a loucura geralmente não tem a ver com nenhuma picaretagem antiga – disse Virgil. – Há alguma outra coisa. Sexo, violência e algum tipo de ilegalidade. Algo que foi encoberto e reprimido, mas que agora está aparecendo. Eu estava pensando que talvez tivesse havido alguma coisa homossexual, que Judd pudesse ter forçado a barra com algum garoto na época,

um garoto que não era gay mas que fez o que mandaram, ou foi obrigado a fazer, e isso o enlouqueceu. Mas meus informantes dizem que não havia nada de homossexualismo masculino.

Laura olhou-o pelo retrovisor, mas ficou calada. Ao parar em frente de casa, saiu, fechou a porta do carro, foi até a frente e fez um gesto para Virgil baixar o vidro da janela.

– O que você quer saber não aconteceu – disse ela. – Não mesmo.

– O que você está falando? – perguntou Joan à mãe.

– Virgil sabe – respondeu Laura, que em seguida se virou e foi andando pela calçada.



– Que diabo foi aquilo? – perguntou Joan, enquanto seguiam para a casa dela.

– O quê? Eliminar os Stryker como suspeitos?

– Que história é essa?

Virgil suspirou.

– Ela estava dizendo que não teve um caso com o velho Judd e, conseqüentemente, não foi por isso que seu pai se matou. Portanto, não há motivo para um Stryker, Jim em particular, tê-lo matado. Ou matado os outros.

Ela o encarou, horrorizada.

– Meu Deus, Virgil! O que você andou aprontando?

– Dizem que sua mãe e Judd tiveram um caso na época da morte do seu pai. Ela trabalhou numa empresa de seguros que pertencia a Judd. Se ela diz que não teve um caso, eu acredito. Não creio que ela mentiria diante de tantos assassinatos, principalmente se achasse que isso faria diferença.

– Claro que ela não mentiria! – disse Joan com raiva.

Virgil balançou a cabeça.

– Quando a reputação de uma pessoa está em jogo, é difícil saber qual vai ser a reação dela. Mas, tudo bem, ela não mentiu. Eu acredito.

– É difícil acreditar que você suspeitou da minha mãe.

– Na verdade, não suspeitei – respondeu Virgil, sem muito arrependimento. – Só estou investigando.

JOAN NÃO CONVIDOU VIRGIL PARA entrar quando pararam diante da casa dela. Sua atitude não era exatamente fria, concluiu ele enquanto se afastava, mas Joan estava pensando nele, na mãe, em Jim e no pai.

Depois de deixá-la, Virgil ligou para Davenport em St. Paul, pegou o número do celular de Sandy e telefonou quando ela estava voltando para casa depois de uma aula na universidade.

– Preciso de milhares de coisas – disse ele. – Declarações de imposto de renda de várias pessoas. Você tem um lápis? Vamos lá: William Judd pai, William Judd Jr., uma família inteira com o sobrenome Stryker – ele soletrou –, inclusive Mark, Laura, James e Joan. Além disso, Roman e Gloria Schmidt, marido e mulher, Russell e Anna Gleason, marido e mulher. Margaret e Jessica Laymon, mãe e filha. Todos moram no condado de Stark, a maioria na cidade de Bluestem, e as Laymon vivem em Roche. R-O-C-H-E. Dá para conseguir?

– Dá. Quer que eu olhe nas outras agências e departamentos?

– Tudo o que puder descobrir sobre eles. Mande via FedEx, mas veja se pode ser entregue no Holiday Inn de Bluestem amanhã.

– Acho difícil. Bluestem é longe de St. Paul?

– Quatro horas de carro.

– Eu dou um jeito. Vou falar com o Lucas.

Enquanto falava com Sandy, Virgil chegou ao estacionamento do tribunal. Quando desligou o telefone, entrou, encontrou o juiz, disse do que precisava e foi para a casa de Roman Schmidt.

O dia estava ficando quente, com as folhas das árvores se agitando, o que lhes dava uma aparência prateada na brisa. Os pés de milho estalavam e farfalhavam nos campos ao longo da estrada.

O corpo de Schmidt fora removido, mas só depois de um fotógrafo do jornal de Sioux Falls, com uma lente de 60 centímetros e um monopé, ter se escondido no milharal do outro lado da estrada e tirado várias fotos antes que o notassem e o campo de visão fosse bloqueado por uma patrulha.

Big Curly queria prender o fotógrafo, mas Stryker achou melhor uma conversa com o editor sobre bom senso e os sentimentos dos parentes, assim como uma possível acusação de invasão de propriedade e a futura falta de cooperação caso as fotos fossem publicadas.

– Uma acusação dessa não se sustentaria – disse ele a Virgil. – Mas temos de torcer para que o editor dele não saiba disso.

– Os jornais também não costumam publicar fotos de gente morta. Assim eu

espero.



O corpo de Gloria Schmidt estava no quarto, mas seria removido assim que o carro da funerária voltasse. A casa ainda estava sendo periciada.

– Só deve terminar amanhã de manhã – falou Stryker.

– Estou doido para entrar aí e olhar a papelada deles – murmurou Virgil.

– Precisamos fazer a perícia primeiro. Também estou me segurando para não entrar.

– Eu sei, tudo bem. Vou ao banco dar uma olhada nos registros. Vocês acharam alguma chave de cofre na casa?

– Eu, não. Mas posso verificar. Venha aqui para trás.

Virgil acompanhou Stryker pela lateral da casa, indo até a porta dos fundos, entrando num pequeno saguão.

– Provavelmente está na cômoda do quarto ou numa gaveta do escritório – comentou Virgil.

O interior da casa estava mais fresco, porém havia no ar o cheiro de sangue e gases corporais. Stryker parou na porta do saguão e chamou:

– Margo!

– O que foi? – respondeu uma voz de mulher que vinha da frente da residência.

– Você viu alguma chave de cofre por aí?

– Vi. Você quer?

– Tem algum problema? – gritou Stryker.

– Nenhum. Estava na cômoda, embaixo das meias de Roman. Não parece que alguém tenha mexido nela.

– Certo.

Stryker disse a Virgil:

– A imprensa já está sabendo. Marquei uma coletiva às três horas no tribunal. Seria bom você estar lá.

– Estarei.



Alguns minutos depois a perita ruiva saiu da casa e entregou um envelope azul a Stryker, que o repassou a Virgil e disse:

– Avise se achar alguma coisa.

– Pode deixar.



De volta à cidade, Virgil foi ao tribunal, pegou as intimações, parou numa das lanchonetes Subway de Bill Judd Jr., comprou um sanduíche e foi andando até o banco. O gerente abriu a caixa dos Schmidt, dentro da qual Virgil encontrou

alguns papéis: seguros, escrituras, testamentos, fotos antigas, mas nenhum dinheiro. Achou um anel de ouro maciço cravejado com um pequeno diamante e com o nome de Vera Schmidt gravado no interior. Seria a mãe de Roman?

Duas coisas chamaram a atenção de Virgil.

Num envelope ofício amarelo encontrou a foto de uma loura nua, deitada no que parecia ser uma mesa de autópsia. Metade do rosto estava cortada e coberta de sangue, com a boca ligeiramente aberta, e um dos lados do corpo apresentava manchas roxas. Obviamente estava morta, porém não havia nome nem data na foto.

Havia uma hipoteca da casa onde os Schmidt foram mortos com a data de 11 de maio de 1970. O empréstimo estava assinado pelo velho Bill Judd, com pagamento de 15 anos, a juros de quatro por cento. Havia um recibo de quitação preso com um clipe, pago em 1985.

Um pagamento mensal de 547 dólares parecia elevado para a época. Virgil pensou que o terreno talvez estivesse atrelado à casa. Iria investigar.

A morte da mulher loura teria relação com o empréstimo? Naquela época, Roman Schmidt era o xerife. Judd estaria envolvido na morte da mulher?

Ou Judd Jr.? Virgil não sabia quantos anos Júnior tinha agora, mas parecia próximo dos 60. Se a fotografia tivesse relação com o empréstimo e fosse da mesma época, Judd Jr. teria 20 e poucos anos, idade em que poderia perfeitamente cometer um crime daquele. Virgil precisava pensar no assunto.

Voltou à foto e olhou-a com calma. A imagem estava um pouco apagada, porém o retrato tinha sido tirado com cuidado, provavelmente por um profissional. Um jornal da época já tirava fotos em cores? No canto da imagem percebeu alguns equipamentos que talvez não fossem de medicina. Poderiam ser de embalsamamento, mas não tinha certeza...

O banco tinha uma copiadora colorida. Fez duas cópias, alugou uma caixa nova e trancou tudo, com exceção das cópias. Quando terminou e os papéis de Schmidt estavam trancados de novo, o gerente perguntou:

– Alguma pista?

– O senhor não acreditaria se eu dissesse. Mas acho que estamos fazendo progresso.

O gerente ficou boquiaberto. Virgil pensou: *Espalhe a notícia.*



Em seguida foi à caixa em que haviam guardado os papéis do velho Judd depois de a original ter sido aberta com a furadeira. Com o gerente como testemunha, pegou o dinheiro, retirou todos os papéis, pôs o dinheiro de volta e trancou a caixa novamente. Levou os papéis até um cubículo, onde começou a examiná-los. Nada sobre os Schmidt ou os Gleason.

Entre todos os documentos sobre negócios, a única certeza era de que o velho

Judd dera ao filho pelo menos dois milhões de dólares ao longo dos anos – recibos de transferências estavam cuidadosamente presos com cliques, junto a declarações de imposto de renda – e emprestou outro milhão.

O filho estava endividado até o pescoço com o pai, mas o velho estava morrendo, portanto parecia improvável que Júnior corresse o risco de acabar com ele, já que a herança cairia no seu colo de qualquer jeito.



Quando Virgil terminou de examinar as caixas, o gerente levou-o até uma sala da vice-presidência, onde acessou um sistema com imagens digitalizadas de cheques.

– Há cheques desde 1959. Os primeiros podem estar meio escuros, pois foram escaneados a partir de microfimes.

Ele começou pelos cheques de Roman Schmidt e uma luz se acendeu em sua cabeça: de 1970 a 1985, quando Schmidt supostamente estava pagando a hipoteca da sua casa, ele não encontrou nenhum cheque no valor de 547 dólares.

Pensou que havia alguma coisa ali.

Ao acessar as contas de Judd, encontrou mais de 30 mil cheques, quantidade impossível de ser examinada. Não havia referência a cheques de 547 dólares entre 1970 e 1985. Ao que parecia, Roman Schmidt jamais havia emitido um cheque para Judd. Virgil achou igualmente interessante o fato de, durante o período do esquema do girassol-batateiro, haver pouca movimentação na conta de Judd. Deveria haver outras contas que ele não conhecia. Iria falar com Sandy, a assistente de Davenport, para ver se ela poderia descobrir alguma coisa.



Também não encontrou nada nos registros dos Gleason.



Virgil saiu do banco à uma hora da tarde de um dia que parecia o melhor do ano: muito quente, com uma leve brisa e o perfume de agosto chegando. Pegou o celular e ligou para Joan:

– Achei que você estava um pouquinho irritada comigo quando a deixei em casa.

– Um pouco, mas já passou – respondeu ela. – Antes de tudo, fiquei surpresa. Depois de pensar no que você disse, a surpresa foi embora.

– Humm. Quer ir à fazenda agora à tarde? Dar um mergulho na piscina?

– Só se você fizer o dever de casa direitinho.

– E qual seria ele?

– Compre comida e umas cervejas.

– Combinado. Tenho uma pergunta. Há alguma funerária em Bluestem?

– Claro. A Johnstone, perto do cemitério. Siga pela Rua Cinco que você vai dar direto nela.

– Você acha que eles têm os registros dos anos 1970?

– Bom, Gerald Johnstone, que abriu a funerária nos anos 1950, ainda está vivo. O filho dele, Oliver, é quem cuida do negócio agora. Mas Gerald está lúcido e mora perto dos Gleason. Um seis casas depois, do lado esquerdo da rua. Uma residência na beira do barranco. O nome da mulher dele é Carol.

– Certo – respondeu Virgil, com um pensamento na cabeça: Betsy Carlson, a velha da clínica de repouso, disse que “Gerald” esteve lá na noite do Homem da Lua.

– Com certeza não foi ele – disse Joan. – Ele está lúcido, mas duvido de que tenha força para levantar um galão de gasolina, quanto mais um corpo.

– Certo. Que sanduiche você quer?



Virgil foi até a Lanchonete Winston, pediu sanduíches de rosbife com mostarda e cebolas, salada de batata com queijo roquefort, seis latas de cerveja, dois pratos e dois jogos de talheres de plástico. A mulher do balcão disse que estaria pronto em 10 minutos. Ele respondeu que voltaria às cinco, pegou emprestada a lista telefônica e procurou o endereço de Gerald Johnstone.



Johnstone morava numa casa de madeira, que tinha um porão com entrada para o barranco, um deque virado para a cidade e uma garagem com três vagas. Um sistema de irrigação molhava o jardim de um verde artificial quando Virgil estacionou em frente à garagem. Desviou-se dos esguichos, caminhou até a porta e, abaixando-se para não bater a cabeça no sino de vento, tocou a campainha.

Dez segundos depois um homem idoso, de rosto cinzento e preocupado, falou por trás de uma janela de tela na lateral da varanda:

– Quem é você?

Virgil mostrou a identificação.

– Virgil Flowers, Departamento de Detenção Criminal. Gostaria de falar com o senhor um minutinho, Sr. Johnstone.

O homem destrancou a porta interna e abriu a tela. Tinha mais de 80 anos, era alto, magro demais, com mãos trêmulas e olhos azuis que pareciam estar desbotando. Era careca no alto da cabeça e tinha alguns fios de cabelo branco puxados da lateral até em cima.

– Geralmente não deixo tudo trancado – disse ele. – Minha mulher está muito nervosa com essas mortes. Eram todos idosos como nós.

Enquanto ele dizia isso, uma mulher gritou dos fundos:

– Gerald? Quem é?

– A polícia! – gritou de volta.

Enquanto Virgil atravessava a porta, ela saiu dos fundos da casa com uma pilha de toalhas dobradas na mão. Era rosada, corpulenta, ativa e tinha aproximadamente 15 anos a menos que o marido. Perguntou:

– O senhor é o tal cavalheiro Flowers?

– Sim – respondeu ele. – Prazer em conhecê-la.



Conversaram na sala de estar. Os Johnstone não sabiam nada sobre nada, mas estavam morrendo de medo e não escondiam isso.

– Quem quer que seja, ele está matando meus amigos – disse Gerald Johnstone. – Bill Judd não era exatamente um amigo, sobretudo nos últimos anos, mas eu o conhecia bem. Roman, Gloria, Russell e Anna eram meus amigos. Tenho medo de que... o senhor sabe... ele possa vir atrás de nós.

– Tem alguma ideia de quem possa ser? E por que está fazendo isso?

– Não, nenhuma, e olha que não paramos de pensar nisso – respondeu Gerald. Carol Johnstone disse:

– Numa cidade pequena como Bluestem, todo mundo tem algum problema com alguém. Todos somos muito próximos. Mas a gente logo supera e a amizade volta. Mas quem poderia ter tanto ódio... – A frase ficou no ar. Mas ela emendou: – Eu gostaria de dizer uma coisa, mas não quero que o senhor espalhe por aí.

– Não se preocupe – disse Virgil.

– George Feur estava tentando converter o Bill Judd. Falava com ele sobre alma, tentando arrancar dinheiro, e acho que consegui. Feur lida com o ódio e as pessoas se sentem atraídas por isso. Acho que o problema pode estar aí, mas não sei por que eles matariam velhos.

– Porque são malucos – respondeu Gerald.

– Estou de olho no pastor Feur – disse Virgil ao velho. – Mas também há a possibilidade, já que as vítimas são bem idosas, de que algo tenha acontecido há muito tempo. Eu gostaria que o senhor olhasse a foto de um corpo e dissesse se ele passou pela sua funerária. – E falou para Carol Johnstone: – Não é uma imagem agradável, senhora.

– Fotos de mortos nunca me incomodaram – retrucou ela. – Trabalhei na funerária durante 30 anos e vi tudo o que o senhor pode imaginar.

Virgil confirmou com a cabeça e pegou a cópia colorida da mulher sobre a mesa. Entregou-a a Gerald Johnstone, que a examinou com seus olhos vagos, concentrou-se e então começou a tremer.

– Parece nossa funerária – disse. – Esse lugar é uma funerária e parece nossa mesa de preparação. Mas não posso dizer que me lembre. Eu diria que foi um acidente de carro. Tivemos muitos assim. Não fazíamos o enterro completo, apenas a preparação do corpo. Portanto, não lembro.

Ele está mentindo, pensou Virgil.

Carol balançava a cabeça.

– Eu me lembraria se tivesse visto, mas não reconheço. De onde veio isso?

– Não sei. Esperava que vocês soubessem.

Ela balançou a cabeça.

– Eu trabalhava lá, mas nunca vi essa mulher. Quem quer que seja, não é da região.

– Certo – disse Virgil.

Gerald ainda olhava a foto, repassando alguma coisa na mente, mas de novo balançou a cabeça.

– Sinto muito.

Carol Johnstone está dizendo a verdade, pensou Virgil. Mas Gerald Johnstone estava mentindo descaradamente.



Ele pressionou o velho:

– É importante sabermos se é ou não seu estabelecimento. É sua funerária?

– Pode ser – respondeu Gerald. – Mas pelo modo como a foto foi tirada... é de perto demais. A mesa é do mesmo tipo, de aço inoxidável. Não é mais nossa.

Carol Johnstone disse:

– Esta é a nossa funerária, Gerald. Foi antes da reforma. – Ela bateu num canto da foto em que havia uma máquina estranha que parecia um liquidificador gigante. – É o velho misturador, lembra? Tenho certeza de que é nosso estabelecimento.

Gerald Johnstone balançou a cabeça.

– Acho que é, mas não me lembro dessa mulher. Cuidamos de centenas de vítimas de acidentes ao longo dos anos, e estou velho demais.

Ainda está mentindo, pensou Virgil.

– Quando fizeram a reforma? – perguntou.

– Entre 1981 e 1982. O equipamento novo chegou em 1982 – disse Carol. – Quem quer que seja, morreu antes disso. Mas a mesa e o misturador eram antigos.



– E o Homem da Lua? – perguntou Virgil.

Soube que tinha dado um passo errado. Os dois ficaram perplexos. Carol disse:

– O quê?

– Betsy Carlson disse algo sobre o Homem da Lua. Que tinha visto o Homem da Lua. Ela acha que pode haver alguma ligação.

Carol balançou a cabeça, mas novamente Virgil viu um brilho nos olhos de Gerald.

– Ela me disse que Gerald estava lá para ver a chegada do homem à lua, que o Gerald sabia!

Carol balançava a cabeça, mas os olhos de Gerald se desviaram enquanto ele dizia:

– É um mistério completo. O que isso significa?



Olhando diretamente para Gerald Johnstone, Virgil disse:

– Se o senhor se lembrar de *qualquer coisa*, me avise. O senhor chamou o assassino de maluco e está coberto de razão. Deixem as portas fechadas. Se ele achar que vocês estão envolvidos em qualquer coisa, os dois correm risco.

– Isso vai parecer idiotice – disse Carol Johnstone de repente.

– Diga – pediu Virgil.

– Na noite em que os Gleason foram mortos, não estávamos em Bluestem. Ficamos aqui 250 dias por ano, mas temos uma casa em Palm Springs, para onde vamos no inverno. Mas coincidentemente não estávamos lá, pois visitávamos nossa filha em Minneapolis, e naquela noite fomos a um show. Quando voltamos no dia seguinte, havia policiais no início da rua.

– Ah, mas isso é bobagem – rebateu Gerald Johnstone.

– Eu gostaria de ouvir mesmo assim – insistiu Virgil.

Carol assentiu.

– Paramos e perguntamos a um policial o que havia acontecido. Larry Jensen veio nos fazer umas perguntas, mas não tínhamos nada a dizer. Fomos embora. Mas quando chegamos em casa o capacho da porta tinha sido tirado do lugar.

– Ah, Carol! – disse o velho, revirando os olhos.

– Mas é verdade – afirmou ela. – Você sabe como gosto de tudo arrumado e ele estava na lateral da porta. Na hora achei que alguém tivesse mexido. Bom, os Gleason foram mortos no meio da noite e nós voltamos à uma da tarde. Então quem tirou o capacho do lugar?

– A senhora acha que foi a pessoa que matou os Gleason?

Ela estremeceu.

– Eles moravam logo adiante. Temos temporizadores nas lâmpadas, para parecer que sempre há gente em casa. As luzes se acendem e apagam. Talvez...

Virgil olhou diretamente para Gerald.

– Se o senhor se lembrar de mais alguma coisa, me procure. Não queremos que mais ninguém morra.

– Pode deixar – respondeu Gerald.

– Se por acaso o senhor estiver mentindo para mim, pode passar o resto da vida na cadeia, como cúmplice.

Carol se irritou.

– Ei! Ele não está mentindo! Fariamos qualquer coisa para pegar esse...

monstro!

– Só estou avisando – retrucou Virgil.



Virgil pediu licença e foi embora. Achou interessante a possibilidade de Gerald Johnstone estar mentindo. Precisava identificar a foto, voltar e encostar o homem na parede.

Enquanto entrava no carro, pensou no capacho fora do lugar, suspirou, tirou a pistola de baixo do banco e prendeu-a no cinto. Foi até o jornal e encontrou Williamson diante do computador.

Ele ergueu os olhos quando Virgil passou pela porta.

– A matéria sobre as Laymon fez sucesso! – disse. – Devo-lhe uma!

– Alguma novidade em relação aos Schmidt?

– Não. Droga, se eles iam ser mortos, que não fosse no dia em que o jornal circula. Ficamos defasados em uma semana. Enquanto isso, o *Globe* e o *Argus-Leader* faturam. – Eram, respectivamente, os diários de Worthington e Sioux Falls.

– Pode me pagar agora o que deve – brincou Virgil. Em seguida olhou o relógio: quinze para as duas. – Gostaria de ver os jornais a partir de 1970.

– Não temos. Quero dizer, não os jornais inteiros. Antes de 1995 estão em microfilme na biblioteca. Se for um nome específico, vai estar no necrotério.

Virgil balançou a cabeça.

– Nem sei o nome. Na verdade, nem sei direito o que estou procurando. Onde fica a biblioteca?

– É só subir o morro. Você vai à coletiva de imprensa?

– Não perderia por nada no mundo.

– Assim como todos nesta cidade. Não sei o que Stryker vai fazer. As pessoas já estão indo para o tribunal. Não vai haver espaço para os repórteres.



Virgil foi rapidamente à biblioteca, uma construção plana de tijolos vermelhos na esquina da Main Street. Uma bibliotecária loura de olhos claros, com a pele delicada de uma adolescente, levou-o a uma cabine atrás das estantes.

– Vou mostrar como funciona. Não é muito fácil – disse ela. Em seguida foi a um arquivo de madeira com dezenas de gavetas pequenas e murmurou: – Mil novecentos e setenta. – Abriu a gaveta, pegou quatro caixas de microfilmes e entregou a Virgil. Voltou ao arquivo e disse: – Droga, está faltando uma caixa. Alguém guardou no lugar errado.

Ele ficou interessado.

– Que caixa?

A mulher começou a examiná-las novamente, explicando:

– Só começamos uma gaveta nova quando a anterior está cheia e, quando eu abri, vi que estava leve, de modo que há uma caixa perdida por aí. Parece... – Ela ficou na ponta dos pés, ajeitou os óculos no nariz, olhando dentro da gaveta, e disse finalmente: – Termina no meio de maio e recomeça em setembro. Ou seja, está faltando uma caixa. São quatro meses em cada rolo. Droga! Eu digo às pessoas para deixar que a gente arquiva de volta. Mas elas não ligam.

– A caixa pode ter sido guardada em outro lugar?

A bibliotecária abriu uma gaveta dos anos 1990, que só estava parcialmente ocupada. Verificou as caixas e disse:

– Estas estão certas. – Depois examinou várias gavetas vazias na parte de baixo do arquivo. – Acho que alguém tirou. Preciso voltar para o balcão. Depois que a biblioteca fechar eu vejo com calma. Mas acho que alguém tirou.

– Eu gostaria que desse uma olhada – pediu Virgil.



A caixa que faltava intrigou Virgil. A bibliotecária mostrou o funcionamento do aparelho de microfilme, ele examinou os dois meses anteriores e os dois meses posteriores à assinatura da hipoteca dos Schmidt e não viu nada que chamasse a atenção. Nenhuma mulher morta num acidente de carro.

Aquilo também não significava nada. Pelo menos por enquanto. E era possível que Judd tivesse *comprado* Schmidt com alguma finalidade.



Virgil saiu da biblioteca às vinte para as três. Às dez para as três trocou de roupa, vestindo uma camisa azul-clara com gravata, calça cáqui e blazer azul-marinho. Ao olhar-se no espelho, concluiu que estava parecido com um recepcionista de cassino.

Chegou ao tribunal quando faltava um minuto para as três. Vinte pessoas estavam do lado de fora, a maioria velhos, a maioria homens e a maioria falando sem parar. Dois furgões dos canais de TV estavam sobre o gramado, com cabos serpenteando pela porta do tribunal.

O interior do prédio era um caos. Mais de 100 pessoas se aglomeravam na sala. Além de dois cinegrafistas que tinham montado os holofotes sobre a bancada dos advogados, havia duas mulheres diante das câmeras. Na primeira fila estavam quatro homens e duas mulheres – todos de aparência cansada – que provavelmente eram da mídia impressa. Dois sujeitos com gravadores, que deveriam ser de estações de rádio, se encontravam logo atrás. Sem falar nos 100 moradores que pareciam não ter ideia do que estavam fazendo ali.

Virgil enfiou a cabeça para dentro da sala, observou toda a cena e foi até a sala de Stryker antes que o vissem. O celular tocou e ele tirou-o do bolso: era Stryker. Virgil passou pela secretária, enfiou a cabeça na sala do xerife e disse:

– Está me procurando?

Stryker desligou o telefone.

– Onde diabos você estava?

– Por aí. Já sabe o que vai dizer?

– Bom – o xerife deu de ombros –, a verdade, acho.

– Meu Deus, Jim, você não pode fazer isso! – Virgil olhou para trás e viu que a secretária os observava. Fechou a porta na cara dela. – Isso vai emperrar a investigação.

– Se estivesse aqui uma hora atrás, poderíamos ter preparado alguma coisa.

– Não há o que preparar. Vá até lá e dê os detalhes escabrosos dos três crimes: dos Gleason, de Judd e dos Schmidt. Todo mundo já está sabendo. Você não vai revelar nada de novo. Fale dos tiros nos olhos. Diga que Judd foi queimado até sobrar apenas os ossos dos tornozelos. O pessoal da TV vai adorar. Diga que conseguimos informações que apontam para um assassino da região e que temos várias pistas que não podemos revelar. Mas que em 10 dias devemos ter novidades. Comente que estamos progredindo.

– Estamos?

– Mais ou menos.

– Virgil!

– Não diga a eles o que é, idiota! Isso é confidencial. Estamos agindo, mas não podemos falar.

– Se eu fizer isso e não conseguir nada em 10 dias, estou ferrado!

– Se você disser que não temos droga nenhuma, estará ferrado de qualquer jeito! Se disser que os cães do inferno estão nos calcanhares do assassino, talvez ele faça algum movimento que a gente veja.

– Meu Deus!

– Ele não está aqui, Jim! Somos só você e eu!



Stryker se empertigou e, quando estavam para sair, perguntou:

– Quais detalhes devo revelar?

– Os olhos, o fato de que parece um ritual. A forquilha por trás de Schmidt e que ele estava virado para o leste. Que Gleason também estava virado para o leste. Judd foi reduzido aos ossos do tornozelo e do pulso, além do fio cirúrgico do coração. Eles vão engolir isso.

– Eu é que preciso cuidar do coração – disse Stryker. – Para ser bem sincero, depois vou ter de ir ao cardiologista.

Já a caminho da sala, Virgil sussurrou:

– Você é o xerife implacável do condado. Um caubói honesto, honrado e temente a Deus. Não quer falar sobre isso, mas acha que deve, porque vivemos numa democracia. Você é sério. Não sorri, porque os mortos eram seus amigos.

Esse cara está matando seu povo!

– Um xerife sério! – repetiu Stryker.



Stryker foi sério e se saiu muito bem, sem praticamente mover as mandíbulas.

Virgil disse exatamente 31 palavras: “Estamos trabalhando duro nesse caso e, como o xerife acabou de afirmar, estamos investigando. Mas a posição do DDC é que o xerife comanda a operação, então deixamos que ele fale.”

Uma mulher do canal de TV de Sioux Falls gostou do discurso de Stryker, então resolveu fazer uma pergunta:

– O que o senhor vai fazer quando pegar esse sujeito?

– Espero que o filho da puta reaja – respondeu Stryker, com o rosto parecendo de pedra. – Para valer o dinheiro que estamos gastando.

O filho da puta não foi cortado na edição.



Já na sala de Stryker, Virgil disse a verdade:

– Acho que você conseguiu.

– Então temos 10 dias. – O xerife deu uma volta pela sala. – O que você achou da repórter de Sioux Falls?

– Se Jessica não render nada, ligue para ela – respondeu Virgil.

– Ela tinha um belo... corpete.

Isso fez Virgil rir.



A equipe de TV guardou os equipamentos e foi embora às quatro e meia, deixando para trás uma multidão de moradores que foi dispersando aos poucos. Virgil pegou os sanduíches na Lanchonete Winston e ligou para Joan.

– Está pronta?

– Só depois do noticiário.

Virgil voltou ao hotel, fez xixi, calçou tênis de corrida e vestiu uma camisa de caubói, deixando a barra para fora da calça a fim de cobrir a pistola. No caminho para a casa de Joan, ligou para Sandy.

– Como estamos indo com as declarações de imposto de renda?

– É uma pilha que não acaba mais. Falei com o Lucas e vou mandá-las para aí via mensageiro. Ele vai sair daqui amanhã às oito. Você deve receber ao meio-dia.

– Fantástico. Consiga mais algumas declarações para mim, por favor: Carol e Gerald Johnstone, de Bluestem, donos ou ex-donos da Funerária Johnstone.

– Pode deixar. Estarão no pacote.

– Além disso, verifique na biblioteca estadual se há as edições do jornal

Bluestem Record de maio a setembro de 1969.

– Não vai ser possível hoje, pois ela está fechada. Amanhã não estarei aqui e depois vem o fim de semana. Posso ver se consigo outra pessoa...

– Ah, meu Deus. Certo, segunda-feira cedinho?

– Cedinho.

Ele descreveu a mulher morta sobre a mesa e disse que poderia ser vítima de um acidente de carro.

– Se eu achar alguma coisa, mando por fax para o hotel – respondeu Sandy.

– Não, não. Ligue para meu celular. Você pode ler para mim. Não quero que os outros saibam.

O NOTICIÁRIO ESTAVA COMEÇANDO QUANDO Virgil bateu à porta de Joan. Ela gritou:

– Entre! – Quando ele estava na sala de estar, ela perguntou: – Você me viu na coletiva?

– Não.

– Fui esmagada – disse Joan. – Estava no fundo, mas tinha um gordo do meu lado me apertando contra a parede. Olha, vai começar!

A coletiva era o destaque e ocupou quatro ou cinco minutos do jornal. Virgil estava certo: eles adoraram. E as câmeras gostaram mais ainda do rosto de Stryker e do seu queixo quadrado.

– Esse é o meu irmão – disse Joan, orgulhosa. – Parecia um ator de cinema.

– Ele se saiu muito bem – concordou Virgil.

– Pelo visto você andou escondendo as coisas de mim. – Ao sair, Joan pegou uma bolsa de lona junto à porta. – Não comentou que estavam tendo progresso. Você andava meio cabisbaixo.

– É, bem... – murmurou ele.

– O quê?

– Nada.

– O que você ia dizer? – Eles tinham acabado de entrar no carro. – Você disse alguma coisa!

Ele se inclinou, beijou-a no rosto e disse:

– É tudo papo-furado. Não temos nada.

Ela ficou perplexa.

– Virgil!

– As coisas são assim.

– Virgil!

– Conseguimos 10 dias.

Ele tirou o carro da vaga e ela não disse uma palavra até saírem da cidade.

– Trouxe a comida?

– Exatamente o que pediu.

– Mas vocês não conseguiram nada?

– Bom, talvez alguma coisa.

– Virgil!

Ele remexeu atrás do banco, pegou a cópia da foto e a passou para Joan, que se encolheu bruscamente.

– Que nojo!

- Alguma ideia de quem seja? Se bem que não deve ser da sua época.
- Não. Onde você achou isso?
- No cofre de Roman Schmidt. Não havia nada além da foto. Nenhum outro papel que identifique a pessoa. Tenho a sensação que é de antes dos anos 1970.
- Procurou no jornal?
- O jornal está em microfilme na biblioteca. Alguém roubou o rolo com os meses de maio a setembro de 1969. Mas também não há como saber se é o que estamos procurando.
- Realmente. Virgil, você poderia... – Ela hesitou e depois disse: – Jim sabe disso?
- Ainda não. Vou contar quando tiver tempo, mas acho que ele saiu da cidade
- Saiu da cidade? Não é possível. O que mais aconteceu?
- Ele riu.
- Jurei não contar a ninguém.
- Problema seu! Conte logo!
- Virgil deu uma risada.
- Acho que ele vai levar Jessica Laymon para jantar. Em algum lugar bem longe, onde ninguém possa vê-lo. Ele acha que deveria trabalhar 24 horas por dia no caso de Roman Schmidt, ainda que não haja nada para fazer.
- Ah, meu Deus. – Ela mordeu o lábio inferior. – Bom, espero que pelo menos ele transe com a Jessica. E, claro, torço para que valha a pena. Porque ele está encrocado de verdade. E não seria surpresa alguma se um dos Curly se candidatar a xerife.
- Você acha?
- Big Curly achava que era o sucessor natural de Roman. Ele pode nem mais fazer questão, mas Little Curly pegaria o cargo num minuto.
- Nenhum deles me parece muito esperto.
- Não, mas a família deles é tradicional, conhece todo mundo. Se o Jim der mole, um deles se candidata.
- Mas nós vamos pegar o cara. Até a semana que vem.
- Você acha?
- Acho.
- Mais alguém vai ser morto?
- Ele pensou por um minuto.
- Talvez.



Por precaução, Joan o fez parar a caminhonete no celeiro, então os dois foram andando até o córrego e subiram até a gruta de Stryker. Os tênis tornavam a caminhada mais fácil. Botas de caubói não foram feitas para subir em pedras. No topo, do lado esquerdo da piscina, Joan abriu a bolsa de lona e retirou um

edredom.

– Direto do Wal-Mart! Com ele, as pedras ficam mais macias!

Virgil tirou os sanduíches e a cerveja da caixa e, quando levantou os olhos, Joan estava desabotoando a blusa. Ele se sentou numa pedra, observando enquanto ela tirava a peça. O gesto foi seguido pelos sapatos, as meias e o jeans. Por fim, Joan abriu o sutiã e jogou-o junto das outras roupas, enquanto a calcinha descia pelas pernas.

– E aí, gostou de alguma coisa?

– Ô!

– O último a entrar... – disse ela, mergulhando da pedra a dois metros de altura, enquanto Virgil se apressava em tirar os tênis, a camisa e a calça. Quinze segundos depois, ele mergulhava, batendo com força na água. Quando voltou à superfície, ela logo lhe deu um caldo.

Brincaram na piscina durante um tempo. A água era revigorante naquela tarde de verão, em que as pedras sob a luz do sol poente eram quentes como brasa.

A parede por trás da piscina, ao leste, de onde descia a água da fonte, tinha passado por um processo de erosão, formando uma rampa íngreme. No topo, havia um pequeno trecho de terra e capim e, logo atrás, uma encosta pedregosa ia até a crista. As paredes da piscina nos lados norte e sul eram retas e com 12 metros de altura da mais sólida rocha vermelha. Joan comentou que um garoto das redondezas, numa aposta, saltou lá de cima, caiu na parte rasa e quebrou alguns ossos do pé ao bater no fundo.

– Foi o fim da brincadeira – disse ela. – Tivemos de carregar o menino para baixo.

No lado oeste ficava o cânion, com o sol se pondo bem no centro da fenda. Segundo ela, isso acontecia em maio e agosto, e depois ele oscilava mais para o norte ou o sul, dependendo da estação.

Estavam encarando um ao outro, espirrando água, Virgil pensando numa nova brincadeira. As mãos de Joan estavam em seu peito e ele ia sugerir uma atividade diferente quando percebeu um reflexo na colina, para além da extremidade da piscina.

Pensou que poderia ser uma gota d'água num cílio, um borrifo, qualquer coisa. Mas então viu de novo, empurrou a cabeça de Joan para baixo d'água e mergulhou em seguida, segurando o braço dela e puxando-a para o fundo, em direção a uma das paredes da piscina. Joan lutou contra ele, mas Virgil puxou-a com mais força, até encostarem na parede leste, onde os dois subiram 50 centímetros até a superfície e ela gritou:

– Virgil, o que você está fazendo?

Um tom de desespero tomou conta da sua voz enquanto ela sacudia a água do cabelo.

Virgil empurrou-a contra a parede e disse, nervoso:

– Tem alguém no morro lá em cima. Vi um reflexo de vidro.

Ela se virou para olhar, mas eles estavam fora do campo de visão, encostados na pedra.

– O quê?

– Alguém lá em cima no morro.

– Uma máquina fotográfica?

– Talvez

– Talvez?

– Pode ser uma mira telescópica. Quando alguém olha com binóculo, dá para ver os braços da pessoa.

Ela encarou-o, chocada, e em seguida olhou para as roupas deles.

– Ah, meu Deus!

– É!

– Tem certeza? – perguntou ela, esticando o pescoço para olhar para cima.

– Vi duas vezes. – Ele olhou de volta para as roupas e disse: – Quero que você fique bem aqui. Vou por baixo d'água até aquele canto e sair depressa. Não acredito... ele está pelo menos a uns 400 metros. Não acredito que possa me acertar se eu me mover rápido. Quando eu passar por trás daquela pedra, posso pegar as roupas e minha arma.

– Pensei...

– Comecei a andar com ela hoje. Conto a você mais tarde. Agora fique aqui.

Ele respirou fundo duas vezes e depois mergulhou junto à parede. Tinha de descer bem fundo, pois a água era muito clara. Quando encostou no chão, orientou-se e deu um impulso para longe da parede, pensando: *Fique no fundo, fique no fundo*. Sentiu o piso e subiu ligeiramente torto, avançando com uma braçada, indo na direção de uma fenda na pedra, e estava quase chegando quando esbarrrou na parede à direita. Uma das mãos escorregou e ele afundou, mas se recuperou e chegou até a fenda, cansado, e ouviu um tiro abafado de fuzil. Subiu pela fenda, ralando os joelhos, e arrastou-se para trás de uma pedra, a dois metros de sua arma.

Joan berrou:

– Virgil, ele está atirando!

Não fui atingido, pensou. Olhou para a parede atrás e viu a marca da bala: 50 centímetros acima da cabeça. Não tão perto, mas o suficiente para apavorá-lo.

Gritou para Joan:

– Estou bem! Fique aí!

Começou a contar. Um minuto, um minuto e 30 segundos. Joan fez um gesto interrogativo e ele ergueu a mão para que ela esperasse! Dois minutos...



Quando caçava cervos no norte do estado e via um macho entre as árvores,

tinha de acertar o tiro em até dois minutos. Depois desse tempo, a mira não era mais precisa. Esperava o cervo entrar na linha de tiro e só então se concentrava na mira. Dois minutos e 20 segundos. Virgil encolheu-se contra a parede, viu a pistola no chão e disse a si mesmo: “*Vai, vai, vai.*” E foi.

Dois metros de ida, meio segundo, pegar a arma, dois metros de volta. A bala riscou o ar um segundo depois, ricocheteando numa pedra a um metro de Virgil e, mais uma vez, foi alta demais.

Estava com a arma nas mãos. Levantou-se, pôs a cabeça para fora da parede por meio segundo e escondeu-se novamente. Ajoelhou-se, pôs a cabeça para fora e viu um movimento: como um urso, alguém de roupa escura perto da crista do morro, correndo para o topo, para longe deles. Virgil recuou de novo, levantou-se, firmou-se na pedra, apontou a pistola um pouco para cima e puxou o gatilho, contando sete tiros.

Se acertasse, uma chance pouco provável àquela distância, seria um grande feito. O desejo de Virgil era ver um enxame de balas ao redor da pessoa, como abelhas em volta do mel.

O sujeito não podia correr o risco de ser acertado, pensou Virgil. Se fosse acertado ou visto, seria seu fim.



Era um beco sem saída. Virgil estava na piscina, numa parte mais baixa e sem qualquer possibilidade de ir atrás do atirador. Mas Virgil também estava armado, furioso e escondido entre as pedras, onde seria difícil acertá-lo.

Ficou perto da parede, procurando um novo lugar para se proteger. Olhou para o topo da montanha, porém não viu mais nada. Finalmente gritou para Joan:

– Por baixo d’água, como eu fiz. Nade até aquela fenda. Ele não está mais lá, mas não se arrisque. Saia daí depressa.

Ela fez que sim, mergulhou e, alguns segundos depois, voltou à superfície e nadou até a fenda, passando pela pedra e levantando-se perto dele.

– E agora? – Joan tremia, pois ficou durante tempo de mais dentro d’água.

– Vou ficar aqui por mais dois minutos e depois pego as roupas.

– Virgil!

– Tenho quase certeza de que ele foi embora. Não estou vendo mais nada. Um tiro de fuzil pode ser ouvido a dois quilômetros de distância, e não estamos na temporada de caça. Então ele já saiu correndo, foi embora.

– Provavelmente foi para o norte pela Holman. Não há nada até a Autoestrada 7. No entanto, quando chegar à 7, vai ser apenas um carro a mais.

– Então é isso – disse Virgil, afastando-se da parede e pegando as roupas no chão. Entregou-lhe o sutiã, a blusa e empurrou-a contra a parede, beijando-a. – Ser alvo de tiros me dá o maior tesão.

– Estou vendo! Seu pênis deve estar com uns dois centímetros! Culpa da água!

Virgil olhou para o volume entre as pernas e disse:

– Não foi a água fria, querida! Foi medo! – Ele recuou, olhando para cima do morro. – Se ele fosse mais calmo, poderia ter chegado perto. Nós estávamos na piscina e... *pou!* Mataria nós dois.

Ela se desencostou da parede.

– E por que não fez isso?

– Ele podia estar planeando, mas começou a olhar com a mira telescópica. Foi quando eu o vi. Acho que ele iria esperar a gente sair da água, mas ficou impaciente e tentou acertar antes.

Enquanto falavam, os dois se vestiam. Quando terminaram, Virgil disse:

– Vou pegar as coisas.

– Deixe as coisas para lá!

– Ele foi embora, mas de qualquer maneira é melhor ficar perto da parede. Se ele estiver nos esperando, vai ser quando sairmos da boca do cânion.



Virgil correu, pegou a comida e voltou para trás da parede. Saiu novamente, pegou o edredom de Joan e voltou. Mas não ficou exposto por mais de um segundo. Ainda assim, era tempo suficiente para tomar um tiro, mas não o certo, quando o atirador espera o movimento.

Quando estavam prontos, Virgil disse:

– Ande encostada na parede e, quando estivermos desprotegidos, corra. Um de cada vez. Você primeiro.

A 15 metros da saída do cânion, estavam protegidos. Pararam e Joan usou o edredom para enxugar o sangue do rosto de Virgil.

– Não é nada grave, mas você está com cinco cortes no rosto. – Ela apontou para a têmpora e as bochechas dele. – Acho que não vai precisar de pontos, mas seria bom colocar um band-aid.

– Tenho no carro.

Na saída do cânion, local perfeito para uma emboscada, agacharam-se, olharam ao redor e começaram a correr, um de cada vez, passando pelo reservatório d'água e chegando até o celeiro.

Ofegante, Joan disse:

– Isso que chamo de namoro quente! Acho que você não vai querer repetir a dose!



O celeiro foi ficando escuro à medida que o sol baixava. Virgil pegou uma caixa de munição no carro e recarregou o pente da pistola, com as balas estalando ao encaixe. Quando terminou, abriu o porta-malas, levantou a proteção do assoalho, pegou uma espingarda, uma caixa de cartuchos e carregou a arma

de cano longo.

– Era você que ele queria – disse Joan.

– Acho que sim. Ele está cansado do meu show.

– Que alívio! Pelo menos *eu* estou segura.

Ele gargalhou.

– É. Escute, quanto àquele negócio de pinto pequeno...

– Não foi culpa sua!

– Não é isso. Eu só gostaria que você usasse outra palavra, e não pênis, sabe?

Parece muito com tênis. – Terminou de carregar a espingarda, pôs um cartucho na câmara e colocou-a entre os bancos da frente. – Por que você não diz... pau? É melhor.

– Acho grosseiro.

– Você que sabe. – Ele se afastou do carro e olhou para a luz no teto. – Aquela luz se acende quando a porta do celeiro é aberta?

– Sim.

– Vou dar um jeito de apagá-la, então. Ficamos vulneráveis. – Ele tirou os tênis, subiu no teto do carro, esticou a mão e desatarraxou a lâmpada. – Aperte o botão para abrir a porta.

Ela apertou o botão e a lâmpada continuou apagada.

– Quando eu mandar levantar a porta, faça isso. Depois suba no carro, abaixe-se e segure firme. Vamos sair daqui.

Entrou no carro, deu a partida e segurou a espingarda com o cano para baixo, entre o piso e o banco do carona.

– Aperte o botão e entre!

Ela seguiu a ordem de Virgil, que observou a porta demorar uma eternidade para subir. Depois pisou no acelerador e o carro seguiu de ré, formando um círculo na área do estacionamento. Pisou no freio, engatou a primeira e arrancou, derrapando ao entrar na estrada.

– Tudo bem? – perguntou Joan.

– Tudo! Ele foi embora há muito tempo, mas estamos tão longe que não podemos correr nenhum risco.

O morro foi ficando para trás, cada vez menor.

– Aonde vamos? – quis saber Joan.

– Tenho de falar com umas pessoas. – Diminuiu a velocidade, parou a caminhonete e disse: – Deixe-me guardar a espingarda, então você pode vir para a frente.



Falaram com pessoas em cinco fazendas ao longo da Autoestrada 7. Perguntaram se tinham visto alguém na estrada.

Os ombros encolhiam-se e as cabeças balançavam: ninguém em particular.

Na volta à cidade, Virgil disse:

– Achei que as pessoas conhecessem todos os carros.

– Aqui é mais difícil. Mas na cidade, sim. Se fosse um veículo diferente, como um Toyota ou um Mercedes, alguém poderia notar. Mas um Ford ou um GM, a não ser que houvesse alguma identificação...



Virgil não escreveu muito naquela noite: ficou empacado no desenvolvimento da história.

Homer estava chateado e com medo. O assassino queria pegá-lo: era hora de alguém saber disso, fazer uma denúncia.

Mas e o Homem da Lua? Passou algum tempo pensando nisso – pensou também nos brincos de Jessica Laymon, que tinham o formato da lua. Homer achava que Betsy estava falando de um homem específico.

E Homer pensou na lua nova que surgiria na semana seguinte, enquanto dirigia em direção à tempestade, a caminho de Bluestem, com a lua crescente no retrovisor. A lua poderia estar motivando o assassino? Uma lua nova? Humm. A lua subia no leste, como o sol. Gleason e Schmidt estavam virados para o leste porque era onde a lua nascia? Virados para a lua, mas sem poder vê-la?

Papo de maluco.

Antes de dormir, Homer pensou nos tiros daquela tarde. Era assustador, mas o cara tinha errado. Poderia ter chegado mais perto. O objetivo do atirador era matar ou só assustar? Se só queria assustar, qual era o motivo?

Virgil foi dormir esperando que Homer tivesse alguma ideia, já que àquela altura Virgil não tinha ideia alguma.

Foi dormir sonhando com Joan Stryker na piscina da fazenda.

VIRGIL ABRIU OS OLHOS: já era dia.

Sentia-se bem, mas um pouco dolorido por dormir no chão.

Preocupado com o atirador, colocou as almofadas do sofá no chão, com a pistola bem ao lado. Não lhe agradava passar a noite perto de uma porta de correr envidraçada. Joan estava na casa da mãe. Não havia motivo para se arriscar.

Mas sentia-se bem, pois ainda estava vivo. E graças a não ter feito sexo com Joan dentro da piscina. Depois ainda tentou convencê-la a entrar escondida no quarto do hotel, mas ela recusou:

– A cidade inteira vai saber antes mesmo de você fechar a cortina. Não sou contra rapidinhas, mas desde que ninguém me veja.

– Ah!

– Na minha casa! – disse ela. – Você poderia ir até lá daqui a meia hora.

– Não quero que você durma em casa hoje. É melhor dormir na sua mãe. O sujeito pode estar de tocaia lá.

– Tudo bem, mas *não* vamos fazer nada na casa da mamãe.

Então cada um iria dormir sozinho.

As mãos de um passeavam sobre o outro, no carro parado a três quarteirões da casa da mamãe, como dois adolescentes. Virgil deixou-a e voltou para o hotel.

E acordou sentindo-se bem. Talvez pudesse dar uma pausa nas revistas de caça e pesca e escrever uma matéria para a *Vanity Fair*: “Violência: o novo afrodisíaco”. Mas aquilo não era nenhuma novidade. Até onde sabia, violência sempre foi um afrodisíaco. Havia algo de primitivo nisso.

Pensou que talvez deversem ter ficado um pouco mais no celeiro, deitados no sótão.

Quando era adolescente, Virgil conhecia de cor as histórias contadas nos vestiários – uma ou outra talvez fossem verdadeiras – sobre caras que levavam a filha do fazendeiro para o celeiro. O melhor amigo dele, Otis Ericson, dizia que tinha transado com uma prima que estudava na mesma escola deles e que no oitavo ano tinha tetos enormes.

Com uma história que Virgil tinha certeza de que não passava de papo-furado, o suposto garanhão o alertou contra a coceira e os cortes causados pelo feno.

– Você não vai querer que fiapos de feno entrem na periquita da garota. Senão ela vai reclamar durante uma semana. Não se esqueça de levar um cobertor.

Na época, a ideia de que Otis Ericson teria levado Shirley Ericson para o celeiro deixou Virgil bastante excitado. Na verdade, ainda deixava até hoje. Mas

na última vez em que viu Shirley ela saiu correndo.



Deitado no chão, Virgil olhou o relógio: oito horas. Jogou as almofadas de volta no sofá, bocejou, espreguiçou-se, fez as abdominais e as flexões, lavou o rosto e ligou para Davenport.

- Ainda é cedo! – reclamou o homem.
- Alguém atirou em mim ontem à noite.
- Virgil! Você está bem?

– Só um pouco apavorado. Sorte que o sujeito não tinha boa mira. Era um fuzil com mira telescópica e o tiro acertou a uns 50 centímetros de distância.

– Mas você estava armado?

– Claro. Eu vi o cara fugir. Dei sete tiros a uns 400 metros de distância. Chance zero de acertar. Mas achei melhor avisar você. Estou enconstando o pessoal na parede aqui. Depois mando um e-mail com o que já descobri. Só por garantia.

- Caramba, Virgil! Tome cuidado! Quer alguma ajuda?
- Mande apenas a papelada que a Sandy juntou.



Quando foi tomar café, o recepcionista o chamou:

– Tem correspondência para o senhor. – Em seguida tirou um envelope de uma gaveta e o entregou a Virgil. O destinatário estava datilografado, mas não havia sinal do remetente. A carta tinha sido postada no dia anterior em Bluestem. Foi até o restaurante, segurando o envelope pelas pontas, abriu-o com uma faca de manteiga e tirou a folha de papel.

Você está batendo na porta errada. Dê uma olhada na dívida de Bill Judd Jr. e investigue “imposto estadual”. Procure pela Florence Mills.

Sem assinatura, claro, e o bilhete era datilografado, e não impresso. Quem ainda teria uma máquina de escrever? Alguém velho, como Gerald Johnstone, o dono da funerária. O selo da carta era um adesivo, de modo que não havia impressões digitais.

Imposto estadual? Florence Mills? Mais uma tarefa para Sandy.

Tomou o café, voltou ao quarto para buscar a pasta e foi até o carro. Retornou ao quarto para pegar a arma, pegou o carro e seguiu rumo à fazenda dos Stryker. Passou pela entrada e contornou o morro.

A parte mais distante da montanha, oposta à gruta, já tinha sido um pasto, com o quartzo vermelho aparente à superfície. Havia agrupamentos de ameixeiras e arbustos, além de clareiras nas quais o capim chegava à altura dos joelhos.

Virgil seguiu pela parte traseira do morro até perceber as marcas de pneu de uma picape saindo da estrada. Seguiu atrás, atravessando uma vala rasa, e depois

andou paralelamente às marcas, subindo o morro até um bosque de árvores logo abaixo do topo. Os rastros terminavam junto ao bosque. Era onde o atirador havia parado, longe da vista da estrada. Virgil ficou dentro do carro por um minuto, olhando a estrada, e não avistou nenhum veículo. A não ser por um gavião de cauda vermelha que voava em círculos sobre a encosta à procura de ratos do campo, Virgil estava sozinho.

A ave deu um rasante no chão: hora da refeição. Ele saiu do carro e olhou as marcas deixadas pelo veículo do atirador. A vegetação era bastante densa para esconder marcas de pneu. Seguiu uma das trilhas que descia morro abaixo e em nenhum momento percebeu rastros do veículo. Seguiu outra trilha morro acima, mas também não encontrou nada.

Do lugar onde o carro estava parado, olhando morro acima e com o sol ainda às costas, era possível ver a vegetação amassada onde o atirador se posicionara. Pegou a espingarda na traseira do carro, pôs um cartucho na câmara e seguiu a trilha até o alto do morro. A 100 metros da crista pôde ver a borda da frente da piscina. Naquele ponto a trilha não era reta, serpenteando entre os arbustos.

Andou mais 100 metros e encontrou o ponto exato onde o atirador ficou parado: um círculo de vegetação amassada ao lado do tronco apodrecido de uma árvore pequena. Se tivesse apoiado o fuzil no tronco, o atirador enxergaria dois terços da piscina. Para ter melhor visão, teria de ir até a borda da grota, sem cobertura.

Olhou o chão ao redor. Nenhum cartucho de bala. O sujeito fez a limpeza do solo.



Do lugar de onde Virgil estava, a grota não parecia tão impressionante: era uma fenda na paisagem, com um ponto mais largo e uma piscina perto do fundo. Ao descer alguns metros, percebeu que o aspecto tinha mudado. O terreno parecia ter sido golpeado com um machado gigantesco, cavando uma trincheira através do quartzito, até a piscina.

Se o atirador fosse mais frio ou corajoso, poderia esperar até que os dois estivessem embaixo da fonte, fora do campo de visão, e andar até a parede traseira. Estaria a 60 metros deles e não haveria onde Virgil e Joan se esconderem.

Por outro lado, se eles o vissem se aproximando e conseguissem pegar a pistola de Virgil e descer o cânion, o atirador estaria perdido. No meio daquele mar de rochas, um sujeito com uma pistola enfrentaria até um exército.

Pensando nisso, Virgil pegou o celular. Havia sinal. Talvez isso não fosse possível dentro do vale, mas a pessoa só saberia se estivesse lá embaixo. Talvez o atirador tivesse levado isso em consideração. Ele *não poderia* deixar que alguém o visse e escapasse.



Era muita coisa para pensar. O clima esquentaria de novo. Outro dia bom para usar a piscina, mas Virgil não nadaria enquanto o assassino não fosse capturado. Ou morto.

Voltou ao carro, tirou os cartuchos da espingarda, guardou-a e então foi mais uma vez à casa de Roman Schmidt. Larry Jensen, investigador de Stryker, estava no local com os peritos. Virgil puxou Jensen para um canto.

– Cadê o Jim?

– No escritório. Disse que você iria aparecer para examinar a casa. Estamos quase acabando. Vou falar com a Margo.

– Certo. Hoje recebi um bilhete pelo correio e estava pensando se você poderia examinar as digitais nele.

Explicou e entregou o bilhete e o envelope a Jensen, que leu, franzindo a testa.

– É, não tínhamos pensado nisso.

– Mas também não houve tempo – disse Virgil. – De qualquer maneira, estou cuidando disso. Tenho uma assistente em St. Paul que pode levantar as informações e ainda vou receber umas declarações de imposto de renda. Se você puder examinar essa carta...

– Quem será que usa máquina de escrever?

– Alguém da idade de Roman.



Margo Carr, a perita, mostrou a Virgil o escritório de Roman, onde havia uma mesa feita com uma porta apoiada sobre dois arquivos. Avistou um computador, mas nenhum sinal de máquina de escrever.

– Tudo foi examinado – disse ela.

– Você acha que o assassino entrou aqui?

– Não. Acho que ele atirou em Roman, em Gloria e mais duas vezes em Roman. Depois o arrastou para fora e apoiou-o na forquilha. Não acredito que tenha ido a nenhum outro cômodo da casa.

– Acredita que ele conhecia o interior da residência?

– Talvez. Ou talvez Roman tenha acendido a luz do quarto, facilitando o trabalho.

– Você encontrou alguma outra coisa?

– Só uma. – Ela foi até uma caixa, abriu-a e retirou um saco plástico com um filtro de cigarro dentro. – Achei isso próximo aos degraus dos fundos. Guimba de cigarro. Vou descobrir qual é a marca, mas pelo cheiro sei que é mentolado. É recente, pois não está úmido. Roman e Gloria Schmidt não fumavam.

Ele olhou para a guimba e depois para Carr.

– Você acha?

– Estou levando qualquer coisa em consideração. Foi o que consegui.



Alguns minutos depois, Virgil estava sentado à mesa de Roman, com os olhos fechados, tentando lembrar a marca do cigarro que George Feur fumava quando o entrevistou em sua casa. Era Marlboro? Virgil achava que sim. A lembrança era de um maço vermelho, mas não tinha certeza de que existia Marlboro mentolado.

O celular tocou: era Joan.

– Como você está? – perguntou ela.

– Bem, porém um pouco confuso. Mas devo sair hoje à noite para pegar umas gatas.

– Boa sorte.

– Olha, estou na casa dos Schmidt. Tenho uma coisa para você pensar: quantas pessoas conhecem as trilhas da fazenda?

Ela pensou por um instante, então respondeu:

– Provavelmente... sei lá!

– Sei lá?

– É um lugar conhecido, Virgil. As pessoas paravam o carro no morro e desciam para dar um mergulho. Acho que não existe uma *única* alma em Bluestem que nunca tenha transado naquela pedra na adolescência.

– Quantas vezes *você* fez isso?

– Concordamos em não falar sobre o passado.

– Não concordamos, não.

– Mas agora concordamos.

Ele se ofereceu para levá-la ao Pizza Hut, já que tinham esgotado todas as possibilidades de uma boa refeição no McDonald's.

– Vou pedir uma pizza, então – disse ela. – Na minha casa às quatro. Vamos voltar à fazenda. O dia está lindo. Tenha cuidado e traga uma arma maior.

– *Você* é que precisa ter cuidado.



Virgil deu uma olhada geral no arquivo dos Schmidt, o que o fez perder tempo. Soube que o casal estava bem de vida: Gloria tinha sido professora primária em Worthington – seria amiga da professora alcoólatra? Provavelmente não: Gloria era de uma geração anterior e deu aula em outra escola. De onde tinha vindo o dinheiro? Eles tinham 500 mil dólares numa conta no Banco Vanguard. Pensando bem, tiveram muito tempo para juntar.

As informações mais interessantes estavam no computador de Roman. Ele recebia e-mails de Big Curly, em que os dois falavam de política. Curly buscava apoio para o filho disputar a próxima eleição contra Stryker.

Roman falava sobre o assunto, mas não parecia ansioso por se juntar a alguém

que poderia sair derrotado. “É melhor esperarmos um pouco. Assim teremos uma ideia melhor da situação”, dizia uma das mensagens, que não acenava com um sim nem com um não.

Ao examinar as coisas dos Schmidt, Virgil começou a pensar na carta que tinha entregado a Larry Jensen. Quantas pessoas sabiam em que portas ele estava batendo? O gerente do banco, claro, e qualquer pessoa com quem ele tivesse fofocado.

E os Johnstone.

– Porcaria de foto! – disse em voz alta. A foto seria a responsável pelo bilhete?



Virgil estava de mãos atadas na casa dos Schmidt – não havia nada muito evidente e uma análise de todas as transações do casal levaria tempo. Ouviu as pessoas fazendo barulho nos fundos da casa e desistiu. Seria melhor voltar outro dia, se mais nada aparecesse.

Saiu pela cozinha e viu Big Curly, Little Curly e um policial que não conhecia parados no quintal ao lado de Jensen. Acenou e disse:

– Estou indo.

– Achou alguma coisa? – perguntou Jensen.

– Precisamos de um contador.

– É...

Virgil voltaria à casa dos Schmidt para ver se alguém apagaria o e-mail sobre a eleição, se alguém mexeria nas provas de um local de crime. Seria interessante saber.



No caminho para a cidade avistou outro gavião no céu, parecido com o que viu na fazenda, o que o fez pensar nos tiros, no morro, na fazenda, em nadar pelado e no motivo de o atirador não ter chegado mais perto para dar um tiro certo.

E em como errou por 50 centímetros a 400 metros de distância. Não era tão difícil errar por 50 centímetros. Mas se o fuzil estivesse apoiado num tronco, o tiro passaria mais perto.

Pensou por um minuto e diminuiu a velocidade, parando no acostamento e ligando para a casa das Laymon. Jessica atendeu.

– Alô?

Tinha uma bela voz rouca, concluiu Virgil.

– Aqui é o Virgil. Estou ligando em nome da irmã do Jim, que está com vergonha de falar com você. Mas vimos vocês dois em Marshall ontem à noite. Por volta das sete. Fomos para outro restaurante porque ela tinha certeza de que eram vocês.

– Não, não. Fomos a Sioux Falls – respondeu Jessica.

– Ah, certo. Então eu comi pizza enquanto vocês comiam frutos do mar. Você pagou? Agora que ficou rica?

Ela riu e disse:

– Não, não paguei. Mas por que você ligou? Está escondendo alguma coisa.

– Não estou, não – respondeu Virgil, animado. – Honestamente, isso não passa de fofoca. Eu, por minha vez, levei a irmã dele até a gruta de Stryker ontem à noite. Vocês poderiam ter vindo conosco.

– Acho que não – disse ela. – Nadar pelado com a irmã? Jim é muito careta!

– Não pensei nisso. Eu também ficaria chateado se fosse minha irmã. Então vocês curtiram?

– Eu curti. Ele parece um cachorrinho. Mas me dá *atenção*.

– Eu disse que você iria gostar. Tive medo de que ele não fosse, depois do caso do Schmidt. Achei que ele não conseguiria sair daqui antes das oito, e tudo aqui fecha às nove.

– Ele largou o que estava fazendo e veio para cá. Pelo menos foi o que disse. Chegamos a Sioux Falls às oito e meia.

– Ah, bom... então agora cheguei ao motivo *verdadeiro* para ter ligado.

– Eu sabia...

– Não consegui falar com ele hoje de manhã. Ele não está aí, está?

– *Virgil!*

– Desculpe, querida. Mas eu preciso achá-lo.

– Não durmo com os caras no primeiro encontro. Pelo menos não em casa. Pelo menos na maioria das vezes.

– Acho que ele vai querer voltar para aí rapidinho. Bom, não diga a ele que eu liguei. Caso contrário, ele vai me encher de pancada.



O papo se estendeu por mais um minuto. Certo: os dois estavam em Sioux Falls às oito e meia. Stryker pegou-a às oito e poderia muito bem ter dado os tiros. Por quê? Essa era outra pergunta. Mas saber *quem* era um passo na direção certa.

Se bem que Virgil realmente não achava que Stryker tivesse algo a ver com aquilo.

De verdade.



Parou no tribunal, encontrou Stryker encostado na janela do assistente do juiz, batendo papo com um funcionário. Ele se empertigou ao ver Virgil, que perguntou:

– Tem um minuto?

– Tenho. – Enquanto se afastavam da mesa do assessor, Stryker disse: – Larry ligou para mim, disse que você recebeu uma carta hoje cedo.

Entraram na sala de Stryker e fecharam a porta. Virgil sentou-se na cadeira das visitas, riu e disse:

– Não sei como abordar esse assunto.

– Desembuche de vez!

– Uma amiga minha aqui da cidade.

– A Joan.

– Ela e eu decidimos ir nadar ontem à noite, e ela conhecia uma piscina famosa.

As sobrancelhas de Stryker se arquearam.

– Você foi nadar pelado na gruta? Com minha irmãzinha?

– É.

– Foi bom?

– Alguém com um fuzil armou uma emboscada.

Virgil observava o rosto de Stryker, cujo sorriso desapareceu com tanta naturalidade que ficou claro que ele não sabia de nada.

– *O quê?*

– Dois tiros de cima do morro. Tentaram me acertar.

– Virgil!

– Acho que mexi em casa de marimbondo.

– Caramba, cara! – Stryker deu um pulo na cadeira e as rodas deslizaram no tapete. – Você precisa ficar longe da Joan até que isso acabe. Meu Deus, ele poderia ter matado vocês dois!

– Eu estava tentando descobrir por que ele errou. Talvez seja péssimo atirador.

Conversaram sobre o assunto por alguns minutos, e então Virgil disse:

– A pessoa não está atrás da Joan. Preciso descobrir de onde a carta veio. Vocês estão analisando as digitais?

– Sim, neste exato instante.

– Certo. – Virgil se levantou da cadeira. – Mais uma coisa. Só vou contar porque você é meu amigo. Dei uma olhada nos e-mails de Roman Schmidt hoje. Big Curly estava tentando convencer o falecido a apoiar Little Curly nas próximas eleições. Eles trocaram algumas mensagens a respeito disso.

Stryker coçou o queixo com o indicador.

– Não me surpreende – comentou ele. – O que o Roman dizia?

– Sugeriu que não fizessem nada até perto da eleição.



Virgil voltava para o carro quando um homem alto, idoso e de chapéu de palha gritou para ele:

– Ei! Sr. Flowers!

Virgil esperou perto da caminhonete enquanto o homem atravessava a rua e vinha na direção dele. Era grisalho, magro e usava jeans e camisa polo.

– Meu nome é Andy Clay. Moro perto dos Johnstone. Sabe? Onde os Gleason moravam?

– Sim. Como vai o senhor?

– Ótimo. Bem, ótimo talvez não seja a palavra. Mas quero lhe dizer uma coisa, cá entre nós, e fazer uma pergunta.

– Sem problema.

– Eu o vi na casa dos Johnstone ontem à noite. Todo mundo na cidade já sabe quem o senhor é. De qualquer modo, depois que foi embora, eu fui ao posto comprar gasolina para meu cortador de grama e Carol apareceu com o Lexus deles. Ela não disse nada. Começou a encher o tanque e lavar o parabrisa. Parecia estar com pressa. Voltei para casa e estava colocando gasolina no cortador quando Carol chegou. Parou na rua, em vez de entrar na garagem, e o Gerald saiu da casa com uma bolsa enorme e jogou no porta-malas. Os dois foram para dentro e depois saíram com mais duas bolsas. Ela trancou a porta e eles partiram.

– Partiram? Quer dizer, como se estivessem saindo da cidade?

– A não ser que estivessem indo doar roupa para algum orfanato. Os Johnstone têm luzes com temporizador, que acendem e apagam quando eles estão fora. Todo mundo aqui sabe disso, e elas estavam funcionando ontem à noite. Uma se acende aqui e outra se apaga ali. Então a primeira se apaga e a segunda se acende. É quase como um sinal: *Os Johnstone saíram*.

– Humm. – Virgil pensou por uns segundos e depois disse: – E qual é a pergunta?

– Nós ficamos falando sobre isso ontem à noite. Será que *todos nós* deveríamos ir embora?



Os desgraçados dos Johnstone, pensou Virgil enquanto voltava ao hotel.

Já não adiantava mais mandar uma patrulha rodoviária atrás deles. Gerald sabia algo sobre a mulher morta da foto e Virgil precisava descobrir o que era.

Tinha que fazer alguma coisa. Eles tinham comentado sobre visitar uma filha em Minneapolis.

Ligou para Davenport.

– Tenho duas pessoas que podem estar fugindo. Não são os assassinos, mas sabem alguma coisa. Se Jenkins e Shrake não estiverem fazendo nada...

Explicou a situação e disse a Davenport que não sabia o nome da filha.

– Provavelmente podemos descobrir nos registros oficiais – comentou. – Vou colocar os caras nisso. Eles estão inquietos, sem nada para fazer.

– Ótimo. Mas não deixe que eles batam nessas pessoas! – alertou Virgil. – São dois velhos!

– Então a gente só pode bater em gente nova? Gente ruim não tem idade,

Virgil: é velha ou nova!

– É, bem... Eu preferiria que minhas testemunhas não tivessem um ataque cardíaco. Diga para pegarem leve. Nada de chutes.

– Achei que queria dar um susto neles – comentou Davenport.

– Sim, mas um susto leve. Mas nada *de mais*.



No hotel, o recepcionista entregou a Virgil três caixas de papelão lacradas, que estavam guardadas atrás do balcão:

– Um sujeito trouxe há meia hora. Disse que vieram de St. Paul.

Pareciam caixas de tijolos. Virgil carregou-as para o quarto e as abriu, retirando pilhas de papéis. Eram coisas de mais, porém precisavam ser examinadas. Pelo menos parte delas.

Antes, ligou novamente para Davenport, que lhe repassou um nome. Ligou para um funcionário da Secretaria da Fazenda, que comentou que Virgil podia examinar todos os registros oficiais pela internet, inclusive os arquivos confidenciais, se tivesse uma senha.

– Vou lhe dar uma senha temporária: sandeu – disse o sujeito, que se chamava Martin. – Vai funcionar até a quarta-feira. Se precisar de outra, ligue novamente para mim.

– O que é um sandeu?

– É uma palavra com pouca probabilidade de ser quebrada por um hacker entre hoje e quarta-feira.



Assim, relutante em enfrentar a pilha de papéis, Virgil pegou o notebook, encarando-o por alguns segundos. Uma dúvida não saía da sua cabeça havia dois dias, e ele resolveu colocar o DVD que Stryker lhe dera no primeiro dia, com os arquivos sobre a morte dos Gleason. Numa pasta havia umas 200 fotos da cena do crime. Ele examinou-as durante meia hora e, satisfeito, disse a si mesmo:

– Hã.

Pelo que dava para ver, não havia ali nenhuma Revelação.



Virgil entrou no site da Secretaria da Fazenda e digitou o nome Florence Mills.

Segundo as informações, a empresa tinha sido aberta havia três anos para “construir, comprar ou alugar instalações para a produção de etanol à base de milho e painço”, numa parceria com a Arno Partners, uma companhia do estado de Delaware, e com a St. John Ventures, de Coeur d’Alene, Idaho.

Aquela informação não ajudava muito. Virgil teve a sensação de que seria difícil conseguir mais detalhes da empresa de Delaware. Era fácil abrir uma

companhia naquele estado, pois eram exigidas pouquíssimas informações do interessado. Por outro lado, era necessário percorrer um verdadeiro labirinto para ter acesso aos registros das empresas.

Idaho será mais fácil, pensou. E realmente foi. Bastou ligar para o escritório da Secretaria da Fazenda no estado, informar-se sobre o site de consulta e, com uma dose de bom senso, encontrar os registros sobre a St. John Ventures: George Feur era diretor executivo e presidente do conselho de administração.

Ligou para Stryker:

– O que aconteceu com o escritório do velho Judd? Você lacrou ou o quê?

– Lacrei. Mas não posso garantir que o Júnior não entrou. Um fica ao lado do outro.

– Preciso entrar lá. Agora mesmo.

– Estou indo. Encontro você em 10 minutos.



O escritório de Judd tinha uma pequena sala de espera, com mesa para a secretária, e uma saleta com copiadora, impressora e meia dúzia de arquivos. Havia ainda uma grande sala sem janelas com poltronas de couro, lambris de madeira escura e uma TV nova de LCD sobre uma bancada. A redação do jornal ficava de um lado e o escritório de Judd Jr., de outro. Não encontraram o editor nem Júnior quando abriram o escritório do falecido.

Stryker trancou a porta e Virgil disse:

– Não acenda todas as luzes. Só as da sala dos arquivos. Prefiro que a cidade não saiba que estamos aqui.

– Todos já devem saber, de qualquer maneira – comentou Stryker, com certo desânimo. Andava cabisbaixo com os resultados da investigação dos Schmidt. – Nenhuma novidade, cara. E você? Conseguiu alguma coisa?

– A carta de hoje sugeria que Bill Judd Jr. tem problemas financeiros e mencionava a Florence Mills. A empresa supostamente foi criada para produzir etanol de milho e pãoço, e metade dela pertence a George Feur.

– Feur?

– É. Não tem como descobrir quem é o dono da outra metade, porque a empresa está registrada em Delaware. Talvez na semana que vem a gente até descubra, mas hoje já está tarde demais. Vamos precisar de alguns documentos e Delaware tem um fuso horário de duas horas a menos. Fico achando que se os Judd estão envolvidos com Feur e... não sei. Há alguma coisa acontecendo...

– Etanol? Cara, pode ser outra armação como a do girassol-batateiro! Um detalhe: as pessoas que foram mortas não eram somente velhas! A maioria estava muito bem de vida! Poderiam ser investidores em mais um trambique!

– É, os Schmidt também. Eles tinham 500 mil dólares no Banco Vanguard. – Virgil pensou um segundo e depois perguntou: – Larry Jensen ainda está na casa

deles?

– Está.

– Peça que ele dê uma olhada nos extratos do banco. Veja se houve alguma retirada grande nos últimos três anos.

– Vou ligar agora.

Enquanto o xerife ia telefonar, Virgil começou a examinar os arquivos de Judd, procurando qualquer referência a Arno Partners ou a Florence Mills. Stryker voltou:

– Larry vai verificar. O que está procurando?

– Arno Partners, A-R-N-O, ou Florence Mills. Se você puder ligar o computador dele, faça uma busca pelos dois nomes.

– Por que eu não cuido dos arquivos e você do computador? Você é melhor com essas coisas do que eu.



O computador de Judd não era protegido por senha e os programas instalados se resumiam ao Office. Não havia nada na pasta Meus Documentos. O software de e-mail não estava nem sequer configurado. O computador não passava de uma máquina de escrever sofisticada.

Estava desligando-o quando avistou o computador da secretária na outra sala. Não estava ligado em rede com o do chefe.

– Judd ainda tem secretária? – perguntou a Stryker, que estava sentado no chão da sala de arquivo.

– Tem. Amy Sweet. Nós a despachamos para casa e pedimos que mandasse as horas trabalhadas da última semana para o advogado do espólio.

– Preciso falar com ela. – Virgil sentou-se atrás da mesa da secretária e ligou o computador. Fez uma busca pela Arno e pela Florence Mills, que retornou meia dúzia de resultados.

– Consegui a Florence Mills – gritou para Stryker.

Abriu um documento de cada vez: pagamentos para a High Plains Ag. & Fleet Supply, em Madison, Dakota do Sul. Stryker veio olhar por cima do ombro.

– Desgraçado! – falou o xerife, estendendo a mão por cima de Virgil e batendo na tela, em que aparecia o comprovante de pagamento de 200 galões de AA. – Olhe isso!

– Não faço nem ideia do que seja – respondeu Virgil.

– Amônia anidra. Eles têm uma usina de etanol e estão comprando AA. Não é nenhum crime se estiverem realmente produzindo combustível. Mas vou dizer o que acho. Na minha opinião, eles estão fabricando metanfetamina!

– Não pode ser, cara!

– Tenho um conhecido na Polícia Federal. Ele verificou o nome de Feur na base de dados. O pastor teve alguns probleminhas com a lei depois que saiu da

cadeia. Mas era tudo coisa pequena. Desacato à autoridade, esse tipo de coisa. Mas nada tão pesado como drogas.

– Espere aí! – Virgil pegou o celular e ligou para Davenport. – Uma vez você disse que, se eu precisasse de uma ajudinha no governo federal, você conhecia um cara que facilitaria as coisas.

– Talvez – respondeu Davenport. – Mas odiaria queimar um cartucho à toa.

– Ligue para ele. Diga para falar com a Agência de Combate às Drogas e ver se descobre alguma coisa sobre George Feur. Alguma rede de distribuição de drogas por intermédio desses grupos de supremacia branca. O mais rápido que puder!

– Descobriu alguma coisa?

– Talvez. Mas não era bem o que eu pensava.

– Vou pedir que ele mande direto para seu e-mail.



– Conhece algum contador de confiança que não trabalhe para o Judd? – Virgil perguntou a Stryker.

– Conheço uma.



Chris Olafson tinha uma empresa de contabilidade e planejamento financeiro na zona oeste da cidade. Stryker fez com que ela jurasse guardar segredo.

– Isso tem a ver com a investigação dos assassinatos – disse o xerife. – Virgil tem apenas uma pergunta.

– Vá em frente. – Era uma mulher de olhos brilhantes, ativa, um pouco acima do peso, mas do tipo que transborda eficiência pelos poros.

– Se você tivesse um pai rico, milionário, com não sei quantos milhões, e pagasse dinheiro emprestado com ele, isso poderia comprometer sua herança?

Ela estalou os dedos e respondeu:

– Depende. O pai doou algum dinheiro ao Júnior... isto é, ao filho?

Sorriram uns para os outros, reconhecendo o fato de que ela sabia sobre quem estavam falando. Virgil então disse:

– Não sei. Como assim, doou?

Ela deu um rápido curso sobre o sistema de tributação estadual. Enfim, perguntou:

– Assim, hipoteticamente, até que ponto Júnior está ferrado?

Virgil coçou a cabeça.

– Teríamos de saber os números certos. Tenho algumas declarações no hotel. Mas é pura burocracia. Portanto, não sei se ele está ferrado.

– Ele não é um empresário bom de verdade – disse Chris, animada. – Eles deveriam ter um planejamento de espólio. Alguém ao menos sabe onde está o

dinheiro de Judd? Estava aplicado em fundos ou o quê? O assassino queimou a casa para se livrar de documentos?

- Não sabemos nada disso – respondeu Stryker.
- Talvez eu devesse me candidatar a xerife – brincou ela.
- Mas chegue cedo para não pegar fila – devolveu Stryker.



Os dois se levantaram e Chris disse:

– Sentem-se de novo um minutinho. Aceitam uma Coca? Quero lhes apresentar *minha* hipótese.

– Estamos com um pouco de pressa – respondeu Virgil.

– Só vai levar cinco minutos. Refrigerante?

Os dois aceitaram a Coca e ela começou:

– Suponham que Bill Judd tivesse uma conta escondida em algum lugar. Com exceção do filho, ninguém mais sabe disso. Dinheiro de família e a grana do girassol-batateiro.

Stryker começou a dizer alguma coisa, mas a mulher ergueu o indicador.

– Suponham que Judd pai comece a apresentar sinais de fraqueza. Primeiramente e depois físicos, como se estivesse prestes a morrer. Assim que ele batesse as botas, o dinheiro só poderia ser sacado por meio de fraude. – Ela fez uma pausa para respirar e continuou: – Enquanto isso, o filho procura seus contadores, que dizem: “A situação é complicada. Você recebeu muitas doações, de modo que o espólio sofrerá a incidência de impostos. Além disso, você está tão endividado que *deve* dinheiro aos governos estadual e federal. Você nem pode declarar falência, porque ela não anula os impostos.” Então o que vocês fazem?

Virgil deu de ombros.

– A hipótese é sua!

– Então o velho está caindo pelas tabelas e você sabe sobre a conta. Você conhece as senhas e tem os talões de cheque, com os quais pode limpar a conta do velho. E o coroa está tão debilitado que não vai nem perceber. Você não pode doar dinheiro para si mesmo porque constituiria fraude e tudo estaria registrado. Mas se falsificasse a assinatura dele, se transferisse o dinheiro para uma empresa supostamente de propriedade do velho, mesmo que ele estivesse tão para lá de Bagdá que nem soubesse que era o dono, e se você tivesse um modo de sacar esse dinheiro da empresa dele, digamos, para serviços jamais realizados...

– Você está dizendo que ele andava desfalcando o pai?

– Não estou dizendo isso. Estou dizendo que se eu fosse eleita xerife investigaria isso.

– E se ele estivesse colocando dinheiro numa usina de etanol? – perguntou Virgil.

Ela balançou a cabeça.

– O governo tomaria a usina e o lucro apareceria nas declarações dos impostos. Não se esqueça de que você tem toda a papelada: cheques, contas de bancos, notas de compra e venda. O governo não vai acreditar se você disser que perdeu.

– E se os lucros da usina forem encobertos?

– O que estou tentando dizer é que *não dá para encobrir*. Pelo menos não muito bem. Os fiscais examinariam os livros contábeis – disse ela. – Eles são bons nisso.

– E se a usina estivesse produzindo duas coisas diferentes? Isto é, um dos livros apresentaria os números corretos de uma mercadoria, ao passo que outro produto nem livro teria. Por exemplo, se eles produzissem 25 mil galões de etanol, vendessem e declarassem 23 mil, e os 2 mil restantes fossem comercializados como vodca, a dois dólares por litro, debaixo dos panos e sem nota fiscal?

– Se ninguém o dedurasse, você ganharia dinheiro. Mas o custo de distribuição e o baixo valor do produto dificilmente compensariam o risco. Alguém acabaria denunciando e você seria enquadrado por sonegação de imposto.



Virgil chamou Stryker de lado e perguntou:

– Acha que podemos confiar nela? Ela não é fofqueira?

– Ela é contadora desde que saiu da faculdade, há 20 anos. Você não conseguiria arrancar dela um único cifrão alheio. E a Chris não vai comentar com ninguém nossa conversa. Ela é mais confiável que banco suíço.

– Recebi vários papéis de St. Paul. Declaração de recolhimento de impostos, documentos de empresas, coisas que peguei no banco. Estou precisando de um contador. Alguém que possa virar a noite trabalhando.

– Pergunte a ela – disse Stryker. – Você terá de pagar, mas não há dúvida quanto à confiança.



Voltaram para perto de Chris, que concordou em fazer o trabalho.

– Muita gente já morreu. É claro que faço. Cobro o preço de tabela, além da taxa de urgência.

– E isso seria?

– Cento e dez dólares por hora.

Parecia muito, mas seriam apenas nove ou 10 horas.

– Feito. Vou pegar a papelada. Prepare um contrato e eu assino.



De volta à rua, Stryker disse:

– Mas se você tivesse uma usina de etanol e usasse o negócio como fachada

para comprar produtos químicos a fim de produzir metanfetamina... Não estamos falando de pouca coisa. Estamos falando de toneladas! O lucro seria astronômico. Você precisaria de um bom capital inicial.

– ... que viria da conta do Judd. Além de uma rede de distribuição.

– ... de Feur, se ele estiver de fato envolvido.

Os dois se entreolharam e Virgil disse:

– Vamos ao hotel. Talvez o conhecido de Davenport tenha conseguido alguma coisa.



O conhecido de Davenport era Louis Mallard, peixe graúdo no FBI. Mandou um único parágrafo: “Um tal de pastor George Feur, da primeira Igreja Arcângelo da Revelação, era uma entre várias pessoas investigadas em Salt Lake City e em Coeur d’Alene por sua ligação com grupos extremistas, como o Corps. O grupo era conhecido por traficar drogas como cocaína e metanfetamina para financiar suas atividades e comprar armas. A investigação foi encerrada depois de três meses sem provas do envolvimento de Feur com atividades ilegais, apesar de sua ligação com pessoas envolvidas nessas atividades.”

– É isso – disse Stryker. – Ele está envolvido. Ele tem as conexões.

– E Roman Schmidt e os Gleason?

– Quanto aos Gleason, não sei, a não ser que eles tenham tido contato com Feur. Havia aquele Livro do Apocalipse. Talvez eles fossem investidores. O Roman...

– O quê?

– Roman era amigo de Big e Little Curly. Adivinha quem patrulha a região oeste do condado?

– Big e Little Curly?

– Aquilo é área deles. Conhecem como ninguém. Se você estivesse transportando metanfetamina, seria interessante ter um amigo entre os tiras.

– Odeio pensar nessas coisas – disse Virgil.

– Eu também. Preferiria perder a eleição a descobrir isso.



Ficaram olhando a tela do notebook durante alguns minutos, e então Virgil perguntou:

– O que vai fazer hoje à noite?

– Pensei em ir ver a Jessica. Mas não sei, o caso vem em primeiro lugar. Por quê?

– Não quero falar com os Curly ainda. Estou achando que poderíamos fazer uma visitinha à propriedade. A usina de Feur e Judd fica lá em Dakota do Sul, certo? Mas a fazenda do pastor é aqui? Desconfio de que ela seja o centro de

distribuição. O lugar é no meio do mato e recebe gente de tudo que é canto. Pode ser que eles distribuam a droga assim.

– O melhor é ir tarde da noite – disse Stryker, olhando o relógio. – São quase quatro horas.

– Não vou pedir, mas fico preocupado em entrar lá sem reforço.

– Vamos esperar até toda a cidade ir dormir e então agir. Você passa na minha casa à uma da madrugada?

– Sem problemas. Seria bom levar equipamento pesado.

Stryker concordou com a cabeça.

– Pode deixar. Os rapazes do Feur andam bem armados.

– Há uma coisa interessante – disse Virgil depois de um minuto.

– O quê?

– Você ainda tem tempo de se encontrar com a Jessica.

– Se ela topa, estou dentro. – Stryker parecia um pouco confuso com toda a situação. – Olhei nos olhos dela ontem à noite e achei que meu coração ia explodir.

– Aonde vocês vão hoje?

Stryker deu de ombros.

– Não sei. Meu Deus, pensar num lugar interessante acaba com a gente. Não posso levá-la ao clube. Tenho medo de ir ao Tijuana ou outro restaurante em Worthington. Não quero ser visto fora da cidade. Pelo menos por enquanto.

– A vida é uma droga e a gente ainda morre no final!

– Pega leve com esse negócio de morte. Já estou nervoso com a ideia de espionar o Feur.

VIRGIL ESTAVA DE BRAÇOS CRUZADOS. Com a contadora trabalhando no material, não tinha nada para fazer até as quatro horas, e depois tinha um encontro – e o encontro não iria ajudar na investigação. Por outro lado, andar pela cidade também não ajudaria.

Seria hora de conversar com Judd? E olhar os outros nomes do caderno? Suzanne Reynolds, a gorda citada por Michelle Garber?

Primeiro Judd.



Foi até o centro da cidade. Um sujeito que abastecia no posto de gasolina acenou para ele e Virgil retribuiu o cumprimento. Parado diante do Great Plains Bank & Trust, admirou um belo jarro na vitrine de um antiquário e caminhou até o escritório de Judd Jr.

Era uma cópia fiel do escritório do pai: lambris de madeira escura, a secretária sentada atrás de uma mesa e duas cadeiras para os visitantes.

A mulher disse:

– Sr. Flowers. Deixe-me ver se o Sr. Judd está livre. – A porta da sala de Judd estava aberta e ela enfiou a cabeça dentro, anunciando: – O Sr. Flowers está aqui.

– Mande-o entrar – ordenou Judd.



Judd estava usando óculos de leitura e analisava uma planilha dobrada sobre a mesa. Apontou para uma poltrona e perguntou:

– Alguma novidade?

– Sim – respondeu Virgil. – Não posso contar, mas andei incomodando algumas pessoas.

– Isso é bom. Já é alguma coisa.

– Tenho uma pergunta para você. Não sei como anda o espólio do seu pai...

– Jessica Laymon vai me dar um belo prejuízo. Disso eu tenho certeza!

– Mas isso é outra história.

– Bom, precisamos saber se o desaparecimento do velho interessava a ela.

– Já está sendo investigado.

– Pelo que ouvi dizer, o xerife está cuidando da investigação pessoalmente.

– Na verdade, eu estou à frente do caso – rebateu Virgil. – A propósito, onde seu pai guardou o dinheiro do girassol-batateiro?

Judd olhou-o por um minuto e então latiu. Ou riu, Virgil não teve certeza.

– Virgil, não há dinheiro! Não há conta escondida! Até onde sei, não era muita

grana. Acredite, alguns fiscais da Receita reviraram tudo. O dinheiro não existe!

– Tem certeza?

Judd tamborilou a mesa durante alguns segundos e depois suspirou.

– Olhe, como é possível ter certeza? Meu pai nasceu pobre e era um pão-duro de marca maior! Sobreviveu à Grande Depressão e construiu o próprio caminho. De modo que poderia, sim, ter uma conta escondida. Mas nunca disse a ninguém. Quero dizer, se ele tivesse uma conta, já seria um *crime* por si só. E duvido que ele se arriscaria.

– Mas então o dinheiro poderia estar perdido?

Judd balançou o indicador para ele.

– Não estaria perdido se algum dia você precisasse. Como acontece com qualquer um que morre com dinheiro. Digamos que ele tivesse uma conta na Suíça ou em qualquer outro lugar, que investisse em títulos estrangeiros. O dinheiro renderia e, se algum dia ele precisasse, poderia sacar. Simples assim. Mas ele nunca precisou.

– Você tem certeza?

– Não é que eu tenha certeza. Não tenho certeza de nada. O que acredito é que nunca houve dinheiro. Você está perdendo tempo. E, se alguém o matou pensando nisso, foi perda de tempo. Não existe a caixa-forte do tio Patinhas. É lenda!



Conversaram mais alguns minutos e então Virgil retornou à rua. Olhou seu caderno, encontrou o endereço de Suzanne Reynolds e seguiu de carro para lá.



Suzanne Reynolds veio à porta e piscou contra a luz do sol: estava dormindo ou assistindo à televisão.

– Sr. Flowers? – perguntou ela, abrindo a porta.

– Sou eu mesmo – respondeu Virgil, estendendo o distintivo.

– Michelle disse que o senhor talvez aparecesse.

Ela abriu a porta.



Virgil acompanhou-a através da cozinha, chegando até uma sala de estar minúscula. Suzanne não estava acima do peso: era obesa mórbida. Virgil dava a ela uns 150 quilos, apesar de não medir mais de um metro e sessenta. A casa fedia a água sanitária, gordura e mofo. Na sala, um prato com três batatas fritas murchas e frias estava ao lado de um vidro de maionese aberto. Ela pegou uma batata, mergulhou no molho, apontou-a para uma espreguiçadeira de veludo e disse:

– Sente-se. – E engoliu a batata.

Virgil sentou-se.

– Estou conversando com pessoas que se relacionaram com o velho Bill Judd no final dos anos 1960 e 1970. Não quero prejudicar ninguém, só descobrir se aconteceu alguma coisa naquela época que pudesse levar a esses assassinatos. As vítimas tinham a mesma idade.

– Então parece que o senhor está uma geração atrasado. Todos eles são 20 anos mais velhos do que nós, as garotas.

– É, mas o que eu tenho são vocês. Deixe-me perguntar o seguinte, em particular, cá entre nós. Os Gleason, os Schmidt ou os Johnstone tinham alguma coisa a ver com todo esse negócio do relacionamento com Judd?

– Os Johnstone? Os Johnstone morreram? – ela perguntou, perplexa.

– Não, não. Eu deveria ter deixado isso claro. Eles têm a mesma idade e poderiam estar envolvidos em alguma coisa lá trás. Estamos achando que deve ser uma coisa séria, tipo vingança. Como Gleason era médico e às vezes trabalhava como legista, Schmidt era xerife e Johnstone era agente funerário...

– Sei aonde o senhor quer chegar. – Ela pensou e disse: – As únicas coisas em que consigo pensar são o girassol-batateiro e o sexo. Talvez o marido de alguma menina tenha descoberto e não tenha aceitado a ideia. Mas isso foi há *muuuuito* tempo. As pessoas superam coisas como sexo. Era só uma brincadeira.

– Algumas pessoas acham que é mais do que isso. Michelle disse que foi a melhor época da vida dela. Pelo menos a mais divertida.

Uma ruga surgiu na parte inferior do rosto de Suzanne e Virgil percebeu que ela estava sorrindo.

– Ela era maluca – disse ela. – Gostava de tudo: homem, mulher, pela frente, por trás, de cabeça para baixo. – Suzanne balançou o indicador para Virgil: – Uma coisa. As polaroides eram um negócio incrível, e Bill costumava tirar fotos. Pornografia caseira. Às vezes as pessoas faziam até slides.

Virgil estava ficando incomodado.

– Você acha que alguma dessas fotos...

– Bom, suponha que o pai, o irmão ou o marido de alguém veja uma foto de uns caras arrolhando sua menininha. Isso poderia ter consequências.

Arrolhando. Procuraria a palavra no Google.

– Michelle disse que só conhecia um outro cara que... participava. O chefe dos correios.

– Havia mais. Dois ou três. Mas nem todos eram daqui. As garotas também não. Um vinham de Minneapolis, outras de Fargo. Mas, como eu disse, essas coisas vão ficando para trás. Quem se importa quando você tem 55 anos e é gorda? Se eu fosse você, daria uma olhada no esquema do girassol-batateiro.

– Você acha que poderia haver alguma outra coisa?

Ela balançou o dedo para ele de novo.

– Escute. Você não é daqui. Aquela coisa... Tinha velhos chorando na rua. As pessoas perderam tudo... pegavam dinheiro emprestado e davam as casas e as fazendas como garantia... perderam cada centavo. Muita gente. Se você perdesse sua fazenda nos anos 1980, iria acabar trabalhando num frigorífico ou iria para St. Paul trabalhar numa montadora, ganhando cinco dólares por hora. Não conseguiria sustentar os próprios filhos. Isso, sim, poderia voltar para atormentar você. E só.

– Você acha?

Ela assentiu.

– Nós, as garotas, estávamos nos divertindo. Isso foi nos anos 1960, quando todo mundo se divertia assim. Mas o negócio do girassol... foi um ódio real. Houve gente que queria enforcar Judd, e não estou brincando. Ele teve sorte de sobreviver: você ouvia as pessoas falando em pegar uma espingarda e atirar nele. Diziam isso abertamente nos bares. – Ela parou de falar um momento e Virgil a observou. – E o pior era que Bill ria deles. A atitude dele era: “Seus otários!” Ria deles enquanto crianças comiam sanduíche de banha. *Sanduíche de banha!*



Às três e meia Virgil estava de volta ao hotel. Tomou banho pensando em Suzanne Reynolds e na sala escura, com direito a batata frita e sanduíche de banha. Diziam que ela tinha sido uma garota bonita.

Encontrou-se com Joan às quatro. Pararam na Pizzaria do Johnnie e concordaram em dividir uma de calabresa, cogumelos, pepperoni e a malvada da anchova.

– Dá um pouco de medo voltar à fazenda – disse Virgil enquanto saíam da cidade. – Fique de olho no retrovisor. Veja se há alguém nos seguindo.

– Por aqui não é preciso seguir ninguém. Se você vir Joan Carson saindo da cidade por essa estrada, há 99% de chances de ela estar indo para a fazenda. Não há muita coisa além disso.

– Não tinha pensado nisso.

– Além do mais, nós não vamos à fazenda. Vamos subir o morro atrás dela. É tão legal quanto a grota e quero ver onde aquele cara estava quando atirou na gente.

– Já estive lá. Foi a primeira coisa que fiz hoje cedo.

– Esteve?

– Eu quase tomei um tiro, Joan! Eu precisava dar uma olhada. Mas não achei coisa nenhuma.

– Foi até a pedra chata?

– Que pedra chata?

– Ah, não foi à pedra chata. – Ela estava sendo misteriosa.



Passaram pela fazenda, seguiram a estrada que rodeava o morro e subiram para a colina onde o atirador deixou o carro e onde Virgil estivera pela manhã. Joan examinou o local onde o atirador escondera seu veículo. Virgil pegou então a espingarda na mala da caminhonete e andou com ela pela trilha mais fechada, até o tronco que o atirador usou de abrigo. O dia estava quente e úmido e, longe, ao sudoeste, era possível enxergar as nuvens que se transformariam em tempestades.

– Talvez ele não conhecesse a colina tão bem – disse Joan quando viu o abrigo do atirador. E apontou para baixo, à esquerda. – Há um lugar ali embaixo por onde dá para ir. Era por onde a garotada ia até a grota. Um local escondido, ótimo para estacionar um carro. Então você subia pelo lado, onde há uma encosta íngreme. Nós nunca iríamos vê-lo. Ele estaria bem acima da nossa cabeça.

– Portanto, o sujeito fez besteira em vários sentidos – concluiu Virgil. – Eu fico imaginando se ele de fato queria nos acertar. Mas não faz sentido. Ele estava perto. Se quisesse errar os tiros, a brincadeira era perigosa demais.

Examinaram mais um pouco o terreno e depois voltaram ao carro. Joan indicou que ele fosse para o oeste, até um agrupamento de arbustos, onde deixaram o carro na sombra.

– O terreno é muito irregular, você pode furar um pneu – disse ela. – Pegue a pizza. Eu pego o cobertor e o isopor.

Ela foi na frente, morro acima, até uma formação que parecia um castelo que tinha passado por um processo de erosão. Era um anfiteatro natural no quartzo vermelho. Encontraram um lugar com vegetação mais rasteira, à sombra de algumas ameixeiras, e abriram o cobertor. Virgil apoiou a espingarda numa árvore.

– Preciso de um pedaço de pizza e cerveja – disse ele, rindo. – Aqui está quente demais!

– Pegue uma cerveja. Vou mostrar a pedra chata. Ponha a pizza em cima. Ela vai se manter quente.



Virgil acompanhou-a através da encosta até um leito de pedra vermelha, com seis metros de comprimento e dois de largura, inclinando-se apenas alguns graus em direção ao sul.

– Veja! – disse Joan.

Ele olhou, mas não viu. Então percebeu a marca de uma mão, bem pequena, provavelmente de mulher. Depois outra, e outra, uma flecha desenhada, uma tartaruga, um homem com chifres, outras mãos e círculos e quadrados de coisas que ele não sabia o que eram.

– Petróglifos – disse Joan. – Gravados na rocha com uma pedra. Têm entre 300 e mil anos de idade. São muito antigos.

– Nossa, Joan! – Virgil estava fascinado. Ficou de quatro, engatinhando na rocha. – Quantas pessoas sabem disso?

– A equipe do Museu de História Natural e os admiradores de petróglifos. Meu avô disse a um repórter que antes havia um círculo de pedras. Não de quartzito vermelho, mas pedras trazidas por geleiras ou rios. Estavam dispostas ao redor da pedra chata como um relógio, e cada uma delas tinha um símbolo gravado. Ao longo dos anos as pessoas foram roubando-as. Ninguém sabe que fim levaram, mas provavelmente estão em algum museu ou numa loja de decoração em Nova York.

– Veja isso... – Ele apontava para um relevo mais fundo. – Parece um alce. Havia alces aqui?

– É o que dizem. Há três búfalos no canto, está vendo?



– Eu poderia escrever uma matéria sobre isso – disse Virgil. – Algo como “A caça nas planícies na época dos índios”. Eu tiraria algumas fotos, daria uns retoques no Photoshop e a matéria estaria pronta.

– Deixe isso para lá – comentou Joan, balançando a cabeça. – É bom saber que eles estão aqui. Mas nada de revista ou televisão.



Sentaram sob as ameixeiras, conversaram, comeram pizza, beberam cerveja e viram as nuvens de tempestade mudarem de forma, passando de balões brancos a bigornas rosadas, enquanto o sol descia no horizonte. Joan começou um sermão:

– Ontem à noite estive pensando em nós dois e cheguei à conclusão de que esse não é um relacionamento de verdade. Você é um “homem de transição”. O cara que me traz de volta à vida e depois vai embora.

– Por que vou embora? – Virgil estava com preguiça, deitado no cobertor, as mãos cruzadas sob a nuca como um travesseiro. Preferiu não discordar.

– Porque vai! Você é um cara legal, mas tem seus problemas, Virgil. Manipula as coisas. Posso sentir você fazendo isso, mesmo que não perceba que está fazendo. Isso me deixaria doidinha depois de um tempo. E tenho a sensação de que você fica feliz quando está sozinho.

– Não entendi direito.

– Você vai entender. Mas não estou dispensando-o. Só estou dizendo...

– ... que não vai durar para sempre!

– Isso – concordou ela. – Mas vale pelo sexo. Eu nem me lembrava mais de como gostava disso. Meu marido... não sei. A coisa ficou cansativa. Ele estava

mais interessado em jogar golfe.

– Jogava bem?

– Jogava. No último ano de casamento a coisa mais íntima que fazíamos era ficar deitados na cama e ele me contar sobre cada uma das 77 tacadas daquele dia: o taco, o voo da bola, o que havia acontecido quando ela bateu no chão, tacadas boas, tacadas ruins, o que ele estava pensando quando acertava o buraco. Mas um dia a gente precisa crescer.

– Então por que se casou com ele?

– Ele era bonito, trabalhador e estava solto na praça.

– Então qual era o problema?

– Ele não tinha um “tempero”, sabe? – Ela arrancou uma haste comprida de capim do chão e mordeu a parte inferior. – Achei que a gente melhoraria com o tempo, mas isso não aconteceu.

– Muitas mulheres acham que os homens são todos iguais. Que basta que os coloquem nos trilhos e eles vão fazer tudo certinho. Mas não adianta. Conhece a expressão “Pau que nasce torto nunca se endireita”? É isso, ninguém muda ninguém!

– Foi isso que aconteceu com suas mulheres?

– Ah, não. Só me casei porque elas eram gostosas e eu era idiota. Na verdade, nós éramos idiotas. Não sabíamos o que estávamos fazendo. Alguém tinha de trabalhar. Não dava para ficar se divertindo o tempo todo.



Ainda conversavam sobre relacionamentos passados, observavam os pássaros, discutiam se as tempestades estavam se aproximando ou se afastando para o sul, comiam pizza... quando ouviram o riso de uma mulher reverberando pelas pedras da colina.

– O que é isso? – perguntou Joan, sentando-se.

Virgil deu de ombros.

– Não vi ninguém.

– Tem alguém na grota. Venha, vamos olhar.

Virgil pensou: *Ah, não. Stryker!*

– Joan, talvez fosse melhor... você sabe... deixar para lá.

– Não seja idiota. Venha. Estamos perdendo alguma coisa.

– Joan, acho que pode ser o Jim. E a Jessica.

Ela encarou-o por um segundo, com uma ruga aparecendo entre os olhos. Depois, achando a situação divertida, disse:

– E daí? Vamos, seu frouxo! – E começou a descer a encosta, usando os arbustos baixos como cobertura, movendo-se pelo mato agachada, uma típica garota do campo. Em vez de se aproximar da grota pelo topo, rodeou-a pelo lado norte e então engatinhou até a beira do penhasco, de onde podiam avistar a

piscina.

Quando Virgil chegou ao seu lado, ela sussurrou:

– Nossa! Nunca achei que o Jim viesse aqui para isso!

Stryker e Jessica estavam num colchão na mesma pedra em que Virgil e Joan tinham se deitado. Jessica estava nua, de costas, com as mãos na cabeça de Stryker, que estava entre suas coxas.

– Isso é nojento! – disse Virgil. – Parecem dois animais!

– Silêncio, eles vão escutar! Você contou a Jim sobre a piscina? Ou será que ele descobriu sozinho? Espero que você não tenha contado nossos segredinhos!

– Eu não contei segredinho nenhum.

– Opa, lá vamos nós! A atração principal vai começar.

A cabeça de Stryker se movia para cima de Jessica, parando no umbigo, nos seios. Joan puxou a fivela do cinto de Virgil.

– Tira a calça, Virgil. Anda logo, depressa!

– Joan, isso não!

– Anda! – Ela estava tirando o jeans. – Isso é excitante!

O que um homem pode fazer, pensou Virgil enquanto tirava a calça, a não ser mostrar educação?



No caminho para casa, Joan disse:

– Tenho uma foto do meu irmão me segurando no colo, eu enrolada numa manta de bebê, recém-nascida. Ele sempre foi discreto, reservado. Nunca poderia imaginá-lo se soltando daquele jeito.

– Ele se soltou mesmo – concordou Virgil, rindo. – Além disso, é um cara inteligente. Não vá dar com a língua nos dentes e dizer que estávamos lá em cima. Isso poderia atrapalhar o namoro deles.

Ela pensou um segundo e disse:

– Não vou dizer uma única palavra a ninguém. Nem a você.



Virgil tinha se mudado para o segundo andar do hotel, onde podia dormir numa cama de verdade. Pegou o notebook e olhou a previsão do tempo para Sioux Falls. A tempestade que ele e Joan viram se formando ao sudoeste estava para chegar naquela cidade, movendo-se lentamente a cerca de 15 quilômetros por hora, mas ficava cada vez mais forte.

Não se falava em tornados, porém havia um alerta de tempestades para algumas regiões do noroeste de Iowa, o sudoeste de Minnesota e o sudeste de Dakota do Sul. Poderia estar chovendo quando chegassem à casa de Feur. O que talvez não fosse ruim. A chuva e o vento facilitariam a entrada. Mas a preocupação de Virgil não era com sensores de movimento e cães.

Acendeu a luz e deitou na cama, desejando duas horas de sono antes de se encontrar com Stryker. Muita coisa estava acontecendo. Não tinha digerido totalmente o envolvimento entre Feur e Judd. Ele e Stryker tiveram alguns avanços nas investigações. Talvez descobrissem mais alguma coisa naquela noite e a contadora poderia ter novidades na manhã seguinte.

Os assassinatos talvez fossem obra de algum maluco. A receita não era complicada: pegue um garoto do interior com histórico de abusos, adicione uma xícara de religião lunática, uma colher de um grupo de supremacia branca e uma pitada de metanfetamina. Pronto! Um monstro salta do forno em 20 minutos!

Mas a foto da mulher morta do cofre de Roman Schmidt era muito antiga, Feur seria garoto. Que negócio era aquele?

E, claro, Virgil ainda tinha de pensar no diagnóstico amoroso-emotivo que Joan fez sobre ele. Deus do céu, era coisa de mais para pensar.



Quando estava caindo no sono, seu alter ego, Homer, ganhou vida:

O atirador se agachou no alto do morro, movendo-se pela vegetação. Cem metros encosta abaixo avistou Homer e Joan na piscina, nus como vieram ao mundo, brincando na água. Abaixou-se atrás de um tronco para espia-los através da mira telescópica. Alcance variável e zoom com escala de dois a oito. Levou um minuto para ajustar no oito. Isso diminuía a largura da imagem, mas podia ver os rostos com nitidez.

Percebeu que não estava no lugar certo. Se tivesse descido pelo lado, escondido o carro no bosque à direita...

O escritor de Virgil ficou na dúvida. Por que o atirador não estacionou no bosque?

Então caiu no sono.

O DESPERTADOR TIROU-O DA CAMA à meia-noite e meia. Bocejando, arrastou-se até o chuveiro, escovou os dentes, vestiu-se e entrou no carro às cinco para uma.

As ruas continuavam secas, mas os relâmpagos estavam cada vez mais próximos, e as nuvens encobriam e mostravam a lua.

Chegou à casa de Stryker à uma hora, com uma brisa varrendo as ruas e as folhas das árvores começando a se agitar. Estacionou e viu o xerife se movendo atrás de uma janela na frente da casa. Um segundo depois a porta da garagem começou a subir. Virgil pegou a espingarda, a pistola, uma garrafa d'água, duas barras de cereais, uma lanterna, a capa de chuva e dois sacos plásticos com munição.

Stryker deu ré e Virgil entrou no lado do carona, e os dois estavam na metade da rua quando o xerife acendeu os faróis e perguntou:

– Trouxe capa de chuva?

– Trouxe. Você está acordado?

– Estou. – Ele apontou rapidamente para os relâmpagos ao oeste. – Acho que não vamos precisar de garrafa d'água.

– A previsão do tempo falava em tempestades. A propósito, vamos até onde?

– Até o mais próximo possível. Deixamos o carro e andamos uns dois quilômetros. O problema é que vai estar um breu.

– Mas os relâmpagos vão ajudar – disse Virgil.

– Desde que não caiam em cima de mim!

Saíram da cidade, com as últimas luzes sumindo no retrovisor enquanto pegavam a estrada para o norte, na direção da fazenda de Stryker, e depois seguiram para o oeste, na direção de Feur. Chegariam por trás.



Virgil pensou, com um sorriso tenso, que a vantagem de fazer aquela visita à noite era que poderia conversar com Stryker sem olhar nos olhos dele. À luz do dia, o xerife perceberia o constrangimento de Virgil, que acabaria falando sobre o encontro de Stryker com Jessica na piscina. Era um policial que deduzia as coisas facilmente.

– Depois de nos separarmos hoje à tarde – falou Stryker –, fui até a Secretaria de Agricultura para examinar as fotos no cadastro do condado. A imagem tinha seis anos, mas Feur não construiu nada desde então. Tem a casa onde você esteve, uma garagem grande e um barracão no pátio, que devia estar à sua esquerda quando você entrou.

– Eu vi o barracão. Estava em boas condições.

– É. Depois há o celeiro atrás, que foi reformado e serve como salão de reuniões. As pessoas dizem que é um espaço enorme. Os encontros são realizados nas noites de quarta e sábado. As pessoas vêm de todas as partes do condado. Os galpões perto do celeiro não parecem grande coisa. Devem ter 80 anos.

– Então vamos olhar o barracão, o celeiro e a casa. Eu entrei num cômodo da casa. Também não me pareceu grande coisa.

– Eu me lembro dela. Pelo que sei, há um porão. Mas eu quero dar uma olhada no barracão. Se estiverem traficando drogas, devem guardá-las fora da casa.

– Você está pensando em entrar? – perguntou Virgil.

– Primeiro quero olhar de longe. Ver se há algo errado. Se tem cachorro, equipamento de segurança. Quem sabe a gente não fareja alguma coisa?

– Não vi nenhum cachorro.

– Isso é bom. Muitas pessoas não sabem, mas os cachorros enxergam quase tão bem à noite quanto de dia.



A escuridão aumentava à medida que se afastavam da cidade e o céu ficava carregado de nuvens. Atravessaram uma pequena colina e Stryker diminuiu a velocidade e apagou os faróis. Seguiam por uma estrada de cascalho, com os relâmpagos quase riscando o teto do carro. Stryker consultou o GPS e disse baixinho:

– Chegamos.

– Não estou vendo porcaria nenhuma! – reclamou Virgil.

– Deixei uma pedra aqui na estrada. – Stryker havia colado fita isolante nas luzes internas do veículo. – Eu já volto. – Pôs o carro em ponto morto, saiu e, com uma lanterna de bolso, foi iluminando o caminho. Em 15 segundos estava de volta. – É logo ali...

Engrenou a primeira, avançou 10 metros, passou por uma vala e subiu às cegas uma pequena elevação, descendo do outro lado. Parou novamente, saiu, andou, acendeu a lanterna mais duas vezes, depois avançou com o carro e virou à esquerda, sem saber o que iria encontrar. À luz de um relâmpago, Virgil percebeu que quase subiam numa cerca viva.

– É isso.

– O quê?

– Isso aqui já foi uma casa de fazenda. Agora está abandonada. Há alguns anos os bombeiros incendiaram o lugar como treinamento. Mas as árvores plantadas para quebrar o vento ficaram de pé. Estamos no pátio lateral, mas quem passar pela estrada não consegue nos enxergar.



Virgil pegou a espingarda e Stryker abriu a traseira da caminhonete, retirando uma arma comprida. À luz de um novo relâmpago, Virgil viu que era um fuzil M-16, carregado com um pente extra.

– É automático ou semiautomático?

O xerife pôs uma bala na câmara.

– Semiautomático é para amadores.



Com a lanterna de bolso, voltaram para a estrada e seguiram um atrás do outro. O clarão dos relâmpagos iluminava o caminho e o GPS de Stryker indicava a localização exata da fazenda de Feur. Os passos no cascalho e o náilon das capas de chuva faziam barulho, pensou Virgil. Mas não era nada em comparação com o vento.

Quinhentos metros adiante atravessaram uma vala de novo e passaram pelo meio de uma cerca de arame farpado. Stryker falou baixinho, quase num murmúrio:

– Vá devagar e cuidado onde pisa. Há muitas pedras. Isto aqui era um pasto. A plantação fica do outro lado da estrada.

E tropeçaram algumas vezes enquanto se aproximavam da fazenda. O vento estava cada vez mais forte, em rajadas. Havia luzes acesas na casa – deviam ficar ligadas a noite toda, pensou Virgil – e uma forte lâmpada a vapor de sódio no alto do celeiro, além de um poste diante do barracão. O poste balançava com o vento e a luz oscilava. Os dois sentaram-se junto a um agrupamento de cardos e esperaram 15 minutos, 20 minutos, meia hora. Nada mudou na casa e nas construções ao redor.

A chuva então começou a cair sobre a estrada de cascalho. Perceberam sua intensidade quando ela desabou sobre o pátio diante da casa de Feur, atingindo o barracão, e em alguns segundos já caía sobre a cabeça deles. No minuto seguinte uma luz se acendeu no segundo andar da casa, e depois outra, numa janela pequena abaixo do topo do telhado.

– Alguém está fazendo xixi – disse Virgil a Stryker. Mais um minuto e a luz do banheiro se apagou, depois a outra. A pessoa tinha voltado para a cama.

O temporal desabava sobre os dois, que estavam de cócoras, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos. Estavam secos, porém com frio. Após meia hora, Stryker cutucou Virgil:

– Acho que é o momento de olhar o barracão.

– Vá na frente.

Engatinharam e andaram agachados, movendo-se rapidamente entre os relâmpagos, parando a cada novo clarão. Em cinco minutos chegaram aos fundos do barracão. Junto à porta lateral, Virgil experimentou a maçaneta.

Trancada. Os dois ficaram lado a lado para bloquear o máximo de luz, esperaram um relâmpago e então Stryker apertou o botão da lanterna.

Virgil disse:

– Droga! – Um fecho e um ferrolho novinhos em folha enfeitavam a porta. – Eu nunca iria imaginar que trancariam um barracão com essas coisas!

– O quê?

– Fecho e ferrolho! E olhe essa porta! Isso é aço puro!

– Não vamos entrar?

– Não vamos entrar! – confirmou Virgil.

– Então...

– Então vamos sentar mais um pouquinho!

♦♦♦

Recuaram lentamente, agora um pouco menos tensos. Não conseguiram encontrar o esconderijo original, mas acharam outro igualmente molhado.

– Então eles têm porta de aço trancada por fecho e ferrolho? Humm, isso torna a coisa um pouco mais interessante – disse Stryker. – Estou começando a me sentir um idiota.

Após 20 minutos a tempestade transformou-se numa chuva fraca e o vento mudou de direção. Os dois sentaram-se então de costas para ele.

– Sabíamos que talvez fosse perda de tempo – disse o xerife.

– É, mas eu esperava que algo acontecesse para compensar o esforço.

– Mas a coisa não funciona assim, seu cabeça de bagre!

– O sol nasce mais ou menos às cinco e meia.

– Melhor irmos embora vinte minutos antes.

Virgil olhou o relógio.

– Não são nem três horas.

– Vamos ficar sentados por mais duas. Talvez tirar uma soneca.

– Não dá para dormir aqui.

♦♦♦

A chuva parou, o vento diminuiu e os relâmpagos seguiam para o leste. Virgil perdeu a esperança de descobrir alguma coisa quando viu faróis na estrada ao sul. Até onde sabia, a fazenda de Feur era a única naquela direção. Cutucou Stryker, que estava de cabeça baixa, talvez dormindo. A cabeça do xerife se levantou bruscamente. Ele viu as luzes e disse:

– Quem será?

– Alguém que acorda cedo.

Os dois se levantaram, os corpos escondidos pela vegetação. Espreguiçaram-se e viram uma caminhonete diminuir a velocidade, parar no quintal de Feur e depois dar ré lentamente até o barracão.

O motorista saiu do carro e foi até a casa, rodeando uma poça no meio do caminho, e depois parou na varanda, esperando. Luzes se acenderam e no minuto seguinte o motorista entrou na casa.

– Vamos ver quem é – disse Stryker.

Voltaram pelo meio do mato, de quatro e agachados, até os fundos do barracão e depois até a lateral. O motorista havia parado a uns 50 metros da porta da frente.

– Não é muito arriscado? – perguntou Virgil.

– As luzes acesas são do outro lado da casa. Não devem nem estar olhando para cá.

– Então me dê cobertura.

Stryker se abaixou com o fuzil e Virgil se arrastou pelo chão perto da porta, atrás da caminhonete. Placa de Missouri. Ouviu um barulho e parou. Nada. Enfiou a mão no bolso, tirou uma caneta e anotou o número na palma da mão e no braço.

Já ia voltar quando teve uma ideia. Tinha acabado de trocar a fiação elétrica do seu reboque para trailer. E se aquele carro fosse parecido com sua caminhonete?

Engatinhou às escuras e se arriscou a acender a lanterna rapidamente, bem embaixo da carroceria. Localizou os fios, segurou-os e se pendurou com todo o peso, fazendo força, até que algo se soltou. Tentou acender mais uma vez a lanterna – *droga, da primeira vez deu certo* – e viu os dois fios desencapados.

Deve funcionar, pensou.

Então um cachorro latiu. Uma vez.



Havia um maldito cachorro dentro do carro. E não era pequeno.

Disse em voz alta:

– Estou indo. – E se arrastou de volta, encostado ao barracão, até chegar perto de Stryker, e o cachorro latiu de novo, várias vezes.

– Que diabo foi aquilo? – sussurrou o xerife enquanto eles engatinhavam para longe. O cachorro começou a latir novamente, mas, como o som era abafado pela cabine fechada, ninguém saiu da casa. A 50 metros começaram a andar curvados, e a 100 estavam eretos e correndo. Encontraram o esconderijo.

– Fios – disse Virgil, ofegante. – Quando descobrirmos quem é esse cara... bom, acho que ele vai levar uma multa...

– Levam uma multa?

– Arranquei os fios da lanterna traseira esquerda.

– Isso vai ficar registrado na ficha dele – disse Stryker.

– Com certeza.

– Quanto àquele cachorro... você me deve uma ida à lavanderia.

Durante meia hora não houve sinal de vida na casa. De repente a porta se abriu e três homens, entre eles George Feur, saíram até o pátio, olharam para os lados e se dirigiram até o barracão. Ficaram do lado de dentro por 10 minutos e saíram carregando quatro galões de gasolina. Guardaram-nos com cuidado na caçamba da caminhonete, voltaram para o barracão e pegaram mais quatro galões. Trancaram a porta traseira do carro, conversaram alguns minutos e depois o motorista entrou na cabine, acenou e partiu. A lanterna esquerda traseira estava apagada.

– Vamos – disse Stryker.

Afastaram-se no escuro e, 200 metros adiante, tentaram atravessar a estrada. O xerife, que ficou preso no arame farpado e rasgou o casaco, disse:

– Droga! Acabei de comprar. É novinho. – E logo os dois estavam na estrada, correndo. A lua, quando eles alcançaram a descida, atravessou as nuvens e iluminou o caminho.

– Chegamos – disse Stryker, o rosto pálido à luz do GPS. Atravessaram a vala, acenderam a lanterna algumas vezes, entraram no carro, deram meia-volta e partiram sacolejando pela estrada.

– Precisamos de um computador. Ver de onde esse cara vem.

– Há duas possibilidades – comentou Virgil. – Os galões podem ter alguma coisa que não seja exatamente gasolina. Isto é, os caras podem misturar produtos químicos ao combustível.

– A outra possibilidade... – Stryker já arrancava as fitas isolantes das luzes internas do cano.

– A outra possibilidade é que seja gasolina. Mas nosso amigo não podia parar num posto sem correr o risco de ser visto. É um fugitivo ou alguém muito cuidadoso.

– Cuidadoso com o quê?

– Digamos que ele seja o atirador e que tenha vindo de outra cidade. Kansas City, provavelmente, já que a placa é de Missouri. Há atiradores excelentes naquela cidade. Assim, ele enche o tanque lá, vem até aqui, faz o serviço, pega mais oito galões e não precisa parar num posto de gasolina. Até onde você pode ir com o tanque cheio e mais oito galões na caçamba?

Os dois pensaram um tempo, e então Stryker respondeu:

– Pelo menos até Kansas City.

– Mas por que eles não encheram o tanque aqui mesmo?

– Porque tem algo além de gasolina no galão...?

– Exatamente o que eu acho.

Três quilômetros adiante Stryker acrescentou:

– A não ser que ele só esteja pegando gasolina para um cortador de grama.



O céu estava iluminado quando pararam diante do tribunal. O xerife entrou na frente, dirigiu-se até uma sala onde um despachante acenou por trás de um balcão e Stryker digitou o número da placa de Missouri num computador. O resultado apareceu na tela em 10 segundos: Dale Donald Evans, de Birmingham, Missouri. A cidade ficava nos arredores de Kansas City. Com o nome e a data de nascimento, fizeram uma busca por Evans no banco de dados e encontraram seis registros.

– Roubo a residência, roubo a residência, roubo a residência, agressão, roubo, agressão. Cumpriu dois, três... cinco anos no total. Tudo no Missouri – informou Stryker.

– Pensei que os três primeiros roubos não contassem para o tempo da pena.

– Não no Missouri. A não ser que ele tenha roubado algo importante.

– Ou de *alguém* importante. – Virgil bateu na tela. – Sabe o que ele é? Um peixe pequeno, tranquilo e de confiança. Cumpriu a pena e ficou de boca fechada. De modo que agora é motorista. Vem a Minnesota, pega uma carga, galões de gasolina, um pouco de lenha, uma motosserra, gerador, ferramentas... Ninguém vai parar você duas vezes.

Stryker se recostou na cadeira.

– E agora? O que vamos fazer?

– Antes precisamos fazer uma reunião – disse Virgil.



Davenport berrou ao telefone.

– Virgil, você de novo!

– Levante esse rabo gordo da cama e ligue para a Agência de Combate às Drogas. Preciso falar com um dos mandachuvas. E agora!

– Descobriu alguma coisa?

– O maior laboratório de metanfetamina na história dos grandes laboratórios de metanfetamina.

Ouviu Davenport bocejando.

– Certo. Posso ligar para um conhecido. Mas tem necessidade de me ligar às cinco da manhã?

– Tenho. Oito galões cheios de metanfetamina estão indo para Kansas City. Precisamos colocar alguém nisso e achamos que os federais são as pessoas certas.



Um agente da DEA, sigla da Agência de Combate às Drogas, entrou em contato em 20 minutos. Com Stryker sentado diante dele, Virgil fez um resumo de toda a investigação, com detalhes sobre os assassinatos e a usina de etanol. O

homem, que se chamava Ronald Pirelli, de Chicago, disse:

– Fique sentado aí, perto do telefone.

Dez minutos depois, outro agente ligou para Virgil:

– Vocês podem se reunir com nossa equipe de Mankato daqui a quatro horas?

– Podemos – disse ele. – Mas por que Mankato?

– Porque é no meio do caminho entre Chicago e Bluestem. Pode ser às 10 horas no Sheraton?

– Sem problemas. Chegamos lá em duas horas.

– Nosso homem vai de avião. Ele não tem como chegar antes das 10.



Virgil desligou e disse ao xerife:

– Agora acabou a brincadeira, garoto. Você vai ser um herói.

– Ou isso ou volto a ser fazendeiro – respondeu Stryker, que parecia bastante animado. – Na verdade, prefiro deixar assuntos de fazenda para a Joan.

Virgil pegou o carro na casa de Stryker, voltou ao hotel e tentou sem sucesso dormir uma hora. Às sete e meia levantou-se, tomou um banho, escolheu uma camiseta da banda Modest Mouse e foi pegar o xerife.

Ele estava de gravata. Olhou a camiseta de Virgil e disse:

– Isso é o que eu chamo de ousadia, amigo.

A caminho de Mankato, Virgil recebeu uma ligação da contadora.

– Quando podemos nos encontrar?

– Estamos indo a uma reunião em Mankato. Voltamos à tarde. Conseguiu alguma coisa?

– Uma dor de cabeça e uma conta alta. A situação do nosso amigo é pior do que eu pensava. Não há como provar, mas tem grana entrando por fora. E não é pouca. Estou indo dormir. Ligue quando voltarem.

– Tenha cuidado. E fique de boca fechada.



O homem de Chicago era Ronald Pirelli, que tinha ligado de manhã. Era baixo, moreno e usava paletó de linho preto, calça preta, camisa azul-cobalto e óculos escuros de grife. Estava acompanhado por três agentes, todos vestidos de modo casual e com o olhar desconfiado dos homens da DEA.

Os agentes do FBI eram elegantes e bem penteados, pensou Virgil. Já os caras da DEA pareciam ter acabado de descer de um jipe com as janelas abertas.

Pirelli chegou dois minutos antes de Virgil e Stryker. Eles o acompanharam até a sala alugada por outro agente. Todos se apresentaram e Pirelli perguntou a Virgil:

– Qual é a dessa camiseta?

– Achei que a da Sheryl Crow poderia não agradar.

Pirelli era simpático, ao passo que os outros agentes eram mais reservados e ficavam observando Stryker com atenção, e Virgil com mais atenção ainda. Um deles disse:

– Você tem uma fama meio esquisita. Todo mundo em St. Paul o chama de “o maldito Flowers”.

Stryker riu e disse:

– Querem saber de uma coisa? Ele está namorando minha irmã e ontem à noite... olha, ela cuida de uma fazenda e não conhece ninguém de Minneapolis... perguntei o que ela estava fazendo e ela respondeu que estava saindo com “o maldito Flowers”.

Os agentes riram e a desconfiança desapareceu. Pirelli então disse:

– Mas o que vocês têm a dizer?



O que tinham a dizer era em parte especulação, com nomes e referências ao passado. Contaram a história do girassol-batateiro e a crença geral de que o velho Bill Judd tinha uma conta escondida. Disseram que Judd Jr. estava com grandes dificuldades financeiras e que a morte do pai iria piorá-las, em vez de melhorá-las. Que Júnior poderia estar desfalcando a tal conta.

– Por que ele não ficou com o dinheiro em vez de se envolver no negócio do etanol? – perguntou Pirelli.

– Pode ser por vários motivos – respondeu Virgil. – Primeiro, talvez não haja dinheiro suficiente na conta. Não o bastante para pagar todas as dívidas e lhe dar alguma segurança. Ele está ficando velho. Segundo, o dinheiro está saindo de alguma conta. Com certeza deve deixar algum rastro. Hoje em dia não é muito fácil fazer negócios com dinheiro vivo. As pessoas preferem cheques, transferências bancárias. Pelo modo como fizeram, parece que o velho Judd entrou com dinheiro para abrir uma usina de etanol. Eles de fato produzem e vendem etanol, mas achamos que também estão tocando uma pequena indústria química.

– Não seria surpresa se eles fossem os donos das terras ao redor da usina, onde plantariam o milho para ser processado – disse Stryker. – Então eles teriam licença para comprar os produtos químicos necessários. Além disso, o cheiro do processamento da metanfetamina poderia ser facilmente confundido com outro da produção de etanol.

– Certo. Mas até agora não existe qualquer indício de que essa usina tenha algo a ver com metanfetamina – comentou um agente.

– Acho que isso depende de quanto você seja imaginativo – retrucou Virgil. – Temos várias pessoas mortas. Temos um pregador maluco ligado a grupos de supremacia branca. Temos um cara desesperado por dinheiro. E os dois estão comprando caminhões-tanques de amônia anidra. Sem dizer que há uma turma

transportando galões de gasolina no meio da madrugada. E eles poderiam facilmente fazer parte de uma rede de distribuição de produtos químicos de venda controlada. Se um idiota compra uma caixa de moderador de apetite em cada farmácia, consegue vários quilos do remédio num dia. Se forem 10 idiotas fazendo isso em 10 cidades diferentes, o resultado é uma tonelada por semana. Sabemos que eles fazem parte de um sistema de distribuição por intermédio de grupos de supremacia branca. Que também pode ser uma rede de distribuição para outras coisas. Isto é, eles podem vender etanol como bebida falsificada a cinco dólares por litro, mas eu duvido muito.

– Como esses caras têm condições de ter uma usina de etanol? – perguntou outro agente.

– Você já viu alguma usina de etanol na vida? – perguntou Stryker.

O cara da DEA balançou a cabeça.

– Não que eu saiba.

– Há usinas que parecem silos de armazenagem de grãos. Na verdade a maioria delas parece. E as mais novas são semelhantes a pequenas refinarias. No entanto, as construídas há quatro, cinco anos assemelham-se a garagens grandes. Uma usina de etanol é, basicamente, uma destilaria.

– Nos últimos dois anos – interveio Pirelli – percebemos uma enxurrada de metanfetamina na área entre o rio Mississippi e as Montanhas Rochosas. Grande parte vai para Dallas-Forth Worth, San Antonio e Houston. É material bom, puro. Ficamos loucos tentando achar a fonte. Uma possibilidade é que tenha ligação com a supremacia branca. Alguns vendedores pertencem aos grupos.

– Que tal Dale Donald Evans? – sugeriu Stryker. – Ele deve estar em casa.

As sobrancelhas de Pirelli subiram. Ele pegou um celular no bolso, procurou um nome na agenda e apertou o botão “chamar”. No minuto seguinte perguntou:

– Pegou? – Não disse nada por uns instantes e então: – Fique assim. Ele não tirou os galões da picape? – Ficou calado mais uns segundos e falou: – Me ligue.

Pirelli virou-se para Stryker:

– Ele chegou em casa há 45 minutos. Não tem garagem no local. Estacionou a caminhonete na rua.

– Ele está com uma lanterna traseira apagada – disse Virgil. – Vocês podem pará-lo por isso. Mande o policial dar uma olhada nos galões de gasolina.

– Uma sorte, o negócio da lanterna traseira – observou um dos agentes.



Quando a reunião terminou, Pirelli disse:

– Certo. Gostaríamos que vocês dois tirassem uma folga. Aproveitem o sábado e o domingo. Ligo para vocês na segunda ou na terça.

– Segunda – disse Virgil.

– Ou terça. Há um agente que está indo para Madison, em Dakota do Sul, onde

o carro dele vai quebrar. Ele vai ficar lá um tempo, de olho na usina, conversando com o pessoal da área. Enquanto isso, vamos ficar na cola de Dale Donald Evans. Se for o que você acha, nós ligamos. Gostamos da ajuda das autoridades locais. Quando pegarmos o pastor Feur, vocês vão estar conosco.

Stryker deu um tapa na própria perna e disse:

– Está ótimo! – E para Virgil: – Está ótimo para você?

– Para mim, ótimo. Se estiver ótimo para todo mundo...

Um dos agentes falou para Virgil:

– Não me leve a mal, mas eu acho o som do Modest Mouse meio gay.

NA VOLTA A BLUESTEM, VIRGIL disse a Stryker:

– Não quero desapontá-lo, mas acho que Feur não matou Schmidt nem os Gleason. Ele pode até ter matado Judd, usando os Gleason como cobertura.

– Não creio nisso.

– O negócio é que os Gleason e os Schmidt... isso cheira a maluquice!

– Deixe-me contar uma coisa, Virgil. George Feur é totalmente doido, pirado.

– Mas até certo ponto. Se estivermos certos, se eles estiverem produzindo metanfetamina naquela usina, você está atrás de um cara que acredita em conspirações. Ele monta empresas de fachada. Matou os Gleason e os Schmidt... O cara acredita no caos, acredita que é a única alma pura num mar de pecadores.

– Ah, que droga. – Stryker espiou pela janela, olhando o verão passar. – Ah, isso é uma droga.

– Por falar em droga, como vão as coisas com a Jessica?

– Cala a boca!



Os dois foram direto para a casa de Chris Olafson, a contadora. Stryker bateu na porta durante cinco minutos até que ela apareceu, de roupão.

– Entrem. Finalmente consegui dormir um pouco.

– Nós ainda não conseguimos – comentou Stryker. – O que você descobriu? Ela balançou a cabeça.

– A batata do Júnior está assada.

– Até que ponto?

– Muito assada.

A contadora respirou fundo e começou:

– Júnior recebeu o valor máximo de doação que é isento de impostos. Isto é, cerca de dois milhões de dólares. Isso significa que todo o espólio é passível de taxação. Mas o valor dos bens deixados pelo velho Judd é menor do que todo mundo esperava, chegando a pouco mais de seis milhões, incluindo os dois milhões em empréstimos ao filho.

Chris Olafson fixou os olhos num ponto do teto e continuou:

– O governo estadual e o federal vão querer uns quatro milhões. Ou seja, Júnior não vai receber nada. Ele só não vai ter de pagar os empréstimos. Mas o fato é que, se Jessica Laymon tiver direito a metade da herança, Júnior vai dever um milhão a ela. Se você der uma olhada no que ele ganha nas franquias da Subway, ele poderia pagar o valor. No entanto...

– No entanto... – repetiu Stryker.

– Se você olhar as declarações de renda, parece estar tudo bem. Mas eu sei quanto dinheiro você ganha com uma lanchonete, porque faço a contabilidade do McDonald's e do Burger King aqui na região. Um Subway não fatura tanto quanto um McDonald's, mas os do Júnior sim, segundo suas declarações. Eles estão vendendo sanduíches de mais. O estranho é que as lojas dele estão sempre vazias.

– Ele está declarando mais do que ganha? – perguntou Virgil.

– Acho que sim. Ele tira dinheiro de outro lugar, passa pelas lanchonetes, paga os impostos e depois o dinheiro sai limpinho. Ou seja, ele está lavando dinheiro.

– Meu Deus... – disse Stryker.

– O lado ruim disso... – Ela parou e olhou para Stryker por cima dos óculos. – O lado ruim é que sua amiga Jessica pode pedir metade do valor dos empréstimos, metade das franquias do Subway e descobrir que nada disso existe. De repente as lojas Subway mais bem-sucedidas do estado não vão conseguir mais vender nem um único sanduíche.

– Então ele está falido?

– Não enquanto estiver administrando essas lojas. Mas, sem dinheiro extra, ele vai ficar em apuros.

– Ele esconde o dinheiro em algum lugar? Como o pai?

– Não sei. Mas posso dizer que ele está devendo impostos e multas sobre todos os ganhos ilegais, de modo que quando a Receita terminar a investigação... – Ela deu de ombros.



– Chris, preciso de todos os documentos – disse Virgil. – Não quero que você comente com ninguém nosso encontro. Não acho que esteja correndo perigo, mas também não posso garantir. Algumas pessoas viram quando entramos aqui.

– Não tenho dúvida.

– A notícia vai correr pela cidade. Tenha cuidado nos próximos dois dias.

– E depois?

– Depois veremos – respondeu Virgil, rindo para ela.

Enquanto saíam, Virgil perguntou:

– Você mencionou a amiga de Jim, Jessica Laymon. Sabe mais alguma coisa sobre essa amizade?

Ela deu de ombros e sorriu para Stryker.

– Segundo dizem, vocês foram vistos indo até a gruta.

– Vou me mudar para a Califórnia – disse Stryker.

– Ela é uma garota linda – observou Chris. – Uma pena o negócio da herança.



No tribunal, Stryker disse, ao sair do carro:

– Estou ficando velho para missões noturnas.

– É, vou tirar um cochilo. Preciso ligar para Joan. Você podia telefonar para a Jessica. Nós quatro poderíamos sair juntos hoje.

Stryker bocejou.

– Vou perguntar a ela. Ligue quando acordar. Mas não muito cedo. Lá pelas seis e meia ou sete horas.



O celular de Joan caiu na caixa postal. Virgil deixou o seguinte recado: “Estou indo descansar. Jim e eu estávamos pensando em nós quatro sairmos hoje à noite.”

Ele demorou um tempo para dormir, mas acabou caindo num sono profundo. O celular tocou cinco vezes antes de ele despertar. Quando pegou o aparelho, já havia parado de tocar. Olhou o número, porém não o reconheceu. O código de área era de Minneapolis. Ligou de volta e Shrake atendeu.

– Oi, Flowers. Somos eu e o Jenkins. Estamos dando uma olhada nos coroaos. Quer que a gente leve os dois?

– Nossa, Shrake, onde você está?

– Na sala de estar da filha. Quer que a gente a leve também?

– Shrake, o que você está fazendo?

– Certo. Vamos deixá-la, então. Ela não ia durar muito na cadeia.

– Eles podem ouvir você, não é? – perguntou Virgil. – Você está dando um susto neles?

– Com certeza! – respondeu Shrake, gargalhando.

– Ótimo. Fale para eles não se levantarem do sofá e que eu chego aí em três horas. Diga que se forem a algum lugar, juro por Deus... espere. Deixe que eu mesmo falo com eles. Deixe-me falar com o Gerald.

Dez segundos depois Gerald atendeu e Virgil começou a gritar:

– Gerald, seu desgraçado! Você sabe alguma coisa sobre aquela foto! Você e sua mulher vão apodrecer na cadeia se não me disserem do que se trata! Fiquem aí sentadinhos! Estou saindo de Bluestem e chego aí em quatro horas! Agora passe para o Shrake!

Shrake pegou o telefone.

– O quê?

– Tire o resto do dia de folga.

– É sábado, cabeça de bagre. É meu dia de folga.

– Então tire amanhã também. Acho que o Gerald não vai a lugar nenhum. Me dê o endereço. Qual é o nome da filha?

– Cornelia Jones. Nascida em 18 de junho de 1947. Estamos na casa dela em Apple Valley...



Virgil tinha luzes de sinalização na grade da caminhonete e uma sirene portátil, que era ligada ao acendedor de cigarro. Nunca havia usado os equipamentos durante uma perseguição, mas eles eram úteis quando ele estava com pressa.

Ligou para o posto da polícia rodoviária em Marshall e disse que estava indo para Minneapolis pela I-90 e pela I-35 e pediu que avisassem aos outros postos no caminho. Comentou que usaria as luzes e a sirene.

Consegui falar com Joan enquanto saía da cidade.

– Acho que você ainda não acordou... – começou ela.

– Estou indo com urgência para Minneapolis. Devo voltar amanhã.

– O que aconteceu?

– Encontrei os Johnstone. Acho que eles estão escondendo alguma coisa. Diga isso ao Jim quando ele acordar.

– Farei isso. Tome cuidado, Virgil.



A caminhonete andava bem a 140 por hora, mas a 160 começava a engasgar e dançar no asfalto. Virgil reduziu para 150, colocou uma música e chegou à parte sul de Minneapolis em duas horas e meia. Pegou a saída para Apple Valley, levou um tempo para se localizar e finalmente entrou na Roan Stallion Lane, que tinha meio quarteirão de comprimento, e estacionou diante da garagem de Cornelia Jones.

A casa era grande e parecia confortável. O que mais chamou a atenção de Virgil foi o gramado, todo coberto de lírios.



Virgil arrastou uma cadeira de balanço até o meio da sala, onde podia ficar cara a cara com Gerald Johnstone. Respirou fundo e disse:

– Gerald, mas que coisa feia! Está dando cobertura a um sujeito que matou pelo menos cinco pessoas. Mentiu para mim e agora está envolvendo sua mulher e sua filha. Isso se chama formação de quadrilha.

Gerald começou a chorar, o que não era bonito para um homem idoso. Carol Johnstone deu um tapinha nas pernas do marido e disse:

– Conte a ele, Gerald. Conte e tudo vai ficar bem.

A filha, uma mulher fria e com a expressão cética, comentou:

– Talvez devêssemos falar com um advogado.

Virgil não queria isso e foi bem direto:

– Pode ligar para um advogado. Então vamos todos até a delegacia e eles serão fichados por obstruir uma investigação e por cumplicidade num assassinato. Você pode hipotecar sua casa e pagar a fiança. Agora, eu preciso da informação. Vou conseguir de um modo ou de outro. Mas, se ficarmos

embromando e alguém for assassinado enquanto seu pai não abrir o bico, ele e sua mãe vão apodrecer atrás das grades. Entendido?

Gerald resolveu cooperar e Virgil ficou sério. Quando o velho parou de chorar, disse:

– Foi na festa do homem na lua.

Virgil fechou os olhos, não acreditando no que tinha acabado de ouvir:

– Ah, droga! Era uma festa, e não um homem!



Segundo Gerald Johnstone, em 20 de julho de 1969, o dia em que a *Apollo 11* mandou os primeiros homens à lua, o velho Bill Judd deu uma festa na sua casa na montanha Búfalo, para assistir à lua crescente nascer. O parque estadual ainda não existia e a estrada até a casa não seguia de um caminho de cascalho, que passava por trás do morro e ia até os fundos da casa.

A festa foi realizada no auge da fama de Bill Judd, com a presença de oito mulheres e cinco homens. Cinco garotas eram da cidade e as restantes eram “profissionais” de St. Paul.

– Juro por Deus que não sei o que aconteceu – confessou Johnstone. – Eu só ouvi falar pelos comentários. Dizem que rolaram cocaína e muito álcool.

O velho respirou fundo antes de continuar.

– Tarde da noite, uma das garotas... mas talvez não fosse uma das nossas garotas. Isso é loucura... fazer com uma grávida de nove meses... Nem sei como ela poderia...

Ele olhou para a mulher, que disse:

– Seria desconfortável.

Johnstone parecia se desviar do assunto.

– A gente ouve coisas ao longo dos anos. O que vou dizer pode ser mentira.

– Conte, Gerald – ordenou Virgil. – Depois eu decido.

– Dizem que aconteceu alguma coisa entre o Judd e uma mulher. As pessoas estavam no quintal, tentando enxergar os astronautas na lua com o telescópio. Era algo impossível, mas todos estavam muito bêbados.

– Gerald: a grávida!

O velho assentiu.

– Tarde da noite eles viram um carro descendo o morro, para longe da festa, indo em direção a um despenhadeiro. As pessoas ficaram loucas, gritando, acharam que a mulher no carro estava bêbada e tinha se perdido. Foram correndo na direção dela. E o carro foi direto para o salto do Búfalo.

– O penhasco?

– Isso! Ele fica logo abaixo da casa do Judd. Os índios encurralavam os búfalos ali, fazendo com que eles pulassem do penhasco. O carro caiu lá de cima e as pessoas desceram correndo, gritando. Judd saiu da casa e entrou num carro a

toda velocidade pela estrada, até a parte de baixo do salto. Enquanto isso, uma das garotas disse: “Ela deve estar machucada”, e ligou para os bombeiros, que foram até lá.

– Ela morreu – concluiu Virgil.

– Mas não na hora. Teve morte cerebral. Tinha ferimentos na cabeça e no pescoço, mas o coração ainda batia quando Judd e os outros a tiraram do carro. Os bombeiros chegaram e a levaram ao hospital. Morreu na emergência, mas o médico...

– Gleason – disse Virgil.

Johnstone olhou a filha por um tempo, suspirou e disse:

– Isso mesmo. Russell Gleason. Ele fez o parto. Foi difícil, mas o bebê sobreviveu. Saiu até uma matéria no jornal apelidando-o de “bebê do milagre”.

– E por que alguém mataria Gleason por ter feito o parto? – perguntou Virgil. – Se ele estava no hospital, não poderia estar na festa. Logo, não tinha nada a ver com a mulher.

– Isso eu não sei dizer – respondeu Johnstone. – Posso contar do boato na época, assim como minha opinião sobre isso tudo.

Virgil estalou os dedos para Johnstone, querendo que o velho falasse logo.

– Correu um boato de que a mulher não tinha ido lá para a festa. Ela nem sequer foi convidada. A mulher veio sozinha de Minneapolis no próprio carro e teve uma briga com o Bill antes de a festa começar.

Johnstone baixou a cabeça.

– Ninguém sabe o que aconteceu, mas disseram que Bill não estava junto dos outros quando o carro descia o morro. Ele saiu correndo da casa um minuto depois. A questão era: onde Bill estava quando o carro saiu da estrada? Será que a mulher cometeria suicídio? Por que não virou o volante ou pisou no freio?

– Ou estaria inconsciente dentro do carro? – perguntou Virgil. – Será que alguém fez o veículo sair da estrada?

Johnstone balançou a cabeça em sinal afirmativo.

– Isso poderia ser feito. Alguém poderia empurrar o carro até o penhasco e voltar correndo pela lateral do morro. É bom lembrar que isso ocorreu à noite. Depois pode ter subido até a casa e saído pela porta da frente.

– Alguém levantou essa hipótese na época?

O velho balançou a cabeça.

– Não.

– Houve alguma investigação?

Rápida confirmação.

– Roman Schmidt? – sugeriu Virgil.

– Sim.

– Gerald, Gerald... você fez uma grande besteira! – Virgil se recostou na cadeira de balanço e deixou-a oscilar algumas vezes. – Deus o proteja se mais

alguém for morto nos próximos dias antes de eu resolver isso. – A cadeira balançou mais algumas vezes e ele então se lembrou: – Você disse que tinha uma opinião sobre o episódio?

– Tenho. – Johnstone coçou a cabeça e disse: – Eu não queria contar isso a você porque não tenho certeza. Mas eu me lembro do corpo da garota na mesa de preparação. Estava todo machucado e cortado. Como ela conseguiu aqueles hematomas? Alguns eram recentes, mas não tinham nem 15 minutos. Não poderiam ter surgido depois do acidente. Eles tinham horas. Mas o médico disse que ela morreu no acidente, o xerife também...

– O que aconteceu com o “bebê do milagre”?

– Foi adotado. Não sei os detalhes. Mas ele foi adotado. Era um menino.



Virgil os deixou apavorados:

– Fiquem aqui. Vocês correm perigo, mas se Shrake e Jenkins demoraram um dia para encontrá-los, não acredito que o assassino vá conseguir o mesmo. Se ficarem com medo, devem ir para algum hotel. Vou deixar o número do meu celular com vocês.



No carro, deu uma olhada na lista de nomes no notebook e ligou para o Dr. Joseph Klein.

– É o maldito Flowers? – atendeu Klein. – O que você quer?

– Você está saindo?

– Não. Estou lendo Marcel Proust. Cinquenta páginas por noite durante todo o verão. Já li 42 hoje.

– Se você precisa estabelecer uma meta, é porque deve ser ótimo. Só assim consegui ler um livro de química.

– Adoro conversar com você, Virgil.

– Só estou sendo sociável. Como vai a patroa?

– Diga, o que você quer?

– Quero que dê uma olhada numa foto.

– Posso cobrar a consulta?



Klein era o médico-legista do condado de Hennepin. Explicou a Virgil como chegar à casa dele em Edina, ao noroeste da cidade, a partir de Apple Valley. Virgil chegou em 20 minutos.

Kate, mulher de Klein, recebeu-o. Era alta, magra, com o nariz afilado e óculos de armação dourada.

– Me dê um abraço, seu menino! – disse ela.

Ele deu e gostou da sensação.

– Já chega – interrompeu Klein. – Cadê a foto?

Levaram-na até o escritório. Kate, que era pediatra, olhou-a por cima dos ombros de Klein enquanto ele a inspecionava com uma lupa. O médico-legista, que olhava a foto concentrado, ouviu a mulher reclamar:

– Meu Deus, Joseph, você não está num tribunal! Desembucha logo!

Klein deu um tapa na foto.

– Seu papa-defunto está certo. Se ela morreu em 15, 20 minutos, esses hematomas não são do acidente. Já vi hematomas assim. Por exemplo: quando alguém é espancado com um taco de sinuca, essas estrias aparecem se houver tempo para isso. Digamos que numa briga de bar um cara é espancado e morre no dia seguinte. As estrias aparecem. Mas se ele morrer na hora, não.



Virgil ligou para Johnstone.

– Gerald, você já foi à casa do Judd?

– Ah, sim, várias vezes. Não éramos muito próximos porque eu era agente funerário. Bill sempre foi meio supersticioso. Mas fui algumas vezes.

– Ele tinha uma mesa de sinuca?

– Lá tinha de tudo. Piscina, sala de sinuca, hidromassagem. Parecia mais um cenário da *Playboy*.



– Sala de sinuca? – perguntou Kate Klein.

– É.

– Meu Deus, sua vida é tão legal! Se você fosse um médico rico, eu me casaria com você.

– Ih, vai ser difícil! – brincou o marido dela. – Esse garoto se casou tantas vezes que agora atravessa a rua quando passa diante de um cartório.

VIRGIL FOI EMBORA DA CASA dos Klein.

Era sábado à noite e não sabia aonde ir.

Pensou em ligar para Davenport, mas já tinha pegado pesado demais com ele e resolveu deixar para lá. Hospedou-se no Hotel St. Paul, vestiu um jeans limpo, uma camiseta da banda Flaming Lips, engraxou as botas e foi até um bar próximo tomar umas cervejas.

Esbarrou em Shrake, que estava acompanhado por uma funcionária da Secretaria de Agricultura. A mulher disse que saía com Shrake porque ele tinha um revólver grande. O homem perguntou o que havia acontecido com o Johnstone, outros tiras apareceram e logo Virgil estava dançando com uma policial com uma tatuagem de borboleta ao redor do umbigo. Ele foi pegar a terceira cerveja quando a mão de uma mulher entrou no bolso de trás da sua calça.

– Eu reconheço esse bumbum de longe!

Ele se virou.

– Que coisa, Jeanie! Como você está?

– Tudo bem – respondeu ela, virando-se para uma amiga: – Esse é meu primeiro ex-marido, Virgil Flowers. Eu sou a segunda ou terceira ex-mulher dele, já até perdi a conta.

– Seja boazinha – brincou Virgil. Em seguida olhou-a de cima a baixo, e ela estava ótima. – Continua no ramo de imóveis?

Ela revirou os olhos.

– Continuo. Na verdade nem sei como, do jeito que as coisas andam mal. Mas não há nada como vender uma casa. Eu me sinto tão bem...

Conversaram durante um tempo e ele começou a se lembrar dos bons momentos do casal. Ela deu um tapinha no ombro de Virgil e disse:

– Sabe de uma coisa? Talvez eu me case de novo.

– Que ótimo! Alguém que eu conheça?

– Não, não. Ele é vice-presidente de um banco. Eu o conheço há alguns anos.

– E ele está disponível por quê?

Ela deu de ombros.

– O casamento acabou. O mesmo de sempre. Todo mundo trabalha, sem tempo para conversar.

– Tem filhos?

– Dois, mas quer mais dois.

– Ele dança?

Ela riu.

– Não como você, Virgil. Dança, mas como um banqueiro.

– Eca!

Foi uma noite agradável. Ele dançou mais um pouco com a mulher da tatuagem e à uma da manhã, meio bêbado, se jogou na cama do hotel. Sozinho.

Pensou em Deus por um tempo.



Domingo

Não era exatamente ressaca, e sim solidão. Tomou banho, engoliu o café da manhã, pagou a conta do hotel e foi até a biblioteca estadual, que estava fechada. Avistou a policial de serviço, apresentou-se e a mulher o levou até a seção de microfilmes. Localizou a edição desaparecida, o jornal de 24 de julho, publicado após a festa do homem na lua.

Uma mulher de 29 anos deu à luz um menino antes de morrer na emergência do Hospital de Bluestem, na noite do último domingo, depois de sofrer um acidente de carro na montanha Búfalo.

Margaret Lane, residente na Washington Avenue, 604, Minneapolis, aparentemente perdeu o controle do veículo quando saía da festa do “homem na lua”, na residência de William Judd. Testemunhas dizem que o carro mergulhou do penhasco do salto do Búfalo depois de sair da estrada, 50 metros abaixo da casa de Judd.

A autópsia revelou alcoolemia de 0,7 g/l no sangue da vítima, nível abaixo do limite permitido. “Margaret tomou apenas dois copos de vinho durante a festa. Foi uma tragédia”, afirmou William. “Ela era carinhosa e simpática, e ninguém jamais disse nada de ruim a seu respeito.”

Roman Schmidt, xerife do condado de Stark, comentou que os policiais colheram o depoimento de todos os convidados da festa e concluíram que a morte de Margaret foi acidental. “Ela tinha ido à casa de Judd algumas vezes. Não estava embriagada, mas o álcool ingerido pode ter deixado a vítima tonta. É provável que ela tenha feito a curva para o lado errado”, disse o xerife.

Um dos convidados ligou para o corpo de bombeiros, que chegou ao local em 10 minutos. Margaret foi levada à emergência, onde o Dr. Russell Gleason realizou o parto de um bebê de 2,8kg. A mãe acabou não resistindo aos ferimentos, que segundo o médico foram fatais para o funcionamento do cérebro. O recém-nascido, batizado de “bebê do milagre”, será transferido para o juizado de menores do estado.

Abaixo do texto havia uma foto do carro acidentado. A imagem foi tirada com flash. Era possível perceber alguns rostos desfocados ao fundo, além de três

policiais perto do automóvel. Um deles era o jovem Big Curly.



O jornal seguinte era de 31 de julho e estranhamente não havia qualquer menção ao “bebê do milagre”. Nenhuma linha. Virgil pensou que na cidade onde o menino nasceu deveria haver matérias por pelo menos um mês.

Procurou os diários de Worthington e Sioux Falls e encontrou textos semelhantes aos do *Bluestem Record*. Mas como as duas cidades eram distantes e o acidente e o parto aconteceram no dia em que Neil Armstrong pisou na lua, as matérias ocupavam as últimas páginas dos jornais.

Matérias nisso durante um tempo e então ligou para Stryker, contando sobre a matéria.

– Sabe, nunca ouvi falar nisso – disse o xerife. – Eu deveria saber, já que as pessoas comentariam.

– Mas a chegada do homem à lua acabou abafando o caso. De qualquer maneira, vá até o hospital e descubra o que aconteceu com a criança.

– Pode deixar.



Virgil ficou mais um tempo na biblioteca estadual, visitando uma exposição de fotos da Guerra Civil, com imagens dos combatentes de rostos impassíveis. Stryker ligou de volta:

– Não consegui nada. Quero dizer, o que achei não ajuda muito. A criança foi entregue ao juizado de menores no dia 2 de agosto. E só. Vai ter de trabalhar a partir daí.

– E, para piorar, hoje é domingo!

– E o pessoal da DEA?

– É o que estou pensando. Se eu ficar aqui e a coisa rolar amanhã, eu corro o risco de perder.

– Bom, peça à tal da Sandy para ver isso – sugeriu Stryker. – Volte para cá. Estive pensando e acho que tudo tem a ver com o Feur.

– Como chegou a essa conclusão?

– Temos vários assassinatos. Descobrimos que há anos existe alguém da nossa área vendendo droga para todo o país. Ele precisou de dinheiro para começar o negócio e de um bom disfarce para montar a operação. Foi justamente na época em que estavam surgindo as pequenas usinas de etanol. O crime que já conhecemos, com a participação de Feur, envolve algumas pessoas ligadas aos outros: os Judd. Não sei como os Gleason se encaixam nisso, mas descobri o motivo de Roman Schmidt: o ex-xerife estava monitorando os policiais por intermédio de Big e Little Curly. Você disse que Schmidt estava disposto a encobrir um crime e ganhar dinheiro por isso. E quando a pessoa faz uma vez,

ela vai fazer de novo. Na realidade os Judd podem até tê-lo atraído para o negócio.

– Não sei – disse Virgil. – Se alguém queria matar os Gleason, poderia ter sido mais discreto. Matar sem fazer disso um ritual. Tentar que parecesse um assassinato seguido de suicídio ou algo parecido. Mas o modo como foi feito é loucura.

– Ponha a cabeça para funcionar, Virgil. Foi o Feur!

Virgil coçou o nariz e disse:

– Estou indo para aí.



Ele chegou a Bluestem às cinco horas, depois de parar em Mankato para pegar a correspondência, pagar contas e botar a roupa para lavar. Antes de sair de casa foi ao closet e pegou seu fuzil de caçar cervos, com um pente extra e uma caixa de balas. A arma não era a mais precisa de Virgil, porém ela conseguia acertar um alvo em grande velocidade.

Enquanto ia para o oeste contra o sol, sentiu que algo iria ocorrer em breve: havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.



Naquela noite, Jim, Jessica, Virgil, Joan e Laura foram a um bar em Sioux Falls. Na ida, houve um constrangimento quando Laura disse a Jessica que ela deveria pedir a Stryker que a levasse para nadar na gruta em alguma noite quente.

Jessica deu um risinho e admitiu que já tinham ido. Joan e Virgil começaram a provocar Stryker. Mas as três mulheres decidiram colocar Virgil e Stryker na parede. Havia algo acontecendo na investigação, elas sabiam, mas os dois preferiam ficar quietos.

Virgil olhava o jukebox quando Laura se aproximou, voltando do banheiro, e perguntou:

– Você e Joan estão namorando?

– Não, não é nada sério. Joan me disse que não sou digno de me tornar marido dela. Sou apenas um “homem de transição”.

– Droga! Estou louca por um neto. Quero que a criança conheça a avó.

– Mas a senhora tem muitos anos pela frente.

– Sei disso. Posso chegar a bisavó. Mas tem um lado da família que é devagar demais. Acho que o Jim e a Jessica...

Os dois se viraram e olharam para Joan, que estava inclinada sobre a mesa, falando alguma coisa com o irmão e Jessica.

– Ela vai ficar bem – falou Virgil. – Eu sou o homem de transição. Não vai demorar muito e ela vai achar o cara certo.

– Espero que sim. Caso contrário, vou atrás de você e o arrasto até aqui à força – brincou Laura.

Antes de ir embora, Virgil foi ao estacionamento e ligou para Sandy, a assistente de Davenport, que tinha acabado de chegar de uma viagem de fim de semana.

– Sandy, você escolheu uma hora péssima para sumir. Preciso de umas coisas para amanhã cedo. Uma mulher chamada Margaret Lane morreu num acidente de carro em 20 de julho de 1969 e...

Passou o resto dos detalhes e disse:

– Ache o menino.



Segunda-feira

Virgil acordou na cama de Joan. Ela estava deitada de costas, com a cabeça virada para o lado, e um homem menos cavalheiro poderia dizer que ela roncava, ainda que baixinho. Usava uma camiseta e o lençol tinha escorregado até seu pé. Virgil cobriu-a novamente, saiu pelo seu lado da cama, bocejou, espreguiçou-se, fez abdominais e flexões da maneira mais silenciosa possível, pegou as roupas e foi nu pelo corredor até o banheiro. Usou a pasta de dentes dela, um gel com sabor de menta, e fez seu dedo indicador de escova. Quando voltou ao quarto, enfiando a camiseta da véspera, ela abriu os olhos e disse:

– Não vou levantar ainda.

– Tudo bem. – Virgil olhou o relógio. – São sete e quarenta e cinco. Vou voltar ao hotel. Ligo para você mais tarde?

– Mais tarde. – Fechou os olhos e se enrolou no lençol.

Virgil calçou as botas, levantou rapidamente o lençol, espionando o traseiro dela, e disse:

– Que maravilha!

E saiu porta afora. Um vizinho estava regando o jardim com uma mangueira e, quando viu Virgil sair à varanda, levantou a mão e gritou:

– Tudo bem, Virgil?

– Tudo ótimo!

– Não tenho dúvida! – riu o vizinho, com uma inveja alegre e descarada.



No hotel, tomou banho, escolheu uma camiseta da banda Decemberists, que guardava para as ocasiões especiais, e ligou para Sandy.

– Meu Deus, Virgil, eu acabei de começar... Olha, o bebê passou por uma instituição que realizava adoções, mas ela não existe mais. Estou tentando achar os registros. Também estou indo pelo outro lado, via juizado de menores.

– Ligue assim que conseguir alguma coisa. Quero saber de tudo!

Ela ligou em 10 minutos, enquanto Virgil devorava uma panqueca com salsicha no restaurante do hotel.

– Consegui uma coisa, mas ainda não é definitiva.

– O que é?

– É a lista de adoções do juizado. Mas para achar as pastas vou ter de ficar sentada o dia inteiro, até o rabo ficar quadrado... não estou reclamando, mas são centenas de pastas e eu só tenho um rabo.

Virgil ficou chocado.

– Sandy, você não costuma usar esse tipo de vocabulário!

– Estou meio irritada hoje! De qualquer maneira, só consigo ver o título das pastas aqui no computador. São os nomes dos pais adotivos. Estão organizadas por ano e há... deixe-me ver... umas 170 pastas de 1969. Não estão numeradas, mas pela posição acredito que o filho de Margaret Lane tenha sido adotado no segundo semestre, provavelmente a partir de agosto. Posso ler o nome dos 85 casais e você vê se algum chama sua atenção.

– Depois você pode conseguir a pasta?

– A gente talvez precise de uma autorização, mas o Lucas resolve isso.

– Leia os nomes.

Ela começou:

– Gregory, Nelson, Snyder... – Ele interrompeu-a quando ela disse: – Williamson.

– Williamson?

– Williamson, David e Louise.

– Você está brincando comigo?

– Pego a pasta?

– Pega! E ligue assim que conseguir.



Virgil passou a mil pela secretária carrancuda de Stryker, entrou na sala, fechou a porta e se inclinou sobre a mesa do xerife, que não estava entendendo nada, e perguntou:

– O que você sabe sobre Todd Williamson?

– Todd? Chegou aqui há três anos e volta e meia enche meu saco. Por quê?

– Ele é o “bebê do milagre”. E depois de pensar nisso, de pensar no que a cunhada de Judd falou, sobre olhar no rosto dele... acho que ele pode ser filho bastardo de Judd. Das sobranceiras aos lábios, ele se parece com Judd!

– Ah... – Stryker levantou as mãos, num gesto de *o que vem agora?* – Meu Deus!

– Outra coisa me ocorreu!

– O quê?

– Ele está em todos os locais dos crimes, sabe de tudo. Mas eu não o vi no

incêndio na casa de Judd. Onde ele estava? Os bombeiros foram para lá com as sirenes berrando, e onde estava o Williamson?

– Não sei. Talvez fugindo de lá?

Virgil confirmou com a cabeça.

– Ele é o cara! Aposto um dólar!



Os dois falavam com o juiz sobre um mandado de busca quando Sandy ligou.

– Lucas deu um chique no juizado de menores, mas eles só liberam a pasta com autorização judicial. De qualquer maneira, o oficial confirmou extraoficialmente que o garoto era filho de Margaret Lane.

– Sandy, na próxima vez em que eu a encontrar, vou dar um beijo na sua boca!

– Estou esperando – respondeu ela com certo recato.



O juiz disse que havia poucas provas que justificassem um mandado de busca.

– Randy, que droga! – gritou Stryker – Não enrole a gente com essa baboseira de provas! Há 50% de probabilidades de o Todd ser o assassino e de que vai agir de novo!

– E se não encontrarem nada? Ele vai processar os dois até ficarem sem calças.

– Eu, não. O condado! Se eu não resolver esses crimes, vou perder o cargo mesmo! Então não estou esquentando a cabeça. Assine logo esse mandado!

– Certo, certo. Mas não quero ver ninguém de cuecas.

Do lado de fora da sala do juiz, com o mandado na mão, Virgil disse:

– Sua eficiência jurídica é uma maravilha!

– Aqui cada um cuida do próprio rabo!

Levaram Larry Jensen e mais quatro policiais. Stryker e dois tiras foram para a redação do jornal. Virgil, Jensen e mais dois homens foram até a casa de Williamson.

– Liguem a cada cinco minutos dizendo o que conseguiram – disse Stryker. – Encontrem uma calibre 357.

– Encontrem uma máquina de escrever – acrescentou Virgil.



Williamson morava numa casa branca, com uma garagem recuada e uma varanda comprida na frente, localizada num bairro antigo na zona leste da cidade. Virgil pensou que dali seria um pulo para chegar à residência dos Gleason: a casa do jornalista ficava a dois quarteirões da margem do rio.

Na noite do crime, ele poderia facilmente ter atravessado a ponte a pé, seguido

pela margem do rio e subido a encosta até a casa dos Gleason. Ele estaria de volta à sua residência em 15 minutos. Sem confusão, sem chamar atenção e sem precisar de carro. E era por isso que os assassinatos aconteciam durante as tempestades. Os vizinhos não estariam do lado de fora, e sim diante da TV.

Virgil foi sozinho no próprio carro e Jensen e os dois policiais seguiram nas viaturas. Virgil parou diante da casa e os tiras estacionaram na porta da garagem.

Virgil e Jensen desceram do carro ao mesmo tempo. Cada um segurando sua arma e de olho na casa. A tela estava aberta e os dois bateram à porta. Nenhuma resposta. Tentaram a maçaneta. Trancada.

– Espere um minuto – disse Jensen. Foi até a viatura, pegou uma lanterna e usou a parte de trás para quebrar o vidro da porta. Enfiou a mão e abriu a fechadura. – Pronto.



Vasculharam a casa, certificando-se de que Williamson não estava em nenhum dos cômodos. Começaram a revirar tudo. Os móveis eram confortáveis porém antigos, como se tivessem sido comprados num brechó. A casa tinha seis cômodos: cozinha, uma sala de jantar pequena, sala de estar, um banheiro de bom tamanho, escritório e quarto. A porta dos fundos ligava a cozinha à garagem. E havia a porta da frente. E só.

Virgil foi até o quarto, Jensen seguiu para o escritório e um dos policiais cuidou da cozinha. Virgil esvaziou todas as gavetas, examinou o armário, vasculhou os bolsos das roupas, verificou as paredes e os rodapés em busca de esconderijos, conectou uma lâmpada em todas as tomadas para ver se eram de verdade, virou o colchão e bateu nele, levantou o estrado de molas e olhou debaixo do tapete.

As únicas coisas que chamaram um pouco sua atenção foram umas edições antigas da *Playboy*, que estavam bastante amassadas e escondidas debaixo da cama, num lugar de fácil acesso.

Jensen estava atolado no escritório.

– Nunca vi tanto papel – disse ele, sentado na cadeira e com o colo cheio de pastas.

– Nada sobre ele ter sido adotado. Material de trabalho... ele foi para o Iraque em 1990, divisão de suprimentos... mas nenhuma arma.

O policial na cozinha não conseguiu nada. Foi então até a garagem, pegou uma escada e agora estava com a cabeça enfiada num alçapão sob o telhado.

– Muito material de construção – disse ele. – Está bastante empoeirado. Parece que isso aqui não é aberto há anos.

Virgil estava na sala, onde tinha acabado de encontrar uma pilha de DVDs pornográficos atrás da TV, quando ouviu o policial gritando do lado de fora:

– Ei, ei, Todd! Espere aí, Todd!

Virgil sacou a pistola e percebeu Jensen se levantar no escritório. Williamson

entrou correndo pela porta. Com o canto do olho, Virgil viu que o jornalista tinha largado o carro na rua com as portas abertas.

As mãos de Williamson estavam vazias, mas ele gritava e corria na direção de Virgil, que rapidamente guardou a arma no coldre e segurou um dos pulsos do jornalista, imobilizando-o. Em frações de segundo Jensen apareceu na sala, assim como o policial da cozinha e o tira que estava na rua, que entrou na casa com a arma na mão. Virgil virou-se para Williamson e gritou:

– Mãos na parede!

Williamson berrou de volta:

– Estão malucos? O que estão fazendo na minha casa? – Mas obedeceu à ordem e Virgil o revistou. – Que droga!

– Ou você se acalma – disse Virgil – ou teremos de algemá-lo. Calma. Pode se afastar da parede.

O rosto de Williamson estava vermelho e o jornalista respirava como se estivesse sofrendo um ataque cardíaco.

– Que diabo está acontecendo?

– Estamos revistando sua casa. Temos um mandado.

A boca de Williamson se mexeu, mas durante um minuto ele não conseguiu articular uma única palavra. Virgil percebeu que ele relaxava, gesticulando que estava recuperando o fôlego, e deu um passo para trás.

– Você está bem?

Williamson respondeu, um pouco mais calmo:

– O que... vocês... estão fazendo?

– Estamos atrás de alguma coisa que possa ligá-lo aos assassinatos dos Gleason, dos Schmidt e de Bill Judd.

– O quê?!

– Sabemos sobre sua adoção – disse Virgil.

– Minha adoção? Minha adoção? – Sua boca ficou aberta por três segundos e concluiu: – O que tem minha adoção?

– Você nasceu aqui em Bluestem. E foi minutos depois de sua mãe morrer num acidente de carro após uma festa na casa de Bill Judd. A propósito, você é filho do velho.

Williamson chegou a ficar tonto.

– Não é possível. Como isso é possível? Isso é loucura!

– Você não sabia? – Virgil estava cético.

– Não! – gritou Williamson. – Eu não sabia. Não acredito! Minha mãe... – Ele se afastou. – Minha mãe ficou grávida e me entregou para adoção. Ela não me queria. Foi o que minha mãe me contou. Minha mãe de verdade!

– Sua mãe de verdade?

– Meus pais de verdade. – O rosto do jornalista tinha passado de vermelho a branco e agora estava ficando vermelho de novo. – David e Louise Williamson.

De onde vocês tiraram essa bobagem? – Ele olhou ao redor. – O que fizeram com minha casa? Vocês vão pagar por isso, seus filhos de uma égua!



Os quatro homens acalmaram o jornalista e Virgil foi direto ao ponto:

– Vamos virar isto aqui de cabeça para baixo. Duvido que você tenha vindo para Bluestem por acaso.

– Não foi por acaso! Não foi por acaso! – respondeu Williamson. – Eu estava trabalhando em Edina e Bill... foi o Bill, não eu. Meu editor o conheceu numa reunião. Meu chefe disse que Judd tinha gostado do meu texto e perguntou se eu não queria trabalhar numa cidade pequena.

– Então você saiu de Edina e veio para Bluestem? – Uma das sobranceiras de Virgil se ergueu. – Não é uma coisa comum.

Williamson olhou em volta.

– Posso me sentar? – Virgil concordou e ele se jogou numa poltrona, enxugando a testa suada na camisa. – Olha, eu estava trabalhando em St. Paul, ganhava três mil por mês e não ia passar daquilo. Aprendi jornalismo no exército, não sou formado. Os grandes jornais estavam perdendo pessoal e as coisas iam de mal a pior. Então o Judd apareceu com a proposta: “Venha para Bluestem. Eu pago quatro mil por mês.”

O jornalista olhou a casa de cima a baixo.

– Sabe quanto custa isto aqui?

Virgil balançou a cabeça, mas Jensen sabia:

– Uns 45 mil?

– Eles aceitaram 40 mil. Em St. Paul eu morava num pardieiro e pagava 800 por mês de aluguel. O emprego não tinha perspectiva de melhora. Já aqui... – Ele deu de ombros. – Tenho minha casa, sou importante na cidade e gosto do trabalho.

Mas a raiva voltou à superfície.

– Então vão em frente! Revistem tudo, seus miseráveis! Não vão encontrar porcaria nenhuma, porque eu não tenho nada a ver com as mortes. – Virou-se para Jensen: – Sabe onde eu estava quando os Gleason foram mortos? Na festa beneficente dos bombeiros. Havia 300 convidados e eu estava fazendo uma matéria. Ainda dei uma palestra! – O jornalista voltou a gritar. – E vocês nem me perguntaram se eu tinha um álibi.

– Vá com calma!

Williamson não parava de berrar:

– E esse negócio de que o Bill é meu pai... eu quero ver uma prova, um exame de DNA! Ei, vocês têm um mandado? Alguém foi à redação?



Williamson estava na cozinha, tomando uma xícara de café sob o olhar de um policial, quando Jensen disse a Virgil:

– Se isso for mentira, ele merece um Oscar.

– Se ele cometeu os assassinatos, é um psicopata. Quer ficar com a sala de jantar? Vou olhar a garagem.

Tarde de segunda-feira

AS NUVENS ESTAVAM COMPACTAS COMO chumaços de algodão, algumas com a parte inferior azulada: sinônimo de tempestade se aproximando. Stryker estava sentado à sua mesa, as mãos atrás da nuca, os pés sobre a mesa, olhando para o estacionamento pela janela. Virgil estava na cadeira diante dele, calado.

O xerife bocejou, se espreguiçou, botou os pés no chão e disse:

– Isso está parecendo novela!

– Há alguma conexão aí. Tem de haver! – disse Virgil, elevando a voz. – Aposto 100 dólares que ele é o cara!

– Mas hoje cedo não era um dólar?

– Agora são 100 – desafiou Virgil.

– Sério, 100 dólares?

Virgil pensou um pouco e disse:

– Mas se você perder paga em dobro!

Stryker tentou rir, mas balançou a cabeça e desabafou:

– Meu Deus, ele vai nos crucificar na quinta.

– Então temos de arrumar uma boa história para o Williamson. Vou ligar para o Pirelli. Ver o que ele tem de novidade.

– Faça isso. – Stryker levantou-se. – Agora preciso dar um pulo na cadeia. Se não vir você mais tarde, amanhã a gente se fala.



Virgil saiu da sala e parou no banheiro masculino. O segundo melhor lugar para pensar depois de um chuveiro era um mictório silencioso.

Williamson disse que Judd o encontrara, e não o contrário. Isso tinha uma certa lógica. Se Williamson fosse filho de Judd, este saberia. Seria possível que à medida que foi ficando mais velho e pensando no futuro Judd tivesse resolvido ler o Apocalipse e reunir os filhos ao seu redor? Por isso que o testamento não estava no cofre? Ele estava pensando em alterá-lo? Júnior encontrou então um motivo para se livrar do pai?

Por outro lado, o álibi de Williamson, a festa beneficente dos bombeiros, era conveniente demais na opinião de Virgil. O evento acontecera no Bar Mitchell, que ficava a cinco minutos da casa dos Gleason: bastava correr pelos trilhos do trem, atravessar a ponte e subir o morro. E tudo numa noite escura. Às dez horas a comilança teria acabado, mas a bebida ainda rolaria solta. Alguém perceberia se Todd Williamson se ausentasse por meia hora? Será que teria dito que

precisava ir ao banheiro e saía pela porta dos fundos?

Para Virgil, o álibi não se sustentava.

Já Stryker pensava o contrário.

O xerife que se ferrasse.



Virgil estava lavando as mãos quando um policial entrou, olhou os dois cubículos vazios e disse:

– Queria trocar uma palavrinha com você. Mas que fique entre nós dois.

Virgil deu de ombros.

– Tudo bem, mas...

– Mas o quê? – No crachá do policial estava escrito o nome “Merrill”. Usava óculos com aro dourado, tinha um bigode farto e estava visivelmente nervoso.

– Olha, estou investigando alguns crimes. Se tem algo a dizer, vá em frente. Só não posso prometer segredo.

Merrill coçou o nariz, olhou para a porta e disse:

– Vi você no incêndio da casa do Judd. – Virgil confirmou com a cabeça, esperando o sujeito falar mais. – Bom, provavelmente não é nada. Por isso não sei se vale a pena... mas...

– Diga, vá em frente.

– Jessica Laymon estava lá em cima. Bebendo cerveja e observando o incêndio.

– E?

– Bom, ela está saindo com o xerife. Todo mundo sabe. Só que eu conheço o carro dela e não a vi chegar nem ir embora. Conheço todo mundo que estava lá em cima. Ninguém deu carona a ela, nem na ida nem na volta. Estava chovendo muito. Não é estranho imaginar que tenha subido a pé?

– Quando a vi, ela estava com uma cerveja na mão – comentou Virgil.

– É. Presumi que ela tivesse ido com o pessoal do bar. Mas não encontrei ninguém que a tenha levado.

– Tem certeza de que conhece o carro dela?

– Cara, a Jessica é uma das garotas mais gostosas do condado. Conheço o carro dela de longe. Toda vez que a vejo ao volante fico babando.

Virgil encarou-o por alguns segundos e disse:

– Não comente isso com ninguém.

– Pode deixar.



A montanha Búfalo era parecida com o morro da fazenda dos Stryker, só que 40 ou 50 vezes maior e coberta por uma vegetação que chegava à altura dos joelhos, com afloramentos de pedra vermelha, uma fonte, um córrego e um lago

do lado norte. No lado sudeste estavam a casa de Judd e o salto do Búfalo. As estradas do parque se estendiam pelos lados norte e sul, e esta última nascia numa rodovia estadual e serpenteava até o topo do morro. Na metade da subida a estrada se bifurcava e o caminho ao leste levava até a casa de Judd, que agora se resumia a uma cratera no chão.

Virgil estacionou perto do buraco. Desceu do carro e se aproximou, olhando para dentro. As cinzas tinham sido reviradas com ancinhos. Perguntou-se se alguém teria ido até ali atrás de um cofre. Júnior, em busca do testamento?

Começou a pensar. Se precisasse matar um homem e colocar fogo na casa, como fugiria? Não para o sul, porque cairia do penhasco e morreria. Muito menos para o leste, pois só havia uma encosta íngreme, mato e pedras. Poderia quebrar a perna facilmente.

Uma possibilidade seria voltar correndo pela estrada até a entrada do parque. Conseguiria descer antes da chegada dos bombeiros? Deviam ser dois quilômetros e os bombeiros contavam com dois veículos a postos. A bordo de um carro ou uma caminhonete, chegaria lá embaixo num minuto. Mas a pé, mesmo com uma lanterna, seriam no mínimo 10 minutos.

Outra opção era a direção norte, subindo o morro dando a volta pelo outro lado. Seria perigoso, com direito a pedras e buracos, mas você poderia seguir devagar e passar por trás dos curiosos.

Virgil conhecia a estrada, por isso optou pela rota do norte, atravessando a encosta. Chegou ao topo e viu o primeiro de vários búfalos. Estavam longe, mas achou melhor ficar atento a eles, que também ficaram de olho nele. O dia estava quente, perfeito, mas as nuvens começavam a se reunir. Procurou uma trilha, uma picada que alguém pudesse ter seguido através da vegetação alta, mas não viu nada. O caminho era difícil. Experimentou andar de olhos fechados e cambaleou como um cabrito em duas patas. Não.

Olhou para a estrada. Só poderia ter sido por ali.



De volta a Bluestem, seguiu até o escritório de Judd Jr. A secretária estava de pé junto à porta da sala, conversando, e ficou muda quando Virgil se aproximou. Virou para trás e disse:

– O Sr. Flowers está aqui.

Judd entrou no campo de visão de Virgil e abriu um sorriso:

– Já pendurou Todd num poste de luz?

– Ainda não. Mas preciso falar com você um minuto.

Judd apontou para uma cadeira e disse à secretária:

– Vá comprar um saco de pipoca para mim.

Ela queria ouvir a conversa, mas fez que sim e saiu arrastando os pés. Virgil esperou até ela sumir. Judd disse:

– Não preciso de mais parentes, Sr. Flowers. Já basta aquela que apareceu.
– Bom, você deveria ter conversado com seu pai. – Virgil então perguntou: – Quem cortava a grama dele? Quem aparou o terreno entre a casa e o penhasco? Não vi nenhum cortador na garagem.

Judd ficou perplexo:

– Até onde sei, esse trabalho era feito pela Jardinagem Stark. A empresa cuidava do gramado e da limpeza. Por quê?

– Estou tentando juntar umas peças... Na noite do incêndio, tem ideia de quanto tempo os bombeiros demoraram para chegar?

Judd balançou a cabeça.

– Você poderia perguntar a eles, mas imagino... deixe-me ver: alguém ligou, então eles tiveram de se preparar, atravessar a cidade... não parece muito, mas acho que de oito a 10 minutos.

– Certo. – Virgil levantou-se. – Obrigado.

Judd se recostou na poltrona de couro.

– Eu gostaria de saber uma coisa. Só entre mim e você. Em particular.

– Pergunte.

– Você está chegando a algum lugar?

– Acho que sim. As coisas estão ficando mais claras.

– Espero. Dei uns telefonemas para St. Paul, perguntando sobre Virgil Flowers. Segundo dizem, você é muito bom. Mas eu preciso parar de achar que há sempre alguém me vigiando.

Virgil pensou em Pirelli e na equipe da DEA.

– Sei como é.



No escritório do xerife perguntou por Margo Carr. Disseram que trabalhava na zona norte como investigadora quando não estava examinando cenas de crime. Pegou um rádio emprestado e entrou em contato com ela.

– Você deixa seus equipamentos de trabalho na caminhonete?

– Deixo – respondeu ela.

– Preciso encontrar você. Queria um equipamento de espionagem emprestado.

Houve alguns segundos de silêncio e então ela disse, com um meio sorriso:

– Sr. Flowers... agente Flowers...

– Agora.

Encontraram-se a 10 quilômetros da cidade. Margo era ruiva e corpulenta. Não era exatamente bonita, mas tinha uma energia especial e Virgil teve a sensação de que não deviam faltar interessados na perita. Pegou com ela um detector de metais.

– Quando você disse “equipamento de espionagem”... – começou ela.

– Cá entre nós, aquilo foi para quem estava escutando. Se as pessoas perguntarem o que eu queria, não diga nada.



O sol era uma esfera vermelha dois palmos acima do horizonte. Mas quando Virgil saiu da interestadual e tomou a direção de Roche, percebeu nuvens de tempestade se aproximando. O ruim era que na segunda-feira pouca gente saía para dançar. O bom era que Roche era minúscula. Podia parar no topo do morro, a um quilômetro de distância da cidade, e observar a casa das Laymon com seu binóculo.

Foi o que fez. Havia um Ford Taurus e uma F-10 caindo aos pedaços ao lado da casa. Um carro para cada uma das mulheres, pensou Virgil. Jessica devia estar fora ou iria sair logo. Stryker não parava de dar em cima dela, que por sua vez adorava passear. O problema era sua mãe.

Enquanto esperava, ligou para Pirelli. O agente estava ocupado, segundo disseram, e retornaria em dois minutos. Ou talvez nunca, pensou.

Mas em pouco tempo Pirelli telefonou:

– As coisas estão andando. Tenha paciência. Não vou falar com você num celular. Mas conseguimos um cara de dentro, um dos fornecedores de grãos. Há uma construção chamada de “laboratório” e nenhum morador local tem permissão para entrar. Temos 99% de certeza. E até amanhã esse número deve chegar a 100.

– Mantenha contato.



Stryker apareceu às oito e meia.

Jessica não esperou que ele entrasse. Assim que o xerife parou, ela saiu de casa, rodeou o carro e entrou no lado do carona. Ele deu meia-volta e saiu da cidade, na direção da interestadual. Estavam a 15 quilômetros de qualquer lugar interessante, de modo que demorariam no mínimo uns 20 minutos para voltar.

Mas havia o segundo carro. Ele ficou de olho durante 15 minutos, meia hora, esperando que Margaret Laymon saísse para um passeio. Pouco antes das nove, ela foi até o carro. Ele não teve certeza de que era ela, mas alguém entrou no Taurus e também seguiu rumo à interestadual.

Virgil deu a partida na caminhonete e foi atrás.

Viu as lanternas traseiras desaparecerem.

Pensou se seria possível que Jessica, sabendo que era herdeira de Judd, tivesse tomado conhecimento de um terceiro filho. E, sem saber que o novo herdeiro estava em Bluestem, tivesse decidido eliminar todas as pistas que levassem a ele. Ou haveria uma conspiração para entregar a herança a Jessica?

Parece mais uma novela, pensou.

Então por que você está dentro desse carro, Virgil, com uma faca de manteiga na mão, uma faca roubada do hotel, e sem qualquer peso na consciência?

Porque a faca de manteiga seria perfeita para arrombar a fechadura das Laymon.



Não fez grandes mistérios. Certificou-se de que Margaret estava longe da cidade, fez o retorno e estacionou diante da casa. Pôs o detector de metal no bolso do casaco e escondeu a faca de manteiga na manga. Apertou a campainha e ouviu-a gritar. Continuou apertando. Escorregou a faca até entre os dedos. Continuou a pressionar a campainha e olhou na direção do interestadual. Nenhum farol à vista.

Forçou a lâmina pela fresta da porta, empurrou-a, sentiu a fechadura ceder e fez pressão na porta com os pés. Ela se abriu. Tinha cinco minutos para examinar a casa. Entrou num dos quartos, onde encontrou fotos antigas, uma cama arrumada e um pôster do The Doors. Devia ser de Margaret.

No outro quarto havia um iPod na mesinha de cabeceira e a cama estava desarrumada. Não teve dúvida: era de Jessica. E agora?

Olhou em volta, ligou o detector de metal e começou a procura. Percorreu o quarto rapidamente, com o aparelho apitando sem parar. Mas não havia nada de estranho.

O detector emitiu um sinal forte ao esbarrar num par de botas no armário, que foi o segundo lugar que Virgil examinou depois da cômoda.

Virou o calçado e um revólver caiu sob a luz do abajur.

Não encostou na arma imediatamente, mas começou a sorrir. Ótimo. Pegou um lápis no bolso e mexeu no revólver: um Magnum calibre 357. Enfiou o lápis no cano, levantou a arma e guardou-a num saco plástico. Pôs o volume no bolso e sentou-se no chão, pensando.

Depois de um minuto saiu da casa, fechou a porta e ouviu a fechadura estalar. No escuro viu relâmpagos ao sudeste e ao noroeste, mas não ouviu trovões. A tempestade não chegaria a Bluestem. No céu, um milhão de estrelas piscavam na Via Láctea.



Virgil estava estacionado diante da casa de Stryker quando este embicou o carro na garagem. Virgil desceu da caminhonete com um gosto amargo na boca. O xerife já estava do lado de fora, com a porta da garagem baixando, quando o outro homem se aproximou.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou o xerife.

– Talvez. Mas vai ser difícil falar disso com você.

Stryker inclinou a cabeça.

– Como assim?

– Alguém me disse... e não vou revelar quem foi... que Jessica pode ter ido à casa de Judd na noite do incêndio e descido depois de o fogo começar.

– Isso é ridículo. Ela estava com o pessoal no bar.

– Então vai ser mais fácil. Só precisamos falar com todo mundo que esteve lá e descobrir quem deu a carona. Segundo minha fonte, Jessica não foi no carro dela.

– Vamos fazer isso. A gente fala com o pessoal e descobre quem foi até lá.

– Amanhã cedo?

– Alguns tiras que trabalharam naquela noite devem estar de serviço agora. Vamos falar com Little Curly e com George Merrill.

Virgil acompanhou-o de volta ao tribunal e os dois entraram no prédio. Pelo rádio, Stryker pediu a Curly e Merrill que viessem depressa. Os dois concordaram e o xerife foi andando até a sala dele, sentou-se e disse:

– Se não disser quem lhe contou, já sei que foi um policial.

– Pegue leve com os rapazes. A barra já está pesada antes mesmo do início da sua campanha de reeleição. Então fique calmo.



Merrill chegou primeiro. Entrou com as mãos nos bolsos, olhou rapidamente para Virgil e depois para o xerife.

– O que foi?

– George, precisamos dos nomes de todo mundo que você viu perto do incêndio – disse Stryker.

– Bom, foi a turminha de sempre...

Little Curly entrou na sala quando a lista estava sendo feita. O xerife explicou a situação, o recém-chegado examinou os nomes e acrescentou um. Virgil perguntou:

– Vocês dois viram Jessica Laymon. Alguém viu o carro dela?

Merrill e Little Curly se entreolharam, fitaram Virgil e balançaram a cabeça.

– Não.

– Era só isso – disse Virgil. – Muito obrigado.

Quando os dois policiais saíram, Stryker, que estava lendo a lista, disse:

– Vai ser minha primeira tarefa de manhã. Antes das 10 terei interrogado esses caras.



No hotel, Virgil pegou uma cerveja, levou para o quarto, abriu o notebook, leu os parágrafos sem sentido sobre Homer e a investigação dos assassinatos em Bluestem.

Sentou-se e começou a escrever:

Com o revólver calibre 357 na mão, Homer batia com o pé esquerdo no chão, imaginando se alguém estava tentando incriminar Jessica; tentando estragar a investigação; plantando provas contrárias para um julgamento futuro; se Jessica teria algo a ver com os crimes.

Qualquer que fosse a verdade, alguém tinha colocado Merrill na investigação – motivo pelo qual Homer perguntou a Bill Judd Jr. sobre o serviço de corte de grama. Pelo que viu, não havia nenhum motor a gasolina dentro do buraco onde antes ficava a casa de Judd: nenhum cortador de grama, removedor de neve ou máquina parecida. Assim, se Jessica não foi até lá em cima no próprio carro, onde arrumou a gasolina usada como acelerador? Será que ela subiu correndo dois quilômetros de morro, carregando 4 galões de gasolina debaixo de uma tempestade, e depois desceu com eles vazios?

Impossível. Alguém estava armando contra Jessica, levando Homer a revistar a casa dela, onde a arma foi plantada. Seria interessante saber se o .357 era mesmo a arma dos crimes.

Homer conhecia pelo menos um possível suspeito que tinha acesso ao quarto de Jessica. Mas era óbvio demais. Não podia ser Stryker. Simplesmente não podia.

Virgil bocejou e fechou o notebook
Quem tinha mandado Merrill até ele?
Precisava descobrir.

ACORDOU COM UMA BATIDA NA porta do quarto. A luz se infiltrava pelas cortinas, de modo que só podia ser de manhã. Arrastou-se pela cama e olhou o relógio: sete horas. Outra batida, dessa vez mais insistente.

– Já vai! – gritou. Pegou a pistola, verificou se estava carregada, foi até a porta encostado à parede lateral do quarto e balançou a corrente do trinco.

Nada de tiros.

– Quem é?

– Joan – respondeu ela baixinho.

Virgil soltou o trinco e abriu a porta, apenas de short e segurando a arma.

– O que está acontecendo?

Ela vestia uma calça jeans puída e camiseta, com um lenço que cobria toda a cabeça.

– Eu estava saindo da fazenda e encontrei o Jim. Ele disse que você está suspeitando da Jessica. Queria ouvir essa história.

– Entre – disse Virgil. Ele então fechou a porta e guardou a arma. – Posso estar próximo de descobrir, mas, do jeito que esta cidade é, melhor eu ficar de boca fechada. – Riu para Joan, tentando suavizar o tom das palavras, fazendo com que parecesse brincadeira.

– Até para mim? – Ela cruzou os braços, o que sempre é mau sinal numa mulher, ele pensou. – Será a primeira vez na história: Virgil Flowers de boca fechada!

– Vou fazer a barba. Se quiser, pode olhar. – Ela o acompanhou até o banheiro e Virgil molhou o rosto, dizendo: – Quando a gente chega numa cidade pequena como Bluestem, tem de fazer algo para pôr as coisas em movimento. Eu falo e isso funciona.

Joan mostrou-se cética:

– Quer dizer: você é um sujeito normalmente quieto, reticente e introvertido, que nunca comenta nada sobre ninguém. E tudo isso foi uma técnica para sacanear a gente, os cidadãos de Bluestem?

Virgil espalhava o creme de barbear no rosto. Parou embaixo do nariz e a olhou no espelho.

– É a primeira vez que escuto alguém falar “reticente” ou “cidadãos de Bluestem”.

– Então você só está me sacaneando?

– Joan, você é uma mulher fantástica! Mas há pelo menos cinco pessoas mortas e um psicopata à solta. Eu vim aqui para prendê-lo. É o que vou fazer.

Ela mostrou um sorriso.

– Então não é a Jessica. Você disse “prendê-lo”!

Ele lavou o barbeador e falou:

– Na primeira noite em que saímos, eu disse que você era mais inteligente do que eu pensava. A propósito, quer lavar minhas costas?



Quando Joan foi embora, Virgil ligou o notebook e checkou os e-mails. Sandy tinha mandado algumas informações sobre Williamson, mas nada que chamasse a atenção. Nenhuma prisão, três multas por excesso de velocidade num período de 20 anos, três anos no exército, com participação na Guerra do Iraque, em 1990. Nada de casamento. Os nomes dos pais adotivos não constavam das listas telefônicas de Minnesota. E, durante 10 anos, ele não declarou os rendimentos à Receita.

Não se interessou em olhar as informações de Jessica: já sabia a história dela de cor e salteado.

Começou a examinar os papéis de Judd, tarefa que consumiu uma hora inteira. Chris Olafson tinha levantado todos os números, mas ele estava ansioso por um nome ou um acontecimento.

Nenhuma novidade também.

Pensou então no revólver calibre 357. Imaginou quanto tempo deveria esperar. Cedo ou tarde, alguém iria sugerir uma busca na casa de Jessica. A curiosidade era saber quem levantaria aquela bola, mas não queria esperar demais.



Virgil encontrou Stryker às 10 horas, quando o xerife conversava com um carpinteiro de ressaca, que tinha um curativo na mão com a qual segurava os pregos. O homem dizia que tinha ido ver o incêndio com o amigo Dick Quinn. Stryker parecia pouco à vontade para perguntar a ele se sabia como Jessica Laymon havia chegado até o incêndio. Preferiu mostrar-lhe uma lista de nomes e perguntar quem tinha ido sozinho, acompanhado, a pé ou de carro.

O homem lembrava-se de ter visto Jessica, porém não sabia como ela havia chegado. Quando andaram até o carro de Stryker, Virgil perguntou:

– Alguém viu o carro dela? Ou lhe deu carona?

– Um sujeito a viu e acha que o carro dela estava lá. Mas a verdade é que as pessoas só tinham olhos para o incêndio.

– Quer saber o que eu faria? – insinuou Virgil.

Stryker balançou a cabeça.

– Depois de ontem, não sei.

– Mandaria um dos seus homens vigiar o Williamson, um para seguir Bill Judd e um para ficar de olho na Jessica.

– Se eu colocar alguém atrás deles, o condado vai ficar sabendo em 15 minutos.

– Mas é melhor do que aparecer mais gente morta depois.

– Virgil, estou quase terminando. Só preciso falar com mais duas pessoas. Depois a gente conversa sobre isso. Mas e você, vai fazer o que hoje?

– Conversar com os três: Williamson, Jessica e Júnior. Algum deles vai abrir a boca.

– Ótimo. Vou terminar a lista. Depois nos falamos.



Virgil tinha acabado de entrar na caminhonete quando o telefone tocou. Era Pirelli.

– Estou indo ao Holiday Inn de Worthington. Há um boato de que vamos fazer uma batida num frigorífico, em busca de trabalhadores ilegais. Se você e Stryker quiserem participar, apareçam por lá.

– Quando vocês vão agir? – Virgil deu uma buzina para Stryker, que olhou para trás. Virgil acenou, chamando-o.

– Por volta do meio-dia. Feur está voltando de Omaha. Um sujeito acabou de carregar uma caminhonete com 10 galões de gasolina na usina. Deve chegar à fazenda pouco depois de Feur. A não ser que um deles pare no caminho.

Virgil baixou a janela do carro, cobriu o bocal do aparelho e falou com Stryker:

– Pirelli.

O chefe da DEA estava dizendo:

– ... se quiserem participar, vocês precisam estar atualizados.

– Estaremos lá às onze – disse Virgil. – Precisa de reforços?

– Não. É sigilo absoluto. Não queremos nenhum policial curioso no local.

– Estaremos aí em uma hora – disse Virgil, desligando o telefone.

– Hoje? – perguntou Stryker.

– Vamos agora mesmo para Worthington. Pirelli quer sigilo absoluto. Você tem de ir também. Invente alguma desculpa e vamos embora.

– É para já – respondeu o xerife.



Stryker entrou em contato com a central e disse que ficaria fora por um tempo. O policial do outro lado da linha respondeu:

– Sem problemas.

Stryker comentou com Virgil:

– Ele acha que vou à casa de Jessica dar uma rapidinha. – Em seguida jogou a cabeça para trás e começou a rir.

– Não é má ideia.

– Escolha difícil: trepar ou trabalhar.



Chegaram a Worthington em meia hora. Os federais tinham ocupado uma das alas do Holiday Inn e Virgil e Stryker foram parados quando se encaminhavam ao local da reunião. Um agente falou num rádio, assentiu para eles e disse:

– Última porta à direita.



Encontraram Pirelli na sala com 20 agentes, todos de jeans, camisas de manga curta e bonés. Pirelli estava diante de uma tela e os agentes estavam sentados virados para ela, como uma turma de jardim de infância. A única diferença eram as armas. Entre eles havia um computador ligado a um projetor.

Pirelli falou por cima da cabeça dos agentes:

– Chegaram bem a tempo para o filme. – E dirigiu-se para os agentes: – Este de chapéu é Jim Stryker, xerife do condado de Stark e Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal, é o que está com... que camiseta é essa, Virgil?

Virgil abriu o blazer para mostrar a camiseta do Arcade Fire.

– Que diabo é Arcade Fire? – perguntou um sujeito de aparência latina.

– A melhor banda de sanfona do mundo – respondeu Virgil.



– Bom, pessoal, agora vocês estão por dentro da situação – disse Pirelli. – Só quero falar mais um pouco sobre o terreno enquanto esperamos. Colocamos um olheiro no local, sobrevoamos a área, de modo que não deve haver surpresas. Mas é bom estarmos preparados. John Franks e Roger Kiley são o alvo. – Ele parou e disse para Virgil e Stryker: – Franks é quem está trazendo o negócio da usina de etanol. Kiley está na casa do Feur. Ele e dois outros caras ficam lá patrulhando. Não sabemos os nomes dos outros.

– Um se chama Trevor – disse Virgil. – Na última vez em que o vi, ele estava com uma espingarda.

Pirelli foi até o computador, digitou rapidamente e em segundos apareceu a imagem de um “Trevor Rich”, tirada pela polícia de Wichita Falls, no Texas.

– É ele – falou Virgil, prestando atenção aos olhos inexpressivos de Trevor.

Pirelli começou a ler um texto em voz alta:

– Assalto à mão armada, agressão com arma, ameaça terrorista. A ex-mulher está desaparecida há quatro anos. Ninguém sabe para onde ela foi. Ele diz que para a Califórnia. Se ele pegar pesado, podem apagá-lo.

– Ele parecia um garoto legal – disse Virgil.

– Kiley e Franks são da mesma laia: armas, drogas e problemas com o

governo – observou Pirelli. – Temos de ir para cima deles.

– Como vai fazer isso? – perguntou Virgil.

– Vai ser meio complicado – respondeu Pirelli.



A complicação envolvia pegar Feur e a droga ao mesmo tempo na casa. Os agentes da DEA contavam com uma aeronave de observação seguindo a droga, em contato com dois carros em terra, e um rastreador eletrônico plantado na caminhonete.

– Queremos agarrar o Feur no local. Então pegamos a droga antes que sumam com ela – disse Pirelli. Ele voltou ao computador e projetou uma imagem aérea da fazenda do pastor. – Não sabemos onde o material é manipulado, mas achamos que eles o guardam nesse barracão aqui, perto da casa – disse ele, apontando o local exato com uma caneta-laser vermelha. Falou para Virgil e Stryker: – Quando nos encontramos em Mankato, vocês disseram que Dale Donald Evans carregou os galões no barracão. Esperamos que Franks faça o mesmo para descarregar.

Ronald Pirelli parecia ligado à tomada. Parou para respirar e prosseguiu:

– Assim que Franks estiver no pátio, nós atacamos. Esperamos exatamente um minuto e entramos. Mesmo se eles nos virem, daqui de cima do morro – o laser estava sobre um terreno elevado na imagem aérea –, vão ter menos de um minuto para reagir. Se os pegarmos no pátio, estarão fritos. Fizemos umas fotos do barracão. Parece frágil. Não vão resistir muito tempo lá dentro. A casa também não é problema.

– Não queremos um massacre – disse o xerife.

– Não mesmo. Por isso nosso objetivo é pegá-los desprevenidos – concordou Pirelli.

– Você tem certeza quanto à metanfetamina? – perguntou Stryker. – Que eles estão trazendo a droga de Dakota do Sul?

– Tenho – respondeu Pirelli, categórico. – Aquele laboratório da usina de etanol é o melhor que a gente já viu nos Estados Unidos. Existem parecidos no México. Mas melhores, não.

Virgil resolveu dar uma palavrinha:

– Olha, aquele barracão não é tão frágil como vocês acham...

Pirelli ergueu uma das sobrancelhas.

– Não?

– Ele tem fecho, ferrolho e a porta é de aço puro.

– Você já entrou lá?

– Não. Sem um mandado seria ilegal.

– A gente derruba aquela porta brincando – disse um dos agentes.

– Claro, eu imagino – comentou Virgil. – Mas se Franks tiver 10 galões na

caminhonete com uns 50 litros de gasolina cada um e vir que estamos nos aproximando, ele pode provocar um belo incêndio. Aí vocês vão precisar de um caminhão dos bombeiros.

– Vamos chegar lá antes que ele consiga descarregar – insistiu Pirelli. – Ele nem vai ter tempo de chamar pelo papai do céu.

– Espero que sim – disse Virgil. – Mas fico preocupado.

– Nesse tipo de situação, há sempre 30% de chance de dar errado – explicou Pirelli. – Mas a vida é assim. E vale a pena eliminar esses caras. – Ele ficou um tempo olhando a imagem aérea e então dirigiu-se a Virgil: – Mas você está certo. É bom ficar preocupado.



O grupo ficou conversando por uns minutos até que Virgil pediu a caneta-laser de Pirelli emprestada e, com a ajuda de Stryker, deu detalhes do terreno em volta da casa: uma vala nesse ponto, uma pedra grande logo adiante, que poderia ser usada como trincheira.

Um longo trecho de vegetação mais escura começava atrás do celeiro e estendia-se pelo morro até chegar a um agrupamento de arbustos ao sudeste da casa. Um agente perguntou se havia alguma vala naquele local.

– Não sei – respondeu Stryker. – Fizemos o reconhecimento pelo lado norte.

Pirelli estava ao telefone com o responsável pela vigilância dos dois carros que se aproximavam da fazenda. A chegada era prevista para meio-dia e quarenta. Pirelli então ordenou:

– Lado norte, está na hora.

Seis agentes se levantaram e saíram. Ele disse:

– Cinco minutos, pessoal. Temos de chegar à estrada em 10 minutos. Motoristas, vocês têm de ser rápidos, mas nada de farol. Mantenham distância entre si até a saída. Atenção redobrada. Não queremos perder ninguém. E a turma lá é barra-pesada. Virgil, Jim, fiquem um pouco atrás.

Em cinco minutos, Pirelli falou:

– Está na hora, vamos! – E eles saíram da sala, sem piadas, sem dar um pio. Andando rápido.

ANTES DE ENTRAREM NOS CARROS, Virgil e Stryker enfiaram os coletes à prova de bala. Ainda que não resistissem a armas de grosso calibre, protegiam contra espingardas e pistolas. Alguns agentes da DEA usavam proteção mais reforçada: seriam os primeiros a entrar.

Stryker pediu que Virgil dirigisse:

– Se for necessário, quero estar livre para falar com meu pessoal.



Da saída de Worthington até a entrada mais próxima da fazenda de Feur, o comboio levou 35 minutos dentro do limite de velocidade e 30 minutos acima do limite. Pirelli ia ditando o ritmo das viaturas da DEA, formadas por sete furgões com os vidros escuros.

– Manter distância é o cacete! – resmungou Stryker, olhando os veículos à frente. – Parece um desfile de carros alegóricos!

– Torça para que o Feur não tenha olheiros na estrada – retrucou Virgil. Ficou 10 segundos calado e então disse: – Que festança, hein?

– É – respondeu o xerife, animado. Em seguida tirou o cinto de segurança, ajoelhou-se no banco, procurou algo no assoalho atrás dele e achou um M-16. – Se você me vir atirando com este brinquedo, diga a si mesmo: “É só o velho Jim fazendo uns disparos para ser reeleito.”

– Só uma brincadeirinha!

– Isso mesmo!

– Não acredito que o Feur tenha matado os Gleason, Jim. Mas tenho minhas dúvidas se realmente estamos perto do assassino – disse Virgil.

– Tanto faz. Eu quero minha foto nos jornais como o responsável pelo estouro do laboratório de metanfetamina. – Stryker tirou o pente do fuzil, apertou os cartuchos e disse: – O que você tem lá atrás? Uma espingarda não vai adiantar.

– Uma espingarda semiautomática.

– Opa! Isso faz cada rombo enorme! – disse Stryker num tom de aprovação. Munição com revestimento metálico?

– É.

– Trouxe 60 balas. Queria uns pentes extras.

– Isso não é uma guerra.

– Não quero nem saber. – Stryker pôs o pente de volta no fuzil, encaixou uma bala na câmara e acionou a trava.

– Espero que tudo aconteça como o Pirelli disse. Admiro seu desejo de se reeleger, mas pegar o psicopata é o mais importante para mim.

Os furgões diminuíram a velocidade um pouco à frente, gesto repetido por Virgil, que manteve o veículo a 90 por hora. *Parece mesmo um desfile de carros alegóricos*, pensou Virgil. *Só espero que não haja plateia.*

Pelo visto, o público tinha ficado em casa. A cinco quilômetros da fazenda os furgões aceleraram e logo Pirelli ligava para o celular de Virgil:

– Feur chegou em casa há 15 minutos. Franks também está chegando. Vamos indo. Fiquem um pouco atrás.

– E por falar nisso, vou para o banco traseiro – disse Stryker. – É burrice ficarmos os dois na frente. – Ele arrancou o encosto da cabeça e passou desajeitadamente por cima do banco. – Quer que eu tire a espingarda do estojo?

– É bom. Só espero não precisar dela. Há dois pentes na lateral.



Os carros chegaram à estrada de cascalho e uma nuvem de poeira subiu das rodas, acompanhada de um rugido semelhante ao barulho de um trem. O comboio então diminuiu a velocidade. A distância entre os veículos aumentou e os motoristas passaram para a pista da esquerda.



Chegaram ao topo da encosta ao sul da casa de Feur. Não demoraria muito para serem percebidos. Mas estavam a um minuto de distância e aproximando-se cada vez mais rápido. Quando Virgil jogou o carro para a direita, a fim de sair da nuvem de poeira, Stryker deu um grito:

– A caminhonete de Franks está no pátio!



Dois furgões da DEA chegaram ao pátio e os agentes saíram com os carros ainda em movimento, gritando para Franks, que tinha acabado de descer da caminhonete. O homem disse alguma coisa e um cachorro saltou da cabine e pulou em cima de um agente, que rolou no chão com o animal.

Um terceiro furgão passou diante da entrada de veículos e seguiu um pouco à frente. O quarto parou atravessado na entrada do pátio e o quinto freou logo atrás dele, com os agentes saindo e se espalhando ao redor. Virgil desviou do último veículo, estacionou o carro junto a uma vala do outro lado do pátio e gritou pela janela:

– O lado esquerdo, o lado esquerdo... – Ele e Stryker se abaixaram, viram alguns agentes correndo e em seguida ouviram o tiro.

Havia dois cachorros, um deles mordendo o rosto de um agente e o segundo rolando na terra com outro homem, perto da caminhonete de Franks. O animal que mordia o rosto do agente foi arremessado longe e levou um tiro. A bala resvalou na terra e o cachorro pulou em cima de outro agente, mas foi alvejado

em pleno ar.

Cinco agentes estavam espalhados pelo quintal quando uma metralhadora disparou de dentro da casa, acertando um homem da DEA, que imediatamente caiu no chão. Os colegas começaram a gritar e a atirar contra a construção, arrancando lascas de tinta e madeira da fachada e estilhaçando os vidros das janelas. Franks, que estava de pé com as mãos sobre a cabeça, virou-se para o barracão e bateu à porta. Ela se abriu e ele entrou correndo.

Stryker, que estava deitado na vala com o fuzil apoiado no ombro, abriu fogo contra a fileira de janelas do segundo andar da casa, esvaziando o pente com uma única rajada.

Virgil atravessou correndo a estrada e se jogou na vala do outro lado. Quando ouviu uma nova rajada de metralhadora, saiu de onde estava e se escondeu atrás do primeiro furgão no pátio. Um agente estava no chão a dois metros do carro e Virgil puxou-o para trás do veículo, com o fuzil do homem arrastando no chão.

O furgão tinha uns 50 buracos de bala, e seus vidros estavam completamente destruídos e dois pneus, furados. O agente ainda respirava, mas suas pernas estavam destroçadas. Um cachorro marrom e branco, que parecia um pit bull, com ferimentos na barriga e na cabeça, contornou o carro arrastando-se nas patas traseiras e encarou Virgil. Ele adorava cães, mas não pensou duas vezes. Sacou a pistola e deu dois tiros no animal.



Ouviu um berro. Um agente, atrás de outro furgão, gritava para ele, e Virgil viu um rastro de sangue logo atrás. O homem estava consciente e apontava por entre os carros, onde um terceiro agente estava caído. O oficial que alertou Virgil berrou:

– Vá ajudá-lo. Não posso me mexer, mas vou descarregar contra a casa.

– Boa ideia – gritou Virgil.

O agente rolou no chão e abriu fogo com o fuzil, estilhaçando as janelas que ainda estavam intactas. Virgil saiu de trás da roda do carro, agarrou o homem caído e o arrastou de volta. Outro cachorro vinha na direção deles, com a língua de fora, sangrando. O animal parou e escolheu o agente que disparava contra a casa, mas que naquele exato momento recarregava a arma. Quando o homem encaixava o pente do fuzil, o cachorro cravou os dentes no seu colete. Por sorte o agente tinha uma pistola, com a qual disparou contra a cabeça do animal. O cachorro estrebuchou, virou-se na direção de Virgil e tombou.

Virgil estava atrás do furgão com dois homens feridos, um deles talvez morto. Olhou para o sujeito e viu que ainda respirava. Estava vivo. Abriu a porta traseira do carro, empurrou o agente ferido para dentro e então uma rajada de balas varou as janelas do veículo.

Agarrou o segundo agente, que estava inconsciente e era pesado, e jogou-o por

cima do primeiro. Lançou a arma do primeiro sobre eles, arrastou-se até o banco do motorista, segurou o volante acima da cabeça, engatou a ré e apertou o acelerador com a mão.

Começou a atravessar o pátio, ouviu os tiros dos agentes da DEA dando cobertura, continuou com o volante reto, sentiu que estava no campo, recuou mais 80 metros sacolejando sobre pedras e arbustos, mais 100 metros, o carro sacudindo com mais força, e então subiu na vala ao lado da estrada e apertou o freio.



Ligou para o celular de Pirelli, que atendeu aos berros:

– E aí? E aí?

– Dois estão mal – gritou Virgil. – Se tiver um carro, mande agora para cá! É urgente!

– Estou chamando a equipe do norte, eles estão vindo... Se tiver condições de atirar contra a casa, manda ver, manda ver!

Virgil pegou o fuzil e os dois pentes na parte traseira do furgão e começou a disparar contra a casa. Olhou para o lado e viu uma nuvem de poeira subindo pela estrada de cascalho ao norte.

Um carro da equipe norte tentava chegar até a casa. Quando estava perto, Virgil esvaziou o resto do pente contra as janelas do segundo andar da casa, de onde os tiros pareciam estar vindo. Recarregou o fuzil e no exato instante em que o furgão entrou no pátio ele voltou a disparar contra a construção.

O carro da equipe norte derrapou atrás de um furgão destruído. Virgil perguntou a um agente com os olhos arregalados que corria na sua direção:

– Sabe onde é o hospital?

– Sei, sei, fizemos o reconhecimento do local.

Carregaram os dois agentes feridos até o outro carro e o integrante da equipe norte gritou:

– Você está muito ferido?

Virgil olhou-se de cima a baixo: havia sangue, mas não era dele. O agente apontou para a testa de Virgil, que levou a mão até o alto do rosto: sangue, e dessa vez era dele. Não parecia nada grave.

– Pode ir! – gritou Virgil. – Vá!

O agente arrancou com o furgão, que foi alvejado assim que saiu de trás do carro destruído.

Virgil procurou na parte traseira do veículo e encontrou uma caixa com seis pentes. Imediatamente pôs um no fuzil, enfiou os outros nos bolsos da jaqueta, correu pela estrada e pulou na vala do lado oeste. Dali podia se arrastar pela água lamacenta até o carro de Stryker.



Ouviu o xerife atirando de trás do veículo e se aproximou dele. Stryker se virou e disse:

– Preciso de mais munição.

Virgil deu-lhe três pentes que estavam no bolso e o xerife gritou:

– Acho que Pirelli levou um tiro! Está na vala do outro lado.

– Vou pegá-lo. Não pare de atirar contra a casa – berrou Virgil.

Ele se arrastou para dentro do carro, pegou o estojo de primeiros socorros, saiu, agachou-se na vala e gritou:

– Quando quiser...

Stryker levantou a arma e descarregou o pente numa longa rajada. Virgil atravessou correndo a estrada e saltou dentro da vala do outro lado. Viu Pirelli disparando um fuzil com uma das mãos e reparou que a manga esquerda da camisa estava encharcada de sangue. Virgil engatinhou para perto e gritou:

– E aí?

– Está doendo muito! Acho que desloquei o ombro!

Todo mundo berrava. Virgil ouvia homens gritando ao redor da casa, enquanto tiros cortavam o ar. A casa parecia estar vindo abaixo, mas os disparos não cessavam.

Virgil pegou um chumaço de gaze, um rolo de esparadrapo e se abaixou ao lado de Pirelli, que estava deitado de costas. Viu que um pedaço de osso se projetava do ombro do agente, logo abaixo da borda do colete. Passou a gaze por baixo da camisa e desenrolou todo o esparadrapo em volta do ombro dele, apertando bem. Gritou para Pirelli:

– Não pegou nenhuma artéria. Não estou vendo nenhum sangramento arterial.

O chefe da DEA assentiu e disse:

– Recarregue o fuzil para mim!



De repente os tiros vindos da casa pararam e um agente saiu da vala do lado leste e correu até o carro onde estivera deitado o terceiro agente ferido, o homem que deu cobertura a Virgil enquanto ele arrastava o oficial morto. Uma rajada foi disparada da casa, mas o agente conseguiu chegar até o carro e os atiradores da DEA acertaram a janela de onde vinham os disparos.

Virgil recarregou o fuzil de Pirelli e ouviu Stryker gritar:

– Cuidado, cuidado!

Levantou a cabeça e viu Franks saindo do barracão com um revólver. Deu três passos e atirou nos agentes atrás do furgão. O oficial que não estava ferido cambaleou para longe do que estava no chão, tentando sacar a arma. Nesse instante, Franks foi acertado por uma rajada. Virgil viu a camisa dele ficar vermelha, mas o homem continuou de pé, dando tiros com a pistola, e finalmente caiu.

Atraído pelo aparecimento de Franks, Pirelli tentou ficar de joelhos, gritando de dor, e outra rajada atingiu a borda da vala. Pirelli caiu, balançando um dos braços. Virgil gritou:

– Fique abaixado!

Mas era tarde. Pirelli tinha sido acertado. Virgil se arrastou até ele. O chefe da DEA levantou-se e disse:

– Eles me pegaram! – E caiu para trás. Virgil percebeu um ferimento na perna e outro no braço direito, que não parava de sangrar. O impacto do tiro certamente tinha quebrado o braço de Pirelli, que estava torto.

Virgil rasgou a perna da calça do chefe da DEA: o disparo, superficial, arrancara um pedaço da pele.

– Está muito ruim? – gemeu Pirelli.

– Pelo menos você está vivo. – Virgil pegou esparadrapo para cobrir o ferimento e disse: – Isso vai doer. Tenho de levá-lo para o outro lado da estrada e tirar você daqui.

– Então vamos.

Virgil agarrou o colete de Pirelli junto ao pescoço, abaixou-se e pediu cobertura a Stryker, que respondeu:

– Dez segundos. – E desapareceu arrastando-se pela vala. Então o xerife levantou a mão e gritou: – Agora, vai!

Virgil atravessou correndo a estrada, arrastando Pirelli. Stryker surgiu a cinco metros da posição anterior e esvaziou outro pente.

Pirelli não reclamou quando os dois pularam na vala do outro lado. Virgil não parava, arrastando o chefe da DEA através da lama e da água. Subiram a outra borda da vala e seguiram até o furgão destroçado. Cinco minutos, 100 metros, Pirelli não se manifestava. Alcançaram o carro, andaram mais 10 metros e pararam. Virgil, ofegante, disse:

– Alguém vem pegar você!

– Essa casa é um bunker! Nós não sabíamos disso! – O rosto de Pirelli estava pálido e os olhos, arregalados, mas ele continuava lúcido.

– Você tem razão!



Nesse instante ocorreu uma grande explosão dentro da casa, logo seguida por outra. Um agente da DEA tinha lançado uma granada contra a casa, acompanhada por uma bomba de gás lacrimogêneo. De trás do morro, ao nordeste da construção, por onde Virgil e Stryker vieram na visita de reconhecimento, ouviu-se um estrondo característico inconfundível. Virgil nunca tinha usado um fuzil calibre 50, mas não teve dúvida. A DEA ia destruir a casa.

– Fique deitado – disse Virgil para Pirelli. – Eu já volto. – E pulou para dentro da vala novamente. Franks estava deitado diante do primeiro furgão da DEA,

agora em ruínas. Dois agentes estavam posicionados atrás do carro e um terceiro, no chão. Stryker continuava dentro da vala, realizando disparos intermitentes contra a casa. Àquela altura, não eram ouvidos tiros no interior da construção.

Um dos primeiros agentes a chegar ao pátio estava agachado atrás de um furgão, cujos pneus tinham sido furados a bala.

– E aqueles ali atrás do carro? – gritou Virgil.

O agente gritou de volta:

– Harmon já era. Franks atirou na cabeça dele. Dois estão feridos, mas os outros estão bem. E você?

– Estou bem. Este carro aqui está bom. Vou dar marcha a ré e sair daqui. Mas preciso de cobertura. Lancem mais duas granadas. Pirelli está machucado. Vou levá-lo até o hospital.

– Assim que der a partida, eu digo para ele disparar.

Virgil entrou no carro. A janela do lado do carona estava destruída, com estilhaços espalhados pelo banco e pelo assoalho. Havia buracos na carroceria, mas os pneus estavam intactos, assim como o motor.

Virou a chave e gritou pela janela quebrada:

– Estou pronto! – Dois segundos depois ouviu a explosão da primeira granada e começou a dar ré até a vala, o pé afundado no acelerador, com medo de atolar na lama. Ouviu a segunda granada acompanhada pelo estrondo do fuzil calibre 50, e em seguida outra granada. Virou-se para trás e acelerou até a vala.

Pirelli agora estava sentado. Virgil correu até ele, que perguntou:

– Que horas são?

– Não faço a mínima ideia. – Virgil agarrou Pirelli pelo colete e disse: – Agente firme! – E arrastou-o até o carro, deitou-o de costas no banco de trás, entrou no veículo e continuou de ré por mais 200 metros, ouvindo as granadas acertarem a casa do pastor. Freou, deu uma guinada de 180 graus e acelerou.

– Que horas são? – gritou Pirelli. – Que horas são?

– Hora de ir embora – berrou Virgil de volta.



Pelo retrovisor, viu fumaça subir da casa de Feur – gás? –, mas sem sinal de fogo. Subiu a encosta, chegou à interestadual e não se preocupou em ligar para o hospital. Virgil estava voando pela estrada e, se a equipe médica tivesse bom senso, depois de receber dois agentes feridos estaria esperando por outros. A dois quilômetros da saída viu um veículo parecido com o da DEA se aproximando na direção contrária, com a janela sem vidro: o agente que tinha ido ao hospital estava voltando.

Levou oito minutos até a saída para Bluestem, subiu e virou à esquerda, acelerou morro acima e chegou ao hospital, onde viu a enorme placa da

emergência, com três viaturas da polícia do lado de fora, com policiais observando Virgil se aproximar, assustados ao ouvir os pneus derraparem. Em poucos segundos ele saltava do carro, gritando:

– Mais um ferido! Preciso de uma maca, preciso de uma maca!

O hospital contava com um cirurgião e outro estava a caminho vindo de Worthington. O homem corria de um agente ferido a outro. Viu a maca com Pirelli chegando e ordenou a uma enfermeira:

– Cuide desse aí! – E sumiu pelo corredor.

As enfermeiras receberam Pirelli e Virgil saiu da sala. Um policial se aproximou e disse:

– Tem gente nossa indo à fazenda do Feur. O cara da DEA já está voltando para lá.

– O médico disse alguma coisa sobre os dois que chegaram antes?

– Estão bem feridos. Um é grave, o outro nem tanto. – O policial estava sério, ansioso. – Preciso ir até lá.

– Você precisa ficar aqui e coordenar a situação. Ligue para seus homens e diga para terem calma, porque aquilo lá parece um campo de batalha. É melhor não chegarem muito perto, isolarem a fazenda e deixarem o pessoal da DEA fazer o serviço. Bloqueiem as estradas. Ninguém entra nem sai. Atenção às pessoas a pé.

– Vou ligar para eles – respondeu o policial, e em poucos segundos Virgil entrava no carro e partia.

Estava na metade do caminho quando um agente chamado Gomez ligou:

– Fizemos contato com Feur. Ele está lá dentro. Só quer falar com você.

– Estarei aí em cinco minutos. Aguentem firme.



Os policiais montaram um bloqueio na saída da interestadual. Virgil passou por ele, entrou na estrada de cascalho 500 metros adiante e parou atrás de um furgão. Levou o M-16 do agente da DEA, dois pentes e pulou dentro da vala.



A casa estava em ruínas. O segundo andar tinha praticamente desabado, parte caindo sobre o térreo, parte sobre o pátio. Levantando a cabeça a intervalos de 10 metros, Virgil enxergou sacos verdes de areia pelo terreno, semelhantes aos usados em trincheiras militares.

Viu que eles tinham montado um bunker de verdade, mas parte da casa não tinha resistido às granadas. Enquanto se arrastava pela vala, percebeu que o tiroteio tinha parado. Na verdade, o lugar estava silencioso. Mas o terreno estava encharcado de gasolina. Cinco furgões destruídos vazavam combustível e havia fumaça saindo de um deles.

Stryker não estava mais na vala. Tinha atravessado a estrada e ido sentar atrás de um dos carros. Virgil ouviu uma granada acertar a casa e correu, indo em direção ao xerife.

Um agente aproximou-se correndo. Suas palavras foram breves:

– Está pronto? Estou ligando. – Ele segurava um telefone e apertou o botão de chamada, entregando o aparelho a Virgil.

Feur atendeu em poucos segundos.

– O que é?

– Aqui é Virgil Flowers. Você quer sair?

Feur deu um risinho.

– Não, acho que não. Mas tenho uma pergunta para você. Porque *diabos* vocês chegaram atirando? Poderiam ter batido à porta. Eu só pegaria alguns anos de cadeia. Mas não! Vocês vieram atirando e agora está cheio de policiais mortos aí fora! Eu não vou esperar pela injeção no corredor da morte.

– Ah, cara! – disse Virgil. – Foram os cachorros do Franks! Nós não estávamos atirando na casa. Os cães partiram para cima de um agente. Alguém atirou em um deles e seus homens atiraram de volta.

– Tudo por causa de uns cachorros? – Feur não parecia surpreso.

– Não exatamente. Se vocês não produzissem droga, se não tivessem construído um bunker, se não tivessem atirado de volta... Foi você, Trevor ou os outros caras?

– Trevor – respondeu o pastor. – Aquele idiota! Sempre gostou de armas. Bem-feito, pagou por isso. Morreu! Agora somos só dois, eu e o John. Estamos feridos, decidindo o que vamos fazer.

– Mas não vão mais matar um único policial! A DEA está falando em trazer um tanque do exército. Vão passar por cima da casa. Não vai sobrar nada.

Depois de alguns segundos de silêncio, Feur disse:

– Ligue em dois minutos. John está ferido, preciso ver o que ele quer fazer.



Virgil desligou. Estava segurando o telefone longe do rosto, para que o agente também pudesse ouvir, e o homem disse:

– Bom. Pelo que ele falou, vai desistir. – E depois: – E os nossos colegas?

– Um está muito mal. Os dois estão no hospital. Pirelli levou uns tiros, mas acho que não vai morrer. E os outros?

– Mandamos mais dois para lá. Não estão bem, mas também não estão mal. – O agente balançou a cabeça, mordeu os lábios e disse: – Por que o Franks soltou aqueles cachorros?

– Sujeito maluco! Essa casa só tem doido!



Olhou para o telefone e ligou de novo. Feur atendeu:

– Vamos nos entregar. Mas não temos como sair daqui. Estamos debaixo dos escombros. Não vamos atirar, mas vocês precisam nos tirar daqui.

– Onde vocês estão?

– Bem no meio da casa, no térreo. O andar de cima desabou sobre a gente. Não consigo ver nada, só um monte de madeira. John está com muita dor.

Virgil ouviu outro homem falando ao fundo, mas não conseguiu entender o que ele dizia.

– Vai demorar um pouquinho – disse. – Vou lhe dizer uma coisa, pastor. É melhor não resistir. Não vai adiantar nada. Sem falar que o pessoal aqui fora está revoltado. Se eles jogarem uma granada aí, vocês estão lascados.

– Nós estamos acabados – respondeu Feur. – Acabados!

– Só para o caso... você sabe... de alguma coisa acontecer. Por que vocês mataram os Gleason e os Schmidt?

– Eu não minto sobre a Bíblia, Virgil. Não tive nada a ver com isso. E olha: também não faria diferença se eu admitisse. Não com esses policiais mortos aí no pátio. Mas não tive nada a ver com as mortes.



Os agentes agiram com cautela: montaram um posto de observação no alto do celeiro e em cima do barracão. Depois, lentamente, se aproximaram, instalando outro posto dentro dos destroços.

O agente Harold Gomez assumiu o comando. Um colega disse a ele:

– Precisamos de um trator. Vamos ter que remover algumas vigas.

Gomez concordou.

– Arrume um. Melhor, arrume logo dois e traga para cá.



Outro posto, reforçado com sacos de areia, foi montado no lado oposto da residência. Com um agente entrincheirado, apontando a arma para os destroços, Virgil e Gomez se aproximaram para olhar a casa. À esquerda, um agente colocou um cobertor sobre o corpo de um colega e sobre Franks.

A casa fedia a madeira queimada, tinta velha e ovo podre. Dois agentes que se moviam entre os destroços encontraram pedaços de um corpo sob uma parte do segundo andar que tinha desabado no quintal.

– Esse foi acertado pela granada – disse Gomez.

Um agente baixou o fuzil, foi até os degraus da entrada, empurrou algumas tábuas e alguns caibros e gritou:

– Vocês estão ouvindo?

Não houve resposta.

– Cuidado! – alertou Gomez. – O buraco do porão é um perigo!

Avançaram pela casa e Gomez disse:

– Você está com um corte na cabeça.

– Foi um pedaço de vidro – respondeu Virgil. – Quando estava dando ré no carro.

– Droga – disse Gomez. – Droga! Ah, meu Deus! O que vou dizer à mulher do Harmon?



Um agente de luvas retirava entulhos do outro lado da casa, andando com cuidado sobre um trecho do piso.

– Ei, vocês aí! Ei! – Dirigiu-se a Gomez: – Parece outro corpo. Ou pedaços de um corpo.

Removeram algumas tábuas de madeira, mas Virgil achou que precisavam de um trator. Ligou para Feur. Ninguém atendeu.

– Talvez esteja ferido – comentou Gomez, movendo outro pedaço de madeira.

– Preciso ir à cidade ver meu pessoal...

O cheiro de ovo podre estava mais forte.

Virgil cheirou, cheirou de novo, e disse baixinho e rápido ao agente que estava na casa, mexendo na madeira:

– Saia daí. Não pergunte nada, saia agora! – E para o agente do outro lado: – Quietos. Você também, saia daí. Para trás, recuem...

Falava o mais baixo possível, andando de costas.

– O quê? O que foi? – perguntou Gomez.

– Isso é propano – disse Virgil. – O cheiro de ovo podre. – Olhou em volta e viu o tanque perto do celeiro. – Eles vão explodir isso aqui com propano.

– Propano? – Gomez foi rápido. Deu um passo para atrás, virou-se e disse em voz baixa pelo rádio: – Todo mundo para trás... em silêncio. Tem gás no terreno. Eles podem explodir a qualquer momento...



Dez minutos depois Virgil se sentia um idiota, sentado dentro de uma vala. Um agente disse que poderia correr até o celeiro e fechar o gás. Mas a construção ficava muito próxima da casa, se houvesse uma explosão.

– Espere mais 10 minutos – disse Virgil. – Talvez eu esteja falando besteira.



Onze minutos após Virgil ter afastado os agentes da casa, o lugar explodiu. Cinco toneladas de madeira voaram pelos ares, com direito a um cogumelo de fumaça semelhante ao de uma bomba atômica. Cobriu a cabeça com as mãos e, quando viu que nada tinha caído em cima dele, espiou pela borda da vala. Uma bola de fogo lambia os destroços.

– Agora vamos precisar dos bombeiros – disse.

– Cacete! – exclamou Gomez. Alguns segundos depois um helicóptero apareceu e, ao fazer uma curva para o leste, foi possível ver o logotipo do Canal Cinco na cauda.

Virgil balançou a cabeça.

– Era o que faltava. Era justamente o que faltava. Sorria, meu bem, você está na TV!

O show não tinha terminado.

Gomez deu um telefonema e em seguida comentou com Virgil:

– Isso deve nos livrar do helicóptero. – E com o aparelho ainda sobrevoando o terreno eles andaram até o meio do pátio.

– Alguém já olhou a caminhonete do Franks? – perguntou Virgil.

– Ainda não.

Foram até o carro, abriram a caçamba e viram os galões de gasolina. Dois agentes se aproximaram. Gomez abriu a tampa de um, encostou o nariz e disse:

– Gasolina!

Inclinou-o contra o sol para examinar o conteúdo e começou a derramar cuidadosamente o combustível na lateral do pátio. Metade do líquido havia sido despejada quando um tubo de vidro caiu no chão. E mais um. E mais dois. Gomez balançou bem o galão até ficar vazio, após 12 pequenos tubos rolares pela terra. Todos cheios até a tampa com um pó.

– É tudo verdade – disse ele. E falou para um agente. – Mas o que vou dizer à mulher do Harmon?

O homem balançou a cabeça, desolado, e respondeu:

– Que matamos os desgraçados que fizeram isso!



A equipe da DEA descarregou o resto dos galões e todos continham tubos de vidro. Os agentes revistaram o barracão e encontraram mais cinco galões, também com tubos dentro deles. O pastor e seus amigos transportavam de 10 a 15 quilos de metanfetamina por viagem.

– Faziam isso havia anos – disse Gomez.

Entraram no celeiro, arrombaram as portas dos dois galpões, porém não encontraram mais nada. Olharam para a casa: o interior estava totalmente destruído e o fogo era cada vez mais forte.

– Os bombeiros estão chegando – informou um agente. – Não que eu me importe...



O helicóptero foi embora e o barulho ensurdecedor foi substituído pelo canto dos pássaros. Virgil, Stryker e Gomez subiram ao sótão do celeiro para observar

a casa de um ponto elevado. Virgil pensou que era incrível o poder de destruição do gás.

Estavam no alto do celeiro quando o caminhão dos bombeiros chegou. Os homens jogaram espuma durante cinco minutos e o fogo se apagou.

– Teremos de dar uma declaração – disse Gomez – Uma coletiva em Bluestem. Tínhamos marcado para hoje à noite. Mas precisamos preparar alguma coisa.

– Ligue para o Pirelli. Ele estava consciente quando eu o deixei no hospital.

Gomez pegou o telefone e apertou o botão de chamada. Ninguém atendeu.

Stryker se aproximou e disse:

– Desligue o telefone.

– O quê?

– Desligue o telefone. Olhe isso aqui. – O xerife levou-os até a porta do sótão, olhando para a casa.



– Sempre soube que o Feur não valia nada – disse o xerife. – Mas o que ele ganharia cometendo suicídio? Seu desejo era dar um espetáculo no tribunal.

Gomez abriu os braços.

– *O quê?*

Stryker apontou para o morro.

– Aquela imagem aérea que vocês tinham no hotel. Um de vocês observou uma faixa que vem até a casa e perguntou se não seria uma vala dentro da qual a gente poderia caminhar. Nós não sabíamos. Mas quando demos a volta no celeiro, passando bem em cima, eu não vi nada. O único modo de ver *alguma coisa* é do alto. Daqui!

– É? – Virgil olhava para o morro, mas continuava sem enxergar nada.

– É aquela linha mais verde – disse Stryker, apontando para baixo e para a direita. – Está vendo? Quando você planta uma coisa nova, faz esse buraco, essa linha reta. Parece que alguém abriu uma espécie de galeria.

– O quê? Aquela linhazinha? – perguntou Gomez, com os olhos arregalados.

– Você só precisa de uma tubulação, de uma retroescavadeira e seguir morro acima até aquele mato. Depois, se os policiais o pegarem em casa, você desce até o porão, acende uma vela, abre o gás e lacra o túnel. Depois se arrasta pela galeria. Fiquei pensando: ele não atendeu o telefone na última vez em que o Virgil ligou.

– Desgraçado – disse o agente. Eles desceram e Gomez pegou o rádio. Cinco homens chegaram correndo.



– A linha vai até aquele agrupamento de árvores – disse Stryker, apontando

para cima do morro. – Há três agrupamentos naquela região. O túnel termina naquele mais embaixo.

– Eles podem ter fugido – comentou Virgil.

Gomez disse aos rapazes:

– Ponham os coletes. Vamos, vamos...

Oito deles atravessaram o campo, enquanto os dois furgões que tinham ido para o norte levavam mais seis homens numa corrida para bloquear o campo ao sul. Os agentes engatinharam pelos últimos 100 metros, movendo-se em duplas, como se fossem soldados de infantaria. Gomez ficava o tempo todo ao rádio, dando ordens ao esquadrão norte, que fecharia o cerco no fim do túnel.

Quando chegaram ao local, viram que o terreno servia de lixão da fazenda, com duas carcaças de carro dos anos 1950, equipamentos enferrujados e uma máquina de lavar enterrada no chão.

Um dos agentes levou o indicador aos lábios e em seguida apontou mais para baixo do morro. Num ponto da encosta havia uma folha de metal. A peça cilíndrica se projetava perfeitamente do solo. O agente desceu até lá, encostou o ouvido na tampa que a protegia, levantou-a, olhou para dentro, pôs o dedo nos lábios de novo e recuou.

– Então é isso – sussurrou ele no ouvido de Gomez, que acenou de volta para as tropas. Elas recuaram e Gomez se afastou com o rádio. A 50 metros parou, ligou o aparelho e passou as informações para os agentes, que escutavam pelos fones de ouvido.

Olhando para a casa na base da encosta, Virgil pensou que seria extremamente cansativo se arrastar ali por dentro. O diâmetro da tubulação mal permitia a passagem dos quadris e dos ombros, isso sem falar do ar rarefeito.



Esperaram por uma hora e começaram a montar vigília em turnos. Do momento em que interceptaram Franks até a explosão da casa havia se passado pouco mais de uma hora. E o túnel foi descoberto meia hora depois. Duas horas transcorreram e quatro agentes da DEA vigiavam a estrutura de metal, enquanto Gomez, ao lado de dois homens, examinava cuidadosamente o porão.

Ele recebeu um chamado pelo rádio:

– Estão chegando!

Ele e Virgil correram morro acima, com dois homens da DEA logo atrás. Quando chegaram perto, um agente perto da saída do túnel se levantou e fez um gesto para ficarem em silêncio.

Os agentes recuaram num semicírculo, deitados de bruços, atrás de pedras e montes de terra, todos com os olhos grudados na boca de metal. O agente de vigília indicou uma enorme pedra vermelha. Eles foram para trás dela e se agacharam, espiando. Gomez logo sacou a pistola.

– Vá com calma – disse Virgil, ofegante.

Stryker chegou perto deles e sussurrou:

– Estou ouvindo vozes. Deve ser bem apertado aí dentro.

Esperaram vinte minutos e nada. O agente de vigília comunicou-se com Gomez pelo rádio:

– Paciência, paciência. Eles estão bem aí. – Gomez repetiu as duas frases para Virgil e Stryker.

Vinte minutos se passaram e a tampa de metal se levantou. A cabeça e os ombros de um homem se projetaram do buraco. Ele puxou uma arma comprida, parecida com um fuzil. Ajoelhou-se para recuperar o fôlego, se virou e começou a engatinhar pela encosta. Parou e olhou para baixo, na direção da casa. Ficou observando por alguns segundos, voltou, levantou a tampa de metal e disse alguma coisa. Feur finalmente saiu do túnel, sentou-se ofegante e olhou ao redor.

Os dois conversaram durante alguns segundos, mas Feur apontou morro acima e os dois começaram a andar agachados, com as armas nas mãos. Então o agente de vigília gritou:

– Parados! Mãos ao alto!

Os dois homens não se moveram e Feur gritou:

– Virgil?

– Você não é mole, George! – berrou Virgil. – Mas agora larguem as armas.

Feur percebeu que a voz vinha de trás da pedra vermelha e armou o fuzil. Stryker derrubou-o com um tiro e os dois agentes terminaram o serviço. Ao lado do xerife, Gomez se ajoelhou e esvaziou a pistola contra os dois.

– Meu Deus – disse Virgil. – Ah, meu Deus, para com isso, cara!



Os dois caíram para trás. O pastor e o homem que ele chamava de John estavam deitados no chão a dois metros da saída do túnel. Levaram cerca de 50 tiros.

A expressão no rosto de Feur não era amigável: o pastor parecia uma fuinha morta. John não parecia nada, uma vez que seu rosto estava desfigurado.

Um dos agentes disse a Gomez:

– Eles resistiram. Foi o certo. Nós fizemos o certo.

Gomez concordou.

– O certo – disse. – Desgraçados.

UMA ESCAVADEIRA COMEÇOU O TRABALHO de demolição da casa, movendo-se como um dinossauro de aço. O sol descia no horizonte, tingindo o céu de um laranja vivo.

Virgil estava sentado no sótão do celeiro, com os pés pendurados, comendo um cachorro-quente ao lado de dois agentes, quando Gomez chamou lá de baixo:

– Vamos para a cidade. A imprensa está esperando.

– Dane-se a imprensa – gritou Virgil.

– Sabia que você ia dizer isso. Falei com Davenport e ele disse que quer ver você sorrindo em todos os canais, agradecendo ao governador pela oportunidade de lutar contra o crime no interior do estado.

– Dane-se o Davenport – berrou Virgil.

– Desça daí. Estou cansado de ficar aqui. – Gomez se afastou e parou para falar com Stryker. Virgil se levantou, espanou os fundilhos da calça, pegou uma garrafa de Pepsi pela metade e foi na direção da escada.

Um dos agentes, o latino que pegou no pé de Virgil por causa da camiseta, disse:

– Virgil, estamos lhe devendo uma. Você salvou a vida de dois colegas nossos. Se precisar de *qualquer coisa*, é só ligar para a gente. Estou falando sério.

O outro agente assentiu e disse, mastigando o cachorro-quente:

– *Qualquer coisa!*



Gomez e Virgil foram para Bluestem no carro de Stryker, todo furado a bala, seguidos por dois agentes num furgão da equipe norte. Os dois veículos tinham transportado vários feridos até o hospital. Os homens levados por Virgil ainda estavam vivos. Um provavelmente sobreviveria, o outro, não. Dois outros agentes tiveram ferimentos leves, sem falar que quase todo o contingente contava com um arranhão ou um machucado.

A situação de Pirelli não era boa, mas ele não corria risco de morte. Uma bala havia estilhaçado os ligamentos de seu ombro e ele dificilmente recuperaria o movimento. O braço quebrado era outro problema, e seria necessário um longo tempo para ficar bom novamente.



– E o Judd? – perguntou Stryker. – Onde está aquele desgraçado?

Uma equipe da DEA tinha ido atrás de Júnior durante o ataque à fazenda, mas

não conseguiu encontrá-lo. Seu carro estava no escritório, com a porta aberta, mas não havia sinal dele.

– Isso me preocupa – disse Virgil. – Por que ele iria embora?

– Ele foi avisado? – perguntou Gomez.

– Por quem? Um de vocês? Quando Pirelli me telefonou, Jim e eu estávamos juntos. Não ligamos para ninguém.

Stryker assentiu e Gomez disse:

– Talvez... não sei.



– Você tem uma camisa melhor do que essa? – perguntou Gomez.

– Tenho, assim como outro blazer – respondeu Virgil. – Podemos parar no hotel.

– Fique com o blazer. Nada de banho. Quero que vocês pareçam desarrumados, mas essa camisa já é de mais.

– Tenho uma preta do AC/DC. É perfeita.

– Virgil!

– Eu sei me cuidar – disse ele. – Pare de se preocupar comigo.

Pararam dois minutos no hotel. Virgil vestiu uma camiseta verde, lisa, que lhe dava uma aparência militar.

– Melhor assim – disse Gomez.

– Ufa, que dia! – comentou Stryker. Ele estava com três pequenas manchas de sangue na bochecha esquerda. Também não iria limpar.



Um analista da DEA tinha vindo de avião de St. Paul e montou a coletiva no tribunal, na mesma sala em que Virgil e Stryker deram a entrevista após a morte dos Schmidt.

No entanto, o número de jornalistas era maior. Meia dúzia de furgões com antenas no teto estavam parados no estacionamento do tribunal. Já era tarde para o noticiário das oito, mas os jornais das 10 dariam ampla cobertura, além dos canais a cabo e dos programas de variedades da manhã.

Gomez começou o discurso. Fez um relato direto, com cinco minutos de duração, mostrando a imagem aérea da fazenda, um resumo do confronto, começando pelo ataque dos cães – suprimiu alguns trechos entre os disparos contra os animais e os tiros vindos da casa – e terminando com a morte de Feur e do homem que eles ainda chamavam de John. Mostrou um galão de gasolina cheio de tubos com metanfetamina e permitiu que uma jornalista bonita pegasse um deles, segurando-o para as câmeras.

Enquanto a mulher fazia isso, Virgil avistou Joan e Jessica no fundo da sala, olhando para ele e para Stryker com grande ceticismo. Estavam ao lado de

Williamson, que se virava constantemente para Jessica, falando com ela, rindo.

No fim da sua fala, Gomez puxou Virgil e Stryker para a frente das câmeras e disse:

– Gostaríamos de agradecer ao xerife Jim Stryker, que como vocês podem ver foi levemente ferido durante a incursão, e a Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal do estado, que arriscou a vida para salvar dois agentes nossos. Foi a coisa mais incrível que já vi. Aqui estão dois heróis.

Virgil estava visivelmente sem graça, ao contrário da imprensa, que recebeu os dois como heróis da ação que por pouco não se transformou numa grande trapalhada, com seis mortos e cinco feridos no hospital.

Em seguida começou a sessão de perguntas, algumas hostis, mas Gomez teve jogo de cintura, salientando que a quantidade de droga apreendida poupava a vida de centenas de pessoas.

– Inclusive a de muitos jovens. A metanfetamina é bastante consumida nas escolas públicas.

Williamson tinha uma pergunta para Virgil:

– É o fim da onda de assassinatos em Bluestem? Os Gleason, os Schmidt e o velho Bill Judd foram mortos por Feur e seus homens? A conexão entre eles era a droga?

– Eu gostaria de responder, mas não posso, porque não sei a resposta – disse Virgil. – Para mim, a investigação continua.

Davenport ligou para Virgil enquanto ele abria caminho para sair da coletiva.

– Você foi ótimo – elogiou Davenport. – Agora, quando vai terminar o serviço com o maluco?



Jessica e Joan estavam esperando do lado de fora, ao lado de Laura Stryker e dezenas de pessoas. Joan disse:

– Que diabo vocês foram fazer lá?

Stryker reagiu, irritado:

– O nosso trabalho! Sou o xerife deste condado. Não fui eleito para ficar dentro do escritório.

Houve um murmúrio de aprovação, Joan levou as mãos aos quadris e disse:

– E agora há várias pessoas mortas e você está sujo de sangue!

Jessica também estava com raiva, e Virgil achou que elas seriam boas cunhadas. Ele disse:

– Preciso ir. – E passou entre elas, entrou no carro, deu meia-volta e seguiu até o hospital. Duas viaturas da polícia ainda estavam paradas diante da entrada da emergência. Pirelli dormia numa maca, com o braço e o ombro engessados.

No corredor, um agente da DEA chamou:

– Virgil!

- Como estão os outros? – perguntou Virgil.
- Levando... Doug conseguiu chegar até aqui... acho que sai dessa.
- Estou rezando por eles – mentiu Virgil. Àquela altura, rezar não adiantaria nada. Voltou para o hotel.



- Joan estava parada diante da porta do quarto de Virgil.
- Está chateado comigo?
 - Um pouco. Não preciso ouvir nenhuma besteira sobre o que aconteceu hoje. Seja a meu respeito, de Jim ou dos caras que morreram. Aconteceu e pronto. A culpa não é de ninguém. Só do Feur e ele pagou por isso.
 - Mas nós ficamos assustadas.
 - Tudo bem, mas não quero saber. Amanhã você me conta desse susto.
- Joan tocou a testa dele, que tinha sangue coagulado.
- Eu poderia lavar seu rosto. Isso vai doer.
 - Poderia mesmo.



- Os dois se deitaram na cama, um encostado no outro, mas sem sexo. Cansado, Virgil tomou um analgésico, mas respondia às perguntas de Joan:
- Quando você disse na coletiva que não sabia se os crimes tinham terminado... você quis dizer que eles não terminaram?
 - É, acho que não. Na verdade...
 - O quê?
 - Estamos atrás de Bill Judd Júnior. Ele desapareceu. Acho que pode estar morto.
- Ela virou-se de costas.
- Ainda acha que foi o Williamson?
 - O negócio do Williamson me deixa louco. Quando fomos para cima dele... eu meio que engoli o que ele disse. Ele parecia tão pirado... Ficou gritando com a gente.
 - E?
 - Eu não sei. Se você apontasse uma arma para minha cabeça e me mandasse dizer um nome, eu diria o dele. A gente pensa: o cara é jornalista e não sabe quem é a própria mãe? Ele não faria uma pesquisa? Ele diz que não fez, que não se importava. E acho que, mesmo que se importasse, não descobriria que é filho do Judd.
 - Se ele tentasse tirar uma certidão de nascimento, um passaporte...
- Virgil se virou de costas, sentiu a pele se retesando em volta dos cortes na cabeça e no rosto.
- Fico pensando nele... O que ele estava falando com a Jessica? Eu vi vocês no

fundo da sala.

– Bom, ele apertou a mão dela e disse: “irmã desaparecida há muito tempo”, e começou a fazer perguntas. Onde ela estava na semana passada? Quando descobriu que era filha de Judd? Onde estava a mãe dela?

– Como se achasse que *ela* poderia estar envolvida?

– Foi desagradável. Mas na verdade ele nunca foi um homem agradável.

– Fico pensando: quem mais poderia ser suspeito?



O sono o venceu. Acordou às duas horas e Joan tinha ido embora. Foi ao banheiro, voltou para a cama e dormiu de novo, pensando: *Quem mais? Ninguém tinha dito nada sobre o calibre 357.*

Claro, Jessica não diria. Mas Virgil não achava que ela era a assassina, porque seria uma contradição estética. Ela era bonita demais para ser uma criminoso.

Sorriu e começou a escrever mentalmente sua história, em que a mulher mais bonita nunca seria a culpada:

Homer balançou a cabeça. O tiroteio com Feur, a morte dele, bloqueou várias informações.

Mas foi brilhante o modo como Stryker percebeu aquele relevo na encosta. Homer nunca teria visto. E dava graças a Deus pelos reflexos do xerife: matou Feur antes que ele tivesse tempo de abrir fogo contra Homer.

Humm...

Enfim...



O arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria levou um tiro em Sarajevo em 1914, o que desencadeou a Primeira Guerra Mundial. A mulher dele foi morta na mesma ocasião. Noventa anos depois, uns caras da Escócia formaram uma banda chamada Franz Ferdinand, motivo pelo qual Virgil estava enfiando uma camiseta do grupo pela cabeça na manhã seguinte, às sete horas em ponto.

Ele queria saber como o pessoal da DEA estava. Parou num posto de gasolina diante do hotel, comprou um pacote de biscoitos recheados e uma Coca: açúcar, gordura e cafeína – um café da manhã bem nutritivo.

Pirelli, que fora transferido para um quarto, estava acordado e Gomez dormia num sofá embaixo da janela.

– Como está indo? – perguntou Virgil.

– Sentindo dor... ah, meu Deus... – gemeu Pirelli.

– E seus rapazes?

– Os dois ainda estão vivos. – Pirelli deu duas batidas na mesinha de fórmica ao lado da cama. – Assim espero...

– E o Harmon?

– Falei com a mulher dele ontem à noite. Ela vem hoje.

– Vai ser brabo.

– É.

Os dois olharam para um canto e depois Virgil perguntou:

– Valeu a pena? Se você desconfiasse que alguém seria morto...?

– Caramba, não, não valeu! – Pirelli balançou a cabeça. – Não conte a ninguém que eu disse isso. Se eu soubesse o que ia acontecer, teria posto o pessoal a 500 metros e fuzilaria Franks, os carros e a casa. Mataria todo mundo. Mas eu não tinha como saber.

– E agora?

Pirelli deu de ombros.

– A imprensa deve aparecer hoje. Os médicos dizem que vou ficar de licença por uns seis meses. Depois volto a Chicago.

– Algum peixe graúdo já reclamou?

Pirelli balançou a cabeça.

– Os mortos são da DEA. Se fossem do FBI, a história seria outra.



Stryker entrou no quarto.

– Bom dia, amigo – disse a Pirelli. Gomez sentou-se no sofá, balançando a cabeça e estalando os lábios. – Acabei de falar com o médico: as coisas não estão tão ruins assim, mas eles vão transferir vocês hoje para Minneapolis.

– Transferir por quê? – reclamou Pirelli.

– Dizem que você precisa reconstruir o ombro – comentou o xerife. – Colocar pinos, essas coisas... Aqui não tem isso.



Conversaram um tempo. Uma equipe da DEA estava vindo de Washington para vasculhar a fazenda e fazer um relatório da ação. A usina de etanol em Dakota do Sul foi tomada sem reação. O lugar de fato fazia combustível, mas o laboratório era uma linha de produção de metanfetamina. Um mandado de busca para Bill Judd Jr. foi expedido em todo o território americano.

Falavam disso quando Stryker recebeu um telefonema e no minuto seguinte desligou, dizendo:

– Cinco minutos.

Virou-se para Pirelli, Gomez e Virgil:

– Bill Judd está morto. Na casa do pai.



Stryker e Virgil foram juntos numa viatura. Gomez e um agente seguiram

num furgão da DEA. Pegaram a Main Street, saíram da cidade, subiram o morro até a entrada do parque e finalmente tomaram a estradinha da casa de Judd.

Quatro viaturas estavam paradas perto do buraco do porão, com um policial ao rádio e outros quatro de pé ao norte da casa, perto do topo do morro. Virgil e Stryker desceram do carro e o xerife cumprimentou o policial que estava mais próximo. Em seguida levaram Gomez e o outro agente até o alto do morro.

– Uma coisa impressionante – disse Big Curly quando os quatro se aproximaram.

– O que aconteceu com ele?

– Os corvos estavam aqui. Mas parece que bateram com uma coisa pesada na cabeça dele. Dá uma olhada... o cérebro...

Judd estava caído de costas, com terno e sapato social. Os dois olhos tinham sido arrancados. Corvos. O topo da cabeça estava deformado. Não parecia tiro, e sim esmagamento. O cérebro estava achatado.

– Tem um pedaço de vergalhão ali – disse um policial. – Estamos esperando a Margo chegar, mas tem sangue nos fios de cabelo dele.

Virgil e Stryker examinaram a peça: um pedaço de aço enferrujado que podia ter sido retirado dos restos da casa.

– Pode ter sido isso.

Não havia ferimento de tiro.

– De uma coisa sabemos – falou Little Curly. – Não foi suicídio.



– O que vocês acham? Será que foi o Feur? – perguntou Gomez.

– Temos de saber a hora da morte, mas não acredito. É o outro cara – respondeu Virgil.

Gomez fez uma careta, deu um giro de 360 graus lentamente, observando as terras da pradaria que se perdiam no horizonte, e disse:

– É cada maluco que vocês têm por aqui...

– Só pode ter sido o Feur! – disse Stryker. – Os Gleason, os Schmidt, os Judd. O Feur fez a limpa!

– Não sei – duvidou Virgil.

Outro carro da polícia parou no terreno e Margo Carr desceu, tirou uma bolsa de equipamentos do porta-malas e subiu o morro.

– Mais um? – perguntou ela.

– Talvez – respondeu Virgil.

– O que isso quer dizer? – perguntou Stryker.

Virgil deu de ombros.

Um pouco abaixo da encosta, outro veículo parou. Era Todd Williamson. O policial junto ao carro estendeu a mão, mas o jornalista passou por ele correndo, subindo o morro ofegante.

Big Curly colocou-se na frente de Williamson.

– Você não pode passar daqui.

– Vá para o inferno. – O jornalista apontou o indicador para Virgil. – Se o gênio ali estiver certo, eu sou parente. O que aconteceu com meu irmão?



Virgil voltou ao hotel, mas antes parou no escritório da contadora. Chris Olafson tinha acabado de acordar. Levantou a persiana da janela, arqueou uma das sobrancelhas ao perceber que era Virgil e abriu a porta.

Ele entrou já fazendo a pergunta:

– Se alguma coisa acontecesse com Bill Judd Jr., isso mudaria alguma coisa no espólio do pai?

– Ele está morto?

– Mortinho. – Virgil descreveu o cenário macabro.

Ela balançou a cabeça e disse:

– Que o Senhor o proteja.

– E o espólio?

Chris estalou a língua e então respondeu:

– Eu teria de dar uma olhadinha na lei. Mas sabe de uma coisa? Acho bem possível que, se Jessica Laymon e Todd Williamson conseguirem provar a consanguinidade com o velho Judd, consigam uma parte maior da herança.

Segundo a contadora, o processo seria complicado, pois dependeria da decisão da Receita sobre a dívida de Júnior, se ela entraria ou não no espólio.

– E com esse maluco matando todo mundo, não sei se eu queria estar à frente.

Virgil agradeceu e foi para o hotel. Desligou o celular, tirou as botas, passou o trinco na porta e se jogou na cama. Pensou que um fio ligava todos os episódios daquele caso. Começava no assassinato do velho Judd e chegava ao tiroteio na casa do pastor. Se ele ao menos encontrasse o fim e o puxasse...

VIRGIL ROLOU PARA FORA DA cama, olhou o relógio – havia dormido por uma hora –, escovou os dentes e ficou de pé sob o chuveiro. No fim de uma investigação, quando os fatos se acumulavam, um cochilo era ótimo para clarear os pensamentos: em vez de se espalharem como migalhas, eles tendiam a se agrupar. E isso havia acontecido.



Com relação a Feur: Jim Stryker estava certo em parte. A primeira vez que Virgil pensou no assunto, achou improvável que dois crimes graves e simultâneos pudessem ocorrer numa cidade do tamanho de Bluestem. No entanto, com eles Feur negou qualquer conexão. O pastor poderia estar protegendo alguém? Parecia improvável. Não a ponto de morrer por isso. Não a ponto de jurar sobre a Bíblia.



Com relação aos outros suspeitos: Stryker ou algum outro policial – os Curly, o tal do Merrill, ou mesmo Jensen ou Carr –, uma das Laymon e Williamson. Será que Virgil estava deixando de perceber alguma coisa? Ele chegou à cidade e desconfiou de algumas pessoas porque foram as únicas que ele viu, as únicas com quem falou ou que ouviu falar? Tinha ido direto para cima do Williamson. Fez isso porque Joan mencionou o nome do jornalista na primeira vez em que ele a encontrou? Pensou e concluiu: não. Poderia ter sido assim, só que o Apocalipse...

O Livro do Apocalipse na casa dos Gleason, a guimba de cigarro no pátio dos Schmidt, o bilhete anônimo e as provas no computador da secretária de Judd. Tudo apontava para Feur ou para Judd e Feur juntos. Virgil estava sendo induzido por alguém.



Um pensamento rápido: a secretária de Bill Judd. Quem era ela? A prova da ligação entre Judd e Feur foi achada no computador dela. Ele ouviu o nome dela, mas não lembrava...



Outra coisa: ele poderia *descartar* alguém? Se descartasse Stryker, Williamson, os Curly, as Laymon e os Judd, perceberia alguma coisa, algum suspeito entraria em foco. Joan era suspeita? Ela se tornou íntima de Virgil no seu primeiro dia na

cidade. Jessica Laymon e a mãe, Margaret? Há quanto tempo esperavam a morte de Judd?

♦♦♦

Não podia esquecer: de alguma maneira o assassino dos Gleason e dos Schmidt, e provavelmente dos Judd, teve acesso ao armário de Jessica Laymon. Stryker esteve lá, disse ele sabia. Quem mais? A mãe dela, claro, mas não tentaria acusar Jessica... não por algum motivo que Virgil conhecesse. Mas qualquer um conseguiria entrar naquela casa. Bastava ter uma faca de manteiga.

♦♦♦

É.

♦♦♦

Virgil pegou a arma, guardou-a sob o blazer, pôs o chapéu-panamá e ligou para Stryker.

– Quando estivemos no escritório do Judd para olhar o computador da secretária... Como era mesmo o nome dela?

– Amy Sweet. Acha que devemos falar com ela?

– Não precisa se incomodar. Mas vou dar uma passada na casa dela para bater um papo. Estou com umas dúvidas. Não entendo por que o Júnior foi morto daquele jeito.

– É. Ainda acho que foi o Feur. Você ainda acha que não foi?

– É, não sei. Depois a gente conversa.

♦♦♦

Amy Sweet era outra mulher de meia-idade que podia ter sido gostosa no passado e agora era gorda demais, enrolada num roupão e com bobes rosa no cabelo.

– Seria um prazer conversar com o senhor – disse ela à porta da pequena casa –, mas preciso estar em Sioux Falls para uma entrevista de emprego à uma hora.

– São só uns minutinhos.

– O que foi aquela agitação agora há pouco? – Ela aproximou o rosto do dele, piscando os olhos. A mulher era míope.

– Ah, houve outro assassinato.

– Ah, não... – Ela atravessou a sala, remexeu numa mesinha de armar diante da TV, encontrou os óculos com aro de aço e colocou-os no rosto. – Quem?

– Bill Judd Jr.

– Ah, não!

– Sra. Sweet, quando examinamos o escritório do seu chefe, encontramos algumas faturas no seu computador. Aparentemente, eram comprovantes de

produtos químicos usados numa usina de etanol em Dakota do Sul.

– Ouvi falar na TV. Era a mesma? Onde eles faziam drogas?

– Era.

– Ah, não!

O “não” da mulher estava deixando Virgil louco. Ela parecia uma comediante de segunda categoria.

– Quem na cidade sabia sobre a usina?

Ela virou o rosto e pôs a mão nos lábios.

– Bom, os Judd, claro.

– Os dois?

– Bom, o Júnior foi quem montou, mas o pai sabia.

Ele pressionou:

– Tem certeza?

– Tenho, ele assinava os cheques.

– A senhora o viu assinar os cheques?

– Não, mas vi os cheques. A assinatura era dele.

– A senhora se lembra de qual era o banco?

Ela balançou a cabeça.

– Não, não lembro. – E franziu a testa. – Nem tenho certeza se o nome do banco estava nos cheques.

– Alguma vez conversou com Júnior sobre isso?

– Não, não, não. Eles queriam o máximo de discrição. Porque, o senhor sabe, quando essa história do etanol começou, parecia um pouco com a do girassol-bateiro.

– E até que ponto foi a discrição? Quem mais sabia? A senhora contou a alguém?

Ele viu a palavrinha chegando, o *nããã*.

– Ah, não! O Júnior me pediu: “Não fale sobre isso... por causa do papai.” Por isso não falei.

– Com ninguém?

Os olhos dela se desviaram. Estava pensando, o que significava que tinha falado.

– É possível. Posso ter comentado com minha irmã. De repente outras pessoas ficaram sabendo também...

– É importante que a senhora lembre.

Ela levou a mão à têmpora esquerda, como se fosse mover o clipe de papel sobre a mesa usando telepatia, e disse:

– Posso ter falado na partida de buraco. Toda semana eu jogo com minhas amigas. Posso ter dito que a usina estava sendo construída. E que algumas pessoas da cidade estavam envolvidas no negócio.

– Certo – disse Virgil. – E quem mais joga buraco com a senhora?

– Bom, vejamos... somos oito ou nove.
Ela fez a lista e Virgil reconheceu apenas um nome.



Quando deixou a casa de Amy Sweet, foi andando até a redação do jornal. Encontrou Williamson conversando com uma leitora. O jornalista olhou rapidamente para Virgil e perguntou com rispidez:

– O que você quer?

– Tenho uma pergunta. Mas eu espero.

– Espere, então. – A camiseta de Williamson tinha manchas de suor debaixo dos braços. – Vai demorar só um minuto.

A mulher queria passar adiante um galheteiro e mais sete utensílios de mesa que pertenceram à sua bisavó e queria o anúncio mais barato possível. Conseguiu vinte palavras por seis dólares, olhando sem parar para Virgil e Williamson e, depois de preencher um cheque com a quantia, disse a Virgil:

– Eu adoraria ouvir sua pergunta.

Virgil olhou-a por cima dos óculos escuros e riu.

– Eu adoraria contar para a senhora, mas infelizmente é assunto particular.

– Então tá. – Ela olhou para Williamson, que deu de ombros.



Quando a mulher saiu, Williamson disse:

– Estou trabalhando. Mas você pode me fazer a pergunta lá trás.

– Ainda está chateado com a busca?

– Você não estaria?

Virgil acompanhou-o através da gráfica. O furgão de Williamson estava estacionado na rua de trás, com as portas laterais abertas. O jornalista estava guardando pilhas dos jornais encalhados no carro, e ainda havia umas 30 dentro da gráfica. Williamson empurrou a porta, pegou duas pilhas pelas tiras plásticas, levou até o furgão e perguntou por cima do ombro:

– O que é?

Virgil pegou duas pilhas e levou-as até o furgão.

– Quando você viu o Júnior pela última vez?

– Há cerca de uma hora e meia.

– Estou perguntando vivo. – Eles andavam de um lado para outro, carregando as pilhas.

Williamson parou e inclinou a cabeça.

– Anteontem. Na hora do almoço.

– Ele apareceu no escritório ontem? – perguntou Virgil, jogando mais duas pilhas no furgão.

– Não, ele não apareceu. Eu fui até lá, queria tirar uma dúvida com ele. O

escritório estava fechado.

– A que horas foi isso?

– Na primeira vez, por volta das nove. Assim que eu cheguei. Depois foi quando começou o tiroteio na fazenda do Feur. Ouvi um policial comentando e resolvi ir até lá, mas os policiais tinham bloqueado a estrada. Antes de sair, passei no escritório dele. Queria contar ao Bill.

– Por quê?

Williamson deu de ombros.

– Não sei. A notícia era importante. Talvez tivesse algo a ver com o pai dele.

– Certo. – Virgil jogou mais três pilhas no furgão, sobrando apenas duas na gráfica. – Então ele não apareceu aqui ontem?

– Não. Eu fiquei aqui até tarde da noite.

Virgil confirmou com a cabeça. Se Judd desaparecera algumas horas antes da confusão na fazenda de Feur, isso significava que tanto Stryker quanto Feur, ou um dos homens do pastor, poderia tê-lo matado.



Williamson se abaixou para pegar as duas últimas pilhas de jornal. Naquele instante, a manga da camiseta subiu e deixou à mostra a tatuagem de uma lua crescente, que tinha um risco formando um olho e um nariz pontudo: o rosto de um homem na lua. A tatuagem era tosca e borrada, feita com a tinta escura de uma caneta esferográfica.

Virgil piscou. Outro Homem da Lua.

Desgraçado.



Deixou Williamson com o furgão, voltou para o carro e ligou para Joan:

– O que você está fazendo? – perguntou.

– Vou a Worthington resolver um probleminha burocrático. E você?

– Estou indo a St. Paul. Talvez passe a noite lá.

– Eu adoraria ir. Mas não tenho escolha. Tenho de resolver essa questão hoje.

– Certo. Vejo você amanhã.

Ela riu do tom dele.

– Vou estar pronta.



Ligou para as Laymon, mas ninguém atendeu. Telefonou para Stryker e perguntou se ele tinha o celular de Jessica. Anotou o número e disse ao xerife:

– Vou dar um pulo em Minneapolis. Volto amanhã.

– Alguma novidade?

– Vou resolver um problema do seguro do carro. E como anda a eleição?

– As pessoas começaram a sorrir para mim. Se ninguém mais for assassinado, vou ser o cara mais importante desta cidade por um bom tempo.



Virgil ligou para Jessica, que atendeu no segundo toque.

– Virgil!

– Jessica, escute. Estou indo a St. Paul. É importante que você e sua mãe fiquem num lugar seguro. Vocês devem ficar sozinhas. Se possível, vão para Worthington ou Sioux Falls e se hospedem num hotel. Só esta noite. Eu volto amanhã.

– Alguém está atrás de nós?

– É possível, então é bom não correr nenhum risco. Fiquem escondidas até amanhã.

– Mamãe está trabalhando.

– Vá buscá-la e fiquem longe de casa.

– Eu estava pensando em sair hoje à noite.

– Jessica, só por garantia, seria melhor você ficar longe de Jim Stryker também.

– Do Jim?

– Só por garantia. Até eu voltar.



Passou no hotel, pegou uma bolsa e seguiu para a estrada. Assim que saiu da cidade, ligou as luzes de sinalização e pisou fundo. Ligou para Davenport. Ele não estava no escritório, mas Virgil o achou no celular.

– Posso pegar Sandy, Jenkins e Shrake emprestados por algumas horas?

– Jenkins e Shrake estão atrás de um cara. Sandy está ocupada com alguma coisa, mas se for importante...

– Estou quase resolvendo os crimes. Só preciso verificar alguns nomes e registros.

– Ela vai ligar para você.



Virgil se lembrava de Laura, mãe de Joan, dizendo que gostaria de ser avó, ver os netos crescerem, e que tinha idade para ter bisnetos.

Laura Stryker não era muito velha. Tinha a mesma idade da mãe de Williamson. A mãe do jornalista podia estar morta, mas era possível que seus avós ainda estivessem vivos. E os avós costumam gostar dos netos.

Portanto, poderia existir alguém em St. Paul que gostaria de ter notícias de Todd Williamson.



Só pode ser Williamson, pensou Virgil.

A cunhada do velho Judd, Betsy Carlson, falou do Homem da Lua. Virgil associou isso à festa do homem *na lua*, na casa de Judd. Mas Betsy estava certa: ela viu o Homem *da* Lua. Conversou com Williamson em algum momento, viu Judd com ele e viu a tatuagem, o que a fez lembrar de tudo.

E Williamson não tinha motivo para falar com Betsy Carlson. A não ser que soubesse que Judd era o pai dele.



Novo fato: quando ele e Stryker puxaram a ficha policial de Williamson, não encontraram nada. Mas a tatuagem no braço do jornalista não parecia trabalho de um profissional, e sim feita numa cela de prisão, com agulha de costura e tinta esferográfica. Talvez ele a tivesse feito do lado de fora, por alguém que esteve preso e que soubesse como fazer. Talvez o desenho grosseiro fosse opção estética. Mas Virgil tinha certeza de que Todd já estivera preso.

Mas por que Virgil não sabia disso? Por que não havia registro? Começou a imaginar um bom motivo...

Olhou o velocímetro: 165 por hora. Ligou mais uma vez para a patrulha rodoviária de Marshall e liberou o caminho à frente. Desligou e em cinco segundos o celular tocou.

Era Sandy.



– Sandy, quero que você encontre os pais adotivos de Todd Williamson. Procure em todos os bancos de dados possíveis. Veja na Receita Federal, na Previdência Social, entre em contato com nossos colegas da Flórida e do Arizona. Faça de tudo para encontrá-los. Ligue para os vizinhos antigos se for preciso.

– Pode deixar comigo – respondeu ela.

– Depois procure por Margaret Lane, morta em 20 de julho de 1969. Tente encontrar a certidão de nascimento. Descubra se os pais dela ainda estão vivos. Eles são os avós de Todd Williamson. Depois procure uma pessoa do sexo masculino com sobrenome Lane nascida em 20 de julho de 1969.

– Ele usava o nome da mãe? – perguntou Sandy.

– Se ele tivesse certidão de nascimento poderia tirar carteira de motorista, e então usar a carteira para se cadastrar na Previdência. Não seria impossível fazer a mesma coisa com o nome dos pais adotivos. Ele então teria dois documentos de identidade oficiais.

– Para quando você precisa disso?

– Estou correndo para aí. Me ligue assim que descobrir alguma coisa. Se encontrar as pessoas, me mande o endereço.

Quando desligou, Virgil olhou o velocímetro: 170. Sempre gostou de

velocidade, mas a caminhonete parecia prestes a desmontar.



Sandy ligou de volta enquanto ele virava para o norte na I-35.

– Encontrei um William Lane, 20 de julho de 1969, com uma prisão em 1987 e duas em 1988. Posse de pequena quantidade de cocaína na primeira e duas acusações de agressão em 1988. Quatro meses no presídio do condado de Hennepin pela segunda agressão. Deixe-me ver.... blá-blá-blá... uma tal de Karen Biggs, vou ver se consigo achá-la...

– Mande por e-mail...



Ela ligou 15 minutos depois:

– Achei a tal Karen Biggs. Atualmente mora em Cottage Grove, com o sobrenome Johannsen. Várias prisões por dirigir embriagada. Também encontrei William Lane. Dividiu um endereço com Todd Williamson em 1988 e 1989.

– Peguei o cara! – disse Virgil.

– É. Ainda não achei os pais.

– Continue procurando. E os avós?

– Ralph e Helen Lane. Ele morreu há muito tempo. Ela ainda está viva, mora em Roseville.

– Me dê os endereços. – Virgil apoiou o caderno no meio do volante, manteve um olho na estrada e anotou as informações.



Dez minutos depois Sandy ligou de novo.

– Os Williamson moram no Arizona. Tenho o endereço, mas não o telefone. Vou tentar conseguir.

– Bom. Se for preciso, fale com os vizinhos. Mande-os dar um jeito.

– Certo. Estou olhando as fotos das carteiras de motorista de Williamson e Lane. São a mesma pessoa. Mas Lane tem barba e usa brinco.

– Mande por e-mail.

Desligou o telefone, continuou com o pé no acelerador e recebeu uma ligação de Davenport enquanto virava para a I-35E ao sul de St. Paul.

– Falei com a Sandy. Ela diz que você está resolvendo o caso.

– Acho que sim.

– Certo. Mantenha contato.



Saiu da I-35E, virou para o leste atravessando a extremidade sul de St. Paul na I-494 e depois rumou para o sul pela Autoestrada 61, chegando a Cottage Grove. Parou na Rua 80, ligou para Sandy, que lhe deu as coordenadas, e seguiu para a

casa de Johannsen.

O filho de Karen atendeu a porta, usando uma calça jeans pescadora que chegava quase na altura do joelho e uma camiseta quatro números maior. O menino segurava um GameBoy e os olhos estavam praticamente fechados. Um cheiro de maconha tomou conta da varanda quando ele abriu a porta.

– Ela está trabalhando – disse o garoto, com a cara fechada.

– Onde?

– No McDonald’s ou no Pizza Hut. Trabalha nos dois lugares. Não sei onde ela está hoje.



Karen Johannsen estava no Pizza Hut, passando pano molhado no salão.

– Tenho algumas perguntas sobre William Lane, que foi condenado por agredir você – disse Virgil, mostrando o distintivo.

– Pode perguntar. Mas isso foi há quase 20 anos. – Era uma mulher baixa, larga, com cabelo preto, olhos castanhos fundos e nariz achatado, parecendo bem mais velha.

– Eu sei. Mas só quero saber como ele era. As agressões foram feias ou só uma briguinha de casal?

– Ele tentou me matar – respondeu Karen, sem alterar o tom de voz. Ela balançou a mão na frente do nariz. Os dois estavam perto da lixeira. – Se fosse um pouquinho mais forte, ele conseguiria. Na primeira vez tentou me acertar com uma cadeira. Só que eu comecei a correr pela casa e ele não me acertou de jeito. Os vizinhos chamaram a polícia. Havia uma patrulha por perto e ela chegou a tempo.

– Por que ele tentou matar você?

– A gente estava bebendo e começou a discutir. Eu trabalhava e ele não. Cai na besteira de dizer que ele não servia para nada, nem para pagar o aluguel. Ele me deu um soco no braço e eu revidei com a bolsa. Então ele ficou fora de controle.

– E a segunda vez? Quando ele foi para a cadeia...

– Nessa vez ele tentou me estrangular – respondeu Karen. A mão dela foi até o pescoço. – William chegou em casa bêbado e eu estava dormindo. Ele me acordou e queria... bom, você sabe... mas eu não queria. Começou a gritar comigo e eu dei uma resposta atravessada. Então, ele pulou em cima de mim e começou a me estrangular. Uns amigos dele que estavam na sala ouviram tudo e vieram me ajudar. Eu não estava mais respirando. Sorte minha que a ambulância chegou logo.

– Foi o fim do relacionamento?

– Foi. Quando ele estava na cadeia eu me mudei. Fui para outro bairro e consegui um telefone novo. Mas mesmo assim eu o via de vez em quando.

Tínhamos alguns amigos em comum. Mas estávamos de saco cheio e ele não apareceu mais. E foi bom. Ele me mataria mais cedo ou mais tarde.

– Alguma vez ele falou sobre os pais?

– Disse que a mãe morreu num acidente de carro. Mas não disse quem era o pai.

– E os pais adotivos? Um pessoal chamado Williamson?

Ela balançou a cabeça.

– Ah... achei que eles só tinham cuidado dele. Ele foi adotado?

– Foi. Quando era bebê.

– Nossa, eu não sabia. Isso piora as coisas.

– Piora.

– É. Eu estive com eles duas ou três vezes, acho. Fui lá com o William. A gente ia tomar uma cerveja e ele tinha a chave. Mas eles eram uns idiotas.

– É?

– É. Acreditavam em escravidão. Viviam dizendo quanto William devia a eles em dinheiro. Ele fugiu aos 14 anos. Morava na rua quando eu o conheci. Fugiu porque os dois queriam que ele trabalhasse o tempo todo na loja. Diziam que era para pagar o próprio sustento, mas garotos com 14 anos não precisam trabalhar 60 horas por semana. Era o que eles queriam. Sem brincadeira, eram uns idiotas.

– Alguma vez William usou o nome de Todd Williamson?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Para o pessoal com quem ele andava era sempre William Lane.

– Era um cara legal ou era ruim? Isto é, quando estava sóbrio.

– Não era má pessoa quando estava sóbrio. – Karen olhou para o próprio polegar. Estava sujo de glacê, que ela limpou na lixeira. – Mas a barra pesava quando estava bêbado. Só que isso foi há 20 anos, ele era um adolescente. Se você trabalhar nesta loja aqui, vai ver que muitos adolescentes não valem nada. Mas eles acabam mudando quando ficam velhos.

– Você acha que o William mudaria?

Ela deu de ombros.

– Não sei. Você já viu cachorro que só apanha? Quando ele sai mordendo os outros não adianta dizer que ele é louco.

Sandy ligou.

– Achei a avó. Está em casa. Falei para ela ficar lá.

– Ligue e diga que estarei lá em meia hora.



Virgil despediu-se de Karen Johannsen e seguiu rumo ao norte, chegando em 20 minutos a um bairro com gramados verdes, calçadas esburacadas e casas antigas, estilo rancho. Dois adolescentes cabeludos empinavam suas bicicletas no meio da rua.

Helen Lane, avó materna de Williamson, estava sozinha na sala, assistindo à televisão, quando Virgil estacionou diante da garagem. Ela veio à porta, mas não a abriu, falando através da tela.

– Não sei onde o Todd está. Nem quero saber. Sei que esteve preso por um tempo. Ele fez mais alguma coisa?

– Ele fez alguma coisa com a senhora?

– Ele roubava meu dinheiro. Entrava escondido e levava minha pensão.

– Como ele descobriu que a senhora era a avó dele?

– Ele era inteligente. Puxou a inteligência da minha filha. Acho que os Williamson tinham algum documento. Talvez a certidão de nascimento.

– Ele descobriu quem era o pai verdadeiro?

Ela franziu a testa.

– Nenhum de nós sabia. Não creio que Margaret soubesse. Ela fazia muita besteira.

– A senhora nunca soube?

– Não... e depois que ela morreu não havia como descobrir. Nenhum homem apareceu para perguntar sobre isso.

– E o bebê?

– Foi adotado. Não tínhamos dinheiro. Meu marido era doente. Trabalhava consertando telhados e acabou com a coluna – disse a senhora, lamentando-se. – Eu trabalhava fora, por isso resolvemos entregar o bebê.

– É?

– É. Para uma boa família.

VIRGIL PAROU NO MCDONALD'S NA volta para Bluestem, ficou comendo no acostamento e seguiu com o carro cheirando a Quarterão com Queijo e batata frita, indo em direção ao pôr do sol, pensando que o passado de Williamson não era exatamente como ele imaginava. Era compreensível a teoria do cachorro que só apanha, de que Williamson era louco, abandonado pelos pais. E, por mais que fosse uma história triste, um cachorro louco ainda é um cachorro louco.

A outra teoria era igualmente compreensível: criança órfã que sofre abuso dos pais adotivos e foge de casa. Mas de alguma maneira dá um jeito na vida, entra para o exército, aprende uma profissão e se torna um cidadão respeitável.

Virgil, que tinha bom coração, dava preferência à segunda teoria. Mas sua mente de policial dizia: um cachorro louco ainda é um cachorro louco, mesmo que não seja sua culpa.



Chegou a Bluestem pouco antes das onze. A casa de Larry Jensen estava iluminada como uma árvore de Natal e, quando saiu do carro diante da garagem, Virgil sentiu o chão tremer a seus pés, como se um terremoto estivesse atingindo a cidade.

Tocou a campainha e em cinco segundos a mulher de Jensen veio à porta. Era miúda, estava suada e grávida. Acendeu a luz da varanda e Virgil sentiu novamente o tremor. Ela espiou pela janelinha da porta, depois abriu-a e disse:

- Você é o Virgil.
- Sou eu mesmo. O Larry está?
- Está lá embaixo arrebentando o porão. Aconteceu alguma coisa?



Jensen estava sem camisa e quebrando o piso do porão com uma marreta. Aquela parte da casa era muito antiga e agora as paredes estavam sem qualquer tipo de revestimento, com os tijolos todos à mostra.

Virgil desceu a escada no momento em que Jensen investia contra o chão, com a marreta rachando um trecho do concreto. Ele se virou e seus olhos se estreitaram quando ele viu Virgil. Enxugou a testa e perguntou:

- Houve alguma coisa?
- Vai construir um banheiro, é?
- Sim, vamos ter mais um filho – respondeu ele, encostando a marreta na parede. – Agora serão três garotas e um menino. Um banheiro só não vai dar

conta... Então, o que traz você aqui?

– Preciso fazer uma pergunta, Larry. Se a popularidade do Stryker afundar, você vai se candidatar a xerife?

Jensen olhou-o por um momento, sem dar um pio. E depois:

– Por que você quer saber?

– Larry, confie em mim. Só responda à pergunta.

Jensen enxugou a testa com a palma da mão, limpou a mão na calça e disse:

– Não. Estou feliz assim. Vou completar 25 anos de serviço quando fizer 45 e então talvez parta para alguma coisa nova. Quero ter duas fontes de renda.

– O poder não atrai você.

Jensen balançou a cabeça:

– Qual é a sua, Virgil? Não, o poder não me atrai!

– Venha. Pegue seu paletó. Precisamos fazer uma visita.

– É meia-noite, Virgil. O Jim sabe disso?

– Pegue seu paletó, Larry. Precisamos fazer uma visita e eu não vou sozinho. Preciso de uma testemunha. E Margo Carr... ligue para ela também. Jim não precisa saber, porque seria embaraçoso para ele, se soubesse. Oficialmente.

Jensen pôs as mãos na cintura.

– Ai, ai, ai.

– Larry...



Pegaram uma chave no armário de provas e foram calados até a casa dos Schmidt.

– Isso me preocupa. Não gosto disso – falou Jensen.

– Eu também não.

A casa dos Schmidt estava escura e silenciosa e parecia envolta numa atmosfera sinistra. Pararam sob a luz do quintal e Jensen seguiu na frente, brincando:

– Você não tem medo de fantasmas, tem?

– Não. Mas eu prefiro que eles não apareçam.



Dentro da residência, ligaram o computador. Virgil abriu o e-mail de Roman e foi direto para a caixa de entrada. As mensagens dos Curly haviam desaparecido, como Virgil imaginava.

– Isso não quer dizer nada – falou Jensen.

– Mais ou menos. Afinal, por que eles apagariam isso?

Um par de faróis varreu o quintal e no minuto seguinte Margo Carr bateu à porta e entrou.

– O que foi?

– Preciso que você leve este computador para a sua casa – ordenou Virgil. – Amanhã quero que entre em contato com o laboratório de criminologia de St. Louis e pergunte se é possível recuperar arquivos apagados do HD. Deve ser simples.

Ela olhou para Virgil e Jensen sem ter a mínima ideia do que estava acontecendo.

– O que estamos procurando?

– Os e-mails de Roman Schmidt – respondeu Virgil. – Todos.

♦ ♦ ♦

Virgil encontrou Stryker e Jensen às nove horas da manhã do dia seguinte, na sala do xerife.

– Onde está o Merrill?

– Já está vindo – respondeu Stryker. – Larry me colocou a par da situação. Acho que você deveria fazer isso em outro lugar. Poderia usar uma sala do tribunal.

Virgil confirmou com a cabeça e disse:

– E os caras da DEA? Melhoraram?

– Sim. Falei com Pirelli hoje de manhã... Mas o que você vai fazer, Virgil? Você não contou ao Larry o que...

– Falo com você daqui a pouco. Mande o Merrill me procurar assim que ele aparecer. – E piscou para Jensen: – Vamos ver se aquela sala está livre?

♦ ♦ ♦

Já dentro da sala, Virgil fechou o trinco da porta e virou-se para Jensen:

– Quando você vai terminar aquele porão?

– Virgil, não estou a fim de conversa-fiada. Esses caras são meus amigos.

– Então é isso? Eles fazem uma besteira e nós fingimos que não vimos nada?

Jensen deu uma gargalhada, balançando a cabeça.

– Vou me lembrar da sua pergunta quando eles vierem atrás de mim.

– Mudando de assunto: alguém na cidade ensina ressuscitação cardiopulmonar? Mostra como reanimar uma pessoa com aqueles bonecos?

Jensen ficou confuso.

– Os bombeiros fazem isso nas escolas. Por quê?

– Besteira, só para a gente ganhar tempo. – Ouviram passos no corredor e Virgil baixou o tom de voz. – Aí vem um.

♦ ♦ ♦

Merrill entrou, olhou para Virgil e perguntou a Jensen:

– Você chamou?

Virgil disse:

– Naquele dia no banheiro você me disse que o carro de Jessica Laymon não estava no incêndio... E onde você estava? Eu não vi você lá.

– Estava impedindo que as pessoas se aproximassem do fogo. Eu vi você.

– Você disse que não viu o carro da Jessica. Você prestou atenção em todos os veículos?

– Não.

– Então por que suspeitou dela?

Merrill enfiou os polegares no coldre da arma, o que não deixava de ser um gesto agressivo para um policial.

– Ovi dizer que ninguém a viu. E como *eu* também não vi, pensei que você deveria saber.

– Mas quem falou isso?

O olhar de Merrill foi até Jensen.

– O que está acontecendo, Larry?

– Nada de mais. Só estamos tentando descobrir quem pode ter dito isso.

– É confidencial.

– Não para nós – retrucou Virgil. Sua voz era tranquila e baixa. – Se eu precisar levá-lo diante de um juiz para você abrir o bico, farei isso sem problemas. Você vai perder o emprego, claro. Sem dizer que há o risco de passar uns anos na prisão de Stillwater.

– Do que você está falando? – rosnou Merrill. – Eu estava lhe dando uma dica.

Virgil olhou para Jensen.

– É melhor ler os direitos dele. Nunca imaginei fazer isso com um policial.

– Que diabo está acontecendo? – retrucou Merrill, assustado.

– Precisamos realmente saber quem falou isso – disse Virgil. – Nada vai acontecer a você, Merrill. A não ser que você não abra o bico...

Merrill olhou para Jensen e de volta para Virgil.

– Meu Deus! Foi Little Curly quem me contou.

Virgil deu um sorriso.

– Viu? Foi bem fácil. Eu já suspeitava dele. Agora pode ir. Só não conte a ninguém. E não estou brincando. A situação é complicada, então é melhor ficar na sua.



Os Curly entraram na sala juntos. Jensen tinha mandado Little Curly encontrar o pai. O filho estava de uniforme, ao passo que Big Curly, de folga, usava uma bermuda vermelha e uma camiseta que deixava a barriga à mostra.

– Sentem-se – disse Virgil.

Os dois se acomodaram e Big Curly perguntou a Jensen:

– O que houve, Larry?

– Vocês vão falar comigo. Larry está aqui como testemunha – respondeu

Virgil.

Big Curly olhou para o filho e então perguntou a Virgil:

– Que história é essa?

– Vou estabelecer algumas regras básicas – cortou Virgil. – Vocês não são obrigados a falar nada. Mas depois o problema vai ser de vocês. Um dos dois colaborou com o assassino dos Gleason, dos Schmidt e dos Judd...

– O quê? Você está maluco? – perguntou Big Curly, olhando para o filho e para Jensen, balançando a cabeça sem parar. – Larry, você está doido?

– É melhor ouvir o que ele tem a dizer – respondeu Jensen.

Virgil continuou:

– Eu sei que um de vocês colaborou. Mas se preferirem fazer jogo duro, eu chamo um promotor e a gente resolve a situação de outra maneira.

– Juro que não sei do que você está falando – disse Little Curly.



Virgil perguntou:

– Quem foi à casa dos Schmidt e apagou os e-mails de Roman?

Os Curly se entreolharam, e então o pai disse, com penetração:

– Fui eu. Mas não tinha nada a ver com os crimes. Era um negócio pessoal.

– Eu sei, sobre a eleição. Apreendemos o computador e vamos recuperar as mensagens. Mas vocês estiveram na casa com mais alguém depois das mortes?

– Eu, não. Por que faria isso? – respondeu Little Curly, balançando a cabeça.

– Nem eu – emendou o pai.

– E a casa dos Gleason?

Little Curly balançou a cabeça novamente, mas Big Curly ficou imóvel e gemeu baixinho:

– Aquele desgraçado do Williamson!

– Então você o levou até lá? Mas por quê? – perguntou Virgil.

– Por causa da eleição. – Big Curly olhou para Virgil. Seus olhos estavam molhados, como se ele fosse começar a chorar. – Eu estava tentando agradar o Todd. A única maneira de ganhar a eleição é ter o jornal ao seu lado. A situação do Jim estava se complicando com os assassinatos.

Virgil virou-se para Little Curly:

– Você mandou Merrill me dizer que Jessica Laymon poderia ter algo a ver com os assassinatos, que o carro dela não estava lá em cima na noite do incêndio. Ele *estava* lá. Por que você sugeriu o contrário?

Little Curly balançou a cabeça.

– Eu só vi a Jessica, mas não o carro. Estava conversando com o Todd e ele puxou o assunto.

– Vocês viram o Todd lá em cima?

Pai e filho se entreolharam e então Little Curly respondeu:

– Bom, na verdade, não. Achei...



– Por que você mesmo não me contou sobre a Jessica? – perguntou Virgil.

– Porque... Ah, droga, porque eu não queria falar com você.

– Por causa da eleição? Porque Jim estava saindo com a Jessica e, se você a jogasse na fogueira, o Jim acabaria indo atrás?

– Todd disse que ela não estava lá. Eu também não a vi. Então achamos que você deveria saber – respondeu Little Curly, balançando a cabeça.

– E queimar o Jim por tabela?

– Vá para o inferno! – gritou Little Curly.

– Certo, certo – retrucou Virgil. Em seguida, ele perguntou a Big Curly: – Quando você entrou na casa com o Williamson, ele chegou a ficar sozinho?

– Bom... talvez por alguns minutos. Ele olhava uma coisa, tomava notas... eu posso ter me distraído.



– Jim brigou com você por não ter visto o Livro do Apocalipse? – Virgil perguntou a Jensen.

O policial deu de ombros.

– Nada de mais. Ele chamou Margo e a mim à sala dele e disse que nós deveríamos ter visto. Comentou que era vergonhoso você ter visto antes. Não foram os momentos mais agradáveis da minha vida de policial.

– Você não viu porque o livro não estava lá – retrucou Virgil. – Williamson colocou quando Big Curly o levou até a casa. O objetivo era desviar nossa atenção para o Feur. Ele fez a mesma coisa com a guimba de cigarro no quintal dos Schmidt. Ele tinha certeza de que iríamos encontrar. Eu sabia que Feur fumava e achei que fosse Marlboro. Isso acabaria aparecendo alguma hora, se houvesse alguma dúvida. Um julgamento.

– Por que ele faria tudo isso? – perguntou Little Curly. – Pelo dinheiro do velho Judd?

Virgil balançou a cabeça.

– Não. Basicamente, porque é pirado. Mas também é esperto a ponto de achar que iria se livrar dessa. Não creio que ele pudesse ter evitado cometer os assassinatos. Ao menos os cinco primeiros: os Gleason, os Schmidt e o velho Judd. Já Judd Júnior pode ter sido queima de arquivo.

Virgil foi até o bebedouro da sala, tomou um copo d'água e continuou:

– Mas depois que matou os Gleason acho que ele decidiu colocar a culpa em Feur como garantia. Como a redação do jornal fica ao lado do escritório dos Judd, e ele sabia que Júnior e o pastor tinham negócios em comum, poderia lançar suspeitas sobre Feur. Por isso, a primeira providência foi plantar o Livro

do Apocalipse na casa dos Gleason. Depois a guimba do cigarro no terreno dos Schmidt. E, para piorar, colocou os arquivos no computador da secretária do Judd.

– Como se tivessem sido postos de propósito? – perguntou Jensen.

– Não sei. Mas quando Jim os viu, fez a ligação entre amônia anidra, etanol e metanfetamina rapidamente. A coisa era óbvia demais.

– O escritório de Williamson tem uma ligação interna com o dos Judd – disse Big Curly. – Há um depósito nos fundos comum aos três escritórios. Ele poderia entrar por lá tranquilamente. Williamson costuma trabalhar até tarde. Ninguém acharia estranho se o visse sair do escritório no meio da madrugada.



– O negócio de pôr a culpa no Feur ainda pode funcionar – disse Jensen.

– Pode – concordou Virgil. – Um bom advogado de defesa vai ligar Judd e Feur aos Gleason e aos Schmidt. Esses últimos ajudaram a encobrir um assassinato.

– *O quê?* – Jensen não entendeu nada.

– Ainda é segredo – respondeu Virgil. – Conto depois.

Os três policiais se entreolharam.

– O que você vai fazer? – perguntou Big Curly.

– Por enquanto, nada. Fiquem de olhos abertos e boca fechada.

– É só isso? – perguntou Little Curly, já se levantando.

Virgil confirmou com a cabeça.

– É. Minha intenção é manter essa conversa entre as quatro paredes desta sala. Mas acho que vocês devem abandonar o plano de se eleger. Talvez seja uma boa ideia demonstrar apreço à reeleição de Jim Stryker.

– Droga! – reclamou Big Curly.

– Seis pessoas morreram até agora. Não seria boa ideia todo mundo saber do seu relacionamento com Williamson num ano de eleição.

Big Curly olhou para o rosto de todos e disse:

– Existem coisas que não estão certas.

Little Curly o interrompeu:

– Cale a boca, pai! – E disse a Virgil: – Está combinado. Vamos apoiar o Jim. – E voltou ao pai: – Vamos embora, vamos embora.

Pai e filho saíram, mas alguns segundos depois Big Curly voltou e meteu a cabeça para dentro da sala.

– Desculpe – disse. E saiu.

– E agora? – perguntou Jensen. – Não sei se temos material suficiente para uma condenação...

– Tenho de resolver um problema – disse Virgil. – Volto no início da tarde.



Jessica Laymon estava sentada ao balcão, comendo um cheesebúrguer e falando com um sujeito de cabelo à escovinha e rosto vermelho, cujo braço estava muito perto do dela. Os dois tomavam cerveja. *O traseiro dela fica fantástico num banco de bar*, pensou Virgil, enquanto parava ao lado e dizia:

– Olá, querida. Cheguei tarde?

O sujeito de rosto vermelho fuzilou Virgil com os olhos e Jessica disse:

– Oi, Virgil. – Em seguida apontou para o lado e disse: – Esse é o Chuck.. hã...

– Marker – completou o sujeito.

– Marker é subxerife no condado de Kandiyohi – explicou ela. – Temos amigos em comum em Wilmar. Chuck, esse é Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal. Ele está tentando impedir que eu seja assassinada.

Marker se empertigou no banco.

– O quê?

– Ela está no meio de um... vocês se conhecem há quanto tempo? – perguntou Virgil, olhando de um para o outro.

Marker pegou o copo.

– Uns 10 minutos. É melhor voltar para minha reunião.

Quando ele foi embora, Jessica sorriu, deu um tapinha no braço de Virgil e disse:

– Isso não foi legal.

– Bom, não tenho muito tempo. Estou aqui para convencê-la a fazer uma coisa que você não vai querer.

– Vou precisar usar um microfone escondido?

– Não usamos mais grampos. Mas o equipamento é parecido. Quero que você bata um papo com Todd Williamson.

– Ele ligou duas vezes para meu celular, mas não atendi.

– Coma seu sanduíche. Também vou pedir um cheesebúrguer. Depois ligamos para ele. Fiz um roteiro para você.

– Você acha que foi ele?

– Talvez. As provas estão se acumulando.

– Acha que ele confessaria para mim?

– É difícil dizer. Mas a gente nunca sabe do que uma mulher bonita é capaz..

– Está bem. – Ela riu e ergueu o indicador para o garçom. – Bill, traz um sanduíche para esse cara aqui, por favor.

VIRGIL PEGOU A EXTENSÃO, OUVIU quatro toques e Williamson atendeu.

– Todd – disse Jessica. – Desculpe a demora, mas você me ligou, não foi?

– Liguei. Era só para comentar que conversei com o juiz Solms e ele disse que nós deveríamos fazer o exame de DNA. Ele sugeriu o mesmo laboratório que a polícia utiliza. Um funcionário do tribunal ou um policial teria de servir como testemunha. Eu ainda tenho minhas dúvidas quanto à paternidade, ao contrário de você.

– Ora, é claro que você é filho de Bill Judd! Está na cara!... E como é o exame? Eles coletam nosso sangue?

– Não, é mais simples. O kit vem com um cotonete, que a gente esfrega no interior da boca para coletar saliva. Não dói nada. É como escovar os dentes.

– Sem problemas. – Jessica parecia interessada. – O que eu faço? Ligo e marco uma hora?

– Isso. O laboratório pode pedir que Margo Carr esteja presente para garantir que tudo seja feito corretamente.



Virgil achou que ele ia desligar e fez um movimento circular com o indicador para Jessica. Ela entendeu e emendou outro assunto:

– Eu queria falar com você sobre Virgil Flowers. Estou ficando confusa com essa situação. Outro dia, mamãe e eu visitamos Betsy Carlson numa casa de repouso em Sioux Falls. Você conhece a Betsy?

– Sei quem é, mas nunca a conheci.

– Bom, na última vez em que nós fomos lá ela estava meio esquecidinha. Contamos algumas coisas recentes. Dissemos que Bill Judd morreu e que achávamos que o nome dela estivesse no testamento. Ela ficou muito agitada e comentou que tinha visto o Homem da Lua. Depois ficou repetindo isso sem parar.

– Jessica, o que eu tenho a ver com isso?

– Uma vez eu vi que você tem uma tatuagem do homem da lua no braço. Achei que ela pudesse estar falando *disso*. E o Virgil andou me perguntando sobre esse assunto, já que eu tenho uns brincos com a mesma imagem. Você sabe que negócio é esse de Homem da Lua?

– Não – respondeu Williamson. – Com certeza Betsy não estava falando de mim. Nós nunca nos vimos!

– Sei lá... como você se parece um pouco com o Bill Judd, talvez tivesse

entrevistado ela...

– Não. Nunca entrevistei. Ela foi internada bem antes de eu chegar aqui.

– Certo. Mesmo assim eu queria falar sobre o Virgil. Estou em Worthington com minha mãe e só vou voltar tarde. A gente pode se encontrar no McDonald's de Bluestem? Devo estar de volta às 10 da noite.

– Deixe-me pensar... a que horas eles fecham?

– Às 11.

– Tudo bem. Às 10 no McDonald's. Vou trabalhar até tarde hoje.

– Até logo, então.

Ela desligou e Virgil bateu uma mão na outra.

– Excelente!

– Você acha *mesmo* que foi ele? – perguntou Margaret Laymon. Ela ficou sentada o tempo todo ao lado da filha e não piscou uma única vez durante todo o telefonema.

– Provavelmente. Mas não tenho certeza. Se ele aparecer hoje à noite poderá cavar a própria sepultura. Ou se inocentar. Mas pelo menos eu me livro de um suspeito importante.

Margaret olhou para a filha.

– Eu lhe disse, menina. Ele é um policial de verdade!

QUANDO OS POLICIAIS DE FORA da cidade estavam em volta do bufê, Virgil percebeu que um, Steve Jacobs, era do condado de Dodge, e os dois haviam trabalhado juntos meses antes. Alguns minutos depois do telefonema, apresentou Jessica a ele. O policial estava conversando com Roger Clark, oficial do condado de Goodhue. Virgil contou a eles sobre os assassinatos em Bluestem e disse que Jessica corria perigo.

– Seria bom se vocês pudessem ficar de guarda-costas dela até a noite – sugeriu.

– Eu guardaria as costas dela por um bom tempo – disse Jacobs.

– Eu também – concordou Clark.

– Rá, rá – respondeu Jessica, gostando de ser o centro das atenções.

– Estou falando sério – disse Virgil. – Não quero você dando sopa. Todd é esperto e, até descobirmos um modo de pegá-lo, é melhor ter cuidado.

– Mamãe e eu planejávamos fazer compras e na volta ir ao cinema.

– Vocês não devem ficar sozinhas. Volto às oito para colocar o equipamento de escuta. Se você achar que há alguma coisa errada, fale com o Steve ou o Roger.

– Pode deixar.

– Não se preocupe. Vamos ficar de olho nela – disse Jacobs.

– Aonde você vai? – perguntou Jessica a Virgil.

– Vou até os bombeiros aprender a RCP e depois vou vigiar o Todd.

– RCP?

– Ressuscitação cardiopulmonar. É uma técnica que pode salvar vidas.

Ela franziu a testa e depois balançou a cabeça.

– Tudo bem. Mas não fique sozinha.

Virgil deixou-as com Jacobs e Clark e parou no quartel dos bombeiros. Um homem enorme, com as pontas do bigode viradas para cima, recebeu-o, levou-o a um armário de equipamentos e abriu uma das portas.

– Vamos lá – disse ele.



Na volta a Bluestem, Virgil ligou para Joan.

– Onde você está?

– No correio.

– E depois vai para onde?

– Humm... Talvez para casa, ver televisão. O que você está fazendo?

– Tentando conter meu espírito animalesco.



Virgil achava que a vantagem do sexo durante o dia era que você conseguia ver. As mulheres não gostavam tanto, o que era compreensível, porque ficavam vendo o homem, e homem fazendo sexo não é tão interessante. Pelo menos para Virgil. Mulheres, sim. Motivo pelo qual ele gostava do sexo durante o dia.

– Preciso parar com isso e ter um relacionamento mais regular – disse Joan.

– Você tem um relacionamento regular.

– Uma vez ou outra é regular, mas não é frequente. Preciso de algo regular e frequente. Não a qualquer hora do dia.

– Nem uma “rapidinha no almoço”?

– Caramba, as pessoas não usam essa expressão há 50 anos! Você parou no tempo!

– Ouvi quatro vezes desde que cheguei aqui. Acaba grudando na cabeça.



Joan se virou na cama.

– Qual é o grande mistério?

– Descobri que Todd Williamson vai se entregar hoje à noite. Ou se livrar. Aceito qualquer uma das opções.

As sobrancelhas dela se levantaram.

– Como vai conseguir isso?

– É complicado e confidencial. Se eu o inocentar... Humm. Deixa para lá.

Quando estava saindo do quarto, Virgil notou uma pilha de folhas coloridas na mesa da cozinha.

– Seguro agrícola – disse Joan. – Qualquer documentação do governo tem quadruplicata, quintuplicata ou sei lá o quê. E demora dias para preencher. E você tem de preencher tudo de novo na safra seguinte.

Virgil olhou os formulários.

– Meu Deus, não consigo nem entender.



Virgil saiu da casa de Joan e passou pelos fundos do jornal.

Viu o carro de Williamson estacionado. Provavelmente o jornalista estava na redação. Ficou parado no estacionamento de uma loja de ferramentas por 20 minutos, observando a sede do jornal de longe, a dois quarteirões de distância. Levou o carro até o estacionamento do McDonald's, parou atrás de uma árvore e ficou vigiando o jornal bem de frente, sentindo-se invisível.

Quarenta e cinco minutos depois, Williamson saiu do prédio, atravessou a rua no meio do quarteirão e entrou na Pizzaria do Johnnie. Saiu em cinco minutos

com uma caixa de pizza, um copo de refrigerante e atravessou a rua de volta para a redação.

Williamson estava trabalhando. Virgil ligou para Stryker.

– Preciso de você e cinco policiais hoje à noite. De preferência Big e Little Curly, Jensen, Margo e mais um. Às oito em ponto.

– O que vamos fazer?

– Vigilância e talvez uma prisão. Dou os detalhes às oito no tribunal. Diga para todo mundo chegar na hora e ficar de boca fechada. Não quero que nenhum outro policial saiba.

– Você acha...

– Alguma coisa pode acontecer. Ou não. Não posso arriscar.



Quando desligou o telefone, Virgil passou mais 10 minutos assistindo ao noticiário. Cinco horas. O resto do dia iria se arrastar. Marcou o encontro entre Williamson e Jessica para depois do anoitecer porque achava que o assassino se sentiria mais seguro. Menos pessoas nas ruas. Se ele seguisse Jessica mais tarde, seria mais fácil vigiá-lo.

Ainda assim era muito tempo de espera. Voltar à casa de Joan? Melhor não. Pensou nisso, ligou o carro e voltou para Worthington.



Margaret e a filha estavam no quarto assistindo a um filme passado em Londres no início do século XX.

– A gente está vendo um filme. Será que podemos conversar depois? Faltam só 20 minutos.

– Temos tempo – disse Virgil, encaminhando-se para o lobby do hotel. Tomou uma cerveja, assistiu ao fim de um jogo de beisebol e voltou para o quarto às sete.



Comentou com Jessica:

– Há um pequeno risco para você, mas não a ponto de ele atacá-la dentro de uma lanchonete do McDonald's. Só por segurança, teremos um policial do lado de fora tomando um sorvete. Deve ser Margo Carr. Ela vai estar armada.

– Se Todd for realmente um lunático – disse Margaret –, como saberemos que ele não vai ter um ataque e sair matando as pessoas?

– Porque se ele for um lunático, é de um tipo especial, que planeja e é meticuloso. Ele até pode fazer alguma coisa, mas não na frente de todo mundo.

– O que você acha que ele vai fazer? – perguntou Jessica.

– Vai ficar jogando conversa fora, tentando descobrir o que você está

planejando. Depois vai segui-la e acertá-la de longe com uma espingarda. Outra possibilidade é parar o carro a alguns quarteirões e andar até a casa de vocês, matando vocês duas dentro de casa. É o que espero que ele faça...

– Você está *esperando* que ele faça isso? – perguntou Margaret.

– Jim Stryker, eu, Big e Little Curly e Larry Jensen estaremos de tocaia. Margo vai estar no McDonald's. Haverá mais dois policiais aqui dentro da casa: vamos deixá-los um pouco mais cedo. Preciso de uma chave da porta. Então Jessica vai até lá, conversa com o Todd, depois entra no carro e vai embora. E quando chegar à estrada, pisa fundo. – Ele olhou para Jessica. – Dirija o mais rápido possível!

– Eu me sinto ótima a 140 por hora!

– Está bem. Você só tem alguns quilômetros até a saída da estrada. Se conseguir uma pequena distância, ele não vai conseguir alcançá-la antes de chegar aqui. Teremos dois policiais num carro à sua frente. Quando chegar, entre pela porta dos fundos e vá direto para o porão. Os dois tiras vão rodar por mais dois quarteirões e voltar a pé. Resumindo: teremos dois policiais dentro da casa, para o caso de ele entrar atrás de Jessica, dois do lado de fora, e mais dois logo atrás.



– O que eu vou fazer nesse tempo todo? – perguntou Margaret.

– Queria que você ficasse aqui – pediu Virgil. – Ou no meu hotel lá em Bluestem. Você vai saber de tudo o que estiver acontecendo.



Virgil pegou o aparelho de escuta de dentro de uma bolsa. Juntos, os dois microfones e o transmissor eram do tamanho de uma caixa de fósforos.

– Isto é um rádio – disse Virgil, mostrando-o às duas mulheres. – Há dois microfones minúsculos. Funciona basicamente como um celular, mas a captação do áudio é superior. Vamos fixar os microfones no peito e o transmissor às costas. Iremos ouvir e gravar a conversa entre vocês dois.

Virgil estava nitidamente empolgado. Falava com os olhos fixos em Jessica.

– Quando se encontrar com ele, pergunte de novo sobre a tatuagem da lua. Questione o fato de ele não saber que era filho de Judd. Como um repórter criado em St. Paul e Minneapolis não saberia onde o pai estava? Pergunte se ele tem avós e se eles não saberiam disso. Ele não vai querer que você faça essas perguntas. Na realidade, nem vai deixar você fazê-las. Acho que ele vai sair correndo atrás de você.

– E se ele não fizer isso? – perguntou Jessica. – Se ele for para casa dormir?

– Bom, então teremos de recomeçar do zero. Mas ele não telefonou à toa. Pelo menos, eu acho...

- Eu queria acabar logo com isso – disse Jessica.
- Todos nós, Jessica – respondeu Virgil. – Então, pode tirar a blusa?



Quando saiu de Worthington pela segunda vez, às sete e meia, Jessica estava pronta, com o equipamento de escuta testado duas vezes. Às oito e cinco Virgil entrou no tribunal. A luz do dia começava a cair, com as sombras se alongando pela Main Street e a luz vermelha se refletindo nas janelas voltadas para o oeste. O pôr do sol aconteceria pouco antes das nove.

Stryker estava esperando com Big e Little Curly, Jensen, Margo e dois tiras chamados Padgett e Brooks.

Virgil se inclinou sobre a mesa de Stryker.

– Juntei provas que revelam que Todd Williamson pode ter assassinado os Gleason, os Schmidt e os Judd. Jessica vai entregar as provas para ele e espero que isso provoque alguma reação. Os dois vão se encontrar no McDonald's às 10. Depois, ela vai voltar para casa o mais rápido possível. Padgett e Brooks – Virgil acenou para eles – já estarão na casa dela. Jim e Larry irão monitorar Williamson desde antes do encontro e o acompanharão até a lanchonete. Quero Big e Little Curly ao sul do McDonald's, em carros separados. Quando Jessica for embora, os dois irão *na frente* até a casa dela. O restante vai atrás.

– E eu? – perguntou Margo.

– Sua tarefa é um pouco mais delicada – respondeu Virgil. – Quero você à paisana. Assim que Williamson chegar ao McDonald's, você vai descer do carro, entrar na lanchonete e pedir um sorvete. Depois saia e sente-se num dos bancos do lado de fora. Mas não se esqueça da arma. O sujeito é perigoso.

– Para mim está ótimo! – comentou, sorrindo.

– E você, onde vai ficar? – Stryker perguntou a Virgil.

– No meu carro. Vou ficar estacionado mais para trás. Mas estarei o tempo todo no rádio, monitorando o encontro.

– Duas perguntas – disse Brooks, levantando o indicador.



– Certo – disse Virgil. – Vamos aos detalhes. Precisamos chegar ao local às nove, uma hora antes do encontro. Williamson vai estar na redação, mas vamos ficar de olho nele. Nunca se sabe... – Foi até um mapa de Bluestem na parede atrás da mesa de Stryker e apontou para uma esquina. – Acho que Stryker e Jensen devem ficar aqui e aqui, cobrindo as portas da frente e de trás da redação.



Quando Virgil terminou, Margo fez uma pergunta:

– Se o Todd não fizer nada nós simplesmente vamos embora?

– Não. Estamos provocando o Williamson. Ele não vai querer que Jessica Laymon fale comigo depois. Acho que vai fazer alguma coisa. Se Jessica for para um lado e Williamson para outro, vamos atrás dele. Quero que Padgett e Brooks passem a noite na casa da Jessica. – Ele olhou para os dois policiais. – Se nada acontecer, eu encontro vocês amanhã cedo e mando a Jessica se esconder até pensar em outra coisa.

– Isso me parece meio arriscado... – disse Brooks, um pouco vacilante.

– É arriscado mesmo – respondeu Virgil. – Mas na situação atual não há como incriminá-lo. Claro, a não ser que ele tente matar mais alguém... temos de correr esse risco.

– Veja bem, não sou contra a operação – disse Brooks. – Só estou dizendo...

– Já entendi – concordou Virgil. – Também estou preocupado. Mais do que você.



– E se ele não for o responsável pelas mortes? – perguntou Jensen.

Virgil deu um sorriso. Estava aguardando aquela pergunta.

– Dá quase no mesmo. Se Williamson não for o culpado, estaremos perto do criminoso, e com todos os detalhes nas mãos.

– Mas que detalhes? – perguntou Stryker.

Virgil deu de ombros.

– Tenho algumas anotações. Mostro a você mais tarde.



Repassaram novamente os detalhes da operação, que não tinha grandes mistérios, e terminaram às oito e quarenta e cinco. Todos estavam agitados e ansiosos para agir. Às nove Virgil já estava dentro do carro, ligando para Jessica.

– Pronta para a farra?

– Pronta. Um pouquinho nervosa também.

– Melhor ainda. Está tudo preparado. Margo Carr vai ficar do lado de fora. Pronta para entrar caso você grite. Ela vai estar armada. Vou ficar numa esquina mais atrás. Telefone assim que estiver saindo da estrada, para Margo ficar a postos. Quando se aproximar do McDonald's, ligue o rádio. Vou verificar se o som está chegando limpo. Não saia do carro antes do meu sinal.

– Sem problema. Vou sair daqui às oito e meia.

– Mantenha contato. Você tem meu celular. Qualquer coisa me ligue.



Às nove e dez Virgil estava abaixado entre duas lixeiras de plástico com um celular num ouvido e um rádio da polícia no outro. Stryker ligou:

– Williamson está na redação. Acabei de ver a cabeça dele pela janela.

– Não tem ninguém na casa dele – disse Jensen. – Agora estou atrás da redação, vigiando o beco.

No minuto seguinte:

– Continuo vigiando o beco. O carro dele está lá.

Mais um minuto e foi a vez de Stryker:

– Vi a cabeça passar de novo. Ele está trabalhando.



Stryker viu o jornalista mais duas vezes, enquanto o relógio se aproximava das nove e meia.

Virgil deu um comando geral:

– Certo, todos a postos. Jessica já saiu de casa. Margo, você está aí?

– Estou saindo de casa. Chego aí em dois minutos.

– Big Curly?

– Aqui.

– Little Curly?

– Vigiando o McDonald's.

– Fiquem calmos!

O próprio Virgil não estava tão calmo. Ficou atrás das duas lixeiras segurando a espingarda, olhando seu carro do outro lado da rua. Nove e trinta e dois. Nove e trinta e cinco.



A situação era a seguinte: Virgil achava que Williamson tinha 30% de chance – ou uma em três – de ser o assassino. Se a suspeita se confirmasse e o jornalista fosse até o McDonald's, Jessica falaria tudo o que Virgil havia contado a ela: sobre o passado dele, o sobrenome Lane, que ele deveria saber que era filho de Judd, sobre falar novamente com Betsy... Se tudo acontecesse conforme planejado, Williamson iria seguir Jessica até a casa dela e tentaria matá-la. E então eles o pegariam.

Mas Big e Little Curly já tinham dado provas de que conseguiam fazer grandes besteiras. O pai estava presente na noite da morte de Margaret Lane: poderia saber que ela tinha sido espancada antes do acidente. Não havia dúvida de que eles alteraram um local de crime. Os dois disseram que Todd Williamson apontou Jessica Laymon como suspeita, e Big Curly afirmou que o jornalista esteve na casa dos Gleason e que pôde ter plantado o Livro do Apocalipse. Mas isso era o que os Curly diziam.

Havia uma alternativa plausível: um dos Gleason, ao saber sobre o encobrimento dos fatos na morte de Margaret Lane, havia abraçado a religião. Talvez por causa da influência de George Feur. E, ao temerem pela alma, começaram a falar em livrar-se dos pecados. Dessa forma os Gleason foram

mortos por alguém envolvido no encobrimento: Big Curly.

Judd suspeitou de alguma coisa e foi morto.

Roman Schmidt começou a juntar as peças: os Schmidt foram mortos.

Trinta por cento, pensou Virgil.



Mas a família Stryker também estava envolvida. Eles tinham motivos para se livrar dos Judd: o velho Judd matou o pai de Jim e Joan e o marido de Laura. E, quando Amy Sweet contou a Virgil que comentou sobre a usina de etanol com as amigas do buraco, a única pessoa do grupo cujo nome Virgil reconheceu foi o de Laura Stryker. Portanto, ao menos uma pessoa da família sabia que Judd estava produzindo etanol, um esquema que era semelhante ao do girassol-batateiro.

Pensou que era possível que os membros da família Stryker – um ou todos eles – não quisessem que Williamson fosse inocentado, como Virgil havia sugerido. E Jim Stryker tinha um histórico de violência, como Jessica tinha comentado. Matou George Feur e o homem chamado John sem mover um único fio de cabelo. Vinte por cento: um ou todos eles.



Havia uma possibilidade, que nunca seria esclarecida caso fosse verdadeira, de que *George Feur* estivesse por trás de tudo, como Jim Stryker acreditava. Havia um bom motivo para isso: Stryker não era idiota. Quinze por cento.



Margaret Laymon era outra possibilidade, mas Virgil não acreditava que ela plantaria a pistola na bota da filha. Ou não conseguia entender o motivo por que ela faria isso.

E havia os que corriam por fora: Jensen e Margo Carr. *Alguém* havia posto o Livro do Apocalipse e a guimba de cigarro. E sabia que a perita os recolheria.

Mais 15%.



O resultado era um total de 110%.



Mas cada suspeito estava agora separado. Um deles talvez estivesse preocupado. Deixara todo mundo com a pulga atrás da orelha ao dizer que tinha mais informações sobre quem poderia ser o assassino.

E um deles, o louco, o Homem da Lua, poderia aparecer com uma arma disposto a acabar com o problema de Virgil Flowers.

E se ninguém fizesse isso? Então talvez *fosse* George Feur.

Talvez.



Olhou o relógio. Nove e quarenta.

Tem de ser Williamson, pensou. Ele ainda estava na redação.

Se fosse outro, já teria aparecido.

Então Lunar saiu das sombras.

VIRGIL TINHA ACABADO DE LIGAR para Stryker:

- Alguma novidade?
- Nada. As luzes continuam acesas.
- Você viu...?



Nesse momento, um vulto saiu de trás de uma árvore do outro lado da rua. Estava todo de preto, a não ser pelas tiras reflexivas na lateral do tênis. Era difícil vê-lo, mas era um homem. Não podia ser Williamson, pois o jornalista ainda estava na redação.

O assassino correu em silêncio, abaixado e em posição de combate, até a traseira do carro de Virgil. O vulto levantou o cano da espingarda ao chegar à porta do veículo. Deu um passo atrás, fez mira e disparou um único tiro, que parecia um trovão rasgando a noite, com um clarão de gás explodindo através da janela do carro... explodindo a cabeça do boneco utilizado no treinamento de ressuscitação cardiopulmonar que estava sentado ao volante.

No clarão, Virgil reconheceu o rosto.



– Williamson, largue a arma! – gritou Virgil.

O jornalista não parecia exatamente um atleta, mas se virou, engatilhou a arma e disparou. As palavras mal haviam saído da boca de Virgil quando um clarão passou perto dele, jogando-o ao chão. Rapidamente o investigador respondeu com sua espingarda, mas Williamson já havia desaparecido. Virgil ficou com a impressão de que seu tiro passou perto do jornalista, porém teve a certeza de que uma espingarda não era a arma certa para um tiroteio.

Desgraçado do Williamson!

Ouviu Stryker gritando pelo rádio. Virgil pegou o aparelho e berrou:

– Williamson está aqui com uma espingarda! Veja se não voltou correndo para a redação! Está armado com uma espingarda! Tenham cuidado! Permaneçam nos carros!

– Você está bem? Você está bem? – O xerife continuava gritando.

– Estou bem. Só um pouco assustado. Fiquem calmos. Vamos cercá-lo. Margo, você está aí? Jensen?

– Como foi que ele saiu, como ele saiu? – o xerife não parava de berrar.



Fizeram contato. Todos de carro.

– Estou indo pelos trilhos, estou indo pelos trilhos – disse Little Curly.

– Estou nos fundos da loja de ferragens – falou Big Curly.

Em alguns segundos, a sirene da Defesa Civil soou por toda Bluestem. O operador da central falou pelo rádio:

– Estou acordando a cidade inteira. Acionei a Defesa Civil. Em cinco minutos todo mundo vai estar de pé. Williamson já era.

– Vocês acham que ele voltou pela Poplar Street? Se ele foi para o rio, vai ser difícil achá-lo – disse Margo, um tanto ansiosa.

– Tommy, peça à Defesa Civil que mande um alerta à população. Ninguém deve sair de casa! – gritou Jensen.

– Louie Barth acabou de ligar. Alguém passou correndo pelo beco atrás da casa dele – disse o operador.

– Estou perto, vou seguir pelo beco – emendou Margo.

Virgil, que jogava o boneco decapitado para o banco de trás do carro, gritou:

– Cuidado, Margo! Ele pode emboscar você! Para onde eu vou, para onde eu vou?

Virgil percebeu luzes piscando ao norte e seguiu naquela direção, reparando que mais luzes apareciam no retrovisor. O operador da central gritou:

– Chamei todo mundo, estamos indo atrás de você, Margo!



Virgil ouviu o estrondo de uma espingarda perto, a no máximo dois quarteirões de distância.

– Ouvi tiros, ouvi tiros! – Viu as luzes à frente, virou à esquerda, à esquerda novamente e encontrou uma viatura do outro lado da rua, ao lado de um corpo. Stryker estava de pé e berrava pelo rádio:

– Margo caiu, foi atingida. Williamson roubou o carro dela. Está indo para o leste pela Clete, virando ao norte na 75.

Virgil desceu do carro. O xerife estava desesperado:

– Ela está morrendo!

– Leve-a ao hospital. – Juntos, colocaram-na no banco de trás do carro de Stryker. Margo tinha ferimentos no rosto e no pescoço. Estava semiconsciente, mas o sangue jorrava do seu pescoço. Stryker foi embora e Virgil gritou pelo rádio: – Tommy, ligue para o hospital. Margo levou um tiro de espingarda. Vai precisar de um cirurgião e de sangue.

– Acho que vi o cara, acho que vi o cara! – gritou Jensen.

– Vi também, está indo para o norte pela 75... – emendou Big Curly

– Estou indo para o sul pela 75. Acabei de passar pela Ambers. Ainda não localizei o elemento – disse um terceiro policial.

Virgil arrancou com o carro e viu as viaturas saindo da cidade. Olhou pelo

retrovisor e viu um carro colado ao dele. Todos os policiais de serviço participavam da perseguição.

– Ele virou no parque, virou no parque. Está subindo para a casa do Judd – gritou Jensen.

Virgil deu a ordem para a central:

– Tommy, coordene as viaturas em volta do perímetro do morro. Não queremos todo mundo lá em cima. Diga para direcionarem as luzes para o alto. Os policiais devem ficar fora do carro, atentos para o caso de Williamson descer a pé.



Virgil estava 200 metros atrás de Big Curly, que estava 200 metros atrás de Jensen, que estava 800 metros atrás de Williamson. Virgil avistou Williamson subir o morro, seguido pelas lanternas traseiras de Jensen, que se iluminaram quando ele freou para passar pelos portões do parque. Logo Big Curly diminuía a velocidade e em seguida era o próprio Virgil quem reduzia.

– Cacete! Ele tomou a direção do penhasco, rumo ao salto do Búfalo. Caramba, ele está indo direto para lá. Meu Deus! – gritou Jensen.

Virgil fez a curva e estava olhando para o alto do morro quando viu as luzes do carro de Williamson, que quicava entre um calombo e outro, desaparecer.

– Ele se jogou – berrou Jensen. – Meu Deus do céu, ele se jogou!

A voz de Virgil estava mais alta do que nunca:

– Tommy, quero os homens lá embaixo. Larry, pare onde está e vire os faróis aqui para baixo. Big Curly, chegue perto do Larry e ilumine a encosta. Estou subindo. Aposto que ele pulou antes de o carro cair pelo despenhadeiro.

Em menos de um minuto Virgil parava perto de Jensen, com as luzes do seu carro viradas para a encosta. Não percebeu nenhum movimento. Desceu da caminhonete, foi até Jensen e Big Curly e disse:

– Saiam da frente das luzes.

– Não vejo ninguém – comentou Jensen. Ele e Big Curly estavam com suas espingardas. Virgil destrancou a mala do carro, abriu a caixa de ferramentas e tirou o fuzil e dois pentes. Em seguida pegou da bolsa de lona a camisa camuflada que usava para caçar perus.

– Vocês, fiquem aqui. Vigiem a encosta. Se não rolar pelo precipício, ele vai aparecer. – Virgil enfiou um pente no fuzil e liberou a trava. – Se virem o Williamson, gritem. Não vou levar o rádio. Isso iria me denunciar.

– Aonde você vai? – perguntou Big Curly.

– Vou dar a volta no morro. Se ele não estiver morto lá embaixo, deve ter ido até o topo.

– Cara, talvez a gente devesse esperar – disse Jensen.

Virgil balançou a cabeça.

– Não posso. Se ele sair desse morro, aí já era. É milharal até perder de vista. Mais cedo ou mais tarde vamos pegá-lo... Larry, peça aos policiais que formem um cordão de isolamento ao redor da montanha. Assim ele vai levar mais tempo para fugir.

– Podemos trazer os cachorros – sugeriu Big Curly.

Virgil estalou os dedos.

– Ótimo. Faça isso agora mesmo. Coloque os cachorros lá embaixo. O ideal é que eles fiquem latindo o tempo todo. Williamson vai achar que estão subindo o morro.

– Mas a gente sobe ou não com os cachorros? – perguntou Big Curly.

– Não, não. Se ele achar que está cercado, vai descer atirando. Não queremos policiais nem cachorros mortos... Estou indo. Fiquem de olho na encosta. Se vocês o virem, já sabem...

– Vá com calma – recomendou Jensen. – Vá com calma.

– Se ele estiver lá embaixo, comecem a buzinar. Eu volto.



Nos tempos de escola, no sexto, no sétimo e talvez no oitavo ano, antes de descobrir que havia mulheres no mundo, Virgil e seus amigos brincavam de guerra. Nas tardes frescas de verão, um pouco antes de a noite cair, os meninos se espalhavam pelas árvores do bairro. As maçãs, do tamanho de uma bola de golfe, serviam de munição para o exército. Arremessada de perto, a fruta deixava um belo hematoma no inimigo.

Uma coisa que os meninos aprendiam rápido era que no escuro, mesmo sob a luz da lua – e uma lua cheia iluminava o morro que Virgil agora contornava –, você nunca sabia o que era a silhueta de uma pessoa ou uma simples sombra. Portanto, você precisava se mover devagar, seguindo o ritmo da lua, que entre uma nuvem e outra iluminava o terreno. Se não aprendesse o compasso, tornava-se alvo das maçãs.



Aquela brincadeira de infância estava no sangue de Virgil, aprimorada por anos de caçadas. Ele deslizava no capim, que chegava à altura das coxas, corria agachado, abaixava-se e engatinhava. Quando as luzes das viaturas ameaçavam revelá-lo, Virgil desviava-se, Tateando o caminho ao encontrar pedras pontiagudas, sentindo os galhos dos arbustos, os espinhos das rosas.

Williamson havia basicamente deixado o carro descer morro abaixo, do mesmo modo como acontecera com sua mãe, mas antes saltou pela beira do penhasco. Se ele havia pulado antes de o carro despencar, só existiam três opções: descer o morro a oeste, subir e contornar o lado norte ou subir o morro pela face leste. O sul estava fora de cogitação, porque era onde ficava o

penhasco.

Virgil não acreditava que Williamson desceria pelo lado oeste, pois isso o levaria direto aos policiais, além de obrigá-lo a atravessar a estrada do parque. Havia a possibilidade norte, mas ele iria em direção às luzes de Jensen e Big curly.

Provavelmente, pensou Virgil, *Williamson optou pelo leste, paralelo ao penhasco*. Desse modo, evitaria a estrada que terminava na casa de Judd. Passaria um pouco abaixo das ruínas do incêndio, viraria ao norte, atravessaria pelo topo do morro e, pelo outro lado, entraria no milharal sem fim. A plantação era alta a ponto de ele conseguir correr sem ser notado. Em algum momento ele entraria numa fazenda à procura de um carro.



Se Virgil estivesse certo, cruzaria o caminho de Williamson acima da casa de Judd.

Se estivesse errado, se o jornalista tivesse ido para o norte e atravessado a estrada, Williamson estaria atrás ou logo acima dele.

Isso não era bom.

Parou durante 10 segundos, prestando atenção ao redor. Conseguia ouvir homens gritando longe. Williamson havia saltado do carro. Ouvia os grilos, o capim estalar na brisa, as asas do falcão noturno. Prestou o máximo de atenção possível. Nada.

Continuou em frente.



Williamson se afastou do carro, correndo para dentro da noite, com a espingarda apertada contra o peito, sem nenhum destino em mente. Tinha feito uma grande besteira e estava pagando por isso.

Sabia que Virgil estaria diante do McDonald's. Seu raciocínio foi: *Até que ponto ele acha que sou idiota?* Afinal, por que Jessica Laymon telefonaria para ele com aquela conversa-fiada sobre seu passado? O encontro era uma armadilha, Williamson nunca teve dúvidas.

Por isso pensou em pegá-los de surpresa: era bem possível que Virgil mantivesse a investigação em segredo. Afinal de contas, Stryker e os outros também eram suspeitos. Se o jornal estava sendo vigiado, a solução era sair pelo terraço, descer pela escada de incêndio, pegar Virgil enquanto ele estivesse no carro e depois fazer o caminho de volta, subindo novamente pela escada de incêndio.

O risco era grande, mas o serviço precisava ser terminado. Virgil não o deixava mais em paz. E a situação poderia piorar se ele soubesse como os Williamson tinham morrido.

Se conseguisse... E ele era bom.

Imaginava Virgil morto enquanto *ele* estava sob vigilância.

A espingarda era de Judd Jr., um bom motivo para não suspeitarem dele. Poderia usá-la e depois jogá-la numa lata de lixo qualquer.

Repassou cada detalhe da ação, sentiu medo, repassou novamente e ensaiou. No último minuto foi até o telhado e viu duas pessoas de tocaia – conhecia todos os carros de Bluestem, e não seria diferente com os de Stryker e de Jensen – e teve certeza de que tudo sairia bem.

Apavorado, vestiu a blusa preta de gola rulê. Na noite quente, suave com as luvas e a calça preta.



Na volta, destruiria a blusa e as luvas no fragmentador de papel, jogando tudo descarga abaixo.

Meu Deus, que risco.

Meu Deus, que maneiro.

Então vamos. Então vamos.



Quase conseguui.

Teve certeza de que havia apagado Virgil. Tinha visto a cabeça pela janela do carro. Assim que a espingarda disparou, sentiu uma alegria intensa e começou a correr. No entanto, alguém chamou seu nome e ele se virou. Viu um rápido movimento e não hesitou: disparou novamente a arma e percebeu que era...

Até que ponto ele acha que sou idiota?



Todo o resto se resumiu a pânico. Ele estava a pé, podia ouvir os carros da polícia à sua volta, com as luzes e as sirenes se aproximando, e viu Margo chegando pelo beco. Ele se jogou para dentro de uma cerca viva e quando ela chegou...

Bum!



Entrou no carro. Podia ouvir os policiais gritando no rádio de Margo Carr enquanto ele a jogava para a rua. Virou a esquina, mas percebeu as luzes ficando mais intensas no retrovisor. Não havia pensado aonde ir, mas estava seguindo rumo ao norte. As viaturas não paravam de se comunicar pelo rádio. Os homens gritavam sua localização. Sentiu o cerco se apertando.

Não iria longe naquele carro.

Porém, atos de heroísmo não faziam parte do seu estilo.

Virou sem pensar na estrada que levava até o parque e depois dobrou rumo à casa de Judd. O rádio estava a todo volume, com luzes atrás e ao redor do morro. Virou na direção do despenhadeiro que matou a mãe dele. O pensamento foi seguir em frente, colocar um ponto final na história.

Não tinha coragem.

Saltou do carro no último segundo, sem se esquecer da espingarda.

Rolou pelas pedras na escuridão, enquanto o veículo de Margo Carr sumia no despenhadeiro.



Engatinhou alguns metros, levantou-se e começou a correr. Caiu e ralou os joelhos. Resolveu ir mais devagar.

Mais devagar. Começou a se arrastar pela vegetação, com o cano da espingarda batendo nas pedras. Voltou a engatinhar e a andar abaixado, afastando-se das luzes logo abaixo das ruínas da casa de Judd. Seguiu ao longo do penhasco para ir embora, rumo a qualquer lugar.

E ouviu uma pedra rolando, um passo. Parou.

As luzes vinham de baixo, com vozes de homens gritando, mas ali em cima o breu era total, um silêncio assustador.

Outra pedra. Não estava sozinho. Seria um búfalo? O lugar era cercado, logo nada de búfalos. Um cervo?

Poderia ser o desgraçado do Virgil.



Virgil sentou-se sob um grupo de ameixeiras, nenhuma com mais de dois metros de altura. Estava sobre um pequeno monte de pedras. Sua mira o impedira de ser um bom lançador de beisebol na universidade, mas a força do seu braço não era de se jogar fora. Pegou umas pedras e as arremessou no escuro, ouvindo-as bater bem longe, atento a qualquer reação.



Ouviu um barulho uns 30 metros abaixo. Suspeitou que fossem passos. Jogou uma pedra: tudo ficou ainda mais silencioso. Interessante. Jogou mais outra pedra e passou a mão no fuzil. Nada. Mais outra...



Williamson logo percebeu a movimentação. Alguém movia-se à sua direita, chutando sem querer algumas pedras. Fez uma conta rápida: restavam três cartuchos. Tinha de ser Virgil. Pensou em atirar, mas desistiu. Em vez disso, sem ele próprio acreditar, gritou:

– Virgil? É você?



Virgil escutou a voz nitidamente. Vinha de baixo, à direita de onde jogava as pedras. Deitou-se no chão e esticou o fuzil à sua frente.

– Todd? Você está bem?

– Estou me cagando de medo!

– Sabemos que você tem uma espingarda. Margo vai ficar bem. Ela se cortou, mas não vai morrer. É melhor se entregar!

– Você não vai atirar em mim? – Williamson perguntou, desconfiado.

– Você deve conhecer minha história. Deve saber que eu atirei 14 vezes num homem e errei. Todo mundo na cidade sabe disso. Não quero nenhum tiroteio.

– Judd matou minha mãe!

– Eu sei. Consegui essa informação com um legista. Judd bateu nela com um taco de sinuca. Ela estava quase morta quando caiu no penhasco. Você foi *mesmo* um bebê do milagre!



Williamson conseguiu enxergá-lo. Virgil não estava a mais de 10 metros. Estava quase invisível naquela escuridão. Mas *ele* também devia estar quase invisível para Virgil. Levantou-se, apontando a arma na direção da voz.

– Eu me entrego! – gritou. – O que você quer que eu faça?

– Jogue a espingarda...

Williamson apontou a espingarda, disparou e então...



Estava caído de costas, a espingarda a alguns metros de distância, e seus olhos estavam fixos na lua quase cheia. Ouviu Virgil gritando, então uma luz forte o cegou e Virgil estava ajoelhado ao lado dele.

A dor era lancinante: da cintura para baixo a sensação era de ardência. Conseguiu dizer a Virgil:

– Acho que não fui muito inteligente.



– Não foi – respondeu Virgil. Em seguida deu um tapinha no ombro de Williamson, sem saber o que fazer. – Espere aí que vamos levar você num minuto. – Ele se levantou e girou a lanterna. – Aqui! Precisamos de uma maca. Rápido!

Homens corriam montanha acima e Virgil sentou-se novamente ao lado de Williamson.

– Foi você quem atirou em mim e em Joan na piscina?

– Ahh! – disse o jornalista. Era um misto de dor e consentimento. Havia sido ele. Por isso ele não conhecia um lugar melhor para deixar o carro e um melhor

ponto de aproximação. Williamson não tinha nascido em Bluestem, nunca havia levado sua garota para namorar na piscina.

– Mais uma pergunta, antes que todo mundo chegue...

Os olhos de Williamson estavam se fechando, mas ele conseguiu responder à pergunta, antes que Jensen chegasse tropeçando nas pedras. Stryker também se aproximou, acompanhado por mais policiais, e começaram a carregar Williamson.

Mas era tarde.

A bala de fuzil tinha rasgado a artéria femoral do jornalista, arrancando um pedaço que não era maior do que um caroço de milho. Mas foi o bastante.

Na metade da descida Todd Williamson estava morto.

VIRGIL E JOAN LEVARAM UMA cesta de piquenique até o alto do morro, atrás da piscina natural. Abriram um cobertor, comeram um sanduíche de carne defumada e ficaram observando as nuvens. Virgil estava chateado. Nunca havia matado ninguém, apesar do tiro que dera no pé de uma mulher certa vez.

Joan sentiu o incômodo dele e preferiu falar de outras coisas, tentando aliviar o clima. A mulher falava sem parar, mas não estava funcionando:

– ... definitivamente apaixonado. Quando Jim se casou pela primeira vez, foi como se eles fossem *obrigados* a se casar. Namoraram no colégio e por isso se casaram. Mas a união nunca deu certo. Não havia química.

– Espero que dê certo agora. Jessica é maravilhosa. Eu vi os dois hoje e eles pareciam bem felizes.

– Pelo menos o Todd já era – disse Joan. – Nas últimas semanas meu irmão estava apavorado demais. – Ela olhou para Virgil. – Ei, em que está pensando?

– Desculpe... em nada.



Davenport ligou na manhã seguinte ao tiroteio e a primeira coisa que perguntou foi:

– Como *você* está?

– Ele não encostou em mim.

– Não foi isso que eu quis dizer. Como está sua cabeça?

– Não sei.

– Mantenha-me informado – disse Davenport. – Você sempre foi sensível. Isso me preocupa.

– Certo.

– Virgil, o cara era como um motorista bêbado e você, o muro – disse Davenport. – Não é culpa do muro se o bêbado morre.

– Certo.

– Quando você volta? Não estou pressionando. Você está de licença até a reunião.

– Eu vou voltar. Antes tenho umas coisinhas para resolver aqui.

– Mas fique tranquilo, Virgil. Se precisar, existem uns remédios muito bons. Eles ajudam. Falo isso por experiência própria.

– Obrigada, cara. Depois eu ligo.



Assim, Virgil e Joan voltaram a observar as nuvens: encontraram um elefante, um arbusto em chamas e a bunda de um homem gordo, com um pequeno ânus azul através do qual passava um raio de sol. Joan então perguntou:

– Por que você ficou tão obcecado pelo Todd?

– Por causa do Apocalipse. O Livro do Apocalipse na casa dos Gleason. Foi colocado lá de propósito. Não estava nas fotos da cena do crime. Há umas 200 fotos da casa dos Gleason e em nenhuma delas aparece o livro. A casa estava lacrada. Nem os parentes podiam entrar. Logo, só podia ter sido um policial ou alguém acompanhado por um policial. Quando Big Curly confessou que havia levado Williamson lá, a ficha caiu. Se bem que eu ainda não tinha descartado a possibilidade de ter sido Big ou Little Curly. Ou outro tira.

Depois de um minuto de silêncio, ele acrescentou:

– Ah, cara...

– Sei que está chateado, mas felizmente isso terminou.

– É.

– Virgil, só havia duas alternativas: era você ou ele a levar o tiro!

– Eu sei, eu sei. Mas Margo também levou um tiro. Terá de passar por seis cirurgias. Ela vai ficar um mês no hospital e depois fazer fisioterapia. Soube que vai ter de enxertar a pele da coxa no pescoço.



Joan ficou um longo tempo olhando para ele.

– Meu Deus, Virgil, esquece isso... o cara era maluco!

Deitado de costas, com a cabeça apoiada nas mãos, ele disse:

– Conversei com o Williamson minutos antes de ele morrer. Você não acha estranho? Um policial interrogar um sujeito que está agonizando?

– Você não sabia que ele estava morrendo...

– Mas eu atirei com um fuzil... o resultado não poderia ser diferente...

– É, Virgil...



Em seguida viram uma melancia, que não passava de uma nuvem oval, e um cachorro de três patas. Ou seria uma galinha de três patas, depois que o vento dissolveu o focinho?

– O que você perguntou a ele?

Virgil remexeu o traseiro no cobertor e respondeu:

– Perguntei sobre a mulher que ligou e disse que ele era filho de Bill Judd. Perguntei se era uma mulher velha ou nova.

Longo silêncio. Depois:

– Ah, droga...

– Isso mesmo. Ele disse que era nova.

Concentraram-se em outra nuvem, até que ela perguntou:

– Quem era a outra candidata?

– Sua mãe. Amy Sweet falou com as amigas do buraco que Judd estava entrando no ramo do etanol há uns quatro anos. Perguntei quem jogava. Sua mãe era uma delas.

– E como isso...?

– Foram várias coisas. Eu não podia simplesmente deduzir que Williamson sabia que era filho do Judd. Falei com a mãe de Margaret Lane e *ela* não sabia. Ela disse que *Margaret* não poderia ter certeza, mas suspeito de que ela soubesse. Talvez ela e Judd estivessem discutindo a gravidez na noite da festa do homem na lua.

Virgil arrancou uma haste de capim comprida e mordiscou a base, sentindo o sabor doce.

– Mas se ninguém em St. Paul ou Minneapolis sabia, a coisa tinha de ter saído daqui. E quem colocaria Todd Williamson em contato com os Judd? Alguém muito ressentido com Judd. E quem seria? Os Stryker. Logo descartei o Jim. E então você me disse que não ficou muito abalada com a morte do seu pai, pois era nova demais, fato diversas vezes contestado por sua mãe. Ela disse que o suicídio do seu pai deixou você arrasada.

Virgil tirou a haste de capim da boca e cuspiu a seiva longe. E voltou a falar:

– E você passou todos esses anos aqui na fazenda, tentando juntar os pedaços. E se aproximou de mim no dia em que cheguei à cidade, sugerindo que Williamson poderia ser o criminoso. Depois recebi aquele bilhete do nada. Tentei descobrir quem tinha uma máquina de escrever, mas não consegui nada. Mas então você estava com as várias duplicatas do seguro agrícola. Elas tinham sido preenchidas com uma máquina de escrever.

– Droga, droga, droga. – E seguiu-se um período de silêncio. – Quando Williamson atirou no boneco dentro do carro, você achava que fosse ele? Ou Big Curly, Jim ou eu?

Ele balançou a cabeça.

– Não achei que fosse você. Tínhamos a prova da cueca samba-canção de Roman Schmidt, que sugeria que não tinha sido uma mulher.

Ele teve de explicar.



– Como você o encontrou? – perguntou Virgil. – Como descobriu que ele era maluco?

– Eu não sabia que ele era maluco. – Ela se sentou e abraçou as pernas. – Sabia que Júnior estava com problemas financeiros e que o velho andava mal de saúde. Quando ouvi minha mãe falar do negócio do etanol, nós duas achamos que era mais uma armação. A picaretagem do girassol-batateiro estava se

repetindo e levaria um monte de fazendeiros à falência.

Joan abraçou as pernas com mais força e prosseguiu com seu raciocínio:

– Eu não sabia o que fazer. Então pensei: sempre existiu o boato de que o Judd era pai do filho de Margaret e de que ele provocou aquele acidente. Por isso pensei: e se outro herdeiro aparecesse? E se a fortuna de Judd fosse alvo de uma disputa judicial? Se os detalhes da usina de etanol se tornassem públicos? E se alguém processasse o velho Judd por causa daquela morte? Várias coisas poderiam ter acontecido. Talvez a gente até descobrisse onde foi parar o dinheiro do girassol-bataiteiro.

Ela respirou fundo e continuou:

– Mais ou menos nessa época, a internet estava se popularizando. Havia diversos grupos que ajudavam filhos adotados a encontrarem os pais verdadeiros. Eu entrei na página de um deles e descobri como isso era feito. Acabei encontrando Todd Williamson. Liguei para ele. Disse que ele era herdeiro de uma fortuna.

– E então?

– Não aconteceu nada durante um tempo. Mas de uma hora para outra ele apareceu. Não pediu nada a ninguém. Chegou a Bluestem como editor do jornal. – Ela franziu a testa e sacudiu o cabelo. – Não sei como ele conseguiu o emprego, mas isso me deixou bastante desconfiada. Eu sabia que ele *sabia*, mas eu não podia dizer nada. Achei que ele estivesse esperando o velho morrer ou talvez já tivesse falado com o coroa e feito algum acordo.

– Você esperou?

– Três anos. Quando os Gleason foram mortos, nem me passou pela cabeça que pudesse ser o Todd. Juro por Deus. Então o velho Judd foi assassinado e o Jim pensou... e você também... que os dois crimes estivessem relacionados. Isso me deixou assustada.

– Você deveria ter feito alguma coisa.

– Deveria... eu de certa forma disse a você, mas achei que... as pessoas iriam pôr a culpa em mim. E eu não tinha certeza de que os crimes estivessem relacionados. Não mesmo.

– E por isso me mandou um bilhete...

– Porque ninguém estava fazendo nada com relação aos Judd. E me parecia que o pai e o filho estavam no meio disso tudo. Se estavam armando mais uma tramaio, isso não revelaria algo sobre os assassinatos? Quando você e o Jim correram atrás, você descobriu o Feur... eu não sabia que ele estava envolvido no negócio do etanol. Eu só sabia do Judd. E então Jim teve *certeza* de que os crimes eram coisa do Feur ou da turma dele. Por isso deixei o Todd para lá. Mas você descobriu bem depressa...

– Mas de certa forma você matou os Schmidt, Joan...

– Ah, droga – disse ela. – Eu pensei nisso, pensei mesmo. E também nos Gleason. Mas sabe de uma coisa? Os Gleason mataram a si próprios. E os Schmidt também. Com os Johnstone não seria diferente, caso fossem mortos. Todos acobertaram um crime medonho e o resultado foi a chegada de Todd Williamson. Eles colheram aquilo que plantaram.

– Meu Deus.

– E Deus não aprovaria isso...



Depois de um tempo, Joan perguntou:

– E o que você vai fazer a respeito?

– Nada. Vou para casa.

– Só isso? – Ela parecia surpresa.

– Acho que você fez besteira, Joan. Mas não tenho certeza de que cometeu um crime. Se cometeu, não posso provar.

Ela suspirou e se esticou novamente no cobertor.

– Ah, que coisa, Virgil.

– É.

Voltaram a observar as nuvens. Viram uma explosão atômica, um pênis semiereto e não circuncidado e o chapéu do homem da aveia Quaker.

Cinco minutos depois, Joan se sentou novamente, se espreguiçou e falou:

– Escute, se algum dia você passar por aqui...

Virgil arrancou outra haste de capim, colocou-a na boca, sentindo a doçura da seiva, e disse:

– Vá se catar!

Agradecimento

ESTE LIVRO FOI ESCRITO EM colaboração com meu amigo Larry Millet, autor de livros de arquitetura (*The Curve of the Arch*, *Lost Twin Cities*), história (*Strange Days*, *Dangerous Nights*) e romances (*Sherlock Holmes and the Red Demon* e quatro outras obras protagonizadas por Sherlock Holmes e o dono de bar irlandês Shadwell Rafferty). Recentemente, uma revista semanal descreveu Millet como “um homem bonito”, deixando-me com ciúme. Mas, no fim das contas, isso não afetou o prazo combinado deste trabalho.

John Sandford

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Harlan Coben

50 milhões de livros vendidos no mundo

QUANDO ELA SE FOI

De que valores você abriria mão para saber alguém que ama?

Uma história de **MYRON BOLITAR**



Quando ela se foi *Harlan Coben*

Dez anos atrás, Myron Bolitar e Terese Collins fugiram juntos para uma ilha. Durante três semanas, eles se entregaram um ao outro sem pensar no amanhã. Depois disso, os dois se reencontraram apenas uma vez, quando Terese ajudou Myron a salvar seu filho e então foi embora, sem deixar vestígios. Agora, no meio da madrugada, ela telefona: “Venha para Paris.”

Terese pede a ajuda de Myron para localizar o ex-marido, Rick Collins, que telefonara depois de anos implorando que ela o encontrasse na capital francesa. Eles logo descobrem que Rick foi assassinado e que Terese é a principal suspeita.

Porém algo ainda mais atordoante é revelado: perto do corpo havia longos fios de cabelo loiros e uma mancha de sangue que o exame de DNA revelou pertencer à filha do casal. Só que sua única filha morrera em um acidente de carro muitos anos antes.

Logo Myron se vê perseguido nas ruas de Paris e de Londres. As agências de segurança de quatro países parecem querer as mesmas informações de que ele precisa para desvendar a morte de Rick e o destino da filha que Terese pensava ter perdido para sempre.

Em uma busca desesperada, Harlan Coben cria um mundo de armadilhas imprevisíveis em que conflitos religiosos, política internacional e pesquisas genéticas se mesclam a amizade, perdão e à chance de um novo começo.

50 milhões de livros vendidos no mundo

ALTA TENSÃO

Em seu maior desafio, **MYRON BOLITAR**
terá de enfrentar a grande mentira de sua vida.



Alta tensão *Harlan Coben*

Uma mensagem anônima deixada no Facebook da ex-estrela do tênis Suzze T. põe em dúvida a paternidade de seu filho. Grávida de oito meses, ela pede a ajuda de seu agente e amigo Myron Bolitar para descobrir o responsável por essa intriga e trazer de volta seu marido, o astro do rock Lex Ryder, que saiu de casa depois de ler o texto.

Descobrir o paradeiro de Lex não é tarefa difícil para um ex-agente do FBI. Mas, na mesma boate onde o encontra, Myron é surpreendido ao ver Kitty, a mulher que fugiu com seu irmão, Brad, e o afastou para sempre da família.

Tentando ajudar a amiga e reencontrar o irmão mais novo, Myron se vê preso numa rede de segredos obscuros que põe em risco as pessoas que ele mais ama. Agora, só a verdade poderá salvá-las. Mas, para que ela prevaleça, nenhuma mentira pode restar – seja ela de Suzze, Lex, Kitty ou do próprio Myron.

Nessa premiada história, Harlan Coben mais uma vez consegue construir uma trama envolvente, que fala de fama, ganância e rivalidade e surpreende por seu toque humano.

Na aventura mais difícil de Myron Bolitar, seu passado vem à tona e, junto com ele, feridas que jamais se fecharão.

QUEBRA DE CONFIANÇA

© 2013 by Myron Bolitar



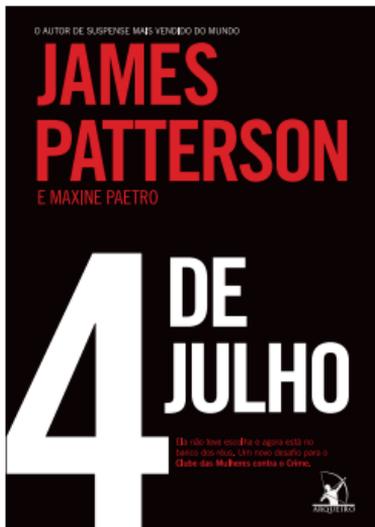
Quebra de confiança *Harlan Coben*

Este é um momento importante na carreira de Myron Bolitar. Depois de agenciar alguns atletas pouco conhecidos, ele agora é o empresário de Christian Steele, a maior promessa do futebol americano de todos os tempos. Talentoso, bonito, centrado e carismático, tudo indica que o rapaz também poderá arrematar milhões em contratos de publicidade.

Mas, ao mesmo tempo que vive o auge na carreira, Christian enfrenta um drama na vida pessoal. Um ano e meio atrás, sua noiva, Kathy Culver, desapareceu subitamente e, exceto pelos fortes indícios de que tenha sofrido uma agressão sexual, a polícia não conseguiu descobrir nada sobre sua última noite no campus da Universidade Reston.

Prestes a ser contratado em uma negociação que pode ser a maior de todos os tempos em sua categoria, Christian recebe o exemplar de uma revista que traz a foto de Kathy em um anúncio de disquete sexo. Além disso, o caso acaba de ganhar mais um ingrediente de terror: três dias atrás, Adam Culver, pai dela, foi morto em um assalto bastante suspeito.

Agora, com a ajuda de Win, seu melhor amigo, Myron tentará impedir que as notícias sobre a ex-noiva de Christian atrapalhem a carreira do rapaz e irá em busca da verdade – doa a quem doer.



4 de julho
(Série Clube das Mulheres contra o Crime)
James Patterson

Lindsay Boxer é uma policial exemplar. Chefe do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente recebeu várias medalhas e menções honrosas durante seus 10 anos de serviço.

Ao fim de um cansativo dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime, grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade.

Após alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acaba de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Em poucos minutos Lindsay está no carro de Jacobi, cruzando a cidade na cola de um Mercedes preto.

Depois de uma longa perseguição, a abordagem policial acaba fugindo do controle. Os dois adolescentes que estavam no carro reagem, descarregando suas armas contra a dupla de policiais. A tenente atira em legítima defesa, mas o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Lindsay é acusada, entre outras coisas, de má conduta profissional e se vê num lugar que nunca imaginaria ocupar: o banco dos réus. Será o fim do Clube das Mulheres contra o Crime? A jovem advogada Yuki Castellano conseguirá provar a inocência da tenente?

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.

O Clube das Mulheres contra o Crime é uma das melhores séries de suspense de todos os tempos. Escrito de maneira ágil e envolvente, *4 de Julho* comprova por que os livros de James Patterson sempre chegam ao topo das listas de mais vendidos nos países onde são publicados.

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENCEDOR DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

5^o CAVALEIRO

Ele tem nas mãos o poder de decidir quem deve viver ou morrer.
O Clube das Mulheres contra o Crime precisa obter um assassinato à solta num hospital.



5^o cavaleiro
(Série Clube das Mulheres contra o Crime)
James Patterson

No meio da madrugada, Jessica Falk acorda em desespero, sentindo uma forte dor no peito. Lembra que está internada e tenta pedir ajuda, mas a campanha de emergência escorrega de seus dedos. Ao olhar para o lado, percebe um vulto se movendo nas sombras. Estica o braço num pedido de socorro, porém sua visão fica turva e o ar se recusa a chegar a seus pulmões.

Com uma das melhores equipes de profissionais do país, o Hospital Municipal de São Francisco não sabe responder à incômoda pergunta levantada na manhã seguinte à morte de Jessica: como aquela jovem paciente pôde ter falecido se seu quadro era estável e em breve ela receberia alta?

A situação é ainda mais grave porque, nos últimos tempos, 20 pessoas internadas ali perderam a vida de maneira suspeita.

O caso vai parar na Justiça, tendo a famosa advogada Maureen O'Mara como representante das famílias das vítimas. O processo contra o hospital acaba mobilizando São Francisco e despertando o interesse do Clube das Mulheres contra o Crime, grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais instigantes casos da cidade.

Yuki Castellano – a mais nova integrante do Clube, que reúne a tenente Lindsay Boxer, Claire Washburn e Cindy Thomas – vive um drama pessoal: sua

mãe está internada na UTI do centro médico e, ao que tudo indica, corre um sério risco, pois há suspeitas de que um maniaco à solta pelos corredores se acha no direito de decidir quem deve viver ou morrer.

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

A perseguição começou.
Alex Cross será a caça ou o caçador?



O dia da caça (Série Alex Cross) James Patterson

Alex Cross perdeu os pais quando tinha 10 anos e então mudou-se para Washington, D.C., para viver com a avó, Nana Mama. É com a ajuda dela que cria os três filhos desde que sua primeira esposa, Maria, morreu baleada num caso nunca solucionado.

Com uma longa e bem-sucedida carreira na polícia, o detetive, que é também ph.D. em psicologia, mantém um consultório particular e presta serviços ao Departamento de Crimes Hediondos da Polícia Metropolitana.

Em *O dia da caça*, Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O cenário não deixa dúvida quanto à crueldade dos assassinos – corpos esquartejados, móveis revirados, janelas e vidros estilhaçados.

Ao descobrir que uma das vítimas foi sua namorada na faculdade, Cross toma o caso como pessoal e se dispõe a pegar o assassino custe o que custar.

Com a ajuda de sua atual namorada, a detetive Bree Stone, ele começa as investigações e é levado ao submundo de Washington. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são adolescentes – meninos, na verdade.

Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não

hesita nem por um instante. Apesar dos protestos de Bree e de Nana Mama, ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

Ao chegar lá, percebe que as coisas não serão nada fáceis. Capturado, espancado e desprotegido, logo descobre que o criminoso – conhecido apenas como Tiger – não está sozinho. Na verdade, ele conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes.

Diante de uma conspiração que ultrapassa fronteiras, Alex Cross trava uma batalha pessoal contra a corrupção. No entanto, quando não se sabe mais quem são os mocinhos e quem são os bandidos, ninguém está em segurança.

Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.

JAMES PATTERSON

EU, ALEX CROSS

Uma história de suspense com o melhor
do gênero. Um livro que não pode ser deixado
sem ser lido.



Eu, Alex Cross
(Série Alex Cross)
James Patterson

Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sobrinha do detetive, foi brutalmente assassinada.

Com o apoio de sua namorada, a detetive Brianna Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que ele descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo

muito maior do que havia imaginado.

Cross terá que trabalhar sozinho e às escondidas para encontrar os assassinos de sua sobrinha e evitar que um grande caso de acobertamento impeça que seja feita justiça.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O Símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

